



Marcos Formiga
organizador

A PARAÍBA E SEUS PROBLEMAS

VOLUME II - FORTUNA CRÍTICA

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

172-B

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

Em 1923, coube a José Américo de Almeida a tarefa de defender o legado de Epitácio Pessoa, presidente da República no período de 1919 a 1922, tendo sido eleito quando estava em Paris, França, caso único em nossa história.

A encomenda, trazida pelo então presidente da província da Paraíba do Norte, Sólon de Lucena, era de uma obra que contasse em detalhes os feitos da presidência de Epitácio Pessoa, em que se investiu como nunca na infraestrutura do Nordeste brasileiro, ajudando a apaziguar as mazelas encontradas especialmente no fim do século XIX e início do século XX.

Aos 18 dias de janeiro de 1924, vem a lume a obra *A Paraíba e seus problemas*, uma profunda análise geográfica e sociológica daquele estado, esmiuçando ainda o modo de vida do paraibano e os benefícios trazidos pelas ações de Epitácio Pessoa.

Na presente edição, o Conselho Editorial do Senado Federal, a Academia Paraibana de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e a Fundação Casa de José Américo unem-se para apresentar a versão contemporânea da obra (volume I), cotejada por inúmeras fontes primárias acessíveis em versão digital, que vem acompanhada de *Fortuna Crítica* (volume II) escrita por pesquisadores do legado de José Américo de Almeida na Sociologia e nas Letras.

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

O presente volume foi organizado por Marcos Formiga e conta com prefácios de Fernando Moura, presidente da Fundação Casa de José Américo, e de Hildeberto Barbosa Filho, poeta e crítico literário. Os textos são de autoria de Irene Rodrigues da Silva Fernandes, Janete Lins Rodriguez, Flávio Ramalho de Brito, Jean Patrício da Silva, José Nêumanne Pinto, José Octávio de Arruda Mello, Marcos Formiga, Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, Neide Medeiros Santos, Rossini Corrêa, Vamireh Chacon e Maria do Socorro Silva de Aragão.

A Paraíba e seus problemas

SENADO FEDERAL

Mesa

Biênio 2023/2024

Senador Rodrigo Pacheco

PRESIDENTE

Senador Veneziano Vital do Rêgo

1º VICE-PRESIDENTE

Senador Rodrigo Cunha

2º VICE-PRESIDENTE

Senador Rogério Carvalho

1º SECRETÁRIO

Senador Weverton

2º SECRETÁRIO

Senador Chico Rodrigues

3º SECRETÁRIO

Senador Styvenson Valentim

4º SECRETÁRIO

SUPLENTES DE SECRETÁRIO

Senadora Mara Gabrilli

Senador Dr. Hiran

Senadora Ivete da Silveira

Senador Mecias de Jesus

CONSELHO EDITORIAL

Senador Randolfe Rodrigues

PRESIDENTE

Esther Bemerguy de Albuquerque

VICE-PRESIDENTE

CONSELHEIROS

Alcinéa Cavalcante

Fabício Ferrão Araújo

Aldrin Moura de Figueiredo

Heloisa Starling

Ana Luísa Escorel de Moraes

Ilana Feldman Marzochi

Ana Maria Martins Machado

Ilana Trombka

Carlos Ricardo Cachiollo

João Batista Gomes Filho

Cid de Queiroz Benjamin

Ladislau Dowbor

Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

Márcia Abrahão Moura

Eduardo Bueno

Rita Gomes do Nascimento

Elisa Lucinda dos Campos Gomes

Toni Carlos Pereira

Marcos Formiga
Organizador

A Paraíba e seus problemas

Volume II – Fortuna Crítica

Edições do Senado Federal
vol. 172-B

Brasília, 2024

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
VOL. 172-B

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país e também obras da história mundial.

Iniciativa: Academia Paraibana de Letras, Fundação Casa de José Américo e Instituto Histórico e Geográfico Paraibano

Revisão: Anderson Gonçalves de Oliveira

Capa: Rodrigo Ribeiro

Projeto gráfico: Eduardo Franco

Diagramação: Cintia Barbosa e Eduardo Franco

© Senado Federal, 2024

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº

CEP 70165-900 — DF

cedit@senado.leg.br

<https://www12.senado.leg.br/publicacoes/conselho-editorial-1>

Todos os direitos reservados

A Paraíba e seus problemas. Volume II – Fortuna crítica / Marcos Formiga organizador. — Brasília : Senado Federal, 2024.
272 p. — (Edições do Senado Federal ; 172-B)

ISBN obra completa: 978-65-5676-437-5

ISBN vol. 2: 978-65-5676-439-9

1. Almeida, José Américo de, 1887-1980. A Paraíba e seus problemas, crítica e interpretação. 2. Escritor, crítica e interpretação, Brasil. 3. Condições socioeconômicas, Paraíba. 4. Paraíba, história. I. Formiga, Marcos, org. II. Série.

CDD 981.33

Ficha catalográfica elaborada por Cláudia Coimbra Diniz – CRB-1 1179

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
PRIMEIRAS PÁGINAS	
<i>Fernando Moura, presidente da Fundação Casa de José Américo</i>	
PREFÁCIO	15
OBRA CENTENÁRIA E FORTUNA CRÍTICA	
<i>Hildeberto Barbosa Filho</i>	
UM LIVRO SECULAR – "NADA DE NOVO"?	25
<i>Irene Rodrigues da Silva Fernandes</i>	
Plano da obra	28
A PRESENÇA DA GEOGRAFIA EM A PARAÍBA E SEUS PROBLEMAS	37
<i>Janete Lins Rodriguez</i>	
O LIVRO A PARAÍBA E SEUS PROBLEMAS E A SUA PRIMEIRA ANÁLISE CRÍTICA	47
<i>Flávio Ramalho de Brito e Jean Patrício da Silva</i>	
I. As circunstâncias que motivaram a obra	47
II. A primeira análise crítica do livro <i>A Paraíba e seus problemas</i>	54
JOSÉ AMÉRICO, MODERNISTA AVANT LA LETTRE	57
<i>José Nêumane Pinto</i>	
Para José Honório, um livro exemplar	58
Titã contra fome exalta José Américo	59
O frágil guarda-costas de João Pessoa	61
Epitácio Pessoa e a açudagem contra a seca	62
O sertão rumou para o brejo	64
O chamado ciclo regionalista do Nordeste	66

O pioneiro de um romance só?	68
Outros romances de José Américo	69
José Américo, pioneiro do Modernismo	70
Gilberto Freyre na ciranda de Lia	72
UM LIVRO DO NORDESTE AO BANDITISMO SOCIAL	73
<i>José Octávio de Arruda Mello</i>	
1.1 Formação e conceito de Nordeste	74
1.2 De Agamenon a Gilberto Freyre	75
1.3 Nos desdobramentos de uma autoria	76
1.4 O livro de um ideólogo	78
1.5 Social-democracia e historiografia	79
1.6 Cangaço, banditismo social e estilística	80
1.7 Secas, canibalismo e finanças públicas	80
1.8 Conclusões – um livro de superação	81
“... QUE ME IMPRESSIONEI MAIS... COM A SUA TERRA”	83
<i>Marcos Formiga</i>	
1. Aproximação	83
2. Realidade ampliada	85
3. Foco no cenário político institucional da Parahyba do Norte	89
4. Dois estigmas estruturais: escravidão e desigualdade	93
5. Polêmica e persistente “solução hidráulica”	95
6. Salto no tempo, divisor de águas?	97
7. A Paraíba, o Nordeste e o Brasil: futuro próximo e no longo prazo	103
PÁTRIA AMADA	109
<i>Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque</i>	
ASPECTOS ESTILÍSTICOS E INTERTEXTUAIS EM A PARAÍBA E SEUS PROBLEMAS	129
<i>Neide Medeiros Santos</i>	

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA, LIBERTADOR DA SUA TERRA	145
UM BACHAREL RENASCENTISTA ESCREVEU A <i>PARAÍBA E SEUS PROBLEMAS</i> <i>Rossini Corrêa</i>	
PERENE ATUALIDADE DE JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA	163
<i>Vamireh Chacon</i>	
GLOSSÁRIO DE A <i>PARAÍBA E SEUS PROBLEMAS</i>	165
<i>Maria do Socorro Silva de Aragão</i>	
Apresentação: Socorro Aragão no Reino das Palavras	169
Introdução	173
Cronologia de vida e obra	175
Glossário de <i>A Paraíba e seus problemas</i>	177
Considerações finais	257

PREFÁCIO

PRIMEIRAS PÁGINAS

Fernando Moura

Presidente da Fundação Casa de José Américo

Ainda meninote, entre as copas do Olho D'água e o chão de Areia, pregava a esmo com a desfaçatez dos ungidos: seria um “homem de letras”. Caçoavam do predestinado à batina, amaciado para vestir a “sombra de botões” da linhagem familiar. Rebeldia sem eco, urdia em silêncio. Para confirmar o vaticínio, lançaria linhas alheias e as reescreveria com a grafia certa posta em folhas tortas. Para a vida, bacharel. Para a imortalidade, escritor — assim decidira.

E assim seria.

Quando José Américo de Almeida, na efervescência dos vinte e poucos anos, começasse a materializar os sonhos infantis, usaria jornais, revistas e conferências impressas como uma espécie de plataforma de impulsão, um “laboratório literário”, atalhando as veredas que o levassem, com arroubo e pioneirismo, ao objeto do desejo de qualquer escritor, em qualquer tempo: o livro. Tecnicamente, a novela “Reflexões de uma cabra”, publicada em 1922, desempenharia esse papel. No entanto, considerado pelo autor como uma “pilhéria”, uma “caricatura”, o livro poderia ser enquadrado numa hipotética fase primitiva do escritor, ao lado das plaquetas “Sobre Divórcio” (1912) e “Poetas da Abolição”

(1921), compondo uma significativa e ainda pouco explorada produção intelectual, envolvendo artigos, poemas, crônicas, críticas literárias, palestras — e até pareceres jurídicos — publicados em *A União*, *O Norte*, *Era Nova* e outros periódicos, entre as décadas de 1910 e 1920, revelando densidade ensaísta, diversidade temática e personalidade estilística. Fazendo nome na província imberbe. Azeitando os dedos e polindo o espírito para a feição de um marco da bibliografia nacional, obra nuclear do repertório americista.

Lançado em janeiro de 1924 (embora venha datado “dezembro de 1923”), *A Paraíba e seus problemas* surgiria, assim, como primeiro trabalho fecundo do então jovem procurador do Estado, que aproveitara os modorrentos anos no Tribunal de Justiça para mergulhar em leituras mais abrangentes, indo de Euclides da Cunha aos clássicos franceses, ingleses e italianos. Calçava a caminhada obstinada com os pés no chão e os olhos míopes no mundo em transformação. Via o que poucos enxergavam. “Por causa desses estudos mais sérios é que fiquei preparado para escrever meu primeiro livro: ‘A Paraíba e seus problemas’”, admitiria o autor, décadas depois, em longo e elucidativo depoimento à socióloga Aspásia Camargo, transformado em livro e lançado em 1984¹ – seu último “pensamento vazado num estilo definitivo”, conforme anunciaria em carta à pesquisadora, sugerindo alguns ajustes na transcrição.

Na série de entrevistas, realizadas entre 1976 e 1978, em João Pessoa e no Rio de Janeiro, Zé Américo dá o tom da concepção da obra, a partir do convite dirigido pelo então presidente da Paraíba, Solon de Lucena:

“(…) Comecei a levantar os dados, mas depois vi que estava em condições de escrever não um relatório, mas um livro. (...) Preparei-o devido a essa vida de recolhimento e estudos”.

“Muito de seu livro estava à espera de papel e tinta”, chancelaria José Lins do Rêgo, ao analisar o trabalho do conterrâneo, usando as páginas

1 *O Nordeste e a Política – Diálogo com José Américo de Almeida*, de Aspásia Camargo, Eduardo Raposo e Sérgio Flaksman (Nova Fronteira, 1984).

coloridas da Era Nova, em julho de 1924, na estreia da coluna “Livros Novos”. No longo artigo — no qual cita Gilberto Freyre e a impressão de “romance russo” que a escrita do paraibano suscitara no pernambucano —, o ensaísta comete a indiscrição de revelar o tempo gasto com a escrita efetiva do tratado, uma “improvisação de seis meses”. Muito pouco, para tanto. Coletar, catalogar, sistematizar, refletir, fundir, descartar e burilar 650 páginas impressas em apenas 180 dias, sem desobrigar-se dos trâmites jurídicos e périplos palacianos, poderia parecer uma tarefa impossível de realização, não fosse a incumbência recair nas mãos de um homem preparado, disciplinado e ávido por expor ao futuro o que havia amalhado no trajeto sacrificante. “Deu muito trabalho”, reconheceria à Aspásia, minimizando o raro feito. Nem tanto assim, pelas impressões de Zé Lins, com a intimidade de quem frequentava a casa do amigo começando pela cozinha:

“Improvisação [de seis meses] somente de composição. Porque, como homem de ideias e cheio de interesses que é, todo este Nordeste, com o seu pitoresco e o seu ranço de tragédia devia-lhe andar em suas cogitações”.²

É plausível supor, pelo volume e consistência do livro em questão, que José Américo tenha enfrentado uma lida extenuante, dividido entre rotinas mundanas e o enlevo da criação artística. Realmente, deve ter dado um trabalho além da compreensão, partindo da necessidade de dar ordem e adorno a planilhas, mapas, tabelas, conceitos, dados históricos, análises críticas e impressões pessoais, tudo amalgamado em meio a compromissos sociais, atividades profissionais, movimentação política e obrigações domésticas, antes da entrega dos originais, em dezembro de 1923. Seis meses de gestação? A conta parece não bater, embananando qualquer mortal que viesse a pensar, antes ou agora, em engendrar tal façanha. Cem anos depois, com todas as facilidades tecnológicas, ainda parece labor de titã.

2 *Era Nova* n° 65, julho de 1924.

Para o autor de *A Paraíba e seus problemas*, porém, o prazo seria cronometricamente adequado. Tanto assim foi que se dera ao luxo de nem chegar perto do emaranhado documental durante a folia de Momo de 1923, ocorrida entre 10 e 14 de fevereiro. Afastado do denso relatório, fuge da folia, mas não de leituras mais prazerosas. Aproveita o período e serpenteia cinco livros³, cujas impressões publicaria em *A União*, apenas duas semanas depois, em artigo que preencheria quase toda a primeira página da edição de 28 de fevereiro:

“Recebi, ultimamente, remetidos por seus autores, cinco livros que me tiraram, em breve escapatória, da monotonia funcional e do exame porfiado de alguns dos nossos problemas para três dias de refrigerante sensação artística. Li-os, enquanto outros se compraziam nas sensaborias de um carnaval provinciano, com a curiosidade de quem se achava, de muito tempo, forçosamente distanciado de seu mais confortativo elemento de recreação”.

Ao que parece, os dias despendidos no exercício lúdico não afetariam a criação em andamento. Ao contrário, até. “Um livro é quase sempre a soma das vivências e leituras de seu autor”⁴, assevera Hildeberto Barbosa Filho, leitor voraz e observador sagaz, dono da refinada pena que apresenta o elenco de autores e autoras desta “fortuna” inédita. Com décadas de exercício analítico, é um dos mais fluentes e atentos observadores da cena literária brasileira, formando, ao lado de Virgínius da Gama e Melo e de Juarez da Gama Batista, a “santíssima trindade” da crítica paraibana de projeção nacional, responsáveis por separar grãos saudáveis de descartáveis, semeando técnica e elegância no fértil terceiro das letras nordestinas. Abro a cancela para Barbosa guiá-los pelo roçado amadurado, em ponto de colheita de visões diferentes, embora

3 *Ao embalo da rede*, de Gastão Cruis; *Palanquim Dourado*, de Mario Sette; *De que morreu João Feita*, de Lucilo Varejão; *A Comédia dos Erros*, de Jorge de Lima; e *Mulheres e rosas*, de Austro Costa.

4 Frase extraída de artigo publicado em *O Norte*, de 26/7/1984, *Solha e o Descontrole do Imaginário*.

convergentes, de um mesmo teorema centenário. Se não houvesse “A Paraíba...” talvez não existisse o José Américo que aprendemos a admirar e tentar decifrar. Numa síntese integrada, o professor é categórico: a monografia de 1923 sustenta, em colunas antecipatórias, as “linhas matriciais” de grande parte de sua obra, inclusive a ficção.

Recomenda-se, portanto, aos que pretendam conhecer ou revisitar o robusto cardápio do “homem de Areia”, começar pelas primeiras páginas desse clássico, agora revigorado pela primorosa reedição do Senado Federal, com o relevante endosso político dos senadores Rodrigo Pacheco, Veneziano Vital do Rêgo e Randolfe Rodrigues, além do empenho técnico dos editores Marcos Formiga e Cristiano Ferreira, todos partícipes primordiais da materialização de uma demanda histórica, encaminhada pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, a Academia Paraibana de Letras e a Fundação Casa de José Américo. O esforço será recompensado, pelo menos, para mais um século de reflexões e descobertas.

A todos e todas, por fim, os agradecimentos institucionais pela construção oportuna. Com o lançamento desses dois volumes (reedição e fortuna crítica), as gerações atuais e futuras estarão devidamente preparadas para receber e saborear os frutos suculentos dessa árvore resistente chamada José Américo de Almeida — o “profeta das ruas, mago dos sertões”, como sintetiza o imortal José Sarney, ocupante da cadeira 38 da Academia Brasileira de Letras, sucessor incontestado do paraibano e prefaciador da edição que ora chega ao público, recheada de velhos problemas e novas abordagens, bem ao estilo do “Solitário de Tambaú”, que nunca se perdeu na volta.

Missão cumprida até 2028, quando o Brasil deverá celebrar a passagem do centenário de *A Bagaceira*⁵, a obra mais conhecida do “homem de letras”. Dessa vez, porém, sabendo onde a raiz foi plantada e quem a regou ao longo da história.

5 A Fundação Casa de José Américo está montando grupo de pesquisa, com apoio do Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior e da Fundação de Apoio à Pesquisa (Fapesq), para realizar estudos específicos em torno de “A Bagaceira”, trabalho que deverá ser concluído antes de 2028.

PREFÁCIO

OBRA CENTENÁRIA E FORTUNA CRÍTICA

*Hildeberto Barbosa Filho*¹

Não sei se alguém já disse que *A Paraíba e seus problemas*, de José Américo de Almeida, é um livro seminal. Caso, sim, não importa. Ratifico a afirmativa, sem temer os riscos da repetição. O atributo “seminal” remete a sêmen, à semente, ao que semeia. Portanto, posso assegurar, sem titubeios, que essa obra do autor de *A Bagaceira* é livro semeador. Semeador em múltiplos sentidos.

Tirante, por exemplo, *Reflexões de uma cabra*, de 1922, entendo, seguindo os rastros de alguns analistas, que grande parte da obra de José Américo de Almeida, inclusive a ficção, está como que embutida, em suas linhas matriciais, nas páginas da monografia de 1923. Por outro lado, germina, na distribuição de seus capítulos, uma série de categorias

1 HBF. Poeta e crítico literário paraibano. Professor Titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mestre e doutor em Literatura Brasileira. Licenciado em Letras Clássicas e Vernáculas, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, com especialização em Direito Penal pela Universidade de São Paulo (USP). Membro da Academia Paraibana de Letras (APL), colunista do jornal *A União*, do Portal Mais-PB e da revista *Correio das Artes*. Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, do ensaio, da crônica e das memórias.

e conceitos de natureza antecipatória, dentro dos estudos regionais, considerando-se, sobretudo, os aspectos científicos das diversas disciplinas humanas e sociais, a exemplo da geografia, da história, da antropologia, da economia, da ecologia, da geologia e da administração pública.

Consiste, pois, *A Paraíba e seus problemas* num cruzamento dialógico de saberes explorados em perspectiva transdisciplinar, vincado, pelo menos para mim, numa linhagem reflexiva e descritiva que tem, em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, seu paradigma primeiro. Como este, pertence à tradição dos grandes ensaios de civilização a que se refere Franklin de Oliveira, ao se debruçar, em *A Espada e a Letra*, sobre a questão genológica da obra máxima do autor de *Contrastes e Confrontos*.

Aqui, inclusive, associando *Os Sertões* aos recortes históricos empreendidos por nomes, como Burckhardt, que escreveu acerca da renascença italiana; Huizinga, sobre o outono da Idade Média na Borgonha; Paul Hazard, a respeito da crise da consciência europeia no século XVIII, e Werner Jaeger, voltado para a compreensão da *paideia* grega. Para o crítico maranhense, esses estudos se configuram como “ensaios de crítica histórica”, e, curiosamente, pelas ondulações estilísticas, podem perfeitamente ser caracterizados como obras de arte literária.

Assim ele vê *Os Sertões*.

Lendo e relendo, em especial, certos capítulos de *A Paraíba e seus problemas*, tais como “Terra ignota”, “O martírio” e “O abandono”, além de variadas construções fraseológicas que perpassam todo o texto, parece-me sensato e justo enquadrá-lo nessa qualificada tradição.

Consolida-se enquanto obra de pensamento, também se perfaz como obra estética, à semelhança de monumentos, como *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, e *Os Donos do Poder*, de Raymundo Faoro. O próprio Gilberto Freyre, em texto de 1977, inserido na vigésima terceira edição de *A Bagaceira*, da José Olympio e Fundação Casa de José Américo, evocando passagem de *Tempo Morto e Outros Tempos*, assim se expressa: “livro de sociólogo do qual, entretanto, houve quem, em tão muito jovem e sem pretensões a crítico literário, ao comentá-lo, destacasse em algumas de suas páginas certa pungência ou certo sabor de romance russo. Isso mesmo: sabor de romance russo”.

Reforça, ainda, o seu caráter seminal o conjunto de abordagens, ar-

tigos e prefácios que vêm se produzindo ao longo do tempo por vezes autorizadas no campo da análise e da exegese, tendo-o como objeto de estudo, focalizado em diversas facetas cognitivas.

O próprio José Américo de Almeida, em prefácio à primeira edição, atua como leitor de si mesmo, trazendo à tona matizes relevantes da produção do texto, a princípio, encomendado pelo presidente do estado, Sólon de Lucena, como um relatório destinado a Epitácio Pessoa, a título de reconhecimento pelas suas obras contra as secas, porém, transformado num ensaio crítico de nítido valor científico e literário a respeito da Paraíba e do Nordeste.

O que se deu, certamente, pela seriedade e pela paixão com que José Américo de Almeida se dedicou à empreitada, sempre atento ao poder da observação crítica diante da realidade regional, em seus tópicos, temas, problemas e desafios, ao mesmo tempo em que não descarta do brilho e do rigor da melhor palavra no melhor lugar possível, como exige Coleridge na execução da escrita poética.

Josué de Castro, José Lins do Rego, Gilberto Freyre, Jackson de Figueiredo, José Honório Rodrigues, Manuel Correia de Andrade e Alceu Amoroso Lima são, entre outras personalidades do universo acadêmico e intelectual, as referências primeiras de uma fortuna crítica, que se avoluma e se consagra em torno da obra centenária do velho solitário de Tambaú.

Agora mesmo, por ocasião da quinta edição, em projeto do Senado Federal, no ano do centenário da obra, vem a lume uma série de estudos que procuram, cada um a seu modo e dentro do corte epistemológico escolhido, dialogar com ela a partir de seus vocativos temáticos, estruturais e estilísticos, atentos, todos, à riqueza e à variedade de suas fontes de saber, à magnitude de sua documentação, aos dispositivos inovadores de suas concepções, às suas componentes tectônicas e à energia semântica que se dissemina pelo organismo expressivo e vocabular.

Irene Rodrigues da Silva Fernandes, Janete Lins Rodriguez, Flávio Ramalho de Brito e Jean Patrício da Silva, José Nêumanne Pinto, José Octávio de Arruda Mello, Marcos Formiga, Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, Maria do Socorro Silva de Aragão, Neide Medeiros dos Santos, Rossini Corrêa e Vamireh Chacon participam desta Fortuna

Crítica, trazendo as devidas contribuições analíticas de suas respectivas áreas de estudo, ao mesmo tempo em que facultam, ao leitor de *A Paraíba e seus problemas*, novas veredas de acesso ao complexo científico e literário de que a obra dispõe em sua feição poliédrica e politemática.

Irene Rodrigues, em “Um Livro Secular – nada de novo”, procura passar a limpo as indicações sugestivas dos diversos prefácios que aparecem nas sucessivas edições, especialmente os escritos por José Américo de Almeida, Josué de Castro, José Honório Rodrigues e Manoel Correia de Andrade. Alia, assim, seu olhar de historiadora a implicações de ordem metacrítica, chamando-nos a atenção para a natureza vestibular e didática de textos, ou melhor, “paratextos”, como esses.

Vê-se, a partir da releitura desses prefácios, a riqueza dos interesses de estudo que o ensaio do autor paraibano pode comportar e como muitos dos problemas focalizados permanecem ainda sem as soluções adequadas do poder público.

Em “A presença da Geografia em *A Paraíba e seus problemas*”, Janete Lins Rodriguez parte do princípio “predominantemente geográfico” do livro, para demonstrar, com agudeza própria dos bons geógrafos, o quanto a natureza também se faz um dos seus grandes, senão o maior, de seus personagens.

Os movimentos atmosféricos, a geomorfologia, as secas, a gente nordestina são tópicos sobre os quais a analista se debruça, revelando a perspectiva moderna com que José Américo explora a noção de espaço, visto em sua “totalidade”, “sem admitir”, salienta ela, “a clássica divisão da geografia em dois ramos: Geografia Física e Geografia Humana, considerando a Geografia uma só”.

Janete ainda acentua, em suas conclusões, os dados do lirismo, da imaginação e “o senso poético” presentes nessa e em outras obras do escritor paraibano. Para ela, *A Paraíba e seus problemas* é um dos mais sérios e profundos documentos da história socioeconômica paraibana, quiçá regional e brasileira.

Flávio Ramalho de Brito e Jean Patrício da Silva, em texto a quatro mãos, “O livro *A Paraíba e seus problemas* e a sua primeira análise crítica”, trazem à tona as circunstâncias que deram motivo à obra, de relatório solicitado pelo presidente Sólon de Lucena, transmutado em ensaio

monográfico pioneiro, e as informações acerca do primeiro artigo crítico escrito sobre ela, a cargo de Gilberto Freyre, publicado em 15 de maio de 1924, no *Diário de Pernambuco*.

Lá, ressaltam-se as tensões vividas pelo governo de Epitácio Pessoa no que tange à política das obras contra as secas, assim como a necessidade de se projetar um livro que a pudesse defender. Aqui, são pinçadas as primeiras impressões do autor de *Sobrados e Mucambos*, inclusive com leves discordâncias, que, todavia, não chegam a comprometer o equilíbrio da obra, pois, assevera, “Tanto há no livro do sr. José Américo de provocante e digno de nos reter, que é como um lago cheio de peixes, à beira do qual se tem vontade de ficar dias inteiros, pescando à linha”.

“José Américo, modernista *avant la lettre*”, eis o lúcido e ousado ensaio escrito pelo jornalista, escritor e poeta José Nêumanne Pinto.

Não se circunscreve apenas a *Paraíba e seus problemas*, embora o situe, o livro, dentro da tradição das grandes monografias estaduais, a exemplo do que fizeram, entre outros, João Francisco Lisboa, no Maranhão; Tristão de Alencar Araripe, no Ceará; Pizarro e Araújo, no Rio de Janeiro; José Miguel de Brito, em Santa Catarina; José Feliciano Fernandes Pinheiro, no Rio Grande do Sul, e João Felício dos Santos, em Minas Gerais.

Associa-se ao historiador José Honório Rodrigues, ratificando considerações feitas por ele no artigo, “Um livro exemplar”, e coteja, em certo sentido, a figura de José Américo de Almeida, sobretudo no capítulo da fome, com Josué de Castro. Nêumanne vê, no autor de *A Bagaceira*, não somente um ensaísta de fôlego, fundamentado e precursor, mas um modernista antecipado, já com *Reflexões de uma cabra*, de 1922, no terreno da ficção, assim como, com *A Paraíba e seus problemas*, no campo dos estudos sociais e econômicos.

Situa o romance de 1928, saudado efusivamente por Tristão de Athayde, como uma obra enquadrada na vetusta e dilacerada tradição do êxodo bíblico; *Boqueirão*, tematizando o problema das secas e da açudagem, e dos *Coiteiros*, o do cangaço e do banditismo social.

O jornalista, sem esconder seu lado destemido e polêmico, vem de perfilar-se ao lado de José Pereira Ramos, de quem transcreve estas palavras: “Há um anacronismo que precisa ser urgentemente corrigido

na história literária do Brasil. José Américo não é apenas o precursor do romance nordestino: é também pioneiro do próprio modernismo literário e artístico brasileiro”.

Texto eivado de ideias sugestivas para as melhores discussões, este de José Nêumanne Pinto, lavrado com fluência verbal e sob aquele olhar típico e diferenciado do genuíno jornalista.

José Octávio, historiador de formação acadêmica, procura abordar, em “Um livro do Nordeste ao banditismo social”, ângulos temáticos que passam pela formação e conceito de Nordeste, pelos desdobramentos da autoria da obra, sua ideologia, seca, cangaço, banditismo social, canibalismo, finanças públicas e estilística.

Além do critério didático e pedagógico, da esquematização sucinta esclarecedora, há um ponto forte no estudo de José Octávio, entrevisto na persuasiva contextualização da obra, como também a retomada da ideia, talvez já insinuada por Gilberto Freyre e, mais adiante, sedimentada por Tarcísio de Miranda Burity, de que, na expressão do historiador hororiano, “toda a criação americista acha-se esboçada em *A Paraíba e seus problemas*”. Portanto, mais uma vez, um livro matriz. Um livro que se abre, como um vasto e profundo portal, para a elaboração de outros livros.

Também podem ser enaltecidos, na escrita de José Octávio, o lastro bibliográfico, as equiparações livrescas, as correlações ideativas, envolvendo a diversidade dos autores, suas teorias e seus conceitos. Em certo sentido, acena para o diálogo possível que a obra de José Américo estabelece e exige para uma mais completa e mais complexa leitura e compreensão do seu profundo sentido.

Marcos Formiga, na esteira dos estudos econômicos, políticos e administrativos, focaliza *A Paraíba e seus problemas*, em torno, sobretudo, de sua “Fortuna Crítica”, num ensaio denso e atualizado, em que são retomados múltiplos matizes abordados pelo crivo científico de José Américo. Seu poder de imaginação e sua intuição sociológica.

No tópico, “Realidade ampliada”, destaca o caráter “inter e transdisciplinar” da obra e considera José Américo “profundo conhecedor de sua terra e sua gente, pelos mais diversos ângulos de domínios: físico, químico, meteorológico, geográfico, histórico, econômico, antropológico e literário”.

Enriquece, ainda, seu texto com análises que envolvem discussões a respeito do “cenário político institucional da Parahyba do Norte”, a herança estrutural da escravidão e suas desigualdades, o debate em torno das soluções hidráulicas, até o momento em que atinge “O salto no tempo, divisor de águas?”, para culminar com reflexões sobre políticas públicas de agora e do futuro, na Paraíba, no Nordeste e no Brasil.

Seu texto faz pensar na enorme e decisiva contribuição deixada por essa obra centenária, o quanto, ainda, ela pode servir como guia de projetos políticos e sociais que visem, de fato, a transformação da realidade regional e a integração do homem nordestino na sociedade. Sociedade mais justa, mais igualitária, mais cidadã.

Romancista, autora de *Luz do Abismo e O Seminário*, Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, em “Pátria amada”, afirma que o *leitmotiv* de *A Paraíba e seus problemas* reside no “profundo amor” que o autor manifesta em relação à sua terra. “Um amor que transudava do texto do ensaio, assegurando-lhe eloquência e brilho”.

O nutriente romanescos e a componente trágica, observados por diversos intérpretes, são retomados pelo texto de Maria Cristina em chave ficcional. Para ela, “desde as primeiras frases de *A Paraíba e seus problemas*, Zé Américo teve dificuldades de disciplinar o romancista que nele se agigantava”.

Socorro Aragão, em Glossário de *A Paraíba e seus problemas*, põe em prática, como já o fez antes, com José Lins do Rego, Augusto dos Anjos e o próprio José Américo, com *A Bagaceira*, seus conhecimentos linguísticos e filológicos, no sentido de verificar as particularidades lexicais desses autores e de suas respectivas obras.

Pesquisa de viés propedêutico, didático, presta, sem dúvida, um inestimável serviço a estudantes, a professores e a todo aquele que, por essa ou aquela razão, tenha interesse na obra de José Américo de Almeida, principalmente ao se levar em conta a dificuldade etimológica dos muitos termos científicos e especializados que aparecem no seu texto.

Neide Medeiros, por sua vez, em “Aspectos estilísticos e intertextuais em *A Paraíba e seus problemas*”, privilegia, como o próprio título do artigo sinaliza, os escaninhos literários da expressão americista. Partindo de textos de Zé Linz, Elizabeth Marinheiro, Nilce Sant’Anna Martins

e José Brasileiro Vilanova, entre outros, enfatiza a tonalidade poética do autor, o uso das metáforas e das imagens, chegando a cotejar certas passagens com as tomadas grotescas e fortes de um Cândido Portinari.

No nível das relações intertextuais, ou, melhor dizendo, intratextuais, tece um engenhoso e eficaz paralelo entre os parágrafos iniciais de *A Bagaceira* e algumas passagens de *A Paraíba e seus problemas*. Aqui, uma vez mais, evidencia-se, no estilo de José Américo, aquela nota verbal que José Veríssimo identificou em Euclides da Cunha, quando de sua leitura de *Os Sertões*, isto é, um estilo ao mesmo tempo de um cientista e de um poeta.

Rossini Corrêa, a seu turno, com o ensaio “José Américo de Almeida, libertador de sua terra: um bacharel renascentista escreveu *A Paraíba e seus problemas*”, toca fundamentalmente na problemática do livro, sua história desde os paradigmas mais remotos, até chegar à composição do livro singular de José Américo.

Para Rossini Corrêa, *A Paraíba e seus problemas* “é um clássico, nos moldes de *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre; de *Evolução política do Brasil*, de Caio Prado Júnior, e de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda”. Observa, nele, também sinais de interdisciplinaridade, o que o leva a configurar, na medula do seu ensaio, a ideia de que José Américo de Almeida pode ser visto como um “intelectual renascentista”. À semelhança de um Leonardo Da Vinci, um Rafael de Sânzio, um Pico de La Mirandola e um Michelângelo Buonarroni, intelectuais, diga-se de passagem, “de um tempo em que a razão não estava fragmentada e a serviço de instrumentalidades mecânicas do particular sem o universal”.

Finalmente Vamireh Chacon, em texto mui breve, uma mera saudação, intitulado “Perene atualidade de José Américo”, comparece, com seu valoroso testemunho sobre a qualidade e a permanência desse livro original.

Sem dúvida, um livro original. Um livro feito por encomenda, mas escrito por um homem que conhecia sua região como poucos e que, motivado pelo sentimento telúrico e pelo dever cívico, soube fundir o olhar do político atento às mazelas e aos flagelos sociais da Paraíba e do Nordeste ao olhar do escritor literário que sempre foi. Tanto na ficção quanto nas memórias, no ensaio e na oratória falada e escrita.

Louvável, portanto, o gesto dos organizadores desta Fortuna Crítica que sai emparelhada com a edição centenária de *A Paraíba e seus problemas*. Com textos de variado tom e perspectiva; uns, mais densos e mais verticais; outros, mais leves, tão só descritivos, informativos. Cada um, no entanto, dentro de seus limites e finalidades cognitivos. Todos, no seu esforço e motivação, contribuindo para uma mais larga e mais funda interpretação do livro objeto de estudo. Confirmando, indiscutivelmente, o selo incontornável de *A Paraíba e seus problemas* como um livro matriz, um livro seminal, um livro sêmen, um livro semente, um livro que semeia...

UM LIVRO SECULAR – "NADA DE NOVO"?

*Irene Rodrigues da Silva Fernandes*¹

A escolha do título é momento importante no processo de elaboração de um texto acadêmico, uma vez que deve ser sugestivo do conteúdo desenvolvido e servir como estímulo à leitura e ao estudo do tema. Há tempos, a leitura apurada da obra *A Parahyba e seus problemas* fez mudar a concepção que tinha de ser uma obra de difícil acesso, gerando a vontade de divulgá-la. Ao ser convidada para participar desta coletânea, logo me veio a ideia do foco a ser dado. O próprio José Américo, na sua preocupação de elaborar um texto que servisse ao presente e ao futuro, ofereceu-me o título, com o afirmativo – “Nada de novo”, presente na edição de 1980, só acrescentando uma interrogação, inspiradora para novos olhares e reflexões, estimuladores de pesquisas, estudos e debates, conforme pretendia o seu autor.

No sábado, 19 de janeiro de 1924, a primeira página do jornal *A União – Orgão do Partido Republicano da Parahyba do Norte* trazia matéria que

1 Mestre em história, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora aposentada do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); ex-professora visitante do curso de arquivologia – campus V (fundadora) e do curso de história – campus III, ambos na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); ex-diretora do Departamento de Documentação e Arquivo da Fundação Casa de José Américo (FCJA). Atualmente, desenvolve atividades de apoio voluntário à FCJA e ao Arquivo Público do Estado da Paraíba (APEPB).

informava ter saído do prelo da Imprensa Oficial a obra *A Parahyba e seus problemas*. Cumpre considerar que o prefácio de José Américo está datado de 1923 e nos dados de referência da publicação consta também essa data. Desta forma, a obra com o título *A Parahyba e seus problemas*, hoje *Paraíba*, completa 100 anos.

Por ocasião da publicação da 3ª edição, em posfácio, Tarcísio Burity atentou para o fato de que uma obra escrita há 57 anos estava sendo republicada e objeto de estudo em um seminário, afirmando que isso se devia à sua contribuição definitiva a várias interpretações não só da historiografia regional, mas também da sociologia e da economia nordestina em geral, e paraibana em particular. Neste momento, estamos há um século da sua produção e a obra continua a oferecer visão e enfoques que se coadunam e favorecem a compreensão de temas e questões ainda levantadas na atualidade. Cabe, pois, o exame da capacidade da obra de operar na dimensão mais profunda e conseguir apreender elementos da essência da natureza da sociedade paraibana.

De momento me veio o interesse de análise e percepção da proposta geral de José Américo no prefácio da 1ª edição e avaliações gerais presentes nas edições de 1937, 1980 e 1994. A reedição do livro nas Edições do Senado Federal, vol. 172, reproduziu os textos das 3ª e 4ª edições.

A 1ª edição tem como prefaciador o próprio José Américo, que consegue, de forma magistral, apresentar a obra. O seu prefácio é revelador de um pesquisador capaz de elaborar esboço teórico e um caminho metodológico em busca de realizar um estudo capaz de se efetivar como programa de ação, ao tempo em que privilegia um olhar político e atento às conexões regionais/nacionais. Além disso, ainda no papel de prefaciador, consegue resumir com clareza os aspectos mais relevantes da obra, suscitando a curiosidade na leitura. Não se exime de explicitar o caráter de homenagem que gerou a proposta, ao afirmar:

O Presidente Solon de Lucena achou que o meio mais sensível de expressar ao sr. Epitácio Pessoa o reconhecimento da Paraíba pelos benefícios outorgados como solução pelos problemas das secas, seria perpetuar num livro a história desse esforço redentor. Ninguém mais do que ele está senhareado por esse sentimento. Tendo alcançado a fortuna de governar o Estado nesse

período memorável – 1920/1924 – testemunhou a solicitude permanente de nossa salvação, movido de um ardente patriotismo. Teve o fado de ver seu programa de realizações concretas, coroado de êxito. E tanto se identificou, pela harmonia de vistas e oportuna orientação, com essa atividade, que é, enfim, o mais habilitado para preconizar seu valor. (1980, p. 35)

Todavia, no final do prefácio, afirma:

Levantei algumas questões que exorbitam, talvez, dos limites propostos. Mas o sr. Epitácio Pessoa gostará de ver que me impressionei mais com a sua obra do que com o seu nome e menos com a sua obra do que com a sua terra. (1980, p. 48)

José Américo lembra, justificando a obra, que há relatórios registrando os feitos do governo, mas a sua linguagem técnica dificulta o acesso mais amplo à população, além desses documentos se acharem dispersos e serem de circulação limitada. Atenta para o abandono sistemático e, daí, para a importância de que as medidas e providências tomadas tenham registro duradouro. E conclui: “É um movimento de gratidão, em sua forma simples e rara: a confissão pública dos benefícios recebidos e ao mesmo tempo um apelo para o remate dessa construção.” (1980, p. 36).

O processo inicial de construção da obra merece ser exposto por permitir entender os objetivos assumidos, a metodologia adotada e a própria organização da obra e compreensão de sua produção.

Inicialmente, trabalhando com Celso Mariz, o autor dedicou-se à investigação através da realização “de uma excursão ao interior”, com olhar investigativo, ao comparar o que já conhecia e as mudanças encontradas nos grandes e pequenos centros, “em seu emperro centenário, para as surpresas de uma transformação febril”, que envolvia mudança na mentalidade do sertanejo (1980, p. 37). Além disso, informa o levantamento das obras realizadas ou em construção. Ainda, com a visão do pesquisador, menciona as dificuldades relacionadas ao acesso aos dados nas repartições públicas, ora incompletos ora não atualizados.

Com o afastamento de Celso Mariz do projeto, José Américo assume ter se desviado do propósito inicial de relatório de serviços, inclusive porque a este faltaria, pela carência da explicitação das suas especificidades, a relação tempo/espaço. Aí decide pela introdução de outro caminho teórico, marcado pelas fontes, princípios e “rigor de método e de síntese” (1980, p. 38). Assume, então, a responsabilidade total do teor de suas afirmações. Realmente, esse momento é significativo na produção da obra, por ser definidor dos focos perseguidos e da forma de atender à pretensão inicial. Veja-se a distribuição de alguns capítulos:

PLANO DA OBRA

“Terra ignota” – expõe sobre o ambiente físico, evidenciando as potencialidades ignoradas, atentando para a diversidade das zonas geográficas e fisiográficas.

“O clima” – avalia as condições meteorológicas, contrapondo-se aos conceitos vigentes, que eram consideradas impeditivas do bom aproveitamento do território e afirma a “benignidade desses elementos”, negando que tais aspectos sejam responsáveis pelo maior aproveitamento do território. (1980, p. 39).

“O homem do Norte” – afirma que a indicação de Epitácio Pessoa para a presidência do Brasil significou um critério novo na política nacional. Ressalta o histórico de pouca presença/representação, necessidade de programas de governo, em vista das necessidades regionais. Especifica características da conformação do poder e da instalação, gradual, após a instalação da República da política dos governadores.

“Consequências sociais” – considera ser a “raça” capaz de construir seu destino e transformação. Para tanto, é preciso conhecer sua composição, mentalidade e estabelecer relações entre demografia e o “ambiente”. Dentre os elementos que utiliza, estão: distribuição geográfica, etnográfica e tipos sociais, evidenciando o matuto e o vaqueiro; apreensão da psicologia coletiva, com apoio teórico no que designa “contingente de nossos escritores”. Critica Paulo de Moraes

“O **martírio**” – estuda as secas com o fim de justificar a necessidade de assistência visando à correção dos entraves às atividades. Elabora um histórico, com base documental, concluindo haver uma “[...] falsa noção de que o território paraibano é pouco exposto ao flagelo” e que “foi o silêncio de nossas dores que favoreceu essa errônea convicção.” (1980, p. 39).

“O **abandono**” – alinha o “devorismo da política colonial, a excessiva centralização monárquica e o desprestígio da autonomia republicana, como obstáculos [...] ao progresso”, responsabilidade dos dirigentes. (1980, p. 42).

Cita Euclides da Cunha para reconhecer ser a separação entre o Sul e o Norte produto de “duas histórias distintas, em que se observam movimentos e tendências opostas”, [...] sem “destinos rivais”. (1980, p. 42).

Barros por considerar sertanejo “inconstante, volúvel e sem mais ambição [...]” (grifo do autor) (1980, p. 44). Traz a contribuição de Arno Pearse para expor questões relativas à aptidão do sertanejo ao aprendizado, e a de João Capistrano para as causas para criminalidade e o banditismo.

“**Consequências econômicas**” – expõe, de forma sucinta, a evolução econômica da Paraíba, com foco na agricultura e pecuária, desde os primeiros momentos da colonização e penetração colonial, incluindo a resistência negra e suas perspectivas.

O título *A Paraíba e seus problemas* – considera abrangente demais, por ter tratado apenas das soluções básicas ao progresso da área, mesmo tendo levantado questões que ultrapassam os limites planejados. Lastima as dificuldades para obtenção de dados e a pressa na conclusão da obra.

A estrutura da obra revela um descortino e segurança da amplitude em torno da origem do projeto, do objetivo, das bases teórico-metodológicas e do contexto histórico que intenta explicitar. Ao colocar os elementos descritivos e de análise no que se pode considerar a explicitação dos problemas como uma primeira parte, as consequências sociais e econômicas como uma terceira e no entremeio “O homem do Norte”, busca assegurar nesse roteiro uma relação entre o quadro de problemas expostos, a política epitacista e as soluções. É importante verificar que, além da percepção das mudanças expostas, pode-se captar um olhar de futuro, de ponto de partida. No que tange à política, este lugar aparece ao referir-se à indicação de Epitácio Pessoa à presidência do Brasil como critério novo na política nacional, tocando questão que já mereceu e continua a ser objeto de variados estudos e interpretações, qual seja a análise da relação de poder no Brasil em si e no que tange às relações regionais.

O prefácio não oferece maiores dados sobre os itens “O problema das distâncias”, “Política hidráulica”, “O porto”, “O saneamento”, “A ação dispersa”, apenas ressaltando que se trata de estudo comparativo sobre as obras e serviços e sua relação como “solução geral e medidas acessórias” (1980, p. 44).

A obra abarca uma variedade de tempos históricos e questões, e as análises expostas nas cinco edições ora balizam os problemas tratados, ora buscam estabelecer novos nexos, quase sempre levantando aspectos relevantes oferecidos pelo texto, sem questionamentos e avanços, como parecia ser o entendimento de José Américo, uma vez que ele, na 3ª edição da obra, escreve o texto “Nada de novo”, no qual revela incompletudes na obra e alterações que já poderiam ter sido feitas. Apesar disso, não se pode desconsiderar a importância e valor dos dados e as análises apresentadas.

Por fim, José Américo, no texto referido, trata a obra como fonte de consulta, para o que contribuiu permitindo a atualização ortográfica, preservando o estilo. Atenta para alterações e acréscimos que poderia ter feito à obra a partir dos seus novos estudos sobre o clima, os pontos fisiográficos, sobre as secas, atentando para os problemas da açudagem. Por fim, registra o fato de que, ao assumir como ministro de Viação e

Obras Públicas, “estava tudo desfeito decorridos dez anos de abandono [...]” (1980, p. 23).

A publicação da 2ª edição tem caráter especial por se constituir em uma escolha da Biblioteca de Investigação e Cultura para constituir uma coleção de monografias tratando regiões brasileiras, com foco em seus aspectos físicos e diversidades das paisagens humanas. E a obra foi escolhida para ser a primeira a ser publicada, com prefácio de Josué de Castro, em 1937, que assevera ser este um “[...] verdadeiro livro de ciência”, assim justificando: “Livro de inestimável valor, para todos os que se interessam por nossos problemas de ordem geográfica, econômica e histórica, porque nele encontram subsídios indispensáveis à interpretação de inúmeros traços e complexos de nossa organização social.” (apud 1980, p. 26).

A 3ª edição conta com prefácio de José Honório Rodrigues – o que José Américo afirmou ser uma glória. O prefácio tem como título “*A Paraíba e seus problemas: um livro exemplar*” e este já diz da direção da análise, que se inicia com uma rápida apresentação sobre o que denomina de historiografia estadual, o caráter do ser estadual e regional, atentando para as peculiaridades que individualizam os espaços, lembrando que o regional e o nacional não podem ser tomados como somatório dos recortes estaduais, para concluir: “Escrever a história de um Estado exige toda a disciplina de um historiador, o treino metodológico, os princípios críticos, o exercício prático da pesquisa e, sobretudo, a clara consciência de seu propósito” (1980, p. 13). Atenta para a riqueza da historiografia paraibana, incluindo, sem citar, monografias sobre assuntos especializados, de publicação recente.

É com esse olhar e parâmetros que se debruça na obra *A Paraíba e seus problemas*.

Ao iniciar o item José Américo e a história da Paraíba, justifica ser a obra “um livro exemplar”, elencando as qualidades encontradas (1980, p. 17-22):

- amplitude da pesquisa;
- correção metodológica;
- capacidade crítica;

- informação bibliográfica;
- uso de fontes variadas e pouco usuais;
- elaboração de plano sistemático, ordenado, orgânico; e
- resultado obtido, factual e interpretativo.

No contexto deste artigo não cabe esmiuçar as qualidades, como o faz José Honório, mas como a leitura da obra de José Américo é reveladora presença das qualidades referidas, com grande expressividade e precisão.

Estudo crítico escrito por Jackson de Figueiredo, publicado na Gazeta de Notícias, de 4 de abril de 1928, intitulado *A fisionomia cultural do autor d'A Bagaceira*, apresenta-se na 3ª edição. Grande parte do texto dedica-se a estabelecer conexões com os estudos, as informações e a vida, presentes na construção de *A Bagaceira* e em *A Paraíba e seus problemas*. Este é um veio de análise muito interessante, não só por expor o desvelo do autor José Américo às questões de sua terra, mas à compreensão dos seus escritos e dos objetos de seus estudos.

Na apresentação da 4ª edição, Humberto Lucena, então presidente do Senado, afirma que a publicação “não significa apenas o reconhecimento da importância de um dos mais sérios e profundos documentos da história socioeconômica e política do estado paraibano e parte do acervo dos trabalhos de história regional, indispensáveis à revisão da própria história brasileira” (1994, p. 7). Justifica a afirmação por considerar que o estudo, após 71 anos, continua a ser fonte eficaz para governantes, técnicos e demais envolvidos na administração do estado na direção de bem resolver os seus graves problemas.

Ronaldo Cunha Lima, ex-governador do estado, atenta para a importância da obra para o conhecimento da problemática das secas, oferecendo, a partir dos estudos e observações, orientações e propostas para solução.

Manuel Correia de Andrade adota a linha biográfica e retrata o autor como um homem destemido, por vezes contraditório nas posições assumidas, o que atribui à contradição relacionada às suas bases familiares oligárquicas e a sua opção pela ação de base liberal. História, em rápidas e seguras pinceladas a vida e ação, atentando para a sua presença estadual

e nacional. Sobre a obra *A Paraíba e seus problemas*, afirma a sua atualidade, vez que, escrito na década de 1920, está merecendo sua 4ª edição.

A partir da 4ª edição, apresenta-se um texto atribuído a José Américo de Almeida, com contribuição interessante no que se refere à problemática do fazer história, levantando questões em favor da Federação, discutindo também elementos das relações regionais/nacionais. Por fim, atenta para a importância da reedição por permitir, do ponto de vista cultural, trazer para a atualidade um retrato da Paraíba nos anos 20, possibilitando comparações que favoreçam a compreensão desses tempos. Este traz a autoria de José Américo, mas a sua leitura comprova que outro foi o autor, pelas referências que faz a José Américo.

É interessante perceber que apenas no prefácio da 1ª edição e em nota da 3ª edição, escritos pelo próprio autor, encontram-se uma avaliação e uma intervenção sobre a obra, afirmando a necessidade de correções e acréscimos, e atentando para possíveis incompletudes. Vale lembrar o quanto de trabalho custou a José Américo a preparação de um texto tão volumoso do ponto de vista físico, mas, sobretudo, da vastidão de temas e questões abordadas.

Interessante que, apesar da aridez de alguns assuntos, não se perde a vitalidade de suas palavras para gerar emoção e vontade de ser/estar mais presente no que, sendo objeto de estudo, torna-se expressão de sentimento maior ao afirmar, tratando das dificuldades encontradas na execução da obra: “[...] não descoroçoei, porque meu amor à Paraíba me duplicou a força de vontade.” (1980, p. 37).

Consideradas as dificuldades de escrita da obra e a amplitude das questões que levanta, é realmente um livro exemplar. A Paraíba está devendo ao autor um olhar de análise, interpretação e aprofundamento dos estudos, a partir do que ele próprio iniciou e mais considerar a sua atualização. É tarefa de um grupo multidisciplinar, bem no estilo desenvolvido pelo Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), em meados das décadas de 1970 a 1990, que bem poderia ser articulado pela Fundação Casa de José Américo, em conjunto com as universidades federal e estadual da Paraíba.

Mesmo não sendo prática regular, decidi concluir o texto com uma citação, partida da leitura de um artigo de autoria de Flávio Ramalho

de Brito. Nele há referência à primeira análise crítica recebida pela obra, através de artigo produzido por Gilberto Freyre, para o *Diário de Pernambuco*, de 15 de maio de 1924, em que afirma:

O Nordeste brasileiro, como o chamado ‘old South’ nos Estados Unidos, vem soffrendo consideraveis refracções na sua personalidade regional. Nos seus mais intimos valores e interesses. Contra esse processo de absorpção serviu um pouco de contra-vapor a presidencia do sr. Epitacio Pessôa. Mas sem effeitos definidos e definitivos.

Assim, contesta a afirmação de José Américo de Almeida, que atribui às obras epitacistas “a salvação integral do nordeste” e “a segurança do nosso ingresso na fraternidade do regime”, considerando que a atuação do presidente paraibano, em favor do Nordeste, não alcançara tamanha amplitude, embora reconhecesse que, “pela energia e superior bravura de ação, o sr. Epitacio muito honrou, na presidência da república, suas origens nordestinas” (FREYRE, 1924, apud BRITO, 2021).

A obra do escritor paraibano causou tamanha impressão no jovem sociólogo, recém-chegado da Universidade de Columbia, que o levou a assim concluir o seu artigo:

Tanto há no livro do sr. José de Almeida de provocante e digno de nos reter, que é como um lago cheio de peixe, á beira do qual se tem vontade de ficar dias inteiros, pescando á linha. [...] é dos melhores que se teem produzido no Brasil. É um bello e forte livro. Surprehende o estar escripto com uma tal elevação, que não parece ter sido escripto todo de perto, na propria Parahyba, sem espaço para as vantagens da perspectiva. Nada como a distancia para vêr bem um objecto. Vêr de perto, e só de perto, é, em regra, vêr mal. Mas o sr. José de Almeida viu de perto, e só de perto, e viu bem. Vantagens, talvez, do vidro do seu “pince-nez”. (FREYRE, 1924, apud BRITO, 2021).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Américo de. *A Paraíba e seus problemas*. 1ª ed. João Pessoa: A União, 1923.
- ALMEIDA, José Américo de. *A Paraíba e seus problemas*. 2ª ed. Porto Alegre: Globo, 1937.
- ALMEIDA, José Américo de. *A Paraíba e seus problemas*. 3ª ed. João Pessoa: A União, 1980.
- ALMEIDA, José Américo de. *A Paraíba e seus problemas*. 4ª ed. Brasília: Senado Federal, 1994.
- ALMEIDA, José Américo de. *A Paraíba e seus problemas*. 5ª ed. Brasília: Senado Federal, 2012. vol. 172.
- BRITO, Flávio Ramalho de. O livro *A Paraíba e seus problemas* e a sua primeira análise crítica. *Blog Brasil Real*, 6 de julho de 2021. Disponível em: <https://dobrasilreal.wordpress.com/2021/07/06/o-livro-a-paraiba-e-seus-problemas-e-a-sua-primeira-analise-critica>. Acesso em: 20 abr. 2022.

A PRESENÇA DA GEOGRAFIA EM A PARAÍBA E SEUS PROBLEMAS

Janete Lins Rodriguez¹

“Existem apenas duas classes sociais, a dos que não comem e a dos que não dormem com medo da revolução dos que não comem.”

Milton Santos²

“A solução do problema da fome será a solução total do bem-estar e da tranquilidade política e social. Já disse e torno a dizer: ninguém grita de boca cheia. E o mais tremendo dos gritos de guerra é o grito da fome.”

José Américo de Almeida³

-
- 1 Licenciada em geografia pela Universidade Federal da Paraíba (1968); mestra em geografia pela Universidade Federal de Pernambuco com dissertação – *Acumulação de Capital e Produção do Espaço: o caso da Grande João Pessoa*; professora da Universidade Federal da Paraíba, do Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), Universidade Estadual do Tocantins e Universidade Estadual da Paraíba; pesquisadora na Fundação Casa de José Américo, tendo exercido consultorias em diversos trabalhos de pesquisa na SUDENE, FAC e em secretarias de estado; autora de inúmeros artigos científicos, relatórios de pesquisa e livros, destacando-se *Acumulação de Capital, e em coautoria: Conhecendo o Tocantins, Atlas Geográfico da Paraíba, Atlas Escolar da Paraíba, Mapeamento Cultural da Paraíba e da Coleção Fazendo e Aprendendo – Geografia*, dentre outros; curadora do Programa de Artesanato Paraibano; atualmente assume o cargo de gerente executiva do Museu Casa de José Américo.
- 2 Geógrafo, escritor e professor universitário da Universidade Federal da Bahia (UFBA).
- 3 Advogado, escritor e político paraibano.

José Américo escreveu e fez geografia sem ser geógrafo: sua obra *A Paraíba e seus problemas* é um livro predominantemente geográfico. As características do cidadão José Américo coincidem com a conduta peculiar do profissional geógrafo. Nunca foi um homem de gabinete, ia sempre ao campo buscar informações.

Escreveu um livro com esmero científico, passo a passo, fiel aos números da geografia, aos dados estatísticos, aos informes dos historiadores. Segue o autor uma trilha de variado e prolongado curso documental, em que se revela ativo pesquisador de datas, respeitoso e agradecido, diante das fontes heroicamente pioneiras; sereno e modesto, em sua colheita.

Seus escritos registram a visão atenta para a natureza, até nos movimentos atmosféricos “[...] O próprio vento para tornar-se mais amável, mudou de sexo. É brisa, o que há de mais carinhoso na natureza livre, desimpedida e viajada, a afagar como uma pluma macia e delicada.” (ALMEIDA, 1970, p. 118).

Percebeu, ainda nas suas análises sociais e econômicas, a instabilidade da política, comparando-a com o tempo. Defendia a dinâmica da atualização permanente, afirmava: “[...] atualizo minhas leituras que sempre estiveram em dia com a inteligência mais alta. Que poderá fazer um velho ao lado dessa geração? Viver, não sua idade, mas seu tempo.” (ALMEIDA, 1970, p. 117).

É possível identificar vida geográfica em toda sua literatura. A relação geografia, história e letras aparece sempre embasada pelas categorias de espaço e de tempo. Espaço objeto da ciência geográfica; também o tempo, quando ele se relaciona com a categoria do espaço.

Impossível se entender qualquer escrito sem inseri-lo na categoria do espaço e sem contextualizá-lo no tempo, vez que não existe tempo fora do espaço, tampouco espaço fora do tempo. O real é fruto do espaço temporal e nele estará sempre inserida a problemática humana. Conclui-se, então, que o espaço será sempre o cenário.

A Paraíba e seus problemas é bem escrito e bem pensado, nas palavras do respeitável José Lins do Rego, que, após um ano do seu lançamento, escreveu na revista *Era Nova* (1924) uma brilhante análise. As obras de José Américo e de José Lins do Rego demonstram o domínio que

ambos tiveram da “leitura do mundo”, e que precedeu a leitura da palavra. Trata-se de uma leitura de natureza geográfica feita no mundo dos engenhos, aguçada pela curiosidade infantil tão forte e importante, do que nada desapareceu das suas memórias e o que permitiu a construção basilar dos citados escritores.

Essa percepção do mundo rural, justamente no mundo dos engenhos, era aliada à vontade de fazer, de transformar, num espírito de preservação, que estimulou as denúncias das causas sociais nordestinas.

José Américo foi personagem e espelho da gente nordestina, interpretando muito bem a problemática do seu povo.

Além de chamar trabalho de geografia humana, *A Paraíba e seus problemas* recebeu de Josué de Castro o prefácio da sua 2ª edição, em 1937, o seguinte comentário:

Constitui-se no primeiro estudo sólido, em conjunto, sobre a estrutura física e cultural dessa região do Brasil, ainda mal conhecida cientificamente. Possui as diretrizes científicas pelos processos de indagações utilizados e pelas tentativas de interpretação de certos fenômenos, nitidamente regionais. Esse livro veio abrir horizontes novos à geografia humana, entre nós inaugurando métodos de estudos monográficos, tão ao gosto de geógrafos da envergadura de Jean Brunhes e de um Pierre Deffontaines (CASTRO, Josué 1937, p. 5).

Diante dessas colocações, reitera-se a importância dos ensaios e relatórios técnicos de José Américo de Almeida, para se entender tanto a geografia do Nordeste quanto, em especial, a geografia da Paraíba. Sem utilizar nomenclatura geográfica, defendeu a produção e a organização do espaço pelo homem. Foi o precursor da moderna geografia, porque viu o espaço na sua totalidade, sem admitir a clássica divisão da geografia em dois ramos: geografia física e geografia humana, considerando a geografia uma só. Em vários momentos do seu estudo, adotou um posicionamento que se coaduna com o conhecimento geográfico atual. Por quê? Porque demonstrou um compromisso com o social e com o ecológico, embora tal comportamento se restringisse ao plano da transformação da natureza, nunca em envol-

vimento com movimentos radicais da sociedade, que apregoassem grandes reformas sociais.

No seu linguajar, apresentou soluções emergenciais ou soluções imediatas para o problema das secas, através das pequenas e médias açudagens, condenando sempre os grandes açudes, multiplicando-os em médios e pequenos. Outros pontos que permeiam as obras técnicas de José Américo e refletem uma análise geográfica na organização do espaço traduzem-se na priorização das questões culturais, em detrimento do quadro natural. São inúmeros os registros que comprovam tal afirmativa. Em *A Paraíba e seus problemas* (1980, p. 43), ele afirma: “O indivíduo não é um produto do meio, alcança ao contrário afeiçoá-lo às suas necessidades [...]”. Mais adiante: “A natureza não pode ser mudada em suas linhas gerais, mas pode ser modificada [...]”. E, no seu livro *As Secas do Nordeste* (1953, p. 19 da 1ª edição), afirma: “a condição humana do NE depende menos da natureza incerta, do que de uma organização racional”. Continuando, ele diz:

é fácil prevenir os efeitos da seca, basta fazer no NE o que se deve fazer em toda parte, preservar o solo, poupando dos desgastes agravados pelos agentes atmosféricos, mais corrosivos da região, defender a terra dessas perdas nocivas, adotar métodos agrícolas racionais para tornar surpreendente na produtividade (ALMEIDA, 1980, p. 43).

José Américo sempre lutou pelo ensino técnico e pela implantação de escolas, como é o caso da antiga Escola de Agronomia da *Parahyba*, criada pelo Decreto Estadual 478, de 12 de janeiro de 1934 (hoje Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba), que apontassem soluções para o Nordeste. Em discurso na Fundação Casa de José Américo, em 1983, quando aqui esteve a ministra Esther Ferraz, referindo-se à obra de José Américo, ela afirmou:

[...] Amou o Nordeste, percebeu-lhe o sentimento de região e o desejo de transformação. Seus livros não bastam ser lidos, é preciso conversar com eles. Não são uma literatura, são um diálogo. Nada neles é pitorescamente nordestino, mas realisticamente nordestino e apoiado no valor humano.

É possível e recomendado buscar no próprio José Américo impressões e opiniões sobre o livro: *A Paraíba e seus problemas*.

No prefácio da 1ª edição, ele revela a paixão com que recebeu essa missão outorgada pelo presidente Sólon de Lucena, quando optou por entregar ao presidente da República, Epitácio Pessoa, um relatório que contivesse os benefícios concedidos à Paraíba, sobretudo aqueles que visavam solucionar os problemas das secas. Seria um gesto de gratidão, ao registrar publicamente os benefícios recebidos, além de pleitear através de apelos alguns “remates dessa construção”.

Embora conhecesse tão bem a geografia paraibana, fez questão de realizar uma excursão ao interior do estado, percorrendo 1.650 km de automóvel e 178 km por estrada de ferro.

Inicialmente, José Américo tinha como companheiro de trabalho o historiógrafo Celso Mariz, que se desligou dessa missão para atender a outra demanda – tratar da Paraíba no Parlamento Nacional.

Registra José Américo que, após levantamentos, estudos no campo e reunião dos relatórios, foi necessário mergulhar em pesquisas profundas, em vasta bibliografia, principalmente em línguas estrangeiras.

Organizou a obra traduzindo um espírito geográfico, seguindo a tendência da geografia dominante da época: localização geográfica, aspectos físicos (relevo, hidrografia, clima e vegetação), humanos e econômicos. Essa organização, porém, não comprometeu a linha mestra das suas ideias, pois já defendia para a postura moderna a unidade da geografia. José Américo apontou para a organização do espaço que é produzido de forma dinâmica, pois resulta de um processo em constante transformação e em permanente diversificação. Merece realce que José Américo, na década de 1920, antecipou-se ao que a ciência geográfica somente veio defender após os anos de 1950.

Durante toda a análise, ele buscou posicionar o “homem” versus “fatos históricos”. Descreveu com riqueza de detalhes a configuração e os limites geográficos do estado, em coordenadas, mapas, tabelas e importantes fotos.

A seguir, foram feitos destaques da obra para realçar o que se tem, até aqui, destacado: José Américo quando enfrenta a dureza de descrições e análises da realidade, ele introduz sua linguagem culta, descrições com

ritmo, grandeza e expressões novelísticas. Uma visão de geógrafo e uma escrita literária. Senão veja-se: para tratar dos limites do estado, o escritor José Américo de Almeida, em *A Paraíba e seus problemas* (1980), ressalta:

Limita-se ao norte com o Rio Grande do Norte; ao sul com Pernambuco; a leste com o oceano Atlântico e a oeste com o Ceará. As linhas fronteiras que não têm características naturais são ainda arbitrárias e indecisas.

A da parte setentrional é esquisitamente irregular. Começa, do mar para o poente, na foz do Guaju. Inclina-se pelo leito desse rio até a sua nascente e, em seguida, acompanha o rio Calabouço. Daí por diante, curva-se e quebra-se, através dos relevos, infletindo, em meio, até deprimir o território numa faixa de 50 quilômetros de largura, pela invasão do Seridó, ou deformá-lo em figuras caprichosas, como na ponta da serra do João Valle, e chega pelos degraus da serra de Luís Gomes à extrema ocidental.

Os dois Estados limítrofes constituem, geograficamente, uma mesma região. A separação de Pernambuco é pelas divisas que derivam da embocadura atlântica do rio Goiana. Arqueiam-se desse curso, atravessam um núcleo de populações comum e, daí a alguns quilômetros, pegam com a serra geral dos Cariris Velhos. Prosseguem pelo dorso da cordilheira, atento o divisor das águas, e entram, adiante, a colear em diversos rumos, numa geometria tumultuária, cuja maior reentrância coincide com a zona desfalcada pela intrusão do lado oposto, estreitando-a, cada vez mais.

Essas curvas desenham um triângulo por onde a Paraíba se intromete, longamente, em Pernambuco, numa expansão territorial sem correspondência econômica, pela sorte comum dos tratos assim constituídos.

E continuam, com a mesma tortuosidade, de serra em serra, pelo divortium aquarum, até entestar com o Ceará.

As extremas do nascente são o Guaju e o Goiana – os dois pontos de partida para o oeste. O limite com o Ceará, mais regular, é pela divisão das águas do rio Piranhas das do Jaguaribe. Abate-se esse nível, entre a serra do Padre, a do Vital e das Balanças, como que abrindo passagem para o Estado vizinho.

Desses acidentes resulta uma configuração indefinível.

É um polígono irregular, como uma faixa que ora se expande, ora se apouca, em maiores perdas do que saliências (ALMEIDA, 1980, p. 60 e 61).

Com relação a algumas feições geomorfológicas, o autor discorre:

A Borborema pertence ao sistema orográfico central e, erguendo-se do seu limite setentrional acerca de 60 quilômetros a oeste de Natal até perto do rio S. Francisco, atravessa o Estado de nordeste a sudoeste.

O maciço, no seu caráter próprio, mas sem um tipo uniforme de articulação, ramifica-se e fragmenta-se nas várias formas de relevo. E, assim, transfigura-se, aqui e ali, o seu perfil, pela natureza petrográfica ou pela influência dos agentes externos. Alteia-se e estende-se num planalto de 100 quilômetros, em média, de largura; boleia-se em cabeços; alonga-se, coniforme, em picos; estrangula-se pelas erosões; dispersa-se em morros... E tomam as serras diversas denominações: de Araruna, do Cuité, da Carneira, do João do Vale, de Luís de Gomes, ao norte; da Raiz, Redonda, de Rodopitá, de Cornoió, a leste; dos Cariris Velhos, de Jabitacá, do Teixeira, da Baixa Verde, ao sul; do Comissário a oeste e outras menores.

Distingue-se, por sua estrutura, a lombada de morros que, desligando-se da Borborema, vai, diretamente, até à fronteira ocidental: as serras do Melado, de Santa Catarina, Vermelha e do Vital.

A altitude na chapada atinge 670 metros. Descreve Irineu Joffily os pontos culminantes: “A serra do Jabre é o pico mais elevado da Paraíba”. (ALMEIDA, 1980, p. 64).

E continua:

Os nossos mais curiosos aspectos orográficos são os boqueirões “lucidamente vistos por Irineu Joffily.

Esses estrangulamentos – brechas escancaradas pelas torrentes erosivas – representam, em alguns lugares, ao longo das caminhadas, pontos de referência à visão distante.

Os principais são: o formado pelo rio Paraíba nas rochas duras da serra de Carnoió; o de Coremas aberto em forma de V pelo rio Piancó nos arenitos endurecidos da serra de Santa Catarina; o de São José talhado num

ponto mais alto da mesma serra pelo rio Piranhas; o da Mãe d'água ainda na serra de Santa Catarina cortada pelo rio Aguiar; o do Cabeçudo na serra do mesmo nome lascada pelo rio Curimataú...” (ALMEIDA, 1980, p. 68).

Com referência às secas, o autor destaca os seguintes apontamentos:

As páginas dedicadas à problemática da seca além de didáticas analisam as consequências econômicas e sociais.

A angústia da síntese não me permitiu reconstituir toda a vastidão desses desastres. Se me ative, às vezes, em miudezas de interesse puramente local, para satisfazer uma curiosidade, porventura, mais exigente, preferi lances expressivos e de maior sentimento histórico.

De tudo se vê que a Paraíba sofreu muito, com uma resignação calada que lhe escondia as dores. Não se contam as mortes pela fome e pelos outros males consecutivos à seca, os lares destruídos, os despenhos na miséria, as forças vivas escoadas para meios inóspitos, todos os danos acumulados das repetições da calamidade.

Essa luta do homem com as desordens do clima é a comprovação de um valor moral que deve ser assinalado em todos os seus traços de amargura e de coragem renitente (ALMEIDA, 1980, p. 226 e 227).

De forma pioneira, José Américo trouxe à luz alguns temas que somente bem mais tarde vieram a ser abordados:

- A seca não é causa do subdesenvolvimento nordestino;
- O homem nordestino não contribui para a existência das secas;
- Ausência de políticas corretas seria a grande causa das secas, vez que o correto não é “eliminar” a seca, mas sim aprender a conviver com ela; e
- A política de ser nacional, global, integrada para se vencer os obstáculos locais.

Ao concluir essas considerações, registro que o lirismo, a imaginação e o senso poético estão bem presentes em todas as obras que escreveu José Américo. Dentre essas, sem dúvida, *A Paraíba e seus problemas* é um

dos mais sérios e profundos documentos da história socioeconômica paraibana, quiçá da história regional e brasileira.

A exigência que o autor fez a si mesmo, de conhecer o espaço paraibano, através das exaustivas pesquisas de campo, fortaleceu no seu espírito o sentimento de paixão e pertencimento, da querida e pulsante Paraíba.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Américo de. *A Paraíba e seus problemas*. 3ª ed. rev. João Pessoa, Paraíba: A União Companhia Editora, 1980. 730 p.
- _____, José Américo de. *As sêcas do Nordeste*. 1ª ed. rev. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: D.N.E.R gráfica, 1953. 109 p.
- _____, José Américo de. *Eu e êles*. 1ª ed. rev. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Editora Nosso tempo, 1970. 252 p.
- ANDRADE, Manuel Correia de et alii. *Geografia, Antropologia e História em José Américo*. João Pessoa, Paraíba: A União Companhia Editora, 1982. 72 p.
- MENESES, José Rafael de. *José Américo O homem do bem comum*. 1ª ed. Rio de Janeiro, Guanabara: Gelsa Gráfica Editora, 1967. 231 p.
- RODRIGUES, Gonzaga; ALVES, Nathanael. *José Américo, o Escritor e o Homem Público*. João Pessoa, Paraíba: A União Companhia Editora, 1977. 344 p.
- RODRIGUEZ, Janete Lins (org.) *A Geografia na obra de José Américo*. João Pessoa, Paraíba: Ed. Grafset, 2003. 95 p.

O LIVRO *A PARAÍBA E SEUS*
PROBLEMAS E A SUA PRIMEIRA
ANÁLISE CRÍTICA

*Flávio Ramalho de Brito*¹

*Jean Patrício da Silva*²

I AS CIRCUNSTÂNCIAS QUE MOTIVARAM A OBRA

No sábado 19 de janeiro de 1924, a primeira página do jornal *A União* – *Orgão do Partido Republicano da Parahyba do Norte* trazia uma matéria que assim iniciava:

A Parahyba e seus problemas – Saiu, hontem, dos préelos da Imprensa Official a obra do sr. dr. Jose Americo de Almeida – “A Parahyba e seus problemas”, mandada escrever pelo sr. dr. Solon de Lucena, presidente do Estado, em homenagem á actuação administrativa do sr. dr. Epitacio Pessôa na terra adorada do seu nascimento.³

1 Engenheiro e historiador, membro da Academia Paraibana de Engenharia (APEN-CE). Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), ocupando atualmente a vice-presidência.

2 Jurista e historiador. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico e Paraibano (IHGP), ocupando atualmente a presidência.

3 *A União*, Paraíba, 19 de janeiro de 1924.



O autor da volumosa obra (637 páginas acrescidas de um apêndice), referida na matéria do jornal *A União*, era José Américo de Almeida. Nascido na cidade de Areia, Almeida havia, em 1908, obtido o diploma de bacharel na Faculdade de Direito do Recife. Conforme as suas próprias palavras:

Formado, aos 21 anos, fui parar em Sousa, uma comarca sertaneja, como promotor público [...] Decorrido menos de um ano, larguei a comarca, passando-me para Guarabira, onde meu irmão Inácio era vigário e empregava o último vintém na compra de livros. [...] Quando menos esperava, com 24 anos incompletos, fui nomeado Procurador-Geral do Estado, com hierarquia de desembargador e os mesmos vencimentos [...]⁴

José Américo, naquela época, publicava, com certa frequência, artigos em jornais e revistas da capital da Paraíba e, em 1922, conseguiu repercussão com a novela *Reflexões de uma cabra*, incluída em uma revista local. O livro, que viria a ter o título de *A Paraíba e seus problemas*, fora encomendado, pelo presidente do estado Sólón de Lucena, a José Américo de Almeida e ao jornalista e escritor Celso Mariz. Para José Américo,

4 ALMEIDA, José Américo. *Eu e Eles*, 3ª edição (fac-similar). João Pessoa: Editora A União, 1994, p. 14, 16.

no prefácio da primeira edição do livro (datado de dezembro de 1923), “o pesquisador [Celso Mariz] do *Através do Sertão e dos Apanhados Históricos da Paraíba* estava, porém, aparelhado para mais essa demonstração da sua capacidade”.⁵ Os dois, em novembro de 1922, haviam viajado pelo estado (“percorreram 1.650 quilômetros de automovel e 178 de estrada de ferro”) levantando dados para a obra.⁶ Segundo Almeida, Celso Mariz teve que deixar os trabalhos para a elaboração do livro “solicitado pela imprensa diária e empenhado na feitura de *A Paraíba no Parlamento Nacional*”. Lourdinha Luna, com a autoridade de anos de convivência com José Américo, tem outra versão (muito provavelmente ouvida do escritor areense) para o abandono da empreitada por parte de Mariz.

Celso Mariz, no entanto, habituado a vida mansa da capital e das tardes palacianas, não suportou a distância dos amigos e do vinho cotidiano, na hora do almoço. A saudade das reuniões do Clube dos Diários (Cabo Branco) onde o carteado oferecia distração e angústia, afligia quem era afeito à animação social⁷

A versão apresentada por Lourdinha Luna para o afastamento de Mariz na elaboração do livro, ao que parece, carece de veracidade porque os registros existentes na imprensa da época (confirmados por Almeida no prefácio do livro) indicam que o trabalho de campo foi realizado apenas no mês de novembro de 1922 e o afastamento de Celso Mariz (por apenas 30 dias) dos entretenimentos e da “animação social” seria perfeitamente suportável. O fato é que algo ficou nebuloso no episódio porque, cerca de meio século depois, abordado pelo historiador José Octávio sobre a sua participação em *A Paraíba e seus problemas*, Celso Mariz pediu ao historiador para não tratar do assunto.⁸

5 ALMEIDA, José Américo de. *A Paraíba e seus problemas*, 3ª edição revista. Paraíba: Editora A União, 1980, p. 37.

6 *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2/12/1922, Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

7 LUNA, Maria de Lourdes Lemos, *José Américo de Almeida*. João Pessoa: Editora A União, 2000, p. 33.

8 Depoimento, ao autor, do historiador José Octávio.

Segundo José Américo, o presidente Sólon de Lucena considerava que o livro seria “o meio mais sensível de expressar ao sr. Epitacio Pessoa o reconhecimento da Paraíba pelos benefícios outorgados, como solução do problema das secas”.⁹ Epitácio Pessoa, que deixara a presidência da República em novembro de 1922, havia implementado, durante o seu mandato presidencial, um grande programa de obras no Nordeste que havia sido objeto de intensas críticas por parte da imprensa oposicionista. Poucos dias antes da saída do prelo de *A Paraíba e seus problemas*, um editorial do jornal *A União*, que era dirigido pelo escritor Carlos Dias Fernandes, expunha a situação:

O Nordéste e a tarefa grandiosa de Epitacio Pessôa – Accusam o ex-presidente Epitacio Pessôa, por ter ido ao encontro das necessidades da população nordestina, de haver de preferencia desviado as suas vistas de govêrno para a região calcinada do Brasil. Duzentos mil contos de reis foram despendidos com a construção de poços tubulares, açudes de terra e mistos, grandes barragens de alvenaria, portos, estradas de ferro, de rodagem e carroçaveis e coordenadas geographicas.¹⁰

Prosseguia o editorial de *A União* defendendo as obras feitas pelo governo federal no estado, apresentando como exemplo a construção de estradas, tema que seria abordado por José Américo no capítulo “O problema das distâncias” no livro *A Paraíba e seus problemas*:

Argumenta-se, porém, que as estradas de rodagem não resolvem o problema das seccas [...] Contamos já com o transporte de malas postaes, feito de automovel, de Campina Grande a Patos, numa distancia de quarenta leguas [...] Hoje, dentro de poucas horas de viagem temos em Patos a correspondencia enviada de Campina. Há quatro annos nesse percurso as malas levavam oito a nove dias, em costa de animaes [...] Na Parahyba,

9 ALMEIDA, José Américo de. *A Paraíba e seus problemas*, 3ª edição revista. Paraíba: Editora A União, 1980, p. 35.

10 Jornal *A União*, Paraíba, 10 de janeiro de 1924.

por exemplo, o primeiro presidente a visitar o sertão foi Silva Nunes, em setembro de 1861, e o segundo o dr Solon de Lucena, sessenta annos depois. Isso sem falar em Frederico Carneiro Campos (em 1846) e Camillo de Hollanda (em 1919), que não chegaram a descer a serra da Borborema, regressando de Campina Grande e Soledade, respectivamente¹¹

Epitácio Pessoa, em 1919, durante sua primeira mensagem ao Congresso Nacional como presidente da República, já estabelecia entre as “despesas que deveriam sobrelevar a qualquer preocupação de economia” aquelas relacionadas com o problema das secas no Nordeste, que ele considerava como o “pagamento de uma dívida de honra para com a população pobre do interior, a quem quase tudo tem faltado”.¹² As principais obras estruturantes incluídas no plano do governo federal que foi elaborado para o Nordeste (como a construção de açudes de grande porte) foram contratadas com empresas estrangeiras, o que veio a se transformar em um dos principais alvos da oposição ao governo federal, como relata Laurita Pessoa Raja Gabaglia, filha e biógrafa de Epitácio, em uma justificativa não muito convincente:

Um dos pontos dessa campanha visou a escolha de firmas estrangeiras ao invés de organizações nacionais. Não podia, no entanto, ser de outro modo, dada a natural inexperiência dos nosso engenheiros nesses assuntos e o caráter delicado desse gênero de construção, a requerer técnicos especializados e material adequado, abundante e valioso, “coisas que não se obtêm só com inteligência e estudo, mas pedem tirocínio e capitais avultados”.

As obras do Nordeste eram administradas pela precária e ineficiente Inspetoria Federal de Obras contra as Secas (IFOCS), embrião do futuro DNOCS, que, depois, seria a principal fábrica da chamada “indústria da seca”, na conhecida expressão, cunhada nos anos 1960, pelo jornalista e

11 Jornal *A União*, Paraíba, 10 de janeiro de 1924.

12 GABAGLIA, Laurita Pessoa Raja. *Epitácio Pessoa 1º volume*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951, p. 418.

escritor Antônio Callado. A atuação do IFOCS e o exame das obras que estavam sendo executadas no Nordeste, durante o período do governo de Epitácio Pessoa, foram analisados pelo jornalista cearense J. (Júlio) Ibiapina em cinco artigos publicados, em dezembro de 1922 e janeiro de 1923, no jornal carioca *Correio da Manhã*, que constituem um dos mais criteriosos depoimentos sobre o plano de obras para o Nordeste que foi implementado pelo presidente paraibano.¹³

As críticas que eram feitas pelos setores oposicionistas às obras que estavam sendo realizadas no Nordeste eram repelidas, com vigor, por Epitácio Pessoa, como se extrai da sua mensagem ao Congresso no ano de 1921:

As sêcas do Nordeste – eis um dos temas favoritos da oposição. Despesas admiáveis, gastos excessivos, obras insensatas... sempre a mesma toada a embalar a nossa imprevidência e induzir a Nação a se deter, ingrata e pusilânime, diante de um problema, cuja solução lhe é imposta pelos mais preciosos interesses econômicos e pelo mais imperioso dever moral!!¹⁴

No último ano do seu governo, Epitácio Pessoa designou uma comissão para averiguar a situação das construções que foram executadas, ou estavam em curso, no Nordeste. A comissão era chefiada pelo general Cândido Rondon e tinha como membros o médico e político paulista Paulo de Moraes Barros e Simões Lopes, ministro da Agricultura do governo de Pessoa. No seu relatório, a comissão fez apenas pequenos reparos com relação às obras, como os de que os dados topográficos e hidrológicos disponíveis não permitiam determinar precisamente as áreas irrigáveis.¹⁵ Para J. Ibiapina, a comissão de inspeção das obras do Nordeste, como foi denominada,

13 “A verdade sobre as obras do Nordeste”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21/12/1922, 24/12/1922, 27/12/1922, 30/12/1922 e 3/1/1923, Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

14 GABAGLIA, Laurita Pessoa Raja. *Idem*, p. 449.

15 BUCKLEY, Eve E. *Technocrats and Politics of Drought and Development in Twentieth-Century Brazil*. University of North Carolina Press, 2017, p. 119.

percorreu com “ligeireza”, por entre festas, o vasto e complicado labirinto das obras a cargo do sr. Arrojado Lisboa [o engenheiro-chefe da IFOCS]. Sem disporem de tempo necessario ao exame metuculoso dos trabalhos, sob os pontos de vista tecnico e administrativo, esmagados sob o peso das amabilidades por toda a parte recebidas, apressaram-se, do nordeste mesmo, a transmitir o seu pensamento em telegrammas de tal modo elogiosos ás firmas estrangeiras encarregadas das construcções, que tornaram impossivel qualquer reparo critico posterior sobre o andamento dos trabalhos¹⁶

Com o fim do mandato presidencial de Epitácio Pessoa e a posse do presidente Artur Bernardes, o programa das obras no Nordeste foi, bruscamente, interrompido. Para Laurita Raja Gabaglia: “O sucessor de Epitacio Pessôa não levou adiante a campanha contra as sêcas. Em março de 1923, quatro meses decorridos do novo quatriênio, foram as obras suspensas ‘por motivo de ordem financeira’”¹⁷.

Foi nesse ambiente que o presidente da Paraíba Sólton de Lucena projetou um livro em defesa das obras feitas pelo governo de Epitácio Pessoa no estado. José Américo de Almeida discorre sobre aquele momento:

E veio o desastre, maior que todas as sêcas juntas. [Epitácio] Mal deixava o Catete, os trabalhos eram suspensos. Foi tudo pôsto de lado, ainda em começo, inacabado, como um simples arcabouço, o monstruoso esqueleto que não chegara a ter vida [...] O sertão não se consolava. Um povo em pêso revertido aos mesmos azares apelou, protestou, levantou um clamor humano que se perdeu no deserto. Publiquei *A Paraíba e seus problemas* pugnando pelo prosseguimento do programa em execução.¹⁸

16 “A verdade sobre as obras do Nordeste”, Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 21/12/1922, Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

17 GABAGLIA, Laurita Pessoa Raja. *Idem*, p. 426.

18 ALMEIDA, José Américo. *Eu e Eles*, p. 197.

II A PRIMEIRA ANÁLISE CRÍTICA DO LIVRO A PARAÍBA E SEUS PROBLEMAS.

No dia 8 de março de 1923, o jornalista Aníbal Fernandes anunciava em artigo no *Diario de Pernambuco* a chegada ao Recife, naquele dia, de um jovem pernambucano, prestes a completar 23 anos de idade, que regressava à terra natal após obter diploma e defender tese em universidades norte-americanas:

[...] é quase escusado que eu fale aqui; toda gente que lê o “Diario” de há muito se familiarisou com o seu nome. A principio, houve quem o attribuisse a um pseudonymo.

– Quem é esse Gilberto Freyre, perguntava-se?

É que o grande publico não o conhecia. Conhecia-o, e muito bem, a meia duzia de seus intimos e de seus condiscipulos [...]. O resto ignorava-o¹⁹

Ao retornar para o Recife, Gilberto Freyre continuaria a escrever, regularmente, artigos para o *Diario de Pernambuco* e, no dia 15 de maio de 1924, analisava criticamente *A Paraíba e seus problemas*, o livro que José Américo de Almeida publicara, na Paraíba, quatro meses antes. O artigo é a primeira crítica recebida pela obra de José Américo, e Gilberto Freyre iniciava seu texto escrevendo que o livro dava, ao primeiro contato, “a falsa impressão de simples esforço de apologeta”, acrescentando que “os panegyristas são como os poetas: nascem. E ninguém nasceu menos panegyrista que o sr. José Americo de Almeida”. E afirmava:

Sem o ranço dos panegyricos officiaes, seu livro é antes formidavel obra de reportagem e avaliação. Reportagem e avaliação dos elementos economicos e sociaes que constituem a Parahyba. Um bello esforço de geographia e sociologia regionaes.²⁰

19 *Diario de Pernambuco*, Recife, 8/3/1923, Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

20 *Diario de Pernambuco*, Recife, 15/5/1924, Acervo Fundação Biblioteca Nacional.

O jovem sociólogo pernambucano abordava, no seu artigo para o *Diário de Pernambuco*, a conjuntura pela qual passava, na época, a região nordestina.

O Nordeste brasileiro, como o chamado “old South” nos Estados Unidos, vem soffrendo consideraveis refracções na sua personalidade regional. Nos seus mais intimos valores e interesses.

Contra esse processo de absorpção serviu um pouco de contra-vapor a presidencia do sr. Epitacio Pessoa. Mas sem efeitos definidos e definitivos.

José Américo de Almeida, no livro *A Paraíba e seus problemas*, atribuiu a Epitácio Pessoa ações descomunais, tais como “a salvação integral do nordeste” e “a segurança do nosso ingresso na fraternidade do regime”. Gilberto Freyre contradiz essa opinião de Almeida considerando que a atuação do presidente paraibano, em favor do Nordeste, não alcançara tamanha amplitude, embora reconhecesse que “pela energia e superior bravura de ação, o sr. Epitacio muito honrou, na presidencia da republica, suas origens nordestinas”. José Américo reportava-se, em *A Paraíba e seus problemas*, à disparidade no desenvolvimento dos estados nordestinos com relação aos do Sudeste do país, situação que os mantinha submissos, além do ponto de vista econômico, também no aspecto político, àqueles estados que, na época, eram chamados do “centro”. Esse enfoque do problema dado pelo escritor paraibano foi devidamente destacado por Gilberto Freyre:

Preoccupa-o, como a todo nordestino que se não tenha desgarrado de suas raizes, a condição precaria dum grupo de Estados como os nossos ante a força soberana dos tres Estados do sul que nos regulam, ao sabor dos seus interesses regionaes, a vida politica e nos querem até impôr uma como curatella da economia particular, sem o menor criterio representativo. Não é uma questão de Estados pequenos, a da nossa subalternidade de provincias lacaias: “a questão é, mais propriamente, de zona”, opina o escriptor parahybano.

E é pena que havendo no Nordeste o que o sr José de Almeida chama “uma causa de zona”, tenha sempre falhado, nos momentos oportunos,

a coesão, a acção em conjuncto para os fortes efeitos em massa. É que a norma da política dos nossos Estados tem sido, para recorrer ainda ás justas palavras do sr. José de Almeida, “a solidariedade com os grandes Estados, pela cautela das situações dominantes receosas de represalias”.

No tocante à parte estilística do livro, Gilberto Freyre escreveu:

Em paginas que adquirem ás vezes um sabor tragico de romance russo, mostra-nos o sr. José de Almeida a acção erosiva das seccas sobre valores de toda a especie – ás vezes quando o bruto da natureza não se deixa fixar por um tão fino processo, vem um pouco de côr e as paisagens nos apparecem em “gouaches” deliciosas [...] Assim, “o estio embalsamado pelos pereiros em flôr é um mortifero derrame de luz que transforma as campinas num cinzeiro...” E no meio desse cinzeiro “rebenta um paraizo de supetão”. [...] Isto está saborosamente dito. Sente-se a flagrancia da paisagem tropical em constate processo de renovo e revirginização desorientando-nos quase pelo seu rhythmio difficil de seguir”.

A obra do escritor paraibano causou tamanha impressão no jovem sociólogo recém-chegado da Universidade de Columbia que fez com que ele concluísse, assim, o seu artigo para o Diarío de Pernambuco em que abordava *A Paraíba e seus problemas*:

Tanto há no livro do sr. José de Almeida de provocante e digno de nos reter, que é como um lago cheio de peixe, á beira do qual se tem vontade de ficar dias inteiros, pescando á linha. [...] é dos melhores que se teem produzido no Brasil. É um bello e forte livro. Surprehende o estar escripto com uma tal elevação, que não parece ter sido escripto todo de perto, na propria Parahyba, sem espaço para as vantagens da perspectiva. Nada como a distancia para vêr bem um objecto. Vêr de perto, e só de perto, é, em regra, vêr mal. Mas o sr. José de Almeida viu de perto, e só de perto, e viu bem. Vantagens, talvez, do vidro do seu “pince-nez”.

JOSÉ AMÉRICO, MODERNISTA AVANT LA LETTRE

José Nêumanne Pinto

Esta edição centenária especial da obra mais importante de José Américo de Almeida, *A Paraíba e seus problemas*, é algo que os antigos chamariam de “oportunos ensanchar” para repor no lugar correto da memória literária brasileira um dos mais depreciados de seus pilares.

O grande escritor e pensador católico sergipano Jackson de Figueiredo encontrou, há 94 anos, razões de sobra para fundamentar a afirmação que pode ser confundida com jactância na abertura deste texto. Ao apoiar outro católico ilustre, o carioca Alceu Amoroso Lima, em texto assinado com o pseudônimo conhecido de Tristão de Athayde, Jackson apoiou-se na entusiástica recepção do romance *A Bagaceira*, obra seguinte do paraibano, para definir o objeto de nossa exaltação como:

um dos melhores, um dos mais bem documentados livros que já publicou brasileiro sobre a terra nordestina, vasto ensaio em que pela primeira vez (um pouco desordenadamente, com muita inteligência e liberdade de espírito, ressaltam de uma publicação mais ou menos oficial, penso eu) afora o mais que contém de geografia, de fisiografia, de geografia histórica, os traços mais característicos da geografia humana do Nordeste, isto é, da mais misteriosa das fisionomias coletivas, que perfazem o Brasil.

E será nesta obra do observador, do pensador, do estudioso, que encontrarão os seus críticos a explicação da personalidade, realmente, à primeira vista, desnorteante, desse nortista silencioso e obscuro, sem ligações co-

nhecidas com o que se agita de mais vivo em nossa paisagem cultural, e que, mal se apresenta, em toda a fúlgida nudez de sua alma, exige, impõe, por assim dizer, que se lhe rendam as homenagens devidas unicamente aos que encarnam qualquer coisa de essencial à nossa vida, no que esta já tem de verdadeiramente caracterizado.

Assim continua o sergipano, que li na edição da *União Editora*, do governo paraibano, com 725 páginas, lançada em março de 1980 (ano em que o autor completou 93 anos e deixou a Paraíba órfã), por iniciativa de Giselda Navarro Dutra, secretária de Educação e Cultura, e de José Octávio de Arruda Mello, então diretor-geral de Cultura no governo de Tarcísio Burity.

PARA JOSÉ HONÓRIO, UM LIVRO EXEMPLAR

Na mesma edição comemorativa, a introdução da lavra do grande historiador carioca, mas que preferia ser caracterizado apenas como brasileiro, José Honório Rodrigues resgatou várias tentativas similares desse gênero literário pouco praticado e exaltou a presença de nosso pobre e pequeno estado natal. O título de introdução que ele assinou é consagrador: *um livro exemplar*.

E começou seu texto lembrando a notável contribuição para a historiografia estadual de muito boa qualidade com exemplos das obras de João Francisco Lisboa sobre o Maranhão, Tristão de Alencar Araripe sobre o Ceará, Pizarro e Araújo sobre o Rio de Janeiro, Baltazar da Silva Lisboa também do Rio, Pedro Taques e Gaspar da Madre de Deus de São Paulo, José Miguel de Brito de Santa Catarina, José Feliciano Fernandes Pinheiro do Rio Grande do Sul, Joaquim Felício dos Santos de Minas Gerais, J. M. P. de Alencastre de Goiás e Felipe Nogueira Coelho de Mato Grosso.

Então, destacou:

Este é um livro exemplar pela amplitude da pesquisa, pela correção metodológica, pela capacidade crítica, pela informação bibliográfica, pelo uso das fontes, até mesmo de relatórios de presidentes de províncias e discursos no

Parlamento – o que não era usual na sua época –; pela elaboração do plano, sistemático, ordenado, orgânico e pelo resultado obtido, frutífero, cheio de originalidade e novidades, não só fatuais, mas sobretudo interpretativas.

Conforme José Honório também,

como se vê, uma unidade orgânica perfeita que começa com o estudo da terra, da sua fisionomia, passa pelo clima, que é importante na região, examina os acidentes, as secas, conta a história política e administrativa, estuda as distâncias e a questão da água que liga à seca, caracteriza o povo, e analisa a estrutura econômica.

José Honório afeiçoou-se de tal forma ao estudo aqui exposto que chegou a formar com o colega nativo José Octávio de Arruda Mello, membro da Academia Paraibana de Letras (APL), um grupo de estudiosos dedicados ao estudo da historiografia paraibana.

TITÃ CONTRA FOME EXALTA JOSÉ AMÉRICO

Mas o líder desse grupo não foi o único titã da sociologia brasileira a usar seu prestígio internacional para enaltecer o clássico do estudo estadual no mundo inteiro, que o acolheu como grande, talvez o maior de todos, estudioso da fome. A obra maior desse gênio pernambucano, *Geografia da Fome*, foi dedicada a “Rachel de Queiroz e José Américo de Almeida, romancistas da fome no Brasil”, e “à memória de Euclides da Cunha e Rodolfo Teófilo, sociólogos da fome no Brasil”. Essa dedicatória justifica a dificuldade que o autor teve em seguir a correnteza de quem tenta qualificar (ou seria reduzir?) a importância do intelectual paraibano e da genial romancista cearense na extraordinária relevância da geração do pós-30 ao “regionalismo”, ou seja, à limitação geográfica de seus locais de nascimento.

Josué de Castro teve de sair do Brasil para se consagrar pela abordagem de seu conhecimento da maior tragédia brasileira, a da fome nacional, digamos até federal, tratada em partes no livro acima citado

pelo desprezo dos homens públicos e mesmo da elite letrada pelo sofrimento agônico de uma população submetida ao flagelo do clima hostil do maior semiárido do mundo.

Habitado à discriminação pela origem da naturalidade, agravada pelos preconceitos racial e social, esse fanático pela leitura das obras capitais para a literatura brasileira, e não apenas regional, encontrou, nas citações dos textos apropriadamente escolhidos pelos apresentadores da edição que me propiciou o acesso à obra do grande mestre, o pretexto para enfrentar esses óbices. A 2ª edição do compêndio foi publicada 14 anos após a primeira, no ano em que o autor foi covardemente golpeado, do ponto de vista político, pela instalação da ditadura salazarista do Estado Novo por Getúlio Vargas. Este, em teoria, o apoiava. “Perdi a Presidência da República a ser disputada em 1938 e abortada em 1937, por ter dito em minha pregação que não esqueceria o povo. E hoje o que dizem ser uma das maiores virtudes teológicas foi considerado um pecado mortal”, disse o paraibano, traído pelo gaúcho que cancelou aquela disputa presidencial que se anunciava entre o paraibano aqui citado e os paulistas Armando Sales de Oliveira e Plínio Salgado. O mais respeitado e citado especialista em fome no mundo não vacilou em emprestar seu prestígio de especialista louvando o eventual disputante do pleito eleitoral democrático, atropelado pelo pretendente a ditador Getúlio Vargas. Escreveu, então, à ocasião:

Obra amplamente documentada, elaborada com amor por um homem que observa e que pensa, e por isso conhece admiravelmente a sua terra e a sua gente, *A Paraíba e seus problemas* constitui o primeiro estudo sólido, de conjunto, sobre a estrutura física e cultural desta região do Brasil, ainda tão mal conhecida cientificamente. Ademais, por suas diretrizes científicas, pelos processos de indagação utilizados e pelas tentativas de interpretação de certos fenômenos nitidamente regionais, este livro veio abrir horizontes novos à Geografia Humana entre nós, inaugurando o método profícuo dos estudos monográficos, tão de gosto de geógrafos da envergadura de um Jean Brunhes, de um Pierre Deffontaines.

O FRÁGIL GUARDA-COSTAS DE JOÃO PESSOA

Com um pedido de desculpas pelo abuso das citações de gigantes das ciências sociais e da crítica literária, sente-se este articulista nutrido o suficiente para apresentar a seu paciente leitor que essas frases consagradas, e não apenas gentis, devem conduzir, nessa leitura impregnada de ousadia, a caminhos ásperos que nos levam a novos destinos. *A Bagaceira*, romance merecedor da recepção entusiástica do grande Tristão de Athayde, saiu do prelo em 28 de fevereiro de 1928. Recebida com entusiasmo por críticos consagrados, a obra obteve tal repercussão que pode ser apontada como o primeiro motivo do esquecimento a que depois seria relegado o tratado ora centenário. A tentativa de enquadrá-la em escola literária como “neorrealista” foi superada pela classificação de “regionalista”. Uma particularidade, a data da publicação, contudo, logo lançou a moda crítica do pioneirismo, ou seja, o deslocamento imerecido de texto de ficção de altíssimos méritos para o território pantanoso da “efeméride”. Proposital ou não, esse deslocamento tirou o foco da obra-mestra para destacá-la pela data do lançamento. Talvez o fato de o autor ser profícuo tenha ajudado a injustiçá-lo dessa forma. E, quanto ao uso e abuso da definição, não a limito apenas ao labor literário ou mesmo à faina intelectual.

O tempo exigido de Jacó para conviver com a amada bela serrana Raquel separou José Américo do lançamento deste tratado de estreia: de 1923 a 1930. E, dois anos depois da consagração do romancista, este teve interrompida sua trajetória de ficcionista pela participação na Revolução de 1930 na condição de secretário e homem de confiança de João Pessoa, que, assassinado por uma rixa provinciana, foi derrotado na eleição presidencial que disputou como vice de Getúlio Vargas, tornando-se uma espécie de cadáver de herói itinerante, que permitiu o sucesso da derrubada da República Velha e a retirada de cena do ocupante da xícara do café com leite, um paulista nascido em Macaé, no estado do Rio, Washington Luís Pereira de Souza.

As trapaças da história levaram o areense a substituir seu chefe indiscutível, João Pessoa, em cargos de poder regionais e federais que, na certa, lhe seriam destinados. Os tiros com que o advogado João Dantas

abateu o parceiro da chapa de Getúlio na Confeitaria e Café Glória, no Recife, conduziram o antigo lugar-tenente à chefia revolucionária no estado.

No alpendre de seu casarão, onde hoje funciona a fundação que leva seu nome, na paradisíaca praia de Cabo Branco, *O Homem de Areia*, como o consagrou o cineasta conterrâneo Vladimir Carvalho num documentário espetacular, gostava de contar causos chistosos de sua relação com o chefe, líder e amigo. Brilhante *causeur*, com seu tique característico de engolir os erres dos infinitivos verbais, o “doutô”, como o chamava Lurdinha Luna, sua secretária fiel, divertia os interlocutores contando que foi até segurança do então presidente da província na visita que este fez a seu maior inimigo político, o coronel Zé Pereira, de Princesa Isabel.

Eu, quase cego, desarmado e inepto para qualquer desforço físico, passei a noite inteira sentado numa cadeira de palha, à porta do quarto do chefe, para impedir um eventual atentado contra o chefe do Executivo Estadual numa casa apinhada de capangas armados até os dentes.

E comandava a gargalhada geral.

EPITÁCIO PESSOA E A AÇUDAGEM CONTRA A SECA

O nada temível guarda-costas já era, então, o autor da maior defesa que o presidente Epitácio, tio e patrono de João Pessoa, obteve de sua célebre política da açudagem (construção de açudes na política de obras contra as secas).

Presidente da República por acaso, justamente na celebração do centenário da Independência, o chefe político paraibano, magistrado de carreira, servia na Corte de Haia quando foi chamado às pressas para voltar ao Brasil para resolver uma questão ainda mais intrincada do que a incapacidade do guarda-costas do sobrinho na casa do coronel inimigo. Reeleito presidente da República, o paulista Rodrigues Alves morrera subitamente e foi substituído pelo vice mineiro, Delfim Moreira; com evidentes sinais de debilidade mental, este fora substituído

informalmente pelo ministro também mineiro Virgílio de Mello Franco, pai de Affonso Arinos de Mello Franco, que conviveria anos depois com o paraibano na Academia Brasileira de Letras (ABL) e contaria tudo em seu livraço de memórias *A Alma do Tempo*.

Eleito e empossado, Epitácio Pessoa, um grande intelectual como os dois acima citados, fez um governo que mereceu, em *A Paraíba e seus problemas*, aqui comentado, a definição de Redenção, denominação do palácio do governo paraibano, onde nasceu Ariano Suassuna, filho do maior inimigo dos Pessoa, o também João dessas cenas trágicas. Em tempo hábil voltaremos a essa particularidade desse livro, para não levar o leitor a perder-se no novelo e perder a vontade de continuar a leitura.

Agora é hora de prosseguir na saga, não da redenção do sertão seco, mas da desgraça generalizada de um semiárido fustigado pelo sol e pelo coronelismo. Animado pelos textos de Jackson de Figueiredo, Josué de Castro e José Honório Rodrigues, cheguei ao momento de situar *A Paraíba e seus problemas* no seu devido lugar nas estantes de destaque, nesta oportunidade que lhe dá o centenário da publicação, e de demonstrar a variadíssima trajetória de comando político no estado e no país. Aliás, não é mais possível continuar limitando a ficção de José Américo a uma efeméride e seu profundo estudo sobre o desvelo e a redenção do sertão a um dado de uma biografia destacada na gestão política. Quando seu estudo foi editado no longínquo rincão natal, o Brasil já se encontrava encantado, com toda a justiça, por outra obra, mais gigantesca ainda, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, que narrou e denunciou o massacre de egressos do semiárido seguindo o cajado do cearense Antônio Conselheiro no interior seco da Bahia de Todos os Santos, mas também de muitos demônios.

Militar republicano, o genial fluminense de Cantagalo, que se consagrou como repórter de um jornal paulistano, *O Estado de S. Paulo*, cobrindo a tragédia dos pobres desvalidos numa República sedenta de sangue monarquista, escreveu uma obra-prima inquestionável e que jamais seria diminuída por um leitor fanático de seu texto fantástico. Nem mesmo o injusto esquecimento do clássico de José Américo poderia justificar isso. Não obstante, o fato de não estar à altura, como literatura e interesse nacional, do clássico em questão, publicado 21 anos antes,

tempo suficiente para o amadurecimento até para imberbes, *A Paraíba e seus problemas* não entra aqui em comparação com esse marco até hoje inalcançado em língua de Camões, mas também não pode fenecer a sua sombra.

Não há sinais de que o autor do livro aqui citado tenha sequer lido, embora não haja indícios de que não o tenha feito. Pois há judiciosa e farta citação de Euclides no volumoso ensaio, só que de outro livro, também relevante, mas não tanto quanto o relato de Canudos. Não pode ter sido por inveja ou submissão, pois, afinal, *Contrastes e Confrontos*, outra obra de altíssimo valor de Euclides, ofereceu muitas citações a este livro. Publicado cinco anos depois de *Os Sertões*, e 16 antes de vir a lume o clássico paraibano, a presença testemunha o conhecimento e o respeito do segundo pelo primeiro.

O SERTÃO RUMOU PARA O BREJO

Essa afirmação animou este resenhista a lembrar que basta dar a este livro centenário o mérito que ele deveria ter pelo simples fato de ter como tema o sertão – e não os sertões, cenário da genial epopeia euclidiana. Embora já tenha merecido cada milímetro do quilométrico mérito literário de sua prosa, o primeiro ainda tem muito a revelar sobre o absurdo dos militares republicanos, que cometeram genocídio óbvio contra flagelados foragidos da seca, da miséria e da fome consequente, atirando-se nos braços de um beato, figura muito presente em todos os sertões.

E aproveito o uso do plural no título do relato de Euclides para relatar algumas distinções entre uma tragédia e outra. Os retirantes do beato Antônio Vicente Maciel deslocaram-se e se instalaram não no sertão de onde vieram, mas nos sertões para onde se destinaram. A Paraíba dista muito da Bahia, onde Glauber Rocha filmou *Deus e o Diabo na Terra do Sol*. Muito menos distante é a zona da mata dentro do mínimo estado da Paraíba, para onde emigrou a família de Soledade, protagonista de *A Bagaceira* e, posteriormente, nome da cidade que, mesmo escolhida para sediar um açude resultante do projeto de açudagem, passou a receber

água fornecida por um trem, porque o reservatório secou e se tornou um depósito de cloreto de sódio.

Euclides, de Cantagalo, e José Américo, de Areia, não são sertanejos. O primeiro nasceu no Sudeste e a Bahia já foi Leste, mas se incorporou à Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), instrumento criado pelo governo federal para regularizar o regime das águas do maior semiárido do mundo. José Américo de Almeida é de Areia, ou melhor, Brejo de Areia, pródiga em engenhos onde se produz cachaça de qualidade renomada e instalados em belas paisagens úmidas e verdes, inexistentes no sertão. Ambos desembarcaram nos torrões dos rios sem água (no caso do causídico paraibano, o Rio do Peixe – em cujas margens nasci –, citado com frequência no relatório do “brejeiro”) em deveres de ofício. O soldado, engenheiro e gênio da literatura Euclides, como relatam suas biografias, viajou com frequência para a Amazônia, sobre a qual escreveu também, como sempre, para lá de muito bem, e se consagrou nos sertões baianos, cumprindo tarefa de repórter de um grande jornal do Sudeste.

José Américo, como ele mesmo narrou no livro aqui republicado e homenageado, foi promotor em Sousa, urbe que, mesmo plantada em pleno semiárido, foi beneficiada pela açudagem de Epitácio Pessoa, com Pilões, São Gonçalo e, ali perto, Coremas e Mãe d’Água.

Agora, com a anunciada transposição do Rio São Francisco, fala-se muito na possibilidade de implantar projetos de irrigação nas “Várzeas de Sousa”. José Américo trata da necessidade dos açudes, da ferrovia abandonada, como o sertão todo, e das estradas de rodagem, construídas desde Epitácio, para empregar sertanejos atingidos pelo sol implacável. Conheceu Sousa, como narra no presente livro, ocupando a promotoria pública na chamada “Cidade Sorriso”. Na era pré-Epitácio, a viagem penosa, de mais de 300 quilômetros, era feita em lombo de cavalo, como ele lembra em prosas íntimas no alpendre de sua casa na praia. E também num discurso na Assembleia Legislativa de seu estado natal, quando proclamou: “Em duas secas, penetrei pelos sertões debaixo de um céu mortal que sacrificava a própria natureza. Em vez de dar esmola de longe, levei o pão à boca dos famintos”.

Registrou, por exemplo, notícia trágica e chocante publicada no peiriódico O Publicador:

A 27 de março próximo findo a retirante Dyonísia dos Anjos encontrou na casa de mercado da cidade de Pombal a menor Maria de 5 anos de idade, levou-a com o maior carinho para sua casa, próxima ao cemitério; ahi chegando, decapitou a mesma menor, enterrou a cabeça e comeu a carne do corpo de sua victima. Presa, Dyonísia confessou este horroroso crime. Está sendo processada pelas autoridades daquela cidade.

O choque e o nojo da cena entraram neste relato como uma das diferenças capitais entre a experiência que levou José Américo de Almeida a escrever o relato sobre a tragédia da seca no maior semiárido do mundo, por ele testemunhado ou lido, e o massacre também horrendo dos miseráveis sertanejos pelo Exército brasileiro, denunciado por Euclides nos sertões do interior baiano.

Este flagrou o morticínio de sertanejos miseráveis por um bando fardado, mas desorganizado, de soldados incompetentes, cujos comandantes covardes, cruéis e ineptos traíram o imperador e inauguraram uma sequência absurda de ditaduras forjadas a golpes, praticando barbaridades numa república indigna da própria denominação. José Américo chorou em sua belíssima prosa, anunciada sobre cadáveres de bebês de retirantes famintos, a cujos assassinos não restava opção para matar a própria fome.

Com o abandono das linhas férreas e a adoção de rodovias sem asfalto, o retirante evitou o infanticídio escapando para o Acre, o Rio, São Paulo e, depois, para o agronegócio da Bahia e do Centro-Oeste. O infanticídio parece um detalhe grotesco a quem não compreende a tragédia da fome, como Josué de Castro entendia – e sabia que Rachel de Queiroz, José Américo, Euclides e Rodolfo Teófilo também tiveram a capacidade de criar uma bela e forte literatura.

O CHAMADO CICLO REGIONALISTA DO NORDESTE

Meu amigo Antônio Torres, sertanejo como eu e baiano como Jorge Amado, me contou, certa vez, que o autor de *Gabriela, Cravo e Canela* considerava José Américo o pai dos grandes romancistas de uma geração magnífica como a dele próprio. Com todo o devido respeito ao autor de A

Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água, sua mais brilhante novela, e ao de *Querida Cidade*, obra-prima de Seu Tonho do Junco, o grapiúna nosso rei é exatamente o melhor exemplo de que não existe uma literatura regional monofásica, como se pretende por aí. Itabuna e Ilhéus estão bem longe do maior semiárido do mundo; e sua mais cativante deusa, tornada sucesso imenso na TV na novela que Walter Durst fez para a Globo do Boni, era retirante, mas seu cenário era o bar de seu Nacib, e não a companhia da cachorra Baleia, da magistral criação do alagoano Graciliano Ramos. O ex-prefeito de Palmeira dos Índios, Alagoas, produziu algumas obras-primas bem distantes da caatinga, esta também longínqua. *Angústia*, *Insônia e São Bernardo*, sem falar em *Memórias do Cárcere*, que nem tem como entrar no argumento. É, pois é. Mas, e *Vidas Secas*? Não dá para entender por que o autor dessa obra visceral, publicada em 1938, não foi incluído na dedicatória do genial geógrafo pernambucano. Meus amigos, meus inimigos, a novela do sertanejo das Alagoas é a clássica, ou melhor, bíblica, versão de um capítulo do Livro Sagrado, o “Êxodo”. Muito mais do que o *best-seller* do gringo Leon Uris, ou ainda a superprodução cinematográfica de Otto Preminger, o livro do velho Graça tem parentesco mesmo é com *José e Seus Irmãos*, do alemão Thomas Mann, apesar da enorme diferença do número de páginas impressas.

E, aí, lá vem o intruso velho de guerra para colocar José Américo de volta nessa prosa. *A Bagaceira* não se tornou uma saga da seca porque a mocinha é retirante, nem um romance regional por acontecer no brejo úmido da monocultura açucareira, a léguas do sertão paraibano. É, sim. Como no caso específico da obra-prima de Graça, que Nelson Pereira dos Santos adaptou genialmente para o Cinema Novo, sua linhagem é bíblica e, como no caso de *Gabriela*, especificamente do êxodo, ora bolas! E daí?, perguntará o leitor enfadado. Sinceramente, não sei.

Mas me incomoda muito o fato de minha amadíssima amiga e genial autora da coluna *Última Página* da revista *O Cruzeiro*, que este menino míope lia desbragadamente ao sol escaldante do sertão do Rio do Peixe, ser incluída em literatura regional. Recentemente, ainda relendo *A Paraíba e seus problemas*, vi reportagem na TV sobre seca na Palestina. O *Quinze* é literatura de que região específica? Sobral ou Índia? Cochinchina ou Califórnia? Ora, ora, ora...

Outra lembrança me veio à mente em relação a outro conterrâneo da Paraíba, meu xará José Lins do Rego, genro do senador Massa. Fala-se no moço de Pilar e logo se pensa que o assunto é *Menino de Engenho*, adaptado para o cinema por Walter Lima Júnior também de forma genial. No entanto, peço vênia para declarar solenemente que o grande livro dele é *Fogo Morto*. O seleiro José Amaro, colega de ofício de seu Tonheiro, pai de Luiza Erundina, uiraunense e ex-prefeita de São Paulo, a três mil quilômetros uma da outra, é tragédia grega até os ossos. Agora me ocorre a lembrança de Raduan Nassar, que foi meu chefe no *Jornal de Bairro*. *Lavoura Arcaica* é regionalista de onde? Pindorama, onde ele nasceu, o faz candidato a líder do regionalismo caipira paulista ou do memorialismo tupi-guarani? Ora, essa não! Nassar, gênio da literatura dedicado à agricultura e à política, é da região de Ismail Kadaré, autor de *Abril Despedaçado*, é do ciclo literário dele, a Albânia, na Europa Oriental. Tanto é que o filme foi exibido no Brasil na luxuosa companhia do documentário *Bolandeira*, de Vladimir Carvalho, paraibano de Itabaiana, terra do maestro Severino, vulgo Sivuca. E sabe de quem mais? Do romeno Panaït Istrati, autor de *Kira Kiralina*, escrito em francês e que encantou Romain Rolland.

O PIONEIRO DE UM ROMANCE SÓ?

Uma das consequências da fortuna crítica do romance saudado no Rio por Alceu Amoroso Lima na sua estreia, há 94 anos, é a dúvida sobre sua condição de primícia. O *Cabeleira*, do cearense Franklin Távora, abordou cangaço e regionalismo *avant la lettre* em 1876, 52 anos antes. Li-o no Instituto Redentorista Santos Anjos, em Campina Grande, aí pelos anos 1960, e isso era debatido.

Pouco antes desse texto, tomei conhecimento de outra dúvida a respeito da condição de primeiro romance regional ainda no século 19, em 1882, quando do lançamento de *Além do Ipiranga – a extraordinária vida de Pedro Américo e suas incríveis facetas*, pelo presidente da Academia de Letras de Campina Grande – na qual ocupo a cadeira número 23, cujo patrono é Assis Chateaubriand e o fundador, Epitácio Soares, chegou a ser meu colega na redação do Diário da Borborema, da rede associada

–, Thélío Queiroz Farias, uma semana antes da reabertura do Museu do Ipiranga para a comemoração do bicentenário da Independência do Brasil por Dom Pedro I. Na apresentação do livro pelo autor, foram feitas duas revelações que podem nos remeter ao tema deste texto. A primeira delas é que os pais do autor do livro que aqui comentamos, Josepha Leopoldina e Ignácio Augusto de Almeida, escolheram o nome do filho em homenagem ao pintor de *Independência ou Morte*, Pedro Américo de Figueiredo e Melo, que, por uma dessas coincidências notáveis da vida de grandes homens, veio à luz em 1843, numa rua então conhecida como do Sertão na mesma cidade de Areia onde, em 1887, portanto, 44 anos depois, só que no engenho Olho d'Água, de propriedade dos pais, nasceria nosso tema.

Em 1882, portanto, cinco anos antes do nascimento de José, fora publicado em Florença, na Toscana, Itália, o romance do Pedro intitulado *O Holocausto*, tendo o protagonista o nome de Agavino, uma referência ao agave, uma das riquezas vegetais do contraforte do Planalto da Borborema. O pernambucano Joaquim Nabuco, fundador da Academia Brasileira de Letras junto com Machado de Assis, não deixou passar em branco o lançamento no outro lado do Atlântico e do Mediterrâneo. Escreveu, à época: “Louvo o notável livro sobre alguns de seus aspectos, dando-lhe o valor de um documento histórico a favor da abolição da escravatura e de um incentivo para o progresso de nossa pátria”. No entanto, nem o aval do grande brasileiro, autor de *Um Estadista do Império*, em três tomos, e *Minha Formação*, alavancou a fortuna crítica do livro, que logo caiu no esquecimento. Mas, ainda assim, depois seria incluído no rol de candidatos a concorrentes de *A Bagaceira* na condição de primeira obra do chamado regionalismo nordestino, antes mesmo de seu título bombástico tornar-se o assunto central do século 20, denominando a crueldade nazista na perseguição aos judeus.

OUTROS ROMANCES DE JOSÉ AMÉRICO

Outra consequência funesta para a justa inclusão de *A Bagaceira* entre os grandes romances brasileiros de todos os tempos, tendo havido ou não o tal ciclo regionalista, é que essa efeméride isolou seu autor

praticamente na condição de escritor de um romance só, o que é uma tremenda injustiça.

Há na ficção americista outros grandes exemplos de marcos seminais. Sem medo de errar, cito, por exemplo, *Boqueirão*, lançado sem estardalhaço nem segunda edição em 1935, mas com a ressurreição patrocinada pelo professor de Literatura da Universidade Federal da Paraíba Juarez da Gama Batista, que o resgatou antes que sua fama ruísse sob o silêncio da indiferença no prefácio da 2ª edição, que se tornou antológico. Nele o mestre falou em *Força da Profecia* para escrever:

Diante desse romance curto, forte e inteiriço que o Sr. José Américo de Almeida escreveu há mais de 30 anos e logo caiu no esquecimento, o leito que for desencavá-lo no seu ostracismo de primeira e única edição deixa-se estremecer por um espanto: eis um grande livro perdido de si, estranho como uma coisa desencontrada de seu destino; eis um livro de hoje, um drama de nosso tempo.

Isso ele registrou no livro *Sinfonia Pastoral do Nordeste*, em plenos rebeldes anos 60. No mesmo ano de 1935, José Américo publicou *Coiteiros*, sua contribuição à literatura do cangaço, iniciada por Franklin Távora e também depois praticada por José Lins do Rego em *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953) com qualidade estilística suficiente para escaparem do estigma regionalista.

JOSÉ AMÉRICO, PIONEIRO DO MODERNISMO

Meu nariz torcido para essa tentativa de inventar um romance regionalista nordestino pelos paulistas para evitar a inclusão de escritores do tamanho de José Américo, José Lins, Rachel de Queiroz, Jorge Amado e Graciliano Ramos, todos estrelas de primeira grandeza da literatura brasileira, num timaço estrelado por Mário e Oswald de Andrade, e não apenas nordestina, acabou de receber nova e surpreendente contribuição.

No dia em que terminei esta peroração, meu amigo Paulo Mello, assistente de direção de Walter Lima Júnior em *Menino de Engenho* e remanescente do cineclubismo paraibano, no qual se inscreve este escriba sertanejo metido a sebo, mandou-me trecho valioso de autoria de seu colega na assessoria do sábio Lynaldo Cavalcanti, educador de primeira água e ex-reitor da Universidade Federal da Paraíba, que o areiense fundou.

Outro assessor de Lynaldo, José Pereira Ramos, escreveu a respeito do humor na obra de José Américo, ao qual o marido de Mariza Mello, neta do maior cordelista paraibano, Leandro Gomes de Barros, favoreceu esta linha de raciocínio, me presenteando com um mimo inestimável.

Há uma espécie de humor na primeira novela de José Américo que não se reproduz no seu romance (*A Bagaceira*). É um humor circunstancial, humor de crise, revolucionário, reformista. É o humor que agitou o Brasil literário de 1922. Humor de protesto, de sarcasmo, de demolição, de luta aberta contra o passadismo literário, contra românticos e parnasianos. Humor dos iconoclastas que organizaram, entre polêmicas, panfletos e manifestos, a Semana de Arte Moderna de São Paulo. E não é simples coincidência: os mesmos “bodes expiatórios” do modernismo delirante aparecem sentados em cadeira de réu no texto de *Reflexões de uma cabra*.

Perfiro-me ao lado de José Pereira Ramos, quando também escreveu, logo no parágrafo seguinte:

Há um anacronismo que precisa ser urgentemente corrigido na história literária do Brasil. José Américo não é apenas o precursor do romance nordestino: é também pioneiro do próprio modernismo literário e artístico brasileiro.

Quando Mário de Andrade lançava, em São Paulo, seu poema-protesto, de escárnio aos medalhões, José Américo, na Paraíba, em meio aos seus libelos acusatórios de promotor de justiça, elaborava sua novela-protesto, que ele próprio definiu como caricatura dos processos de ficção então vigentes no Brasil.

GILBERTO FREYRE NA CIRANDA DE LIA

Casa-Grande & Senzala, de Gilberto Freyre, também tem todos os méritos para entrar nessa discussão sobre regionalismo *versus* federalismo. Pois, publicado em 1933, apresenta a importância da casa-grande na formação sociocultural brasileira, assim como a da senzala na complementação da primeira. E, como este livre atirador não é de resumir a munição da garrucha a um tirambaço, gostaria de propor ao leitor amigo (só um amigo poderia ter tanto fôlego para não parar de ler esta diatribe) que perei o ponto final depois de dizer que, se houvesse um pódio das ciências sociais brasileiras para o século dito das luzes, embora tenha sido o da mortífera fissão atômica, ele teria Euclides de Cantagalo, José Américo de Areia e Gilberto Freyre de Apipucos. O autor do monumental e também desprezado pelos narizes empinados da Pauliceia Desvairada (com seu manifesto *Ode ao Burguês*, de Mário, “Eu insulto o burguês!/ O burguês-níquel,/ o burguês-burguês!”), também de 1922) *Casa-Grande & Senzala*, editado em 1933, portanto, dez anos depois de *A Paraíba e seus problemas*, tem todos os méritos para frequentar este patamar. Amém!

UM LIVRO DO NORDESTE AO BANDITISMO SOCIAL¹

José Octávio de Arruda Mello²

O que conceptualmente singulariza *A Paraíba e seus problemas* (1ª ed., 1923; 5ª ed., 2023) é a feição regional, o autor não se voltou exclusivamente para a Paraíba. Antes, e dentro de concepção mais ampla do fenômeno das secas, inseriu-a no contexto do semiárido, abrangendo outros estados da região: Rio Grande do Norte, Ceará (principalmente), Piauí, Pernambuco e Bahia, esta em face da inspiração euclidiana de *Os Sertões*.

Antenado como o era, José Américo de Almeida compreendia que a Paraíba não se isolava, fazendo-se mister compreendê-la no conjunto da região. Esta, pela década de vinte do século passado, encontrava-se em definição, como expressão não geográfica, mas cultural, o que significava realidade mais sociológica que física.

Nesse sentido, a evolução das ciências sociais brasileiras, própria dos anos vinte, rompia com a velha dicotomia Norte-Sul do Brasil. Tanto que, em 1928, preparando prefácio para a 2ª edição de seu *Cancionei-*

1 Estudo preparado para a 5ª edição de *A Paraíba e seus problemas*, alusivo aos 100 anos desse livro, em 2023.

2 Historiador de ofício, com doutorado pela USP e pós-doutorado pelo IEB/USP. Integrante dos IHGB, IHGP, APL, API e Centro Internacional Celso Furtado. Professor aposentado das UFPB, UEPB e UNIPÊ, como autor de *A Revolução Estatizada – um estudo sobre a formação do centralismo em 30* (3ª ed., 2014), *Nova História da Paraíba – das origens aos tempos atuais* (2019) e *A Arapuan e o Rádio Paraibano – uma biografia dual* (2020).

ro do Norte, que, sendo de 1913, repisava a velha fórmula, o folclorista Rodrigues de Carvalho não hesitou em recorrer à expressão *Nordeste*.

Temos, pois, em *A Paraíba e seus problemas*, criação não paroquial, mas regional, isto é, nordestina e a serviço da interpretação desta, como consumada expressão da década de vinte. Como se chegou a isso?

1.1 FORMAÇÃO E CONCEITO DE NORDESTE

Prenunciado por pensadores como Arthur Orlando e Manuel Bonfim, o conceito de Nordeste, modernamente retomado por Vamireh Chacon, com a ansa tropical do porto do Recife, torna-se produto de duas vertentes: processo histórico e obras contra as secas, ambos remetendo aos anos vinte.

Se o primeiro associa-se a cientistas sociais, entre os quais José Américo, as segundas remontam aos que, instrumentalizando as obras contra as secas, forcejavam em apreender as características do Nordeste. Eram eles, Horace Williams, em geologia; Albert Löfgren e Lützelburg, em botânica; Delgado de Carvalho, em climatologia; Roderic Crandall e Horatio L. Small, em regime de águas; e Albérico Diniz, em piscicultura.

Essa a razão por que um dos primeiros a compreender o advento da região nordestina foi um engenheiro das secas – Arrojado Lisboa! –, que, em conferência de 1913, assim se pronunciou:

[...] Só agora verdadeiramente começamos a despertar de nosso letarga, começamos a ter consciência de que não habitamos uma terra, mas terras diferentes, de difíceis comunicações entre si, que estão a afeiçoar-nos, diferentemente, em seus moldes. [...] A Amazônia húmida, a caatinga seca, a mata amena com os campos temperados do sul, são regiões distintas que, dentre em breve, se não amoldarão mais como até aqui ao inflexível critério político-geográfico que vimos adotando.

Na sequência da tomada de consciência do Nordeste, figura que não pode deixar de ser considerada é o presidente da República, Epitácio

Pessoa, a quem, como “Homem do Norte”(?), *A Paraíba e seus problemas* é dedicado.

Aqui são suas mensagens presidenciais que mais interessam. Tendo se empenhado em “trabalhos preparatórios”, isto é, coleta de dados sobre a natureza da região, em distribuição e intensidade das chuvas, regime das correntes de água, natureza geológica dos terrenos, condições econômicas e levantamento geral topográfico, Epitácio compreendeu o que isso significava: o usufruto, pelos estados do Nordeste, das melhores cartas geográficas do gênero.

1.2 DE AGAMENON A GILBERTO FREYRE

Em termos geoantropológicos e sociológicos, a década de vinte assistiu à emergência de dois estudiosos pernambucanos, inseparáveis do conceito de Nordeste: Agamenon Magalhães e Gilberto Freyre.

Para o futuro governador, cuja tese de livre docência *O Nordeste Brasileiro* é de 1922, a região era viável, se favorecida pelo poder público em infraestrutura técnica, social e econômica. Com isso, antecedendo Celso Furtado, deslocou a problemática nordestina para o interior do aparelho de Estado.

Um dos subprodutos desse raciocínio residiu na integração regional de José Américo, assegurada pelo Primeiro Encontro de Salvação do Nordeste, liderado no Recife, pelo então interventor do Estado Novo, em 1940.

Nele, ecoando o São Francisco como “rio da unidade nacional”, de Licínio Cardoso, Magalhães bateu-se pela Comissão de Vale de São Francisco, do qual resultou a CHESF, encarregada de energizar o Nordeste.

Não foi esse o entendimento de Gilberto Freyre.

Imbuído da sociologia de Giddings e, sobretudo, da antropologia de Franz Boas, o chamado sociólogo de Apipucos optou por Nordeste cultural, resultante de “estruturas comuns a cinco ou seis Estados que se vão aproximando nos últimos cem anos”.

Daí resultou o esplêndido Livro do Nordeste, que, organizado como suplemento do *Diário de Pernambuco*, em 1925, reuniu especialistas do

Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas, para abordagem de temas como “Um século de medicina e higiene no Nordeste”, “Cem anos de pecuária e agricultura no Nordeste”, “As secas no Nordeste”, “Vida social no Nordeste”, “O movimento abolicionista no Nordeste”, “Cem anos de vida econômica em Pernambuco”, “Um século de vida *parahybana*”, “Viação férrea do Nordeste”, “A cultura da cana no Nordeste” e “Alagoas no Nordeste”.

Dessa publicação, Freyre avançou para o ensaio *Nordeste* (1937, 59, 64), com abundantes análises da sub-região úmida da cana-de-açúcar. Consciente de que essa constitui apenas um dos dois Nordeste, o sociólogo recomendou ao colega Djacir Menezes que se encarregasse de *O Outro Nordeste* (1937, 70, 95), como o do semiárido da pecuária, do couro e do cangaço – o Nordeste do sertão!

De certa forma, esses dois Nordeste, como filhos de *A Paraíba e seus problemas*, foram fundidos com intenções reformistas por Francisco de Oliveira em *Elegia para uma Re(li)gião* (2ª ed., 1977). Nele, os técnicos José Augusto Trindade e Guimarães Duque foram utilizados para calçar as reorientações da SUDENE quase 50 anos depois da concepção americista.

1.3 NOS DESDOBRAMENTOS DE UMA AUTORIA

Consortiado com o Nordeste, *A Paraíba e seus problemas* avançou com o tempo.

Utilizado como plano para as obras contra as secas, serviu à Paraíba logo após a Revolução de 30, quando os interventores José Américo e Antenor Navarro sistematizaram a problemática paraibana, na coletânea *Problemas e Necessidades da Paraíba* (1931).

Levantado por especialistas em comércio e viação, indústria algodoeira, açucareira e de óleos vegetais, crédito, açudagem, ensino, navegação, organização hospitalar e assistência social, o inquérito ressuma a *A Paraíba e seus problemas*, sendo verdadeiramente este em ponto menor.

Tal o destino social da monografia. Individualmente, sua finalidade consistiu em roteirizar a obra de José Américo, nela embutida. Isso porque toda criação americista acha-se esboçada em *A Paraíba e seus problemas*.

Em *A Bagaceira* (1928), o que dele provém é a dualidade entre retirantes do sertão e senhores de engenho do brejo, onde Lúcio representa a modernização do capitalismo e Dagoberto Marçal, o velho patriarcalismo. O tema abre espaço para *O Boqueirão* (1935), que, além de situar a suspensão das obras contra as secas, por Artur Bernardes, focaliza o choque de culturas entre aquelas regiões. Sendo que, em todas as construções, Américo, brejeiro, toma o partido do sertão. Neste, desponta o cangaço de *Coiteiros* (1935).

Quando, em face da Revolução de 30, o autor ocupou o Ministério da Viação do Governo Provisório, seus relatórios assumiram a forma de livros – *O Ministério da Viação no Governo Provisório* (1933) e *O Ciclo Revolucionário do Ministério da Viação* (1934). Esses não são senão a aplicação de *A Paraíba e seus problemas*, sendo este a teoria e aquelas a prática, máxime no campo das comunicações.

Não admira, assim, que José Américo se tornasse conhecido como o homem da seca. Em sintonia com esse qualificativo, quando, ministro do governo Constitucional de Vargas, foi convocado pela Câmara dos Deputados, a discussão com a oposição versou sobre aquele flagelo.

Disso resultou o ensaio *As Secas do Nordeste* (1953), que assinala transição da pragmática americista da grande açudagem de *A Paraíba e seus problemas* para os pequenos reservatórios desses debates.

Outrossim, dir-se-á que a subordinação americista a seu primeiro grande livro é tão manifesta que terminou por irrigar as memórias, *O Ano do Négo* (1968) e *Antes Que Me Esqueça* (1976). Se o primeiro retoma, no conflito de Princesa, a competição entre litoral e sertão, *Antes Que Me Esqueça* sintetiza os valiosos traços histórico-sociais da monografia de 1923.

1.4 O LIVRO DE UM IDEÓLOGO

De onde provem esse caráter germinativo de *A Paraíba e seus problemas*?

Provavelmente da feição euclidiana, presente na implícita estrutura do livro – *A Terra, O Homem, A Luta* – e naquele *ignota* da abertura do livro, recobrando a terra paraibana.

De fato, desde o aparecimento em 1902, *Os Sertões*, com seu estilo algo rebuscado, impusera certo romantismo sertanista, sequenciado, consoante Pedro Calmon, por autores como Alberto Rangel, Gustavo Barroso, Roquette Pinto, Afrânio Peixoto e Domingos Olímpio, quase todos presentes em *A Paraíba e seus problemas*.

Ao agregar-se a essa corrente, José Américo não só produziu criação sertanista, tocada pelas obras contra as secas, basicamente localizadas no sertão, como a subordinou ao efeito multiplicador de Euclides da Cunha, o qual terminou por se comunicar a toda sua obra.

Esta, algo ciclópica, refletiu outra inspiração menos ostensiva, mas nem por isso menos visível que foi a de Alberto Torres. Isso porque a noção de problemas, inerente a *A Paraíba e seus problemas* não deixa de evocar *O Problema Nacional Brasileiro* (1914) do publicista fluminense. Nessa perspectiva, a história não deve representar ornamento, mas questões cujo equacionamento se destina a servir à coletividade.

Essa empostação torreana reponta nitidamente no grande livro de José Américo em que alguns capítulos se ocupam dos desafios da Paraíba da época, a saber, “O problema das distâncias”, “Política hidráulica”, “O porto” e “O saneamento”.

Temos, pois, em *A Paraíba e seus problemas*, as marcadas influências de Euclides da Cunha e Alberto Torres. Ora, como esses já foram qualificados como ideólogos social e político da República, não ficaria mal estender o conceito a José Américo, como pensador das secas e ideólogo do Nordeste.

1.5 SOCIAL-DEMOCRACIA E HISTORIOGRAFIA

Reconhecer o autor de *A Paraíba e seus problemas* como pensador significa inseri-lo na caudal ideológica da década de vinte, em que avultavam a direita, a esquerda e o centro liberal-conservador.

Com *A Paraíba e seus problemas*, José Américo não ocupou, porém, nenhuma dessas faixas, em razão de inclinação pela social-democracia com que afinavam as obras contra as secas, identificadas com a *Tennessee Valley Authority do New Deal* de Franklin Roosevelt, nos Estados Unidos. Em Américo, aliás, a centro-esquerda social democrata constituirá a tônica da campanha presidencial de 1937, de discursos reunidos na coletânea *A Palavra e o Tempo* (1965).

Isso posto, ressaltemos em *A Paraíba* seu caráter historiográfico, visto principiar pelos autores que asseguram visão da terra até então desconhecida (ignota).

A lista começa pelo general governador Beaurepaire Rohan, mas, como sua *Corografia da Província da Paraíba do Norte* só veio a lume em 1911, os principais créditos reservam-se a Irineu Joffily, cujas Notas sobre a *Parahyba*, publicadas em 1892, “[...] representam uma obra de experiência e, sobretudo, de surpreendente intuição de nossa natureza”.

Essa valorização do primeiro Joffily ancora na circunstância de *A Paraíba e seus problemas* constituir obra de geo-história, visto que, como na linha das *Notas*, fundiu geografia e história sem descaracterização de nenhuma delas.

Tanto José Américo assim procedeu que os outros luminares referidos por *A Paraíba* filiaram-se a essa orientação, como Coriolano de Medeiros com *Dicionário Corográfico*, e ainda João Lyra com *A Parahyba*, José Coelho com *Esborço de Corografia*, o engenheiro Retumba, que acompanhara Joffily em *A Gazeta do Sertão*, e o historiador Tavares Cavalcante, sem esquecer o documentalista Irineu Pinto e as revistas do IHGP.

De fora do estado, a monografia, que lamenta o desconhecimento de Ralph Sopper, utiliza-se do francês Jacques Brunet para os minérios, não olvidando o naturalista Charles Darwin e o pessoal das secas, com Roderic Crandall, Albert Löfgren e Branner.

Com eles Almeida firma o perfil de *A Paraíba e seus problemas*, cuja geo-história recorre à ciência geográfica situada fora do determinismo da época.

1.6 CANGAÇO, BANDITISMO SOCIAL E ESTILÍSTICA

Ponto de destaque em *A Paraíba e seus problemas* é o do cangaço, em que o autor antecipou as teorias do banditismo social do inglês Eric Hobsbawm em *Bandidos* (1964) e *Rebeldes Primitivos* (1971).

Tal o sentido do capítulo “O martírio”, onde o autor perfaz cronologia das secas, mediante o entendimento de que essas não constituem fenômeno climático, de ausência de chuvas, mas perturbação social, desorganizadora da produção.

Datam daí, juntamente com as pestes e elevação do preço das mercadorias, as grandes fomes de 1744/6, 1777, 1793, 1803/4, 1824/5, 1844, 1869, e, principalmente, 1877, a chamada “seca grande” que gerou quadrilhas de bandoleiros e salteadores – os bandidos sociais do cangaço.

Deparando-se com esse quadro, *A Paraíba e seus problemas* revela a pujança do escritor, como se pode perceber às páginas 161 e 206 da 3ª edição, em 1980.

1.7 SECAS, CANIBALISMO E FINANÇAS PÚBLICAS

Segundo José Américo, recorrendo a Irineu Joffily, as primeiras secas desfavoreceram os índios que, em 1692, “foragidos pelas serras, reuniram-se em numerosos grupos e caíram sobre as fazendas das ribeiras, devastando tudo”.

Na sequência do processo, as distorções voltaram-se para os colonizadores, daí porque, em 1721, no relato de Rocha Pitta, “os filhos, genros, escravos e parentes de uma tal Maria de Oliveira, residente a 12 léguas da cidade da Paraíba, organizaram um bando que depredou o interior da capitania”.

Com as secas, tamanha era a patologia que as crianças desaprendiam a andar, voltando a engatinhar. Bandoleiros famosos como Jesuíno Brilhante e Adolfo Meia Noite assim como os bandos errantes dos Calangos e irmãos Viriatos ganharam a literatura. Cadeias foram assaltadas e os ocupantes foragidos.

De acordo com *A Paraíba e seus problemas*, o mais notório bandido social em ação na Paraíba da passagem do século 19 para o 20 foi o cangaceiro Antônio Silvino, que, em agosto de 1904, “chegou a ponto de invadir e saquear a Vila do Pilar onde, por cúmulo da audácia, libertou sete presos sentenciados”.

Da violência também partilhava a polícia, quase tão temida quanto os cangaceiros. A 20 de outubro de 1877, nas proximidades de Areia, contingente miliciano estuprou menor de idade, na frente da mãe.

Na Pombal de 1877, registrou-se caso de canibalismo catalogado pelo cordel. Esse episódio foi também arguido pelo historiador Wilson Seixas, no bem pesquisado *O Velho Arraial de Piranhas (Pombal) – 1962, 2004*.

Apesar dos esforços das Comissões de Socorro que montaram núcleos coloniais e conjugaram os retirantes na construção de estradas, hospitais e obras públicas, as consequências dos estios estenderam-se à capital. Nesta, palhoças, servindo de abrigo, foram erguidas no fundo do palácio presidencial. “E um avultado número perambulava ao desabrigo e dormia ao relento.”

Na visão da monografia americista, as secas também afetavam as finanças públicas, em razão do que, em 1877, ante o atraso de pagamento dos funcionários públicos, estes viram-se reduzidos em cinco por cento. Então “O Estado de São Paulo remeteu R\$ 20.000.000 em benefício dos famintos e o Rio Grande do Sul também acudiu depois com um generoso clonativo”.

1.8 CONCLUSÕES – UM LIVRO DE SUPERAÇÃO

Espécie de breviário da região e não apenas das secas, *A Paraíba e seus problemas* converteu-se em livro de superação. Destinado a considerar a

seca, transcendeu-a, abrangendo a realidade que a envolvia. Ambientado na Paraíba, ultrapassou-a, alcançando o Nordeste, a serviço de cuja interpretação se colocou, em operação típica dos anos vinte.

Em carta que me dirigiu, o historiador José Honório Rodrigues assim se pronunciou sobre a obra:

Trata-se da melhor monografia estadual existente no Brasil, como livro que é um clássico e se situa na melhor tradição da historiografia brasileira, desde o Visconde de São Leopoldo com os *Anais da Província de São Pedro do Rio Grande* e as *Memórias do Distrito Diamantino* de Joaquim Felício dos Santos.

Tantas são as qualidades desse livro combatente, revisionista e promissor que não há exagero na apreciação honoriana.

Outro qualificado mestre da história, o pernambucano José Antônio Gonsalves de Mello, neto, enfatizou a força de historiografia que dispõe do melhor estudo sobre um estado brasileiro – *A Paraíba e seus problemas*, de José Américo – como acerca de um município do país – *Brejo de Areia* (1959,80), de Horácio de Almeida.

Com isso, o livro ora analisado torna-se parcela da rica produção histórica, presentemente considerada pela professora Elza Régis e Grupo José Honório Rodrigues.

“... QUE ME IMPRESSIONEI MAIS... COM A SUA TERRA”

Marcos Formiga¹
UnB/BSB-DF

1 APROXIMAÇÃO

Dois momentos nos aproximaram de *A Paraíba e seus problemas*: no primeiro, visávamos conhecer e dispor de uma bibliografia básica sobre o nosso estado. Iniciamos a pesquisa sobre o pensamento dos propositores do livro: Celso Mariz, Irineu Joffily, Coriolano de Medeiros, José Lins do Rego e José Américo de Almeida.

Ao chegar a Brasília, no final da década de 1970, cedidos pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) ao Ministério da Educação, fomos convidados pelo Departamento de Economia da UnB a ministrar, pela primeira vez, uma disciplina eletiva sobre *Economia do Nordeste*. Interessava estudar a região muito debatida, porém pouco conhecida no Centro-Sul do Brasil, exceto pelos clichês midiáticos sobre secas, flagelados e retirantes. Impressão que predominava plena de equívocos,

1 Manuel Marcos Formiga é graduado e pós-graduado em economia e educação internacional (UFPE e IOE – U. of London). Professor da Universidade de Brasília, é ex-superintendente da SUDENE, ex-secretário de Desenvolvimento do Centro-Oeste e ex-diretor-geral do INEP. Exerceu cargos de direção na CAPES, CNPq e FINEP. É professor *honoris causa* da UFRN e *honorary fellow* do *Institute of Education/London*, Reino Unido.

desconsiderando o diversificado Nordeste, majoritariamente, encravado no semiárido.

Por proceder do chamado Nordeste Oriental, fortalecia-me a percepção da multivariada de suas sub-regiões. A isso somava-se o fato de ter sido aluno dos economistas da UFPE Roberto Cavalcanti, Dirceu Pessoa e Clóvis Cavalcanti, que me orientaram em pesquisas sobre a região, aliado a uma experiência anterior na coordenação do curso de especialização – logo promovido a mestrado em Desenvolvimento Urbano e Regional. A oportunidade nos aproximou dos geógrafos Milton Santos e Manuel Correia de Andrade, adrede a um grupo de geógrafos franceses com formação econômica, todos conhecedores da realidade brasileira, em especial da nordestina. Esse somatório de experiências acadêmico-profissionais contribuiu para a condução da nova disciplina do Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB) e despertou uma geração de estudantes interessados em aprofundar o conhecimento a respeito daquela região.

No segundo momento, em 1985, celebrava-se o Quarto Centenário da Fundação da Paraíba e sua capital, a terceira mais antiga cidade brasileira, Filipeia de Nossa Senhora das Neves, atual João Pessoa. Na ocasião, o governo do estado, com o apoio do Senado Federal, promoveu um seminário comemorativo. Naquele evento realizado no auditório do Senado, aludimos à participação política da Paraíba como único estado do Norte do Brasil a eleger um presidente da República, assunto bem explorado por José Américo de Almeida ao criticar a sua pouca significativa participação nas decisões do país. Na ocasião, enfatizamos a pequenez econômica do estado da Paraíba, com a irrisória participação de meio por cento (0,50%) no Produto Interno Bruto do Brasil. Em 2018, esse indicador continuava muito baixo, apenas 0,87% (IBGE, 2021). Enquanto a cidade de Cubatão-SP, então nos albores da poluição atmosférica industrial no Brasil, sediava um complexo industrial de refinarias de petróleo e derivados e contribuía com 3,0% do PIB brasileiro, equivalente a seis vezes a participação econômica do estado da Paraíba.

2 REALIDADE AMPLIADA

Mariz, Joffly e Américo nos fundavam de razão. O último, antecipatório e futurista, apresenta de forma inédita um ensaio sobre um estado brasileiro há exatamente cem anos. Por pouco, não compartilhou com Celso Mariz o desafio lançado pelo presidente (governador) Sólon de Lucena para marcar a gestão e saudar o paraibano Epitácio Pessoa – presidente do Brasil entre 1919 e 1922. Foi eleito para substituir o presidente Rodrigues Alves (1902-1906), que retornaria à presidência, mas faleceu devido à gripe espanhola. O vice-presidente Delfim Moreira (1918-1919) ocupou a presidência por um ano até a nova escolha, em 1919.

A obra em foco abrange cerca de três séculos e meio, uma vez que a ocupação colonial da capitania data do final do século 16, e somente se completa no final do século seguinte. O horizonte temporal transpõe séculos, mas centra-se no mandato presidencial encurtado de quatro para três anos, exercido pelo ex-senador, ex-ministro da Justiça e do Supremo Tribunal Federal, e embaixador em missão diplomática (chefe da delegação brasileira na Conferência de Paz de Versalhes, pós-Primeira Grande Guerra). Epitácio aceita o apoio político do grupo dominante paulista-mineiro, que se revezava no poder por três décadas. Nem o Norte (como era conhecido o Nordeste), nem o Extremo Norte (Amazônia) jamais haviam disputado uma eleição presidencial desde a Proclamação da República, após a experiência militar inicial da dupla Deodoro da Fonseca (1889-1881) e Floriano Peixoto (1881-1884), na chamada República da Espada. Assim, dois “nortistas”, Epitácio Pessoa e Rui Barbosa, disputaram o cargo máximo da nação. Do ponto de vista de influência política, a eleição de Epitácio Pessoa, em 1919, representou uma continuidade, e não um interregno da hegemonia São Paulo-Minas Gerais, observada no período de 1889 a 1930, designado República das Oligarquias.

José Américo de Almeida, jurista de sólida formação intelectual, com arguto senso de pesquisador, deu tratamento inter e transdisciplinar ao analisar, interpretar e explicar em bases científicas, delimitadas por precárias estatísticas, suas constatações socioeconômicas, quando inexistiam instituições universitárias ou de pesquisas que sustentassem seu

argumento. Superou todos os empecilhos com sua criatividade, erudição e, sobretudo, sendo homem de origem patriarcal, pela sensibilidade social de enxergar-se em sua realidade e nas condições rudimentares de progresso econômico, quando ainda não se usava o termo desenvolvimento para explicar o fenômeno de avanço das condições econômicas e de bem-estar social dos seus habitantes.

Embora atendendo a uma solicitação do presidente do estado da *Parahyba* do Norte, vale assinalar a independência do autor de forma assertiva: “Sem embargo de sua origem, este livro não guarda a discricção oficial, impus, pelo contrário, como condição para a sua feitura, toda a liberdade crítica, toda a autonomia de ideias, sem censura prévia” (ALMEIDA, 1923, p. 40).

A publicação é uma homenagem de reconhecimento ao trabalho de Epitácio Pessoa, que, pela primeira vez na história do Brasil, priorizou obras no Nordeste como plataforma do seu governo, no mandato reduzido a um triênio.

A Paraíba e seus problemas apresenta uma hierarquia de temas definida pelo próprio escritor e um elenco que compõe a monografia. O ator principal não é o personagem homenageado, mas o próprio território geográfico do estado, antiga capitania sob o nome de *Parahyba* do Norte, que passará a província, atravessará o império e permanecerá como estado com a mesma designação por 45 anos após proclamar-se a República.

Reafirmando a hierarquia temática de Américo, ainda no prefácio da 1ª edição, ele alega categoricamente: “O senhor Epitácio Pessoa gostará de ver que me impressionei mais com sua obra, do que com o seu nome, e menos com sua obra, do que com a sua terra” (ALMEIDA, 1923, p. 40).

As oportunas referências encontradas no prefácio da 1ª edição garantiram condições básicas para uma análise eminentemente isenta. Tais passagens relembram talentosos artistas do Renascimento, como Leonardo da Vinci, Michelangelo Buonarroti, Rafael Sanzio e tantos que, ao receberem apoio de mecenas religiosos – papas, nobres ou militares –, nunca submeteram sua criação e liberdade de agir aos caprichos das autoridades. Prevaleceram sempre com criatividade, inovação e ruptura artística dos seus gênios.

Para constatar, sem diminuir a importância de Epitácio Pessoa, valorizado em sua ação administrativa, o ex-presidente aparece no cenário do livro como ator importante, porém secundário. Na ordem estabelecida, primeiro vem a terra de origem; segundo, sua realização presidencial, e terceiro, o personagem. Essa calibragem no protagonismo dosa a forma de o escritor se apropriar do empreendimento científico com amplitude temática diversificada. Com certeza, *Os Sertões* (1901), de Euclides da Cunha, revela-se e o influencia; no entanto, José Américo vai além e se mostra um escritor diferenciado. Euclides parte de sua visão técnica de engenheiro e enriquece-a com sua análise social. José Américo prefere citar com mais frequência *Contrastes e Confrontos* (1907), do mesmo autor, e percorre um caminho inverso. Em sua cultura humanística, prefere solidificar seus argumentos buscando evidências científicas ou práticas testadas, complementando sua capacidade de analista social.

A volumosa bibliografia referenciada em inúmeras notas embasa suas observações de profundo conhecedor de sua terra e sua gente, pelos mais diversos ângulos de domínios: físico, químico, meteorológico, geográfico, histórico, econômico, antropológico e literário; impressionam os exemplos extraídos e citações copiosas aos seus achados e conclusões. Autores internacionais são contextualizados em seus idiomas originais: espanhol, italiano, francês, inglês e alemão, em época de reconhecida escassez de recursos do sistema de informação bibliográfica, e limitada mobilidade de conhecimento científico no Brasil, na Região Nordeste e no estado da Paraíba, respectivamente, em ordem crescente.

Ressalta-se uma questão ainda sem uma resposta clara e definida. A tarefa empreendida seria compartilhada com o historiador Celso Mariz, consagrado no saber e autor de obras bem divulgadas. Os dois chegaram a revisitar o interior do estado, entretanto, por justificativa pessoal, Mariz não veio a participar. A pergunta: teria José Américo preparado uma equipe de colaboradores ou procurado especialistas em assuntos nos quais não se considerasse suficientemente informado? O relato não explica, pois, ao concluir, agradece genericamente aos colaboradores e revela o acesso limitado às informações institucionais. Em outra passagem do livro, o autor acrescenta que a falta (de estatísticas) é suprida pelo exame pessoal da realidade viva. Cita poucos nomes, dentre os quais

João Pessoa, sobrinho do ex-presidente Epitácio Pessoa, ainda pouco conhecido fora da *Parahyba*, onde foi presidente-governador do estado, eleito em 1928 e, posteriormente, candidato a vice-presidente na chapa liderada por Getúlio Vargas, derrotada na última eleição presidencial da República Velha, em março de 1930. Júlio Prestes, novamente com o apoio de São Paulo e Minas, foi o eleito para suceder a Washington Luís (1926-1930). O assassinato de João Pessoa, no Recife, em 26 de julho de 1930, irá detonar a Revolução de 1930 sob a liderança de Getúlio Vargas, que permanece no poder até 1945.

Essa série de acontecimentos permitiu o surgimento no cenário nacional de José Américo, então secretário de segurança pública do governo estadual de João Pessoa, que, com tal reviravolta histórico-política, irá assumir a função de chefe civil do movimento revolucionário em todo Grande Norte (da Bahia ao Amazonas). Após breve mandato de interventor da *Parahyba* do Norte, será o titular do Ministério de Viação e Obras Públicas até 1934, quando, como ministro, vai retomar as obras abandonadas no Nordeste desde o término do mandato de Epitácio Pessoa. José Américo, a partir daí, ocupou o espaço político da família Pessoa, substituindo, como protagonista político, o ex-presidente Epitácio e o ex-governador João Pessoa, respectivamente.

A presidência de Epitácio Pessoa explicita a imagem do Nordeste como região-problema, e não apenas como parte do Grande Norte, quando o vasto país tinha seu território simplificado a apenas duas macrorregiões: Norte e Sul. Visão fortalecida por Oliveira Viana: “É costume entre nós falar do povo brasileiro como se fosse uma massa homogênea e única” (VIANA, 2005, p. 109, citado em ALMEIDA, 1923; 2012, p. 441). Viana defendia a tese da trina sociedade brasileira: a dos sertões (o sertanejo), a das matas (o matuto) e a dos pampas (o gaúcho). José Américo faz um registro mais completo da composição racial e do caldeamento de nossa população: brancos (europeus), negros (africanos), aborígenes (da grande família tupi com predominância de tabajaras, potiguaras e cariris) e mestiços (cafuzos, mamelucos, caboclos).

Nessa linha de raciocínio, ao revelar a Região Nordeste como diferenciada, o presidente Epitácio Pessoa, preocupado em mudar essa

realidade, apresenta seu pensamento síntese de política presidencial: “[...] para reconhecer que da parte dos poderes federais não tem havido aquele espírito de equidade e de justiça, a que se julgam no igual direito as unidades componentes de uma mesma federação” (ALMEIDA, 1923, p. 243).

3 FOCO NO CENÁRIO POLÍTICO INSTITUCIONAL DA PARAHYBA DO NORTE

Na segunda metade do século 19, registra-se a regularidade da intermitência das secas ao Norte do Brasil, cujo retrospecto histórico de abandono secular ocorre desde a colonização portuguesa. Vide o retardo da ocupação da capitania, que desde cedo despertou a ambição exploratória de seus recursos naturais por portugueses, franceses (normandos e bretões), ingleses, espanhóis e holandeses. As potências coloniais europeias deixaram rastros de destruição contínua e prevaleceu a barbárie com poucos ou diminutos avanços civilizatórios. Na obra rara *História da Conquista da Paraíba*, considerada “a certidão de nascimento da *Parahyba*”, consta:

[...] por onde esta capitania de Paraíba, possuindo mais várzeas (que, como já provamos, é o melhor do Brasil), que todas as outras capitanias; e com isso conter mais pau-brasil que Pernambuco, é muito melhor; [...] fica também a Paraíba mais perto do reino, sem dobrar cabos; é resolutivamente a melhor capitania do Brasil, e tal que, sabido bem o porto, segura não arribar navio às Antilhas, que é grande terço e mui importante ao comércio e navegação deste grande estado (SENADO FEDERAL, 2010, p. 27).

O território, seja como capitania, província ou estado, nunca foi bem administrado por séculos seguidos. A presença da corte portuguesa no Rio de Janeiro (1808), tanto quanto a Independência (1822) negociada com Portugal pela continuidade da família regente, em nada altera esse quadro desolador. Nem a visita do imperador Pedro II, em 1859. Os presidentes da província se sucediam rapidamente, desconheciam a realidade e não

tinham compromisso com a terra nem com sua população. Para confirmar a regra geral, uma exceção: a passagem, também breve, do general Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire-Rohan (final da década de 1850). Além de eficiente gestor, sua formação científica permitiu escrever um documento seminal: *Corografia da Província da Parahyba do Norte* (1861), divulgado anos mais tarde pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

À *Parahyba*, afora o fenômeno climático da seca replicado frequentemente e o desprezo histórico de diferentes regimes políticos, ainda incide a falta de integração no seu território, comprovada na dependência econômico-administrativa contínua do vizinho Pernambuco. A *Parahyba do Norte*, desde sempre, não conseguia se comunicar diretamente com a metrópole portuguesa pelo problema básico de não dispor de um porto; todas as suas exportações, até início do século 20, davam-se pelo porto do Recife. Sua principal cidade do interior e centro comercial, Campina Grande, conectava-se ao Recife por estrada carroçável e, em seguida, por ferrovia. A região sertaneja, que ocupa cerca de dois terços do seu território, mantinha ligações econômicas e era polarizada por cidades do Ceará como Crato, Juazeiro e Fortaleza, ligadas pela Rede de Viação Cearense. O porto mais próximo de Mossoró, no Rio Grande do Norte, serviu de acesso à região do Vale do Piranhas; depois fortaleceu seu papel pela ligação férrea Mossoró-Sousa. Essa situação permaneceu até as duas primeiras décadas da segunda metade do século 20. Assim, a Paraíba estava mais bem conectada com seus vizinhos Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco.

José Américo de Almeida, jovem advogado nomeado promotor para a comarca de Sousa em 1908, relata que partiu de sua cidade originária, Areia, no brejo serrano. Até chegar ao seu destino no novo emprego, percorreu sete dias em lombo de cavalo. Prova da inexistência de transportes e estradas (rodovias ou ferrovias) já em plena República e no limiar do quinto século do Brasil. Trajeto reduzido a sete horas em estrada construída em sua primeira passagem pelo Ministério da Viação. (ALMEIDA, 1994, p. 14, citado em ARAGÃO *et al.*, 2014, p. 91).

Os capítulos referentes às *Consequências Sociais e Econômicas* desenvolvem possíveis alternativas de encaminhamento do difícil quadro

apresentado pela *Parahyba*, no qual a dependência total de recursos naturais define um perfil socioeconômico restrito à agricultura e à pecuária. Mesmo sub-regiões como o litoral, a serra e o brejo – não atreladas à escassez de água, nem às crises climáticas intermitentes –, eram atingidas por suas consequências. Reinavam as dificuldades múltiplas de armazenamento e a inexistência quase geral de infraestrutura: estradas, portos e facilidades de escoamento da produção. Nem havia apoio de ordem financeira, creditícia, cooperativas, caixas de crédito ou de consumo – desamparo total e, mais grave, os excedentes comercializados pelo preço determinado no próprio local, sem acesso aos potenciais mercados consumidores nem à mais tênue existência de linhas ou cadeias de produção, resultavam no benefício das trocas para o atravessador ou açambarcador. Essa dura realidade prejudicava diretamente o produtor em seu vão esforço de levar seus produtos à venda e obter um preço justo.

As razões identificadas com facilidade para o precário cenário socioeconômico da província/estado: falta de educação e de instrução pública primária, população analfabeta e sem perspectivas para organizar-se minimamente como sociedade, sem coesão, sem cidadania e sem diretrizes a trilhar. Ora, se a educação fundamental era negada, como usar o conhecimento ou orientação científica ao seu modo de vida e de organização social? Morria-se por desnutrição e, nas secas, por inanição. A Igreja Católica era a única organização com presença e um mínimo de gestão das paróquias para seus crentes e seguidores. O setor público era apenas uma referência distante – encastelado na capital – impermeável às necessidades do povo e ausente como padrão de conduta. O histórico registrado confirma a evidência de quatro séculos de abandono.

Ressalvas à natureza pródiga e fértil, e à índole honesta, pacífica e solidária da população, mesmo não instruída, mas capaz de solidarizar-se em qualquer contratempo. Os desvios raros e ocasionais de bandoleiros e cangaceiros tinham uma origem no guarda-costas, figura adotada pelos colonizadores proprietários de terra para se defenderem dos indígenas, e que permaneceu como forma de mandonismo em uma sociedade autoritária e assumidamente machista.

José Américo faz uma incursão sobre as teorias econômicas em vigor, no início do século 20. Distingue a orientação do capitalismo vigorante

e do centralismo de Estado, práticas usuais desde o Império, e que a República não foi capaz de mudar. Daí o ritmo empregado pelo autor, qual seja expor todas as mazelas e limitações sem jamais se render ao determinismo ou se acomodar à falta de esperança. Em meio às dramáticas constatações, buscava explicar estratégias e mostrar exemplos práticos para forjar sua convicção de que havia solução. Portanto, a *Parahyba* tinha como superar seus problemas. Ele defendia o keynesianismo anterior ao próprio Keynes.

Ao se voltar para a análise econômica, toma partido pela economia mista, coerente com seu liberalismo político, o que não significa o mesmo quando se refere ao liberalismo econômico clássico. Constata devido às crises de abastecimento de víveres na expressão popular: carestia de vida, nome antigo para designar a inflação que se tornaria corrente só na segunda metade do século 20, pela constância e alteração dos preços, sempre para o alto, dos bens e serviços que integram o cotidiano dos consumidores.

Note-se que, entre a segunda e terceira décadas do século 20, ainda era grande o desconhecimento do meio físico-geográfico do estado da *Parahyba* do Norte. Identificando-se como um dos obstáculos às realizações pretendidas pelo presidente Epitácio Pessoa.

Além de chamar a atenção para o desconhecimento territorial, José Américo valoriza o solo ou a terra como o coração do homem, ao creditar frase de Lord Byron². Incompreensível ainda a comprovada existência de minerais em um subsolo rico sob uma terra povoada de pobres. A diversidade mineral e seu pouco beneficiamento quase nada agregou à economia. Persiste, atualmente, a débil importância dos minerais na matriz produtiva do estado. O desconhecimento e ausência de domínio aplicado à extração são apontados como alguns dos possíveis responsáveis por essa situação.

Oficialmente, a Paraíba ocupa 56 mil km², e o problema do meio físico relativo à própria extensão territorial ilustra de forma cabal a limitação

2 “*And as the soil is, so the heart of man*” (Lord Byron). In: ALMEIDA, José Américo. *A Paraíba e seus problemas*. João Pessoa: [s.n.], 1923. Brasília: Senado Federal, 2012, p. 50.

do saber como prejuízo explícito ao longo de sua história. Duvidava-se à época do governo Epitácio Pessoa qual a verdadeira extensão de seu território. Documentos internos do próprio estado registravam uma área de 74.371 km². José Américo não admitia menos de 60.000 km². No perfil geográfico da Paraíba, nota-se uma faixa estreita de 50 quilômetros, à altura da cidade de Patos, menor distância entre os dois estados vizinhos – Rio Grande do Norte e Pernambuco. Em outros trechos, essa distância de separação alcança até 180 quilômetros. Assim, o território se adelga ao seu ponto mais estreito na transição da Borborema para o Vale do Piranhas. Talvez seja um tanto tarde, mas caberia uma melhor explicação junto ao IBGE para se tentar verificar a possível perda de até 18 mil km². Quem se beneficiou? Ceará, Rio Grande do Norte ou Pernambuco?

A “Terra ignota” em *Os Sertões* reaparece com igual denominação em *A Paraíba e seus problemas*. A persistente questão ainda plena de interrogações poderia ser um daqueles desafios lançados pelo autor ao afirmar ser sua obra excessivamente compreensiva no título; e que se ateve, por questões de limitação de tempo, “às soluções fundamentais”. No centenário do seu lançamento, há espaço para identificar problemas não solucionados, ao lado do progresso vagaroso, por vezes em ritmo mais firme, que nos foi legado, a par das dificuldades territoriais para a sua unificação, já que não mais depende dos três vizinhos para complementar sua economia. A despeito dessa realidade, a Região Nordeste e o estado da Paraíba se integraram na segunda metade do século 20.

4 DOIS ESTIGMAS ESTRUTURAIS: ESCRAVIDÃO E DESIGUALDADE

Embora de menor importância na *Parahyba*, a participação do africano na composição do Brasil se alongou por quatro séculos sob a forma cruel da escravidão, com um número recordista no cenário mundial de cinco milhões de indivíduos, dos quais cerca de um milhão e oitocentos mil faleceram na travessia do Atlântico, pelo tráfico desumano

e violento e pelas precárias condições de saúde e higiene a bordo. O comércio, leilão e destino desse grande contingente de pessoas foram abastecidos por um regime político exploratório em vigor desde a colônia, durante e até o fim do Império, ao anteceder a República. As eventuais transferências de direção política mantiveram intacto o acordo conservador dos grandes proprietários rurais até 1930. Os fazendeiros mantiveram sua supremacia de sempre e foram ferrenhos adversários do movimento abolicionista. Aprofundou-se a crise governamental sob o império de Pedro II, ao ponto de um ano antes a aliança entre os grandes proprietários rurais e os militares apressar a improvisada abolição. Evitando-se a erradicação completa dos escravizados pela permanência de milhares de afro-brasileiros em condições precaríssimas de sobrevivência, em economia não assalariada, resultando, pela inexistência de habitações, no crescimento desordenado das grandes cidades que irão proliferar sob a forma de “favelas”. Esse contingente de desempregados retirados do seu convívio rural exacerba as desigualdades pré-existentes e agrava os desequilíbrios sociais, com baixíssimos indicadores de qualidade de vida, dificultando o acesso mínimo à dignidade. Essa compreendida como padrão de vida aceitável que satisfaz as necessidades materiais e sociais mínimas, como alimentação, vestuário, habitação e acesso aos serviços básicos de água, saneamento e transportes públicos. Portanto, capaz de superar a pobreza com renda monetária em piso pré-estabelecido, e a garantia de valores éticos e morais.

A abolição incompleta passa a conviver com a desigualdade social crescente como problema transracial e a herança histórica que conduz parte substancial da população à privação. A permanência de tais estigmas está diretamente relacionada ao longo período de escravidão e à forma apenas parcial como se tentou superar o problema. Persistiram sinais de racismo estrutural na sociedade brasileira. Mais visível no ambiente de trabalho, onde a maioria da população é constituída por afrodescendentes, com salários médios em valor menor aos de origem branca e com dificuldades de galgar cargos de chefia.

À inexistência de escolas fundamentais e analfabetismo estimado à época da abolição e à Proclamação da República em 85% da população,

comprova-se a alta correlação entre escravatura-racismo e educação. Pesquisas recentes do IBGE e do IEDE (2021) constatam que pretos e pardos representam 71,7% dos jovens que abandonam a escola e são penalizados pelo desempenho escolar equivalente a dois anos a menos de aprendizado. Enquanto o analfabetismo é três vezes maior entre os negros, a desigualdade social e inequidade educacional também ocorre entre brancos pobres. Daí a justificativa plena das políticas de inclusão e equidade social, cotas raciais e vagas para estudantes de escolas públicas. Em um país de população majoritariamente afrodescendente, ainda há muito a se fazer para melhorar e corrigir limitações socioeducacionais. O Índice Folha de Equilíbrio Racial (IFER), criado por economistas do INSPER, mostra a desigualdade entre brancos e negros na educação superior brasileira, que vinha em queda há sete anos, mas estagnou em 2020.

A Síntese de Indicadores Sociais do IBGE (2021) para o mesmo ano revela que pretos e pardos têm renda média do trabalho 48,8% menor que os brancos com a mesma qualificação (fundamental, média, superior incompleto e superior completo); expondo, assim, a desigualdade de oportunidades que enfrentam no Brasil.

5 POLÊMICA E PERSISTENTE “SOLUÇÃO HIDRÁULICA”

A seca como fenômeno regional teve no Ceará o despertar tardio do governo imperial para o problema. O açude de Quixadá, iniciado em 1884 e só concluído em 1906, é um marco. A solução hidráulica foi fortalecida no início da República e culminou na criação, pelo governo Nilo Peçanha (1909-1910), da Inspetoria Nacional de Obras contra as Secas, reintitulada para Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS), a partir de 1945. A opção natural era acumular água em grandes açudes públicos e incentivar pequenas barragens em propriedades rurais particulares.

Os debates técnicos e pareceres polêmicos emitidos (Comissão Rondon e Tréplica de Epitácio, em 1923) expunham o não consenso no assunto. O governo de Epitácio Pessoa, com mais determinação, procurou sanar a negligência histórica e implementar em ritmo acelerado para

superar a letargia secular da gestão pública. Tão grave quanto a inação governamental, mostrou-se a falta de continuidade político-administrativa, que também se repetirá ao término do seu mandato presidencial, embora seu sucessor Arthur Bernardes (1922-1926) representasse a continuidade do grupo político hegemônico da República Velha (1889-1930).

Os projetos ambiciosos de grandes barragens não superaram as limitações técnicas, mesmo com a contratação de empresas estrangeiras experientes nesse tipo de construção. Associados ao ritmo burocrático lento e às contingências orçamentárias caudatárias de um Congresso Nacional pouco sensível às agruras da população carente, agravavam-se as crises climáticas vividas por multidões de famintos e sedentos.

De forma repetitiva, imprimiu-se na gestão pública total descompromisso com o sentido de urgência. Postergar, adiar decisões era parte costumeira do *ethos* gerencial dos poderes públicos. A centralização administrativa republicana replica a experiência monárquica malsucedida. Muda-se o regime político, mas permanecem as práticas perniciosas ao interesse do progresso nacional; distanciados estavam os governos oligárquicos dos interesses da maioria pouco instruída e não participativa das decisões nacionais. O governo era exercido por poucos, com a permanência de pequenos grupos de interesse e influência.

Além da dificuldade em realizar os projetos não implementados em sua totalidade, as obras físicas de engenharia impressionavam mais pela mobilização de seus canteiros do que pelos possíveis benefícios pouco visíveis aos habitantes dos perímetros das obras. No exemplo clássico, o barramento de águas constitui-se o ponto central e matriz para gerar inúmeras ações complementares, pois, invariavelmente, ficavam inconclusas. Os grandes açudes objetivavam o aproveitamento socioeconômico por meio de iniciativas agropecuárias, de reflorestamento, fruticultura e piscicultura facilitadas e demandantes de geração de energia em usinas de pequeno e médio portes; canais de irrigação para dupla finalidade: água tratada para consumo humano e água acessível à lavoura e pecuária em várzeas e regiões circunvizinhas às bacias. Limitações ao sistema de estímulos à agricultura familiar nas vazantes contíguas às barragens, bem como a ausência de cooperativas ou organizações de interesse coletivo.

A competência técnica dos projetos contemplava um sistema orgânico e complementar, mas a experiência prática mostrou-se incipiente. Não se conhecem mudanças significativas na produção, nem no regime alimentar ou melhorias na dieta e composição nutricional dos grupos de menor poder aquisitivo. A parte fundamental referente ao desenvolvimento social não era considerada. A organização econômica resultante não se mostrou vigorosa. Os açudes exuberantes e grandiosos convivendo com a fragilidade econômica pré-existente e continuada. A situação social das populações próximas aos grandes projetos não se altera, apenas pequenos incrementos sem nenhum impacto substancial. De forma sucinta, esse é o resultado, completamente insatisfatório, para a grande esperança da maioria dos nordestinos do semiárido.

A evidência de incompletude dessa política não se inicia nem termina com Epiácio Pessoa. A prova foi o abandono desse esforço por dez anos consecutivos, só retomado, parcialmente, pelo presidente Getúlio Vargas, a partir da Revolução de 1930. Caberá ao ministro José Américo, responsável pelas obras públicas, retomar tudo aquilo deixado ao léu. Interessante: o autor que registrou o desempenho e a tentativa de Epiácio Pessoa em modificar este cenário se tornará, como ministro, o seu continuador.

6 SALTO NO TEMPO, DIVISOR DE ÁGUAS?

O Nordeste, depois da incompleta solução hidráulica, para outros um verdadeiro fracasso, passará por outras tentativas de desenvolvimento regional a partir de 1930, com Getúlio Vargas à frente e com a colaboração direta de José Américo até 1934. Vargas permanecerá 15 anos na presidência, inicialmente como líder do movimento revolucionário, em 1934, como presidente constitucional eleito indiretamente e, a partir de 1937, como ditador do Estado Novo. Vargas teve tempo e determinação para ser o primeiro presidente brasileiro com perfil de estadista, sempre preocupado com a integração política do território nacional. O Nordeste retoma a importância iniciada por Epiácio Pessoa. A Constituição de 1934 continha um dispositivo especial (art. 177) destinando 4% da receita tributária à defesa “contra” os efeitos da seca.

Em 1936, estabelece-se o Polígono das Secas, cuja área é ampliada em 1947 e 1951, atingindo quase um milhão de km². Na sucessão de iniciativas, em 1945, Getúlio, ao final do período ditatorial e por proposição do ministro Apolônio Sales – depois de décadas de tentativas –, cria a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF). Em 1948, sob a presidência do general Eurico Dutra (1946-1951), foi instalada a Comissão do Vale do Rio São Francisco (CVSF), somente implementada a partir de 1950 e transformada em 1967 em Superintendência do Vale do São Francisco (SUVALE), atualmente CODEVASF, que, a partir de 1974, abrange, além do São Francisco, o Vale do Parnaíba.

Tais providências permitiram a persistência e influência de ministros e assessores com formação profissional jurídico-bacharelesca, e menor influência de engenheiros e agrônomos. As alternativas de desenvolvimento regional de enfrentamento às crises climáticas nunca se centraram no problema raiz e fundamental do Nordeste: a questão social, que se sobrepunha e ainda antecedia ao problema de ordem física ou climatológica. A opção hidráulica, apesar dos percalços, persiste, mesmo quando da criação diversificada de agências, pois o setor agrícola sobressaía e detinha o poder político, chegando ao auge dessa dramática situação no final da década de 1950; tanto ocorre essa desarticulação que se identificam 40 órgãos federais com ações voltadas para a agricultura nordestina. A região continuava a ser tratada como parte isolada da nação, sem participação direta nem metas de desenvolvimento socioeconômico, seja em educação, saúde, emprego-renda, produção – acentuada pelo distanciamento do setor privado.

A região passará a ser estudada de maneira diferenciada a partir da presença de economistas nordestinos, na assessoria econômica do presidente Vargas em seu período constitucional (1951-1954), que conheciam e provinham dessa área do Brasil: Rômulo Almeida, Cleantho de Paiva Leite, dentre outros. A mudança de enfoque será fortalecida no governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), que a solicita ao então diretor do BNDE, economista Celso Furtado, atuante na implementação da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), com sede em Santiago no Chile, a partir de 1949.

Apenas para efeito de registro, a década de 1950 será pródiga na re-

incidência de problemas. Em 1956, em resposta ao clamor dos bispos do Nordeste, tentar-se-ia uma nova alternativa para a região. Passado mais de um século, o fracasso da “solução hidráulica”, agora estava sob novas bases para uma solução da problemática socioeconômica do Nordeste.

A ênfase hidráulica entre os governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, gradativamente, cede lugar à “solução econômica”³, diminuindo a magnitude no tratamento do fenômeno climático e diversificando a ação econômica, indo além da atividade agrícola. Tenta-se ampliar a resistência econômica às secas, ao tempo em que se dá atenção à participação de setores econômicos ainda tímidos, como indústria, mineração, comércio e serviços.

Uma nova tentativa de mudança de sinal da atuação do governo federal na região se inicia pela fundação do Banco do Nordeste do Brasil, em 1953. Reclamada a carência de instituição financeira e creditícia desde o governo de Epitácio Pessoa, presente na análise e denunciada por José Américo.

O chefe da assessoria econômica de Vargas, o economista baiano Rômulo Almeida, foi nomeado primeiro presidente do BNB, com sede em Fortaleza. A instituição bancária assume a dupla responsabilidade de banco comercial e de desenvolvimento, tendo como principal fonte um fundo de 1% da renda tributária definida pela Constituição Federal de 1946. Período político instável, atravessado e superado, sob a presidência de Raul Barbosa, a partir de 1956. O Banco do Nordeste preocupa-se com o planejamento regional e identifica a necessidade de um plano de desenvolvimento. Tais ideias defendidas e incentivadas pelo Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste (ETENE), já empenhado na formação de recursos humanos e treinamento de seus quadros. Bolsistas do BNB foram treinados no Rio de Janeiro com o apoio da CEPAL e da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Nesse mesmo período são criados os primeiros cursos superiores em economia, embora com ênfase tradicional e sob a influência das faculda-

3 Robock, S. H. *Desenvolvimento econômico regional – O Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964. 217 p.

des de direito, ainda distanciadas do perfil de profissionais demandados pela realidade do Nordeste e da nova concepção de desenvolvimento que surgia.

Foi frequente, a cada nova iniciativa do governo federal, o desdobramento em uma nova instituição, comprovando a dificuldade de coordenação da política para a região quando se digladiavam grupos de interesse e defesa dos “feudos” administrativos e burocráticos. Este breve cenário funcionará como primórdios da evolução do pensamento econômico e coordenação política que resultaram na experiência da SUDENE.

O presidente Kubitschek foi convencido a mudar a política tradicional e incipiente das obras federais e auxílios de emergência. Requisita ao então diretor do BNDE que elabore um documento: “Uma Política para o Desenvolvimento Econômico do Nordeste – GTDN”, logo transformado em Conselho de Desenvolvimento Econômico do Nordeste (CODENO); e, em dezembro de 1959, cria a Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), com sede no Recife. Um plano originalmente denominado quinquenal para o Nordeste demorará 18 meses para ser aprovado pelo Congresso Nacional, pela Lei nº 3.995, de 14 dezembro de 1961⁴, com o título oficial “I Plano Diretor de Desenvolvimento Econômico e Social do Nordeste (1961-1963)”⁵. Vale dar um salto no tempo para retratar a mudança socioeconômica do Nordeste, ao comparar diferentes épocas e enfoques gerenciais e como a sociedade, o poder público e o setor privado tentam construir uma nova experiência de governança.

Nesse intervalo de 100 anos desde o lançamento de *A Paraíba e seus problemas*, reconhecido marco de interpretação analítica, somente acontecerá um novo marco na década de 1950, quando a mente clarividente de Celso Furtado concebe uma série de documentos basilares que fundamentam uma nova concepção de desenvolvimento regional, agora liberados da exigência repetidora e exaustiva de elaboração de diagnósticos inócuos. Partindo do domínio sobre a realidade conhecida do Nordeste,

4 Lei nº 3.995/1961. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3995.htm. Acesso em: 2 jan. 2022.

5 Publicado pela Sudene em 2ª edição. Divisão de documentação, Recife-PE, 1966.

o novo tempo exige a preparação de um plano concreto. É quando se deixa a preocupação conjuntural com o presente para concentrar-se na visão prospectiva estrutural no médio e no longo prazo, para se mudar do presente tenebroso e se tentar construir um futuro próspero.

Parece necessário e apropriado ressaltar o Nordeste nesses dois momentos históricos: em 1923, José Américo escreve sobre a Paraíba, mas conclui por analisar profundamente toda a Região Nordeste. Quase quatro décadas depois, Celso Furtado, em sua obra seminal *Formação Econômica do Brasil* (1959), ao interpretar o Nordeste, alcançou o Brasil como um todo, pois as regiões que compõem o país são organismos vitais do funcionamento dinâmico e integral da nação.

A Paraíba e o Nordeste apresentam problemas próprios ao atraso histórico e ao longo processo de subdesenvolvimento conhecidos, sobretudo, de ordem social, educacional, de saúde, emprego e habitação, todos passíveis de soluções técnicas, financeiras e humanas para os quais o Brasil tem plena capacidade de solucioná-los.

Claro que os dois principais autores e intérpretes se diferenciam em suas contribuições inéditas. Cada um ao seu estilo e com autoridade individual crítica e propositiva. Há algo em comum em meio a tantas diferenças: a certeza da viabilidade socioeconômica da região. O Nordeste não é apenas uma região problema, o Nordeste é parte da solução para um país íntegro e único: o Brasil. Definitivamente, não se resolverá a questão do Brasil sem o Nordeste.

Furtado concebe o desenvolvimento regional do Nordeste como parte integrada e inseparável do desenvolvimento socioeconômico nacional. Ele enfrenta forte oposição dos políticos tradicionais do Nordeste à nova concepção de desenvolvimento regional. Em cinco anos, com três diferentes presidentes da República (JK, JQ e JG), conseguiu imprimir uma nova feição integrada de gestão federal no Nordeste, e iniciar um processo de desenvolvimento, em parte replicando a substituição de importações testadas com certo sucesso para o país, considerado promissor. Esse novo enfoque pioneiro foi reconhecido, internacionalmente, como a melhor e bem-sucedida experiência de desenvolvimento regional em todo o mundo. Em vez de orientar-se contra a seca, por fim, optou-se, corretamente, por conviver com ela.

Celso Furtado parte do princípio segundo o qual o desenvolvimento econômico deve ser político-econômico: “Economistas e outros técnicos falharam na política porque procuraram tornar-se partidários. Deve ser político, mas não partidário. A batalha política deve ser levada a efeito pela força da técnica”⁶.

E acrescenta afirmando que houve um diagnóstico errado ao se estabelecer a política de obras contra as secas. O desafio importante era proporcionar, por todos os meios, uma economia resistente às secas e reestruturar a economia agrícola, intensificando e aprimorando os investimentos industriais.

Reconhecendo-se o Nordeste como um problema nacional, questiona-se a ineficácia das políticas de desenvolvimento postas em prática, e chega-se à questão crucial: que novas políticas devem ser adotadas?

Energia elétrica, desenvolvimento social e transformação da estrutura agrícola foram as prioridades, nessa ordem, ressaltando-se ainda a falta de um compromisso explícito de políticas públicas de longo prazo. Avanços foram obtidos, o mais relevante foi a continuidade administrativa; o sucesso relativo de Furtado o credencia ao convite para acumular, em 1963, o cargo de superintendente da SUDENE com o de primeiro-ministro de Planejamento do Brasil no governo João Goulart (1961-1964). O país reconhecia sua competência e engenharia políticas engendradas a partir do Nordeste como caminho a seguir para outras regiões e para a própria nação, com a proposta do Plano Trienal do Desenvolvimento (1963-1965). Debalde, pois todo seu esforço foi novamente interrompido em 1964 com o golpe militar.

A SUDENE sobreviveu sem conservar o protagonismo de seu período inicial. Embora ostentasse um balanço superavitário em benefício da região, chegou a ser extinta em 2001, e recriada de forma minimalista em 2007. Antes foi substituída por um simulacro: a Agência de Desenvolvimento do Nordeste (ADENE), que não vingou.

Nas duas primeiras décadas do século em curso, a Região Nordeste, com a transposição de águas do São Francisco, recebeu significativo

6 Entrevista de Celso Furtado a Stefan Hyman Robock, em 28/1/1962.

investimento realizando o antigo projeto imperial. Repete-se, na prática, a prorrogação de prazos não cumpridos que atravessam quatro mandatos presidenciais, com sucessivos aportes financeiros. A solução técnica recomendável excluiu, ou não considerou de forma adequada, como sempre, o desenvolvimento social ao longo dos eixos nos cinco estados beneficiários. Retorno ao passado conhecido?

A boa prática de Furtado no período inicial da SUDENE foi retomada na filosofia do seu Conselho Deliberativo, testada na última década sob o modelo no Fórum dos Governadores do Nordeste. Trata-se de uma solução criativa de governança regional.

7 A PARAÍBA, O NORDESTE E O BRASIL: FUTURO PRÓXIMO E NO LONGO PRAZO

O certo é que o país se integrou no último século, desenvolveu seu setor industrial e chegou a constituir uma grande economia, mas permanece em descompasso com uma situação social não compatível com sua dimensão econômica. A maioria da população não tem acesso aos bens e serviços básicos de qualidade. Continua atrelada a uma renda média sob forma de armadilha que impede o país de conquistar uma posição de bem-estar social ainda não alcançada pela maioria da população. O Brasil, neste limiar do século 21, sobrecarrega a marca dupla e indesejável de maior concentrador mundial de renda pessoal e limitada qualidade em sua democracia; salvaguardado reconhecer seu mais longo período contínuo de regime democrático e garantias de liberdade e direitos humanos em toda sua história (1985-2021...).

Neste primórdio do Bicentenário da Independência, não se observa nenhuma “vigilância comunitária”, diferente do registrado em 1922, inclusive com o polêmico aterro no Morro do Castelo – berço da cidade do Rio de Janeiro, para dar espaço aos pavilhões da Exposição Internacional do Centenário da Independência. Sob a presidência de Eptácio Pessoa, o entusiasmo da celebração incluiu a fundação efêmera da primeira universidade do Brasil e a inauguração da radiodifusão no país, com seu pronunciamento transmitido em rede de autofalantes na

esplanada da Urca, em 7 de setembro de 1922. Tempos de afirmação da identidade nacional e vitrine do progresso, ainda restritos ao comércio, à agricultura e à ciência nascente.

Neste Bicentenário da Independência política (1822-2022), permanece-se em busca da completa e autêntica independência. Ao lado de avanços, registram-se retrocessos. Nas últimas quatro décadas, em ritmo lento, a economia se ressentiu de uma estratégia eficaz de longo prazo que reúna alternativas de desenvolvimento sustentável, nas quais sobressaia o meio ambiente que preserva a vida, simultaneamente com uma ascensão social da população carente e ainda marginalizada no processo de desenvolvimento, para ter acesso a bens fundamentais como ar e água de qualidade. Tais requisitos mínimos, ancorados em gestão da coisa pública com responsabilidade, honestidade, estabilidade e segurança econômica nos gastos públicos e fortalecimento da cidadania. Controle e confiança coletiva capazes de atrair investimentos públicos e privados, internos e internacionais. Mais uma vez, procura-se uma estratégia nacional de desenvolvimento, que implica ônus e bônus para definir onde queremos e como devemos prosseguir para conduzir o povo ao seu destino almejado. A liberdade não é um bem livre, exige ser conquistada a um valor significativamente alto, diuturnamente.

Desde 2013, agrava-se o quadro socioeconômico. Após administrar relativamente bem a saída da crise econômica mundial de 2008, inverteu-se a tendência de recuperação acentuada pela instabilidade política com manifestações populares nas maiores cidades. Com opção política e ascensão populista liberal em eleições gerais em 2018, a situação atinge um paroxismo com a pandemia da covid-19, maior crise sistêmica vivida pelo planeta em um século, que estagnou o Brasil e fez regredir toda a economia mundial. O Brasil chama a atenção pelo segundo maior número de vítimas, cinco vezes a média mundial. Atualmente, tudo é interligado, o aquecimento global potencializa doenças e a propagação de vírus, com número de vítimas estimado em 24% das mortes mundiais, ou 13,7 milhões por ano. Enfrenta-se uma espécie de *tsunami* ou “tempestade perfeita”: social, econômica, sanitária e ambiental, todas simultâneas.

As práticas exacerbadas de queimadas e desmatamento na Amazônia, Pantanal e Mata Atlântica reacendem a responsabilidade de todos os brasileiros, pelo fato de o humano ser o único ser vivo a destruir seu próprio *habitat*. Até quando? Tanto assim que, desde 1950, o domínio humano sobre o planeta é tão avassalador que já vivenciamos o Antropoceno – uma nova era geológica.

O desafio se avoluma e alcança proporções nunca imaginadas. Daí o surgimento do movimento de conscientização ambientalista. Em outubro de 2021, o acesso ao meio ambiente saudável foi declarado pela ONU como direito humano.

Crise climática, fenômeno secular no Nordeste, agora, em época de extremos, ultrapassa todas as fronteiras e ganha dimensão mundial.

No Brasil, o *bônus* demográfico recente não foi devidamente aproveitado. A população aumentou a expectativa de vida, como parte benéfica do percurso, entretanto envelhece sem alcançar o estágio de desenvolvimento dos países ricos. Somente o conhecimento e a inovação proporcionam um crescimento com inclusão social e sustentabilidade. A autonomia política como complemento da estabilidade econômica exige uma nova independência capaz de alcançar uma qualidade de vida presente nas vigorosas democracias que priorizaram o bem-estar social, a partir da educação como questão de Estado. Diante da atual revolução tecnológica, o imperativo educacional faz do capital humano o meio principal de valor em oposição ao capital físico.

Na transição do século 20 para o 21, cunhou-se a expressão Custo Brasil para designar um conjunto de mazelas identificadas acima e que potencializa as dificuldades presentes a superar em um período de tempo ainda indeterminado. Constata-se, ainda e precocemente, que o Brasil se desindustrializou (passou de 9º para 14º lugar), enquanto os países mais avançados expandem a Indústria 4.0 com inteligência artificial, automação e sustentabilidade. A vocação de grande produtor de recursos naturais sob a forma de *commodities* faz retornar a reprimarização da economia e a dependência das flutuações excessivas de seus preços. No mercado externo, persiste a rigidez da longa participação irrisória de cerca de somente 1,2% do valor das exportações mundiais. Em geral, nas economias avançadas da OCDE (2021) – 37 países –, verifica-se uma

média de 48% do PIB originado das transações comerciais de importação e exportação, enquanto, no Brasil, o indicador não atinge 25%.

A abertura comercial ao exterior para elevar o patamar desejável de 50% do PIB, diminuindo-se drasticamente o protecionismo, é recomendado por especialistas como alternativa para o crescimento real e o aumento da produtividade. Sem esquecer da inexorável necessidade de investir continuamente em ciência, tecnologia e inovação, para superar o atraso tecnológico com investimentos de longo prazo e de alto retorno. O Brasil e a marca de seus produtos, além do agronegócio e mineração, precisam redefinir uma nova vocação de maior valor agregado.

Paralelo a esse panorama complexo, cresce a importância internacional da China, maior economia mundial, pela capacidade do poder de compra. Nosso maior parceiro comercial desde 2010, e com presença em alta na América Latina.

Reformas estruturais são urgentes, urgentíssimas. Para implementá-las, a sociedade, os setores público e privado clamam por coesão social, pois não se pode mais adiar o Brasil. Ele tem pressa. Em 1925, José Américo já proclamava e continua atual: “Estamos em tempo de passar do sonho à ação”.

O país, em busca do tempo perdido, precisa retomar a construção contínua e de longo prazo da nação inclusiva para todos os brasileiros.

Brasília, 2 de janeiro de 2022.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Américo. *A Paraíba e seus problemas*. João Pessoa: [s.n.], 1923. Brasília: Senado Federal, 2012, p. 40.
- ALMEIDA, José Américo. Eu bacharel. In: ALMEIDA, José Américo. *Eu e eles*. João Pessoa: A União, 1994. 253 p.
- ARAGÃO, Maria do Socorro; SANTOS, Neide M. e ANDRADE, Ana Isabel S.L. *José Américo – uma fotobiografia*. João Pessoa: Ideia, 2014, p. 243.
- BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique. Leitura da memória intitulada Corografia da província da Paraíba do Norte. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, T. 24, p. 731. Rio de Janeiro: IHGB, 1861.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Brasileiro de 2021*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.
- OCDE – ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. *Retrato econômico do Brasil*. 2021. Organisation for Economic Co-operation and Development. Paris, 2021. Disponível em: oecd.org. Acesso em: 11 jan. 2022.
- ROBOCK, S. H. *Desenvolvimento econômico regional – O Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964. 217 p.
- SENADO FEDERAL. *História da conquista da Paraíba*. Brasília, Senado Federal, Conselho Editorial, 2010. 126 p. (Série Edições do Senado Federal, v. 73). Disponível em: <https://www2.senado.gov.br/bdsf/handle/id/573099>. Acesso em: 11 dez. 2021.
- VIANNA, Oliveira, 1883-1951. *Populações meridionais do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. 424 p. (Série Edições do Senado Federal, v. 27).

PÁTRIA AMADA

Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque

Romancista

“Mas o Sr. Epitácio Pessoa gostará de ver que me impressionei mais com sua obra do que com seu nome e menos com sua obra do que com sua terra.”

José Américo de Almeida, 2012, p. 40

Logo que recebi o convite para escrever este texto de apresentação à grande obra ensaística de José Américo de Almeida, passei a me perguntar: o que o teria motivado a escrevê-la? Afinal, iniciara sua vida literária com uma curiosa novela, *Reflexões de uma cabra*, publicada em 1922, mesmo ano da Semana de Arte Moderna de São Paulo, e seis anos antes de *A Bagaceira*, seu maior sucesso editorial. Sua carreira como romancista florescia. *A Paraíba e seus problemas*, um ensaio denso e exaustivo publicado em 1923, não deve ter surgido sem motivo claro. Não me foi difícil pesquisar as circunstâncias que o motivaram. Logo compreendi que o profundo amor por sua terra havia sido seu *leitmotiv*. Um amor que transudava do texto do ensaio, assegurando-lhe eloquência e brilho.

Comecei e escrever esta narrativa embalada pelas lembranças de minha própria infância nas vertentes pernambucanas da Serra da Borborema. Embargada pela emoção, recorri a frequentes e expressivas citações literárias.

A Paraíba e seus problemas foi idealizado pelo Sr. Sólon de Lucena, presidente da Província da Paraíba entre 1919 e 1922. Governava em substituição a Antônio Pessoa, militar umbuzeirense que, por motivos de saúde, não pôde concluir seu mandato. Sólon encomendou a obra aos jovens intelectuais José Américo de Almeida e Celso Mariz. Imaginava oferecê-la ao também umbuzeirense Eptácio Lindolfo da Silva Pessoa, então presidente da República. A homenagem viria em forma de um livro que perpetuasse a história das Obras contra as Secas, projeto que visava o soerguimento socioeconômico da Paraíba. Um livro que contasse a história desse plano redentor.

Eptácio havia sido eleito presidente da República ainda em terras do Velho Mundo, quando representava o Brasil na Conferência de Paz de Versalhes. Viajou para cá preparando seus primeiros pronunciamentos oficiais, movido por pensamentos voltados para sua Paraíba miserável e pequenina. Terra sua, envolta na trama amorosa de parentescos enroscados em torno de suas raízes mais doídas.

Durante as cerimônias de posse, conduziu-as com a dignidade e a lucidez que se esperava dele. Fez eloquentes discursos patrióticos. Um tanto ensimesmado, é certo, pois, lembrando-se da Paraíba, matracava versos que invadiam sua mente com a obstinação das moscas:

És, a um tempo, esplendor e sepultura

[...]

(*BILAC*, 1919; 2020, p. 12).

Sólon Barbosa de Lucena, que encomendou o livro, nasceu em Bananeiras, em 1877, e era sobrinho-neto do Barão de Lucena (Henrique Pereira de Lucena), destacado político pernambucano durante o Segundo Império. O barão, nascido em 1835, gerara 14 filhos, muitos deles nascidos no sul do país. Sólon era primo em segundo grau de Eptácio Pessoa e de outras importantes figuras políticas da Paraíba. Uma pequena história genealógica que tentaremos resumir.

Aconteceu que dona Henriqueta Barbosa de Lucena, irmã do Barão (Henrique de Lucena), casou-se com José da Silva Pessoa e foi morar na fazenda Prosperidade, em Umbuzeiro. Ambos faleceram durante

uma epidemia de varíola que assolou a região ao longo de uma seca prolongada. Dessa união, nasceram Maria Lucena, Epitácio Lindolfo, Aristarco e Antônio, depois presidente da província e a quem Sólon substituiu em 1919.

Sabedor da situação de penúria de seus sobrinhos órfãos, o barão tomou a si a incumbência de criar Epitácio, o mais velho. O menino magricela e de olhos vivos juntou-se a seus outros 14 filhos.

Maria Lucena Pessoa, a filha mais velha de dona Henriqueta, ficou com o encargo de criar os irmãos mais novos Aristarco, Antônio e Mirandolina. Quando se pôs moça, Maria casou-se com Cândido Clementino Cavalcanti de Albuquerque e foi mãe de João Pessoa, futuro presidente da Paraíba, assassinado em 1930. Além de Cândido Clementino, Maria gerou Joaquim, Aristarco e José, que fez carreira militar galgando o posto de marechal.

Mirandolina casou-se com João Vicente de Queiroz e gerou os irmãos Pessoa de Queiroz, que se destacaram no comércio e exportações do algodão paraibano para o porto do Recife. Aliaram-se aos grandes fazendeiros e coronéis dos sertões, coiteiros dos cangaceiros e fora da lei, combatidos pelos políticos liberais e arautos dos novos tempos como seu primo João Pessoa.

Para não perdermos o fio dessa meada, vale ressaltar que Sólon Lucena era primo de Epitácio Pessoa, a quem o livro desejava homenagear. Enfim, para bem terminar essas breves notícias genealógicas, resalto que Epitácio, ao modo do seu tio, o Barão de Lucena, encarregou-se da educação do menino João Pessoa, seu sobrinho predileto.

Epitácio não teve filho varão. Sua primeira esposa, Francisca, prima-irmã do cientista Carlos Chagas, faleceu ao dar à luz ao seu primeiro filho. A criança teve poucas horas de vida. Anos depois, já na Europa, contraiu suas segundas núpcias com Maria (Mary) Saião, com quem foi muito feliz e pai de três filhas. Lindas moças. João Pessoa tomou o lugar do seu primogênito falecido ao nascer.

Na verdade, Epitácio também cuidou da educação dos Pessoa de Queiroz, filhos de Mirandolina, sua outra irmã. Francisco – que também foi diplomata e jornalista destacado –, José e João Pessoa de Queiroz, grandes comerciantes e usineiros sediados em Pernambuco.

Ao terminar de escrever essas notícias genealógicas, passei à narrativa ficcional do que então teria ocorrido com enorme facilidade.

Quando Sólon Lucena lhe fez a encomenda deste trabalho, José Américo prendeu o fôlego. Pois não achou o que dizer. Na sua mente, fervilhavam palavras comovidas sobre o amor que sentia por sua terra. Para disfarçar, pretendia apenas falar sobre sua admiração por Epitácio Pessoa. Mesmo assim, continuava meio engasgado.

Homem de muitas letras, Américo pode ter pensado na aflição de Cordélia ao colocar, em palavras, o afeto que sentia por seu pai. E recordava suas dificuldades:

*“Infortunada como sou, não posso trazer meu coração até minha boca!
Amo Vossa Majestade conforme meu dever, nem mais, nem menos.”
(SHAKESPEARE, 1969, p. 629)*

Escorado no birô da modesta sala de despachos da sede do governo da Paraíba, Sólon Lucena fixou seu olhar inquisidor na face de Américo. Seu rosto magro exibiu um quase sorriso, confiante na aceitação do interlocutor. Américo é que não movia um músculo. A boca seca já não tinha o tanto de cuspe que precisava para dizer frases cordiais.

É que, naquele tempo, já falava tão difícil quanto escrevia. Suas narrativas costumavam ser muito esmeradas, verbosas, eruditas. O nome do Brejo de Areia, sua terra natal, chegou a lhe aflorar os lábios, o que lhe lembrou Tolstói amoroso, falando sobre sua Iásnaia Poliana. No entanto, continuou travado, temendo pronunciar o nome da Paraíba e embaçar as lentes de seus óculos de míope. Para complicar, chegaram-lhe à mente as palavras simples e fortes de Madame de La Fayette:

*“[...] une passion la plus violente, la plus naturelle
et la mieux fondée qui est jamais été.”
(LA FAYETTE, 1913, p. 232).*

Sólon Lucena ajeitava o monóculo. Américo se enternecia pensando que o amor que Epitácio Pessoa sentia pela Paraíba era um amor como o seu. Um verso claro, forte, quase fala, brotou de sua boca na forma de uma louvação:

“Ó, pátria minha e dele!”

E em tom muito solene, como de um noivo ao pé do altar, afirmou em alto e bom som:

– Eu aceito.

Caso Américo fosse versado em história da guerra holandesa, saberia que uma declaração de amor igual a essa fora feita anteriormente, 270 anos antes, pelo general Henrique Dias, restaurador dessas terras. Em circunstâncias bem distintas, é verdade. Num tempo em que a palavra pátria não fazia muito sentido. Vassalo do rei de Portugal e morador em uma colônia lusitana conquistada pelos flamengos, vivia submetido a múltiplas dominações. Os invasores também não tinham uma ideia clara do que fosse pátria. Eram oriundos de diversas províncias, unidas pela cobiça, em uma organização mercantil conhecida como Companhia das Índias Ocidentais.

Nas trincheiras de nossos heroicos restauradores, Henrique comparilhava seu sentimento de amor à sua terra com seu “camarada” Felipe Camarão e sonhava com uma pátria. Uma terra amada, governada por seu próprio povo. O quilombola resistia a pesados ataques flamengos nas fronteiras de sua “Estância” recifense. O inimigo lhe provocava, ora com artilharia, ora com bilhetes maldosos, e, julgando Henrique analfabeto, cobrava-lhe uma resposta escrita. A resposta foi dada em um pedaço de papel de trapo:

Senhores holandeses: respondo sempre e minhas respostas são sempre dadas. Vossas mercês podem senti-las no cheiro da pólvora de meu bacamarte. Meu camarada Camarão não está aqui, mas eu respondo por ele. Saibam vossas mercês que esta terra é Pátria minha e dele, e já não podemos suportar tanta ausência dela (MELLO, 1895 *apud* ALBUQUERQUE, 2015).

A recordação desse bilhete histórico – que agora me mareia os olhos – inspirou o poeta e revolucionário pernambucano José da Natividade Saldanha (1822) a escrever em sua Ode a Henrique Dias:

“Ó, Pátria minha e dele! Enxugue o pranto [...]”

O verso voou tempo afora e foi pousar na mente de Américo. Justo no momento daquele diálogo com Sólon Lucena. Foi ela que lhe destravou a fala. Foi com ela na mente que concebeu este livro.

Voltemos, então, aos esforços iniciais de José Américo para bem escrever *A Paraíba e seus problemas*.

A desistência – ainda na fase de colheita dos dados iniciais – de Celso Mariz aumentou a trabalhadeira de José Américo. Os indicadores socioeconômicos da província eram poucos, maldispostos, por vezes conflitantes, levando a infinitas discussões entre técnicos e políticos. Urgia visitar bibliotecas e repartições públicas, consultar especialistas, catalogar e organizar pilhas de papéis empoeirados. Em um tempo ainda distante do advento da era digital.

Américo ocupava-se em dar polimento aos detalhes metodológicos que estribariam o projeto editorial. Planejava submeter o texto original a uma revisão por pares. Ao mesmo tempo que se sentia compelido a iniciar a redação da obra. Garatujava notas introdutórias uma após a outra. Só não tinha dúvidas quanto ao título do livro. O ensaio histórico-geográfico político e socioeconômico seria batizado de modo claro e descritivo. Despojado de veleidades literárias. O livro seria nomeado simplesmente: *A Paraíba e seus problemas*.

O amor à sua terra iluminava a mente de Américo com enxurradas de ideias. Saudoso das delícias, o romance, vez por outra, sucumbia a esses transbordamentos:

Ventava. O sol carrancudo e ultriz tremeluzia em círculos de fogo. E emperrado na sua vingança, queria entrar pela noite. Os ocasos eram esbraseados. As primeiras sombras tinham nódoas sanguíneas. Parecia que o mostro luminoso, asfixiado nos seus ardores, se dessedentava na cacimba: toda tarde tinha descido dois palmos d’água. Até a lua, que acariciava os serões ao ar livre e ungira os amores com seus fluidos, quando se mostrava entre as cortinas das nuvens, tinha a cara vermelha e congestionada. Aderira à malvadez do astro amante, que a cobria de noite com seus raios. E tostava as trevas [...] (ALMEIDA, 1979, p. 16).

Abrandado pelo tempo, 45 anos depois, ao proferir seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, explicou:

Direi agora como me fiz romancista [...]

Foi uma fuga, evadindo-me de minha austeridade, para um espetáculo profano. Estabeleci outra convivência, imaginária, livre de compromissos, como uma desintegração [...]

Procurando ser natural, regressei às impressões da infância que desenvolveu elementos nativos para engajar na minha estória. Experimentaria essa pressão dos fenômenos mais sensíveis esbatidos pelo tempo, para perderem sua vulgaridade [...]. Seria a consciência dos primeiros ambientes em toda a sua pureza. Simples reflexos que eu teria de estilizar como quem sonha [...] (ALMEIDA, 1967, p. 9).

Continuou sua autoanálise em outro momento do mesmo discurso:

[...] O que parece romantismo é a enormidade do natural. Começa lento e, aqui e ali, a ação se precipita. Mas, mesmo no auge, o tom é excitante, sem se intumescer. E o que se afigura irrealidade é a Natureza bruta, tudo tão estranho que se torna inúmero [...] (p. 11).

Sua primeira novela, *Reflexões de uma cabra*, fala da traição de um sertanejo a sua terra, corrompido pelos valores paulistanos. Inicia-se com um capítulo impactante, curiosamente intitulado: “8 - 8 = 16”.

E essa frase: “Zé Fernandes começou a viver aos oito anos” (p. 21).

O enredo flui cheio de travas e vai e vens, mas logo se apruma em uma narrativa clara. Descreve a vida pastoral de menino que amava sua terra:

[...] Corria atrás de seus cabritos traquinas e cabriolava com eles, como se tivesse nascido de uma cabra autêntica [...]. O pai observava-lhe a queda para a vida pastoril, mas não o queria vaqueiro [...]. Tampouco a mãe. Essa costumava dizer que só daria o seu filho à Igreja [...] (p. 26).

Era amigo de todas as reses. Trepado na porteira, levava horas sem conta vendo as vacas nédias a mugirem com o pescoço esticado ou a lamberem suas crias... queria bem, sobretudo, às miunças. Eram seus irmãos

de criação. As cabras acompanhavam-no, esfregavam-se nas suas pernas, levantavam para ele as pupilas de topázio. Carregava nos braços os borregos enfeitados em um mimo paternal (maternal) que não pode restaurar, depois, para o seu primogênito paulistano” (p. 26).

A novela termina com Zé Fernandes, despido de todos os seus valores, humilhado diante da cabra ultrajada:

[...] Se ela soubesse latim, teria dito simplesmente: *ECCE HOMO*. E definiria a novela. E interpretaria a psicologia do homem versátil e ambicioso que renunciara à religião, a família, à gleba, ao amor, à gratidão, ao próprio nome, e acabava de renunciar à derradeira e profunda impressão de sua infância (p. 80).

Comovida às lágrimas, recordei que comecei a viver, ou a tomar conhecimento de que vivia, bem antes de meus oito anos... A força das lembranças me fez mergulhar, de novo, no clima ficcional.

Morávamos em uma das quatro vertentes da serra de Taquaritinga, contrafortes da Borborema. Os sítios de meus avós maternos ficavam nos brejos das vertentes. Lá havia flores, jacas maduras, borboletas e plantações de café. Um riacho escorria serra abaixo, se enrodilhando nas pernas das lavadeiras. Elas desfaziam suas trouxas cantando hinos de igreja. Quando sentiam o fedor de uma tacaca, me faziam medo:

– A tacaca vai te pegar, menina!

Serra abaixo, o brejo virava caatinga. Era lá onde ficavam as terras de criação de gado de meu pai, herança dos meus avós paternos.

Eu me dei conta de que vivia me balançando numa rede na varanda da fazenda. Meu pai estava feliz com o verdejar dos pés de algaroba que plantara. Cantarolava, distorcendo os versos:

Manhã de domingo

Pede cachimbo

O sino é de prata

Deu na mata

O tenente é mofino

Deu no menino [...]

Relembrava os versos de Jorge de Lima (1997, p. 29), seu amigo, também médico:

*Ah, Casimiro, a aurora de minha vida
Foi um domingo na Fazenda [...]*

Ainda sorrindo, foi para os currais ajudar a separar o gado. O silêncio me deu sono. Uma brisa ligeira trazia o cheiro bom do curral. Eu contemplava o firmamento azul, encandeada pelo sol que tinha no meio do céu. Quando apertava os olhos, começava a ver uma miríade de gotinhas transparentes passeando na trêmula claridade. Ao lado dos vidrilhos de luz, voavam uns tracinhos pretos em forma de asas. Maiores, menores, indo e vindo ou apenas pairando, como que pregados no azul. De repente, ficavam enormes. As penas das asas se abriam como dedos. Terminavam pousando nos morrões do curral. Eram os urubus passarinhos.

Dona Bia aproximou-se, pé ante pé. Murmurava para uma tigela de umbus maduros:

– A menina não vai querer não. Não carece não. Ela vadia sozinha, espiando os urubus. Louvado seja Deus!

Eu pensava satisfeita:

“Os urubus são os donos do céu e da terra. Tomam conta dos bezerros e das cabras. Louvados sejam.”

Foi neste dia, aos cinco anos de idade, que eu comecei a viver. A sentir aquele profundo e comovido amor pelos bichos. Como Zé Fernandes.

Desde as primeiras frases de *A Paraíba e seus problemas*, Zé Américo teve dificuldades de disciplinar o romancista que nele se agigantava. Escreveu a prosa ensaística deste texto que hoje se reedita como um romancista. O que o tingiu de luz, sangue e bile. Em um clima digno dos melhores dramas e tragédias.

Essas nuances trágicas da sua obra foram bem observadas por Alceu Amoroso Lima em seu discurso de recepção a Américo na Academia Brasileira de Letras:

[...] Fostes vós que infundistes na revolução modernista o sentido de tragédia, sem o qual nenhuma Literatura se torna autêntica [...] (LIMA, 1967, p. 34).

[...] Ia ser vossa a voz do povo do sertão, da massa rústica esquecida, cujo abandono já Euclides da Cunha denunciara no seu livro patético. E vossa tríplice intervenção literária em 1928, e política em 1930 e 1945 se operou sob esse mesmo signo patético, sob o qual se desenrolou toda a vossa vida (p. 34).

Pois era o destino, a fatalidade quem regia a marcha da existência de José Américo e que marcava suas novelas e romances: “Foi o acaso. Posso assegurar que aqueles olhos não se procuraram, mas apenas se cruzaram, entraram uns pelos outros [...]. Porque, na verdade, aquilo não eram janelas d’alma, mas do inferno, ou, por assim dizer, do paraíso” (ALMEIDA, 1979, p. 39).

Curiosamente, a palavra tragédia (*tragoedia*) é composta pelos vocábulos *tragos* (bode) e *oidé* (canção) e significa “canção ao bode”. Talvez por conta da dança dos sátiros, figura mitológica metade humana e metade bode, parte das celebrações ao deus Dionísio (BAILLY, 1909, p. 642), como descritas por Eurípedes em *As Bacantes*.

Nada disso passou despercebido a Amoroso Lima (1967, p. 28):

Eis como numa dessas páginas palpitantes da vossa pena exuberante, a única que me permitirei citar de vossa obra considerável, por ser mais significativa da vossa personalidade e do vosso estilo – eis como descrevíeis, certa vez, a vossa paixão de nordestino:

Sou aquele que, um dia, era ministro da Viação e fui designado, na ausência temporária do titular da Pasta da Fazenda, para substituí-lo. Nesse momento, o Nordeste sofria e eu não encontrava meios para atenuar seus sofrimentos. Para não me sentir humilhado diante de vossa magnanimidade (pois se dirigia a nordestinos), farei todas as confissões. Mal entrei no Ministério, mandei vasculhar os cofres. Só havia dez mil contos disponíveis e raspei-os. Todo o dinheiro que houvesse eu tiraria, fosse como fosse, para matar a fome dos brasileiros. Para mim, tudo mais podia se acabar, na hora em que os brasileiros morriam de fome. Redigi o decreto-lei de abertura de crédito e corri ao Catete para que o chefe do Governo assinasse. No dia seguinte, voei ao Ceará, por falta de outro

transporte, num avião da Marinha que se perdeu no mar, deixando dois ministérios acéfalos: o da Viação e o da Fazenda.

A fatalidade que guiava o destino de Américo parece ter comandado esta viagem. O avião caiu (1932) nas costas da Bahia, levando a vida do grande político paraibano Antenor Navarro. Américo, apesar de suas fragilidades físicas, sobreviveu. Voltemos ao texto citado por Amoroso:

Declarou-se a seca e eu conhecia essa história. Eu tinha uma alma irmã da vossa. Sem verba para socorrer o Nordeste, mais uma vez atormentado pelas desordens de sua Natureza, sentia a angústia dessa inação forçada, como um ferrete na alma e na carne. Mas a Providência conduziu-me até onde poderia encontrar o milagre da salvação. Cheguei sem ser esperado e tive uma recepção que nunca mais me sairá da memória. A das multidões famintas que já tinham invadido vossa alegre e graciosa capital, como sombras que a empanavam, nesses seus dias de mais sol. Entranhei-me pelo sertão, mergulhando em fogo vivo. Já era a hora da debandada, do fluxo humano a derramar-se na odisseia das retiradas. A terra desventurada esvaziava-se nesse transe. Vi a raça que se desgarrava, fugindo, sem culpa, de um castigo do céu, do mais terrível dos céus [...] (ALMEIDA, 1923 *apud* LIMA, 1967, p. 28-29).

O projeto dessa sua obra ensaística contou com 14 capítulos. O primeiro deles, batizado com o nome de “Terra ignota”, nos apresenta uma terra desconhecida, obscura, ignorada – ignota. Busca descrever seu ambiente físico e, sobretudo, evidencia que a Paraíba não é um meio que deva ser condenado ao abandono. O segundo capítulo, “O clima”, é um alentado ensaio sobre a climatologia paraibana, ressaltando a serra da Borborema como uma das mais saudáveis zonas climáticas do Brasil. “O martírio” discorre sobre a história das secas. Um texto de grande tragicidade, escrito com sofrimento e comoção. A pesquisa histórica foi rigorosamente elaborada a partir de fontes primárias. Situa a primeira grande seca conhecida em 1692. Não foram registradas estiagens anteriores talvez por terem tido pouco efeito social em um interior

despovoado. Este capítulo denuncia o desconhecimento universal destes sofrimentos: “[...] o silêncio das nossas dores favoreceu esta errônea percepção” (ALMEIDA, 1923; 2012, p. 187).

“O abandono” examina os primórdios da atribulada colonização da Paraíba, a partir de um rico viés histórico. Só o acaso poderia justificar a sucessão de desastres acontecidos aos projetos de Frutuoso Barbosa para sua Filipeia (1585). O abandono da província pelos poderes públicos prosseguiu, ao longo da história, agravado pela excessiva centralização monárquica. Depois, pela política republicana que privilegiou a hegemonia centro-sul e o prestígio militar. Até a escolha do primeiro presidente nortista eleito por voto direto. “O homem do Norte” dá nome ao quinto capítulo. Américo festeja: “Só um homem do Norte seria capaz de corrigir o descaramento inveterado” (p. 237).

E prossegue:

Foi uma imposição das circunstâncias. Ao nome de Rui Barbosa só poderia ser contraposto o de Epitácio Pessoa [...]

Ausente do país, estranho às combinações, despercebido desta honra pela própria contingência desta sua representação, prevaleceu, entretanto, o prestígio de suas faculdades, quando as conjunturas valorizaram esses atributos [...]

[...] os representantes das forças partidárias dos estados, atentos, igualmente, aos interesses gerais, sabiam que contavam com um homem para circunstâncias difíceis [...] (p. 237).

Em entrevista ao jornal *A União*, em 19 de junho de 1919, Epitácio declarou solenemente:

[...] Não é o *quantum* das despesas que deve merecer reparo, mas a desorientação com que têm sido feitas [...] mais, infinitamente mais valiam para a prosperidade nacional as vidas e os patrimônios que desapareceram na fornalha abrasadora deste hórrido flagelo.

Dirigindo-se ao presidente, Américo sugere:

Ponha o Dr. Epitácio Pessoa por obra os seus propósitos em favor de nossa terra e esse serviço assumirá uma comovedora expressão de justiça, justificada, de mais a mais, pelas preferências de ordem sentimental, e os toques de amor filial de que são passíveis todos os homens (ALMEIDA, 1923; 2012, p. 344).

“A redenção” (capítulo VI) é a história do combate aos efeitos das secas, desde as primeiras tentativas até o projeto de Epitácio. Os capítulos seguintes dão notícia dos desafios enfrentados: “O problema das distâncias” (VII), “Política hidráulica” (VIII) “O porto” (XIX), “O saneamento” (X) e “A ação dispersa” (XI).

“Consequências sociais” e seus elementos etnográficos são vistos no capítulo XII. O autor descreve, em um esforço de síntese e clareza, o homem praieiro, o matuto e o vaqueiro. Não ousa disfarçar sua grande admiração por este último. Usa sua sempre comovida eloquência para descrevê-lo. Ressalta suas virtudes: sua força de trabalho, seu caráter, sua honradez, sua capacidade de adaptação e assimilação, com a emoção e habilidade do romancista que é. Desperta minhas comovidas saudades de antigamente. Volto às lembranças de minhas memórias infantis.

O nosso vaqueiro chamava-se seu Lu, mas fora batizado como Lupércio. Era magro, seco, acobreado e meio calvo sob seu chapuzinho de couro em meia-lua. Seus braços eram tendinosos e escondiam uma força enorme. Suas mãos – as juntas de seus dedos eram muito grossas e se esbranquiçavam no fundo das pregas – eram secas, ásperas como as plantas de seus pés guardados em meias e botas de couro cru. Falava pouco, era preciso e certo no que dizia. Um homem de poucas palavras. No dia da feira, chegava em nossa casa bem cedinho. Amarrava seu cavalo no portão de trás. Seu João, o morador, trazia o leite para o café da manhã. Os compadres fazendeiros, coronéis e correligionários – era este o nome que se usava no PSD – iam chegando depois. Era dia de sábado. Meu pai os esperava para o almoço.

Seu Lu era logo convidado para um cafezinho no terraço da frente. Ele e meu pai conversavam sobre o tempo, sobre os canteiros de erva-doce e coentro que dona Bia – que se chamava Bibiana – plantava nos leirões do barreiro de detrás de casa. Depois, assuntos de trabalho: a reserva de água do açude grande, o touro Camarada, as vacas paridas, os bezerros enjeitados, os projetos de

poços artesianos, os silos, a distribuição de sementes pelo Fomento Agrícola. Por fim, ouvia preocupado as notícias da Cooperativa Agropecuária, menina dos olhos de meu pai. Seu Lu mostrava então uma caderneta garatujada com números e marcas estranhas. Eram suas contas, ganhos, gastos, despesas. Na primeira mesa de almoço, sentava-se ao lado de tio Sinésio numa das cabeceiras. Minha mãe comandava a comilança gabando-se da fatura:

– Servi três mesas.

Sentada nos batentes do terraço, eu tinha a visão do que ocorria embaixo da mesa, uma floresta de pernas. Nosso cachorro se enfiava por lá para tocaiar a inquietação do meu tio. Frank Lloyd – este era o nome do cachorro – não gostava dele. Quando ele parava com o sapateado e se empinava para trás para soltar sua enorme gargalhada, Frank Lloyd se descontrolava. E, enquanto a estranha gargalhada fervilhasse no fundo da sua garganta, ele rosnava e dava pequenos botes nos seus sapatos. Ninguém parecia notar o que ocorria. Sinésio não reclamava. Meu pai é que se impacientava e tentava acalmar o bicho com pedacinhos de carne.

O almoço prosseguia. Seu Lu exibia extraordinária destreza, faca e garfo, um em cada mão. Porções de comida eram arrumadas em montinhos na lâmina da faca e assim levadas à boca. Gostava de carne seca com farofa. Quando minha mãe lhe oferecia macarrão com molho, ele se constrangia. Meu pai interferia:

– Experimente um pouquinho, Lu!

Seu Lu morava com a família na casa-grande da fazenda. Uma construção de pedra e tijolo com mais de cem anos. Terraços na frente e nos lados, sala de visitas e de jantar – guarnecida com um relógio antigo de pêndulo e badalo. O corredor levava às cinco camarinhas sombrias que fediam a couro e a patchuli. A casa findava em enorme cozinha com fogão de pedras e barro. Havia muita paz naquele lugar. Salvo no dia da apartação, herança dos tempos de criação de gado à solta. Tentei descrever o acontecimento em um de meus romances, Luz do Abismo.

Cada bezerro encontrado sem ferro (com menos de um ano, portanto) ganhava um dono e era devidamente marcado. As decisões eram tomadas com rapidez. O medo era, seguramente, maior que a ganância ou o senso de justiça. Falava-se pouco. Pesavam-se e mediam-se as palavras.

Para os estranhos, o dia da apartação era um momento de festa. Havia vaquejadas, sanfoneiros, brutais bebedeiras.

Para os proprietários, era o dia do juízo final (ALBUQUERQUE, 2005, p. 194).

Naquele dia, meu pai e seu Lu acordaram sisudos, cheios de lembranças ruins. Os novinhos, cismados com o movimento no pátio da fazenda, esticavam os pescoços e mugiam, antecipando a dor do ferro em brasas. Eu mal continha as lágrimas.

O burburinho começava cedo com a chegada dos visitantes. Os parentes, os fazendeiros vizinhos, os vaqueiros do lugar, o agrônomo e o padre. Meu tio contratava os sanfoneiros. A tensão crescia com o calor da manhã.

Os ferros com nossas iniciais esquentavam nas fogueiras. Os vaqueiros aprontavam seus cavalos. A perseguição enlouquecida começava de modo muito ordenado. O cavaleiro se emparelhava com um bezerro e lhe puxava pelo rabo. O novinho caía atônito. O ferreiro avançava, vidrando os olhos. Alcançava o garrote ainda no chão e cravava o ferro em brasas na sua coxa esquerda. Ou na perna direita, caso o garrote fosse de meu avô. A poeira subia misturada à fumaça que fedia à carne queimada. Fazia um calor enlouquecedor.

Ao meio-dia, o sanfoneiro parou de tocar e pediu cachaça. O silêncio da sanfona aliviou meu pai. Seu João, o morador da fazenda, todo vermelho, correu de um lado para outro, procurando as garrafas de aguardente que dona Bia arrumara em uma mesa posta na sombra do juazeiro.

Seu João era o matuto. Alvo, rosado, bigodudo, cheirava a leite e nunca suava. Quase nunca falava. Não tinha precisão. O rosado do seu rosto redondo falava por ele. Era compenetrado e cerimonioso e sempre vestia camisas de algodãozinho muito bem atacadas no gogó e nos punhos.

Chegava em nossa casa de manhãzinha. Tirava os quatro galões de leite do lombo dos dois jumentos e se sentava na cozinha para tomar seu café da manhã: cuscuz com coalhada escorrida. Comia com colher, mantendo o prato ou a xícara bem próximas da boca. Se avistava um de nós, baixava os olhos, tirava o chapéu de palha e se perfilava. O rosto corado. Terminada a refeição, descia para o quintal. Ia lavar os galões e os panos de coar leite. Cortava a lenha para nossa cozinha. O seu machado zunia sobre a madeira seca apanhada na caatinga. Seus golpes eram sérios, precisos, cadenciados.

Morava com mulher e três filhos em uma das casinhas da fazenda. Recebia um pagamento semanal e tinha permissão para plantar o seu roçado e criar galinhas, porcos e cabras. Seus dois jegues sempre zurravam às onze horas da manhã.

Seu João, o matuto, era um homem de bem. Nunca o vi sorrir ou expressar emoções. Nas noites de festa, de camisa nova, dava o braço à sua mulher e subia a rua, sério e rosado. Ele era assim mesmo.

Infelizmente, ao modo dos enredos dos romances de Zé Américo, essas minhas tão doces lembranças infantis caminharam para finais trágicos. Envelhecemos. Meu pai adoeceu. Deixou de andar e de falar. Faleceu aos sessenta anos de idade. Seu Lu se entristeceu.

A Cooperativa Agropecuária abriu falência, comprometendo o capital levantado com a hipoteca da nossa fazenda. Naquele ano de seca, os agricultores não honraram seus empréstimos. Foi necessário vender nossa propriedade. Seu Lu ficou perturbado e disparou em cavalgada enlouquecida pelo leito seco do Riacho Topada. Foi encontrado dois dias depois, lá para as bandas de Santa Cruz do Capibaribe. Perdera o tino.

Atendendo a meu pai, meu avô comprou um sítio perto da rua, para abrigar o velho vaqueiro e sua família. Uma casa de morada avarandada com currais e dois barreiros. A família poderia sobreviver, fazendo o que sabia. Com menos trabalho. Mais próximos da ajuda médica que necessitavam – pensava meu avô.

Nunca soube qual teria sido a opinião de seu Lu sobre a ação trabalhista que seus três filhos impetraram em seu nome contra meu pai. Desejavam uma indenização vultosa para se estabelecer em São Paulo, seduzidos pelas notícias de parentes que migraram para lá. Venderam a fazendola. Nunca mais ouvimos falar deles. Nunca escreveram para os amigos nem para os compadres.

Seu João, o matuto, vermelho como nunca, se mudou com sua família para perto dos parentes do sertão do Cariri. Sem se despedir. Nunca escreveu. Não sabia ler nem escrever.

No capítulo XIII, “Consequências econômicas”, Américo registrou os bons resultados do projeto concebido por Epitácio Pessoa. Expressão dos progressos que aconteciam em cascata por toda a região. Sobretudo na agropecuária. Como nos demais capítulos, a pesquisa histórica nos leva aos primórdios da história da cana-de-açúcar, do algodão, do milho, da mandioca e até mesmo das improváveis frutas, sementes e condimentos. E à encantadora história da criação de gados no Cariri.

A eloquente descrição da diminuição das nossas reservas de mata é um alerta para a necessidade de reflorestamento da região, sobretudo nas áreas de caatinga. Relembrei as algarobeiras de meu pai e seu interesse, tanto pelos colégios agrícolas quanto pelo ensino itinerante da agricultura de fazenda em fazenda. Descobria que os seus interesses e até o seu vocabulário giravam em torno do projeto das Obras contra as Secas. Com a mesma alegria que registrei a surpresa de Américo com o súbito desenvolvimento do transporte automotor na região: os caminhões de Campina Grande! Falavam em favor das antecipações de Epitácio sobre a urgência da abertura das grandes estradas de rodagem.

O capítulo XIV, “Impressão geral”, é um eloquente pleito de gratidão de Américo a Epitácio Pessoa, em nome do povo paraibano: “A Paraíba ufana-se de apregoar esta gratidão” (ALMEIDA, 1923; 2012, p. 584).

No “Apêndice” desta edição, o autor transcreve a tréplica de Pessoa aos reparos feitos pela Comissão Rondon ao seu projeto redentor. Uma resposta precisa, forte, exata, ao mesmo tempo cordial. O texto foi anexoado à edição graças ao justificado retardo da finalização deste livro.

A Comissão Rondon bem fez por merecê-la. O azedume, a inveja, a má vontade, mal crônico do nosso sistema público, não justificavam seu relatório final. Nem o abandono ao Projeto Redentor do Nordeste pelas sucessivas presidências da República, dotadas de moto próprio, guiadas pelas forças do processo civilizatório. As Obras contra as Secas seguiram seu inabalável caminhar.

Em 1979, um ano antes de sua morte, Américo registrou:

Não referirei, sequer, como já fiz que, tendo sido suspensas as obras de Epitácio Pessoa, estava tudo desfeito decorridos dez anos de abandono e exposto ao regime torrencial quando retornei, como Ministro de Viação e Obras Públicas, o plano geral até a sua conclusão (ALMEIDA, 1923; 2012).

José Américo viveu intensamente e foi um grande homem público, fecundo na literatura e na política, despertando a admiração dos contemporâneos. Amoroso Lima (1967, p. 29) registra, no seu discurso de recepção ao seu homenageado: “[...] a vossa figura tríplice de nordestino, de homem de letras e de homem público, numa simbiose indissolúvel”.

E continua:

Vejo, nesse espírito nordestino, uma nota dominante e típica: a primazia do caráter sobre todas as demais faculdades mentais. Pelo caráter, é o homem todo que se afirma, e não esta ou aquela qualidade. É a forma interior da pessoa humana. Sua unidade substancial. É o traço de união das partes dispersas cuja soma constitui o sinal distintivo de nossa personalidade. É ele que nos torna unos ou múltiplos, fracos ou fortes, serenos ou angustiados, varonis ou efeminados. É o cimento de nossas pedras interiores. Sem ele, somos apenas parcelas isoladas (p. 30).

E finaliza:

E como sois um exemplo típico do caráter nordestino, vosso destino, Sr. José Américo, é de ser, por natureza, um antimacunaíma. É tão fácil lidar com os macunaímas como é difícil lidar com os antimacunaímas. E por isso dizem não ser muito fácil o convívio convosco (p. 30).

José Américo envelheceu:

“Voltado para o passado e para dentro de vosso próprio espírito, em livros sucessivos de memórias, discursos e meditações [...]” (LIMA, 1967, p. 35).

E não poderia ser diferente, pois se tratava de uma questão de caráter. Retirado na rica solidão de seu refúgio de Tambaú, dormia com o marulho das ondas embalando o seu sono de homem justo. De manhã cedinho, passeava na praia. A espuma rendilhada das ondas molhando a batinha de suas calças. Nem se importava.

Havia dias em Tambaú que o sol brilhava desde cedo, meio enlouquecido, meio brincalhão. Em um desses dias de excepcional claridade, Américo contemplou o horizonte de um modo diferente. Uma onda de ternura lhe agigantou o peito. O ar, todo trêmulo, se aveludou em torno de seu corpo. Como se lhe abraçasse. Uma brisa fresca, cheirosa, oferecida, roçou seu rosto de míope. Respirou fundo, como que incorporando o horizonte azul que se alumia. A areia molhada cedeu sob

seus pés, desejosa de eternizar seus passos. Quando tentou falar de amor, lembrou o velho poema. Um meio sorriso divertido anunciou os versos imortais de Madame de La Fayette, recitados naquele seu francês do tempo do seminário:

*“[...] une passion la plus violente, la plus naturelle
et la mieux fondée qui est jamais été”.*

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Maria Cristina Cavalcanti. *O Seminário*. Bagaço: Recife, 2015.
- ALBUQUERQUE, Maria Cristina Cavalcanti. *Luz do abismo*. 2ª ed. São Paulo: A Girafa, 2005, p. 194.
- ALMEIDA, José Américo de. *Ad immortalitatem* (discurso de posse na Academia Brasileira de Letras para a cadeira nº 38). Rio, ABL, junho/1967.
- ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. 15ª ed. Rio: José Olympio, 1978.
- ALMEIDA, José Américo de. *Novelas* (Reflexões de uma cabra, O boqueirão, Coiteiros). Rio: Civilização Brasileira, 1979.
- ALMEIDA, José Américo. *A Paraíba e seus problemas*. João Pessoa: [s.n.], 1923. Brasília: Senado Federal, 2012, p. 40.
- BAILLY, M. A. *Abregé du dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1909, p. 642.
- BILAC, Olavo. Língua Portuguesa. In: BILAC, Olavo. *Tarde*. [s.l.], [s.n.], 1919. Campinas/SP: Pontes Editores, 2020, p. 12.
- LA FAYETTE, Madame de. *La Princesse de Clèves*. Colection Gallia. Paris: George Crès et Cie, 1913, p. 232.
- LIMA, Alceu Amoroso (pseud. Tristão de Athayde). *Discurso de recepção a José Américo de Almeida, por sua entrada na Academia Brasileira de Letras*. Rio: ABL, junho/1967.
- LIMA, Jorge de. Domingo. In: LIMA, Jorge de. *Novos poemas; Poemas escolhidos; Poemas negros*. Rio: Lacerda, 1997.
- MELLO, Antonio Joaquim de. *Biografia de José da Natividade Saldanha*. Recife: Tipografia de Manoel Figueiroa Faria & Filho, 1895.
- OLIVEIRA, Cleófano Lopes de. Língua Portuguesa. In: OLIVEIRA, Cleófano Lopes de. *Flor do Lácio*. 4ª ed. São Paulo: Saraiva, 1958.
- SALDANHA, José da Natividade. *Poemas oferecidos aos amantes do Brasil*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1822.
- SALDANHA, José da Natividade. Ode a Henrique Dias. In: SALDANHA, José da Natividade. *Poemas oferecidos aos amantes do Brasil*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1822.
- SHAKESPEARE, William. Rei Lear. In: SHAKESPEARE, William. *Obra completa*. Volume I. Rio: Aguilar, 1969.

ASPECTOS ESTILÍSTICOS E INTERTEXTUAIS EM *A PARAÍBA* E SEUS PROBLEMAS

Neide Medeiros Santos

“O livro *A Paraíba e seus problemas*, obra de vulto, um dos estudos mais completos de geografia humana já realizados no país, garantia-lhe, pelos subsídios, uma técnica e uma visão brasileira.”
Virginius da Gama e Melo. José Américo de Almeida

As duas primeiras décadas do século XX na Paraíba foram marcadas por progressos econômicos e culturais. O algodão se expandia, surgiam as primeiras usinas de açúcar, e a construção de estradas que ligavam a capital do estado às cidades do interior seguia um ritmo crescente. No período de 1920/1924, o presidente do estado da Paraíba era Sólton de Lucena, amigo do presidente da República Epitácio Pessoa (1919/1922).

Desejando expressar o reconhecimento a Epitácio Pessoa por seu empenho no combate às secas na Paraíba, Sólton de Lucena encarregou José Américo de Almeida e Celso Mariz de perpetuar num livro os benefícios advindos da era epitaciana. A tarefa era árdua, exigia pesquisas e dedicação, Celso Mariz desistiu da incumbência e coube a José Américo elaborar o texto e concluir o trabalho. Para executar a atividade, o autor percorreu todo o estado, sentiu os problemas cruciais do povo, fez pesquisas, fotografou o que foi possível e se dedicou com afinco à missão

que lhe foi confiada. Nos fins de 1923, deu por terminado o trabalho e o livro foi publicado.

É bom lembrar que esse período foi também um tempo de efervescência literária e despontavam no cenário das letras paraibanas a revista *Era Nova* (1921/1926) e o jornal *A União*, criado em 1893, ligado ao governo estadual. Os dois veículos de comunicação também tinham forte atuação literária. Tanto na revista quanto no jornal, os intelectuais paraibanos encontravam receptividade para publicar seus textos. Vários escritores, historiadores, poetas, cronistas, entre outros, como José Américo de Almeida e Celso Mariz, escreviam textos para os dois conceituados órgãos da imprensa paraibana.

José Américo já havia publicado *Reflexões de uma cabra* (1922), uma novela satírica em que faz uma análise psicológica do nordestino que foge da sua terra em busca de um local mais promissor. Na juventude, em 1907, aluno do último ano da faculdade de direito do Recife, junto com Simão Patrício e Eduardo Medeiros, editou na sua cidade natal, Areia, o jornal *Correio da Serra*. Publicara também sonetos no jornal *A União*. Não era, portanto, um iniciante na arte de escrever.

Em dezembro de 1923, o livro foi publicado com o título *A Paraíba e seus problemas*, pela Imp. Oficial da Parahyba, seguindo-se outras edições. Em 1937 (2ª edição), pela Editora Globo; em 1980 (3ª edição), pela Editora A União, e, em 1994 (4ª edição), pela Editora do Senado. Para marcar o centenário da publicação (2023), será publicada uma nova edição novamente pelo Senado Federal.

Um aspecto que sempre instiga os leitores é quanto ao gênero a que pertence *A Paraíba e seus problemas*. O ensaio apresenta uma variedade temática tão grande que se torna difícil enquadrá-lo. É um livro de sociologia, antropologia, geopolítica, história ou um ensaio com veleidades literárias? Não se pode negar a presença de elementos da sociologia, antropologia, geografia humana e descritiva, dados históricos, mas já se sente nas entrelinhas e no relatório/ensaio certo apuro estilístico. É bom lembrar os relatórios do prefeito de Palmeira dos Índios, Graciliano Ramos, nos anos 1930, ali também se descortinava a presença de um escritor. Ressalte-se que o ensaio de José Américo não tem apelos para a ironia como o do escritor alagoano.

Examinando-se os elementos paratextuais inseridos no livro consultado (3ª edição, 1980), encontram-se a “Introdução” de José Honório Rodrigues, “Estudos críticos” de Jackson de Figueiredo e Josué de Castro, e “Posfácio” de Tarcísio Burity. O historiador paraibano José Octávio de Arruda Mello fez breves considerações que foram inseridas na orelha do livro.

Para o lançamento da 3ª edição, foi organizado um seminário sobre *A Paraíba e seus problemas*, promovido pela Diretoria Geral da Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba em 1980. O governador do estado da Paraíba na época era Tarcísio de Miranda Burity, que preferiu, durante a realização do seminário, o texto que ora aparece como posfácio na edição citada. O professor Burity chama a atenção do leitor para a presença dos elementos estilísticos presentes na obra que se faz notar em diferentes passagens, até mesmo na apresentação feita pelo autor na 1ª edição do livro.

Nada melhor para compreender essa obra do que o registro feito pelo próprio autor nos últimos parágrafos da 1ª edição do livro. Essa apresentação se encontra também na 3ª edição (1980). A respeito do título do livro, dá esta explicação:

O título *A PARAÍBA E SEUS PROBLEMAS* é, exageradamente, compreensivo. Mas, reporte-me, apenas, às soluções fundamentais, como ponto de partida de todo nosso progresso.

Levantei algumas questões que exorbitam, talvez, dos limites propostos. Mas o Sr. Epitácio Pessoa gostará de ver que me impressionei mais com a sua obra do que com o seu nome e menos com a sua obra do que com sua terra (1980, p. 48).

Conhecedor de todo o território paraibano, José Américo fez uma excursão ao interior para rever os “lugares perlustrados” e para colher as impressões do centro dos grandes melhoramentos, era seu desejo acumular material que servisse para a coleta de dados sobre as obras executadas e em via de execução. As dificuldades encontradas foram muitas, mas seu amor à Paraíba duplicou a força de vontade de empreender a tarefa, afastando o propósito de organizar um simples inquérito de

serviços e apresentando um texto consistente, realista e com sutilezas literárias.

Dividido em 14 capítulos, *A Paraíba e seus problemas* contém ainda um apêndice com texto de Epitácio Pessoa, que é uma tréplica aos reparos da Comissão Rondon. É um livro denso, substancioso, que retrata com grande acuidade crítica não só os problemas ligados à terra paraibana, mas também se trata de um estudo completo da região.

Na apresentação que fez para a 1ª edição do livro, e que foi repetida na 3ª, o autor delinea cada parte e é possível observar como descreve os capítulos de forma sucinta, abalizando seus conhecimentos em dados históricos, geográficos e sociológicos. Em todos eles revela a preocupação com o literário, marcado pela presença de figuras estilísticas que põem em relevo o domínio da arte de bem escrever.

A Paraíba e seus problemas apresenta grande valor histórico, isso é afirmado por historiadores do porte de José Honório Rodrigues e José Octávio de Arruda Mello. Para o primeiro, a exemplaridade do livro se verifica na amplitude da pesquisa, na correção metodológica, na capacidade criativa. Por sua vez, o historiador paraibano José Octávio de Arruda Mello atesta que o livro propõe uma visão simultaneamente liberal-radical e social, é a visão de quem vê a história como crítica às estruturas e somatório de todas as ciências sociais (geografia, economia, antropologia, política e sociologia).

O valor histórico dessa obra é também corroborado por Joacil de Brito Pereira em *José Américo de Almeida: a saga de uma vida* (2010, p. 301), quando diz que o despontar do historiador não se limita à narrativa dos episódios do passado, ele foi além – examinou a evolução econômica da Paraíba e sua estrutura institucional. Os costumes políticos foram relevados e fez história interpretando os valores socioeconômicos e o funcionamento do poder político e da administração pública.

Vale lembrar que José Lins do Rego, após terminar o curso jurídico (1923), voltou à Paraíba e passou a escrever para a revista *Era Nova*. O ensaio que escreveu sobre o livro *A Paraíba e seus problemas* foi publicado nessa revista e data de julho de 1924, seis meses depois do lançamento do livro de José Américo.

A respeito do artigo, Gilberto Freire assim se manifestou através de carta:

Li (e foi um grande gozo a leitura!) o seu artigo sobre o livro de José de Almeida. Dá bem a ideia de sua situação: da transição que você vai atravessando sem prejuízo do temperamento. A frase se tem ritmo parecido ao da minha frase, tem muito coisa de vivamente próprio, de pessoal, de seu. E você vai revelando possuir esse difícil sentido do pitoresco e mais que ele: o da beleza (13/8/1924).

Antes de se adentrar na análise do livro, José Lins tece algumas considerações a respeito do modo de ser de José Américo – tinha a “sinceridade de um místico” e era muito interessado pela leitura. Após terminar o curso de direito, quis ficar morando na Paraíba; e, aos 23 anos, se viu envolvido em uma burocracia de falar para velhos juízes.

Nas palavras de José Lins, o escritor inaugurou um gênero difícil na literatura e afirma: “Em suas 700 páginas, o homem de ideias que era José Américo não se apressa nas generalizações, não improvisa”. Se houve improvisação, foi somente de composição. Muito do seu livro estava à espera de papel e tinta (2007, p. 264).

Era uma obra de encomenda e muita gente que esperava o “louvaminheiro” viu aparecer o “crítico”. O escritor se fez um analista de nossos valores sociais e econômicos, o livro se tornou quase um romance “à *vraisemblance*. Um romance de aguda e sincera interpretação da terra e do homem” (2007, p. 264).

Para escrever esse livro, José Américo foi rever o sertão. E diz Zé Lins: “rever terras por onde andamos tem, às vezes, o mesmo sabor que reler um livro” (2007, p. 264).

Possivelmente foi desse contato com o sertão que surgiu um “José Américo paisagista”. Gilberto Freyre já havia descoberto afinidades de José Américo com o romance de Gogol. Quem lê Gogol é invadido pela paisagem da Ucrânia, opina Freyre.

José Lins afirma que José Américo não levou máquina fotográfica a tiracolo para escrever *A Paraíba e seus problemas*, levou uma caixa de

pintor impressionista e desenhou em papel branco com tinta preta e pôs a paisagem em ação.

Referindo-se ao ano de 1878, registre-se essa bela passagem, rica em personificação e imagens impressionistas. As cores do céu “ouro sobre azul”, de grande beleza, contrastam com o desnudamento das árvores e com a miséria dos mais “graúdos fazendeiros”.

São várias as descrições apresentadas por Zé Lins que comprovam a presença de duas paisagens na Paraíba – uma seca e outra sendo a região do brejo, favorecida pela chuva e umidade da terra.

O entusiasmo pelo livro de José Américo vai além da análise dos trechos descritivos, ele afirma que é um dos livros mais bem escritos em português. “É um livro bem escrito e bem pensado” (2007, p. 269).

Salienta, ainda, que José Américo tem o talento para o pitoresco e o pitoresco vem até nos documentos áridos. Essa opinião encontra respaldo entre os estudiosos e críticos brasileiros. Virginius da Gama e Melo já atestava no ensaio “José Américo de Almeida”:

o livro *A Paraíba e seus problemas*, obra de vulto, um dos estudos mais completos da geografia humana já realizados no país, garantia-lhe, pelos subsídios, uma técnica e uma visão brasileira (1980, p. 23).

O texto de José Lins do Rego, escrito quando contava apenas 23 anos, é uma leitura que enaltece e ilumina o livro de José Américo. Muito válida a comparação entre as descrições feitas pelo escritor às terras paraibanas com as paisagens impressas nas telas dos pintores impressionistas.

No ensaio “José Américo de Almeida: um homem múltiplo”, publicado no livro *A Geografia na Obra de José Américo*, organizado pela professora Janete Lins Rodriguez, Joacil de Brito Pereira afirma que esse “livro denúncia” atesta o crime terrível de abandono de uma região tão cara a todos os brasileiros, porque foi aqui no Nordeste onde tudo nasceu. E prossegue: “Tudo ele estudou, tudo viu; e viu mais do que os outros puderam ver, porque também já disse e ficou inscrito como máxima que varou os tempos *ver bem não é ver tudo, é ver o que os outros não veem.*” (2003, p. 16).

Nesse mesmo livro, em outro ensaio, com o título “A partir das obras técnicas de José Américo”, Celeida P. Bezerra faz esta pertinente observação:

Não era geógrafo e nem esteve comprometido com nenhuma corrente de geografia, mas fez geografia até com poesia.

Percebemos que tanto na descrição de O Cariri quanto na do Brejo escreveu verdadeiros poemas com detalhes geográficos. (2003, p. 85).

Tomando como base postulados estilísticos, intertextuais e traços poéticos, ressaltados por Celeida Bezerra, o ensaio examina alguns capítulos da obra de José Américo de Almeida, onde a presença de imagens literárias atesta que, por trás de um relatório, estava subjacente um escritor. Para concretizar o estudo, utilizou-se elementos da estilística idealista de Leo Spitzer; d’A *Estilística*, de Pierre Guiraud; *Introdução à Estilística*, de Nilce Sant’Anna Martins; *Estilística, Poética e Semiótica Literária*, de Alcília Yllera. Consultou-se também livros de teoria da literatura que dão suporte a uma análise centrada na palavra, que busca interpretar a beleza do texto.

No 1º capítulo – “Terra ignota” –, o título já é denotador de que se trata de uma terra desconhecida, termo usado na cartografia para assinalar as regiões não exploradas, e o autor do relatório afirma que a Paraíba é uma terra ignota, principalmente para a ciência. Observa-se uma similitude com *Os Sertões*. Euclides da Cunha começa o livro descrevendo também a terra e o título “Terra ignota” está presente nas “Preliminares” de *Os Sertões*. Tanto os sertões da Bahia como os da Paraíba exigiam olhares acurados para melhor compreender a terra e o homem nordestino. No que se refere à Paraíba, tudo é descrito minuciosamente pelo relator. A respeito das linhas fronteiriças com o Rio Grande do Norte, as descrições apelam para o visual, conforme se pode observar neste excerto:

As linhas fronteiriças que não têm características naturais são ainda arbitrárias e indecisas.

A da parte setentrional é esquisitamente irregular. Começa, do mar para o poente, na foz do Guaju. Inclina-se pelo leito desse rio até sua nascente e, em seguida, acompanha o rio Calabouço. Daí por diante, curva-se e quebra-se, através de relevos, infletindo em meio, até deprimir o território numa faixa de 50 quilômetros de largura, pela invasão do Seridó, ou deformá-lo em figuras caprichosas, como na ponta da serra do João do Valle, e chega pelos degraus da serra de Luís Gomes à extrema ocidental. (1980, p. 60).

Observa-se a precisão da linguagem para determinar os limites da separação entre a Paraíba e o Rio Grande do Norte, além disso, também utiliza a linguagem figurada para representar o que é visível na serra de João do Vale. A invasão do rio Seridó proporciona “figuras caprichosas” que chegam “aos degraus da serra de Luís Gomes”. A divisória entre os dois estados “curva-se e quebra-se” em determinadas partes, através dos relevos. É um olhar de pintor paisagista, parece que vê a paisagem do alto e acompanha o curso tortuoso dos rios, o que dá mais beleza ao que está descrito.

O mesmo ocorre quando se refere à separação entre a Paraíba e Pernambuco. O rio Goiana é o marco divisório e não falta a riqueza de detalhes estilísticos, como se pode observar nesta passagem:

A separação de Pernambuco é pelas divisas que derivam da embocadura do rio Goiana. Arqueiam-se desse curso, atravessam um núcleo de populações comum e, daí a alguns quilômetros, pegam com a serra geral dos Cariris Velhos. Prosseguem pelo dorso da cordilheira, atento o divisor das águas, e entram, adiante, a colear em diversos rumos, numa geometria tumultuária, cuja maior reentrância coincide com a zona desfalcada pela intrusão do lado oposto, estreitando-a, cada vez mais.

Essas curvas desenham um triângulo por onde a Paraíba se intromete, longamente, em Pernambuco, numa expansão territorial sem correspondência econômica, pela sorte comum dos tratos assim constituídos. (1980, p. 61).

O rio Goiana, o divisor dos territórios, porta-se de maneira personificada, toma diferentes rumos provocando uma “geometria tumultuária”.

Se na divisa com o Rio Grande do Norte havia a invasão pelas terras norte-rio-grandenses na Paraíba, em Pernambuco verifica-se o contrário – é a Paraíba que se intromete em terras pernambucanas, assim a descrição forma um desenho em forma de triângulo.

Com relação à divisa com o Ceará, a regularidade fronteiriça não proporciona voos literários relevantes, o mesmo não ocorre quando se trata dos limites da costa, principalmente a partir do rio Guaju, em que a costa se alterna na formação de dunas que ora são cobertas de vegetação, ora se apresentam movediças, não faltando no meio do caminho “praias pitorescas e aprazíveis”. O escritor destaca as altas barreiras que são ladeadas por rios e riachos e cita a de Tambaba e outras que dão beleza ao local, como a da Penha, Jacumã, até alcançar Pitimbu. Faz referência ao Cabo Branco, local em que, anos mais tarde, escolheria para morar, e que foi retratado por inúmeros pintores paraibanos, entre eles Hermano José.

Nesta descrição da terra, merece ainda destaque a referência à capital da Paraíba. A riqueza de adjetivos, os verbos e substantivos incomuns dão mais beleza ao texto, novamente se sente a presença de um escritor que se preocupa com a escolha expressiva das palavras: “A capital situada numa dessas graciosas colinas, vista do alto, atufa-se no bosque soberbo que a circunda e invade com ramalheira dos pomares e de algumas árvores revelhas escapas à devastação” (1980, p. 72).

Nota-se o emprego de palavras pouco comuns: “atufa-se”, “ramalheira” e “árvores revelhas”. Ramalheira dá uma ideia bem mais ampla do que ramos e revelha, pouco usual, indica a antiguidade das árvores. Essa visão oferece um panorama exuberante, bonito, cheio de verde. A descrição pode ser comparada ao soneto de Olavo Bilac – Velhas Árvores. No soneto, o poeta assim descreve, no primeiro quarteto, a beleza das árvores antigas:

Olha estas velhas árvores, mais belas.
Do que as árvores moças, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas,
Vencedoras da idade e das procelas...

Quando se trata do clima, o texto é mais objetivo e o autor ressalta que a Paraíba oferece, em quase todos os meses do ano, o mesmo padrão

climático, não havendo grandes diferenças entre o clima do litoral e do sertão. As poucas variações ocorrem nas regiões serranas, onde é mais ameno. No sertão e alto sertão há constância climática.

O 3º capítulo traz o título “O martírio” e o tema tratado é o das secas, que foi responsável pelo retardamento da organização social e econômica do estado. Josué de Castro considera que o assunto da fome é delicado e perigoso, poucos foram os estudiosos que se debruçaram sobre esse tema. Associada à fome vem a seca que atinge grande parte do Nordeste e mereceu um capítulo especial no livro *A Paraíba e seus problemas*.

A seca e a fome sempre andaram juntas. No Nordeste do Brasil, desde o tempo da colônia, havia secas periódicas, conforme depoimentos de vários historiadores. Os relatos registrados por José Américo sobre as secas seguem uma ordem cronológica. O autor começa descrevendo fatos acontecidos em 1692 e se estende até as duas primeiras décadas do século XX.

Nessa parte, vale registrar a impressão pessoal do escritor quando era criança, refere-se à passagem dos retirantes que transitavam pelo engenho onde morava à procura de pouso e um pouco de comida para não morrer de fome. Essa pungente descrição foi aproveitada com algumas modificações, algum tempo depois, no romance *A Bagaceira*. Examine-se esse excerto:

E vagueavam pelos caminhos, ora consolados pela esmola miúda, ora es-corraçados por lavradores ríspidos.

Foi a minha impressão pessoal da calamidade. E a retentiva infantil tocada por cenas tão violentas é indelével. Nunca mais me esqueceu o espetáculo con-tristador que eu mal compreendia e que ainda hoje me arrepi-a a sensibilidade.

Era uma macabra procissão de múmias.

Passavam, aos ranchos, na solidariedade da dor comum.

Depois de terem palmilhado os sertões longínquos, mortos de sede, de fome e de fadiga, ainda marchavam, caveirosos e arquejantes, atrás de um conforto inatingível. (1980, p. 219).

Observe-se a expressividade e o inusitado da imagem: “Era uma macabra procissão de múmias”. José Américo se utilizou de uma expressão forte para externar o sentimento dolorido do menino que observava os retirantes. A cena foi constrangedora para quem estava descobrindo o mundo.

O pintor Cândido Portinari representou em tela a passagem de retirantes por terras desoladas. Essa tela se encontra no Museu de Arte de São Paulo (MASP) e foi produzida em 1944. Retrata uma família nordestina que abandona sua terra e foge da miséria e da fome. Os tons sombrios e terrosos condizem com o ambiente representado. Corpos magros e esqueléticos dos adultos e das crianças oferecem uma visão fantasmagórica que impressiona todo aquele que se detém diante da tela.

No romance *A Bagaceira*, José Américo descreve, de forma magistral, a passagem dos retirantes pelos engenhos de Areia e tudo já estava consagrado em *A Paraíba e seus problemas*, agora de forma mais literária e mais poética.

No 1º capítulo de *A Bagaceira* – “Os salvados” – encontra-se essa passagem que apresenta semelhanças com a descrição feita em “O martírio” (*A Paraíba e seus problemas*). O escritor descreve o êxodo dos retirantes na seca de 1898:

Os fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trôpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas. Andavam devagar, olhando para trás, como quem quer voltar. Não tinham pressa em chegar, porque não sabiam aonde iam. Expulsos do seu paraíso por espadas de fogo iam, ao acaso, em descaminhos, no arrastão dos maus fados. Adelgaçados na magreira cômica, cresciam, como se o vento os levantasse. E os braços afinados desciam-lhes aos joelhos, de mãos abanando.

[...]

Não tinham sexo, nem idade, nem condição nenhuma. Eram os retirantes. Nada mais. (1989, p. 38).

Os dois excertos dos livros de José Américo – *A Paraíba e seus problemas* e *A Bagaceira* – apresentam inúmeras afinidades com a famosa tela

de Portinari – *Os Retirantes*. Linguagem verbal se corporifica à pictórica. As duas artes “suavemente se tocam, amorosamente se enlaçam”.

Os capítulos IV, V e VI tratam-se, respectivamente, de “O abandono”, “O homem do Norte” e “A redenção”. A partir do VII, o livro se torna mais técnico, com apresentação de estatísticas e de gráficos. O interesse do ensaio reside nos capítulos de teor mais literário, assim serão feitas ainda algumas considerações sobre os capítulos IV, V e VI.

Em “O abandono”, José Américo apresenta a história político-administrativa da Paraíba desde o tempo da conquista até 1919. De forma melancólica, atesta: “A natureza perenemente generosa não correspondeu a longanimidade dos homens” (1980, p. 229).

Seguindo uma ordem cronológica, passa em revista os períodos dominados pelos espanhóis, holandeses, o retorno da terra aos portugueses, a luta de Vidal de Negreiros para conquistar o território perdido, as violências e os desregramentos nas primícias da formação da Paraíba.

Secas, doenças endêmicas, tudo contribuía para dizimar e enfraquecer a população. Anos mais tarde, a própria abolição veio agravar a crise agrícola, como bem pontua o autor. Mais uma vez, manifesta seu dissabor: “A 15 de novembro de 1889 era mesquinho o espólio que nos herdava a monarquia” (1980, p. 266).

A respeito da síntese da história político-administrativa desse longo período, reconhece que forneceu elementos para um curioso estudo. Admite que fez um breve balanço, mas que é suficiente para patentear a improdutividade do regime monárquico na Paraíba.

O 5º capítulo – “O homem do Norte” – trata dos políticos que assumiram a presidência do Brasil na República Velha até chegar a Epitácio Pessoa. Admirador de Epitácio Pessoa, José Américo viu o primeiro político do Norte, pelo voto direto, assumir a presidência da República. Quanto à vitória de Epitácio Pessoa que derrotou o hábil Rui Barbosa, assim se expressou: “[...] coube, por uma compensação do acaso, à Paraíba, sempre abandonada e deprimida, essa glória imprevista” (1980, p. 290). Ressalta, ainda, o amor devotado de Epitácio Pessoa à sua terra natal com palavras de vivo entusiasmo e pinceladas de traços literários:

A Paraíba, que apodrecia numa resignação mórbida, a caminho do aniquilamento de muitas fontes de prosperidade, tinha razão em acreditar nas perspectivas do ressurgimento. O seu egrégio filho, num tocante movimento d' alma, quis, de retorno da embaixada que tanto realçou o nome do Brasil, rever o torrão natal, antes de qualquer outro ponto do território nacional.

Essa visita foi um extremo de carinho promissor. (1980, p. 299).

O 6º capítulo começa com uma frase emblemática de José Bonifácio: “É tempo de acordar do sono amortecido em que há séculos jazemos”. O título do capítulo “A redenção” encaminha o leitor para o que se seguirá nas páginas seguintes. A redenção viria com as ações e atitudes tomadas por Epitácio Pessoa, um estadista de ideias precisas, ele sabia que os povos civilizados tinham a capacidade de modificar a natureza com surpreendente proveito. Era chegada a hora de resolver o problema periódico das secas.

A brilhante mensagem proferida pelo estadista no dia 19 de setembro de 1919, transcrita na íntegra e lida nas duas Casas do Congresso, marcou a diretriz da redenção. Para José Américo, era um documento que se engastava na história do combate às secas como centro luminoso.

Há uma passagem que merece registro pelo apelo ao lado humano do problema. Diz Epitácio Pessoa: “[...] a extinção das secas não é somente um problema econômico, é também um dever de humanidade” (1980, p. 329).

Essa mensagem vem revestida de um halo de esperança para os nordestinos, especialmente para os paraibanos que sofriam há muitos anos com o flagelo das secas. A construção de açudes iria proporcionar a irrigação permanente e o lavrador plantaria e colheria durante o ano inteiro.

A exposição segura e precisa de Epitácio Pessoa indicava o surgimento de uma fase nova na vida do Nordeste. O Congresso não ficou indiferente aos sólidos argumentos do presidente e solidarizou-se com essa iniciativa. Cercado por auxiliares competentes, tudo indicava que haveria êxito no empreendimento.

Como já se disse anteriormente, os capítulos que se seguem são mais objetivos e a intenção do ensaio residiu no enfoque aos aspectos literários que estão presentes nos cinco primeiros capítulos do livro.

A releitura de *A Paraíba e seus problemas* proporcionou várias outras leituras que oportunizaram um melhor conhecimento sobre essa grande obra de José Américo de Almeida. Em 2023 o livro completou cem anos e não perdeu seu valor histórico, geográfico, sociológico e literário. O livro relatório se tornou um marco na literatura brasileira como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e oferece um painel diversificado da Paraíba, do Nordeste, do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Américo de. *A Paraíba e seus problemas*. (Edição princeps). João Pessoa: Imp. Off, 1923.
- _____. *A Paraíba e seus problemas*. 3ª ed. revista. João Pessoa: A União, 1980.
- _____. *A Paraíba e seus problemas*. Estudo de Manuel Correia de Andrade. Brasília: Senado Federal. Conselho Editorial, 2012.
- _____. *A bagaceira*. Ed. crítica por Milton Paiva, Elisalva de Fátima Madruga, Neroaldo Pontes de Azevedo. Rio de Janeiro: José Olympio; João Pessoa, PB: Fundação Casa de José Américo, 1989.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *A Terra e o Homem do Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1986.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão. *José Américo: uma fotobiografia*. João Pessoa: Ideia, 2014.
- CASTRO, Ângela Bezerra de. *A bagaceira: uma aprendizagem do desaprender*. João Pessoa: Secretaria de Estado da Educação e Cultura/ Conselho Estadual de Cultura/Gráfica JB, 2010.
- CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. [O dilema do brasileiro]. 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões: (Campanha de Canudos)*. 5ª ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial; São Paulo: SESI-SP, 2018.
- GAMA E MELO, Virginius da. *Estudos Críticos*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1980.
- REGO, José Lins do. *Ligeiros Traços*. Escritos da juventude. Seleção, Introdução e Notas de César Braga Pinto. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2007.
- MARINHEIRO, Elizabeth. *A bagaceira: uma estética da sociologia*. 2ª ed. João Pessoa: Secretaria de Estado da Educação e Cultura/Conselho Estadual de Cultura/Gráfica JB, 2010.

MARTINS, Nilce Sant’Anna. *Introdução à Estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: T.A. Queiroz – Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

PEREIRA, Joacil de Brito. *A Saga de uma Vida*. 2ª ed. João Pessoa: Ideia, 2010.

RODRIGUEZ, Janete Lins (Org.). *A Geografia na obra de José Américo*. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 2003.

VILANOVA, José Brasileiro. *Aspectos Estilísticos da Língua Portuguesa*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1979.

YLLERA, Alicia. *Estilística Poética e Semiótica Literária*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA,
LIBERTADOR DA SUA TERRA

UM BACHAREL RENASCENTISTA
ESCREVEU A PARAÍBA E SEUS PROBLEMAS

*Rossini Corrêa*¹

Dedicado a Francisco de Sales Gaudêncio, Manuel
Marcos Maciel Formiga e José Octávio de Arruda Mello,
que honram a Paraíba e a projetam no Brasil.

É pouco, muito pouco, tudo quanto de numeroso que já foi escrito e proclamado sobre o livro na história da humanidade. A ideia de bem soberano da vida, sem dúvida, não se sustenta sem a eloquente presença do exemplar, mais do que relevante, tanto quanto a água, o ar, o pão, as carnes, os peixes, as frutas, as rosas, os queijos e o indeclinável vinho, parte da autêntica manifestação líquida da Esfera do Sagrado. Em livro foi escrita a Lei de Moisés e o Livro da Vida, em sinal da salvação, espo-

1 Membro da Academia Brasiliense de Letras (AbrL) e autor, entre outros, de *O Liberalismo no Brasil: José Américo em perspectiva*; *José Américo, o Jurista: ensaio e antologia*, e *José Américo, o Escritor Modernista*.

sou o Cristo e a Igreja, bem como da Bíblia Sagrada decorreu o conselho de que tudo que visto fosse devesse em livro ser escrito.

Da antecedente tradição hebraica, estampada na Torah, com efeito, foi que decorreu o “Pentateuco”, diploma legal mosaico estruturante da Bíblia Sagrada. Das antiguidades místicas, sem dúvida, a mais recente é a estampada no Alcorão Sagrado, que recolhe e reconhece a precedência profética de Adão, Noé, Abraão, Ismael, Isaac, Jacó, José, Moisés, Davi, Salomão, Elias, Jonas, João Batista e Jesus, em notória intertextualidade com o judaísmo (patriarca Abraão -> Isaac -> Moisés) e com o cristianismo (patriarca Abraão -> Isaac -> Jesus). Quanto à descendência do islamismo, adviria, por meio de Ismael, e não de Isaac, da mesma fonte matricial (patriarca Abraão -> Ismael -> Muhammad), proclamando o Enviado de Deus, Maomé, como o Último Profeta, o Mensageiro Final. Quanto a O Mahabharata, na monumentalidade dos seus épicos 90.000 versos, tem conexão necessária com a tradição do hinduísmo, a espiritualidade ontológica da existência, o relacionamento com o universo criado por Brahma e a evolução da alma até a Unidade com o Absoluto.

Em quaisquer das vertentes místicas sumariadas, com certeza, o Verbo e o Livro despontam como valores supremos, o norte a considerar na bússola da vida do mundo, em imanência e em transcendência:

No hinduísmo, por exemplo, o diálogo estampado em O Mahabharata, no qual Yudhishtira pergunta a Bhishma qual o fundamento do pecado e este responde que é a cobiça, indicando-a como a destruidora dos méritos e da bondade. A trapaça e a falsidade, a ira, a luxúria, a maldade, a loucura, o orgulho, a prepotência, o engano, a vingança, a infâmia, a ansiedade, a falta de vergonha, a perda da virtude, bem como a avareza, a ambição, a transgressão, as vaidades do dinheiro, da beleza, da condição social e dos conhecimentos derivam da cobiça. Eis a lepra de que nenhum humano escapou, cedendo à exploração, à maldade, à arrogância e à gulodice: a cobiça, sobrevivente a tudo e a todos, rainha dos tempos: *“Incluso hombres de grandes conocimientos cuyas mentes conocían los tesoros de todas las escrituras, que tenían la inteligencia y la capacidad de clarificar todas las dudas de otros, eran incompetentes para poder solucionar*

sus propias debilidades”² (“Inclusive homens de grandes conhecimentos cujas mentes conheciam os tesouros de todas as escrituras, que tinham a inteligência e a capacidade de esclarecer todas as dúvidas dos outros, eram incompetentes para poder solucionar suas próprias debilidades”).

O conhecimento dos “tesouros de todas as escrituras”, atribuído aos sábios, outra coisa não é senão o elogio do Verbo e do Livro. O lamento visível em O Mahabharata é relativo ao fracasso até dos doutos frente à cobiça, o qual os debilitou profundamente, tornando-os “*esclavos de esta horrible enfermedad*”³ (“escravos desta horrível enfermidade”), a sucumbir, faltosos, no essencial quesito do “amor por la justicia,”⁴ (“amor pela justiça”). Da cobiça também nasceu a ignorância, compreendida como a subtração da razão,⁵ cabendo combatê-las, em busca do autodomínio, por meio do visceral compromisso com a verdade. De onde a renúncia aos apelos dos sentidos, a louvação do conhecimento, a construção do autodomínio, a porta descerrada para a compaixão, a paciência, a distância das críticas injuriosas, a imparcialidade, a superação da ira, a sinceridade, a modéstia, a constância, a liberalidade, o doce falar, a alegria, a benevolência e a negação da malícia⁶. É o encontro vivencial da justiça, esta mãe da bondade e da pureza, passaporte para o encontro da unidade em Krisna, assim definido: “*Krisna es el Señor del Universo. El es el Dios de todos los dioses. El es el más importante de todos los seres*”⁷ (“Krisna é o Senhor do Universo. Ele é o mais importante de todos os seres”). E ainda: “*El es el supremo refugio. El es el más santo entre los santos. El es el principio de la creación y tambien su final, pues com el tiempo sera nuevamente reabsorvida por él*”⁸ (“Ele é o supremo refúgio. Ele é o mais santo entre os santos. Ele é o princípio da criação e também seu

2 EL MAHABHARATA. Espanha, Ediciones Teorema, 1984, v. 2, p. 1122.

3 Id. Ibid., p. 1122.

4 Id. Ibid., p. 1122.

5 Id. Ibid., p. 1124.

6 Id. Ibid., p. 1122.

7 Id. Ibid., p. 1129.

8 Id. Ibid., p. 1129.

final, pois o tempo será novamente reabsorvida por ele”). Finalmente: “*Krisna es el eterno Brahma. Entrégate a él y serás uno con él; uno con Krisna, el señor del pasado, del presente y del futuro, el alma suprema*”⁹ (“Krisna é o eterno Brahma. Entrega-te a ele e serás uno com ele; uno com Krisna, o senhor do passado, do presente e do futuro, a alma suprema”).

No judaísmo, o “Pentateuco” é o próprio encontro do Verbo com o Livro, pois a Torah realiza a comunicação da chamada Lei de Moisés, explicitada no “Gênesis”, no “Êxodo”, no “Levítico”, em “Números” e no “Deuteronomio”. Até mesmo a censura e a punição foram manifestadas com uma intervenção no mundo vocabular, quando o homem decidiu cozinhar o barro no fogo e fabricar tijolos para, com a sua pedra e com sua argamassa, edificar cidade e torre na vanglória da altura celestial, para nelas ficar retido, mas famoso. O Eterno decidiu em contrário:

Eis um mesmo povo, e uma mesma língua para todos eles; isto foi o que os fez começar a fazer; e agora não lhes será privado tudo quanto intentam fazer. Vinde, desçamos e confundamos ali sua língua para que não entenda cada um a linguagem de seu companheiro. E os espalhou o Eterno dali sobre a face de toda a terra, e cessaram de edificar a cidade.¹⁰

Foi um embargo simbólico de construção e um despacho multilingual saneador, a repercutir na diáspora humana por hemisférios e latitudes, por circunferências e quadrantes.

No “Ecliastes”, a Torah se defrontou com o metafísico problema da brevidade da vida, recordando o retorno do pó ao pó, circunstanciando o homem pela fragilidade de tudo, como o cântaro estilhaçado na fonte, a áurea taça rompida, o cordão de prata quebrado e a roldana caída no poço. A palavra da sabedoria foi exortada:

Que vã futilidade, dez Cohélet, tudo é vão! Além de ser ele mesmo um sábio, transmitiu sabedoria ao povo; ponderou, investigou e ordenou muitos

9 Id. Ibid., p. 1129.

10 TORÁ A LEI DE MOISÉS. São Paulo, Editora e Livraria Sêfer LTDA, 2001, p. 11.

provérbios. Cohélet buscou palavras que soassem agradáveis, e registrou com integridade as palavras da verdade.¹¹

O magistério conclusivo especificou o estatuto da tarefa literária e o sentido teleológico da caminhada do homem na vida do mundo, entrecruzando uma tarefa sem fim com a brevidade da vida, ou seja, a escrita e a obediência:

Como agulhões são as palavras dos sábios, como pregos bem fixados os dizeres dos mestres, como sentenças agrupadas que têm uma mesma origem. Escuta ainda, filho meu: escrever livros é tarefa sem fim, e muito estudo esgota a carne. E tendo tudo sido devidamente estudado, eis a conclusão final: Teme a Deus e guarda Seus mandamentos, pois nisto consiste todo o dever do homem.¹²

A torre de Babel não foi um impeditivo para que, nas diferentes tradições místicas, as palavras agradáveis pronunciadas por Cohélet, no judaísmo, encontrassem convergência com os atos quádruplos condenados pelo hinduísmo: conversas malévolas, palavras grosseiras, difamação de outrem e falsidade no verbo e nas atitudes.¹³

No cristianismo, por sua vez, como a tarefa sem fim do Verbo e do Livro foi tratada? O cristianismo, derivado, pela negativa, da tradição do judaísmo, que para si foi uma das fontes, convalidou por completo a aspiração transcendente do homem de fé, de ter o seu nome gravado por Deus no Livro da Vida, salvo para o Céu, eleito para a Nova Vida. Herdeiro do profetismo judaico, o cristianismo veterotestamentário conquistou compleição à luz dos livros dos profetas maiores e menores, em razão do volume de textos que escreveram. Maximalistas: Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel, de matizes evangelistas. Minimalistas: Amós, Oseias, Joel, Abdias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu,

11 Id. *Ibid.*, p. 684.

12 Id. *Ibid.*, p. 684.

13 EL MAHABHARATA. Espanha, Ediciones Teorema, 1984, v. 2, p. 1127.

Zacarias e Malaquias, de nuances apostólicas. Quatro, os maiores. Doze, os menores. Da Lei para a Graça, o cristianismo neotestamentário, à distância do aramaico falado por Cristo, em grego, língua de cultura do mundo antigo, alcançou a sua difusão, especialmente, por meio das cartas apostólicas do poliglota Paulo de Tarso.

As epístolas paulinas – “Romanos”, “I Coríntios”, “II Coríntios”, “Gálatas”, “Efésios”, “Filipenses”, “Colossenses”, “I Tessalonicenses”, “II Timóteo”, “Tito”, “Filémom” e “Hebreus” – redefiniram o destino do cristianismo, somadas aos livros dos apóstolos Mateus, Marcos, Lucas e João, escritos em grego koiné. A Bíblia Sagrada tem no “Apocalipse” a sua síntese, quando do Juízo Final: “Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles.”¹⁴ E mais: “Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros”.¹⁵ Vista por João a Nova Jerusalém, escutou do Anjo: “Estas palavras são fiéis e verdadeiras”¹⁶. E a promessa: “Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.”¹⁷ O Anjo contestou a prostração de João a seus pés: “Vê, não faças isso; eu sou conservo teu, dos teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus”¹⁸. E completou o Anjo, já pensando no justo e no santo: “Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo.”¹⁹ Era a parúsia esculpida no Livro da Vida do Cordeiro.

14 BÍBLIA SHEDD. Edições Vida Nova: Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo – Barueri – SP, 1997, p. 1783.

15 Id. Ibid., p. 1783.

16 Id. Ibid., p. 1785.

17 Id. Ibid., p. 1785.

18 Id. Ibid., p. 1785.

19 ALCORÃO SAGRADO. São Paulo, Federação das Associações Muçulmanas do Brasil, 1974, p. 21.

Quanto ao islamismo, a mais recente das religiões universais, possui dialogia necessária com o judaísmo e com o cristianismo, reafirmando o monoteísmo, ao celebrar como profetas Abraão, Moisés e Jesus e considerar Muhammad o Último Mensageiro do Único Deus, pois, para si, só Deus é Deus. Islã significa submissão, determinando, portanto, a obediência, em busca da retidão, ao Alcorão Sagrado, o puro e verdadeiro Verbo do Deus Clemente e Misericordioso, enfeixado de forma literal no Livro, cujos ensinamentos são os singulares antídotos ao extravio e o caminho para a virtude na vida do mundo, com o cumprimento da lei moral, passaporte caritativo para a recompensa do ingresso, livre do fogo infernal, no Paraíso.

Desta maneira, o fundamento e a diretriz da existência, em sua totalidade, estão na revelação de Allah a Muhammad, por meio do Anjo Gabriel, transposta, da memória à palavra, para o Livro: o Alcorão Sagrado, nas suas 114 suratas: “Eis o Livro que é indubitavelmente a orientação dos tementes a Deus, que creem no incognoscível, observam a oração e gastam daquilo com o que os agraciamos.”²⁰ Em globo, em consequência, a vida, quer temporal, quer espiritual, tem o seu fundamento de regência em o Livro, divisor de todas as águas e de todas as coisas: “Aqueles a quem concedemos o Livro recitam-no como ele deve ser recitado. São os que acreditam nele: aqueles que o negarem serão desventurados.”²¹ Àqueles colocados ao reverso da mensagem de Allah no Alcorão Sagrado, não haverá remédio, salvo se se arrependerem, se se corrigirem e se se declararem submissos à verdade: “Sobre os incrédulos, que morrem na incredulidade, cairá a maldição de Deus, dos anjos e de toda a humanidade. Que pesará sobre eles eternamente. O castigo não lhes será atenuado, nem lhes será dado prazo algum.”²² À descrença corresponde a pena sem remissão.

Se o Livro é o fundamento de tudo, a essência dessa totalidade tem como alfa e como ômega Allah: “Vosso Deus é um só. Não há mais di-

20 Id. *Ibid.*, p. 51.

21 Id. *Ibid.*, p. 60.

22 Id. *Ibid.*, p. 60.

vindade além d’Ele, o Clemente, o Misericordioso.”²³ Essa circunstância apenas multiplica o valor simbólico do Livro, em conteúdo e em continente, reclamando para si a condição de Palavra da Eternidade: “Sim, este é um Alcorão Glorioso, Inscrito em uma Tábua Preservada.”²⁴ A interferência do puramente humano na condução de todo e qualquer Código Sagrado, sem dúvida, o contingencia e o torna suscetível aos percalços do que é humano, demasiado humano. As 5 Leis Fundamentais – a proclamação de que só Allah merece adoração e de que Muhammad é o seu profeta; oração cinco vezes ao dia; dever de caridade para com os desvalidos; jejum do nascer ao poente do sol, durante o ramadã; e peregrinação à Meca pelo menos uma vez na vida do islamita – são objeto de disputa entre as escolas Sunita (exegese mais maleável do Alcorão e compreensão da Sharia e da Suna como Livros Sagrados) e Xiita (exegese literal do Alcorão e percepção da Sharia, menos a Suna, como Livro Sagrado). Sunitas e Xiitas também competem pelo poder, suas formas e regras sucessórias.

Eis o quanto podem o Verbo e o Livro, os quais se tornaram, desde os tempos axiais e seus antecedentes, forças ordenadoras com espírito civilizatório, a serviço de uma escala tutelar de valores: protetivos, em sua loquacidade, da santificação da Vida em geral, e do Homem em particular. Isto é, em todas as tradições espirituais visitadas, a palavra conquistou o estatuto de sinônimo de homem, de humano, de humanidade, posto que não há *homo sapiens* ou *homo faber* excludente do *homo loquens*. Tamanha é a presença da palavra em tudo que é relativo ao homem, ao humano, enfim, à humanidade, de que, por indevida desmemória, há o desafio ao risco da historicidade da escrita, ausente nas organizações sociais proto-históricas. Ágrafes, iletradas, mas arqueocivilizadas,²⁵ na sua busca multimilenar por formas superiores de expressão. Artífice, artefato, artesanato, artesão, artista: arte. Expressão, expressividade,

23 Id. *Ibid.*, p. 816.

24 Consultar a respeito VARAGNAC, A (Direção). *O homem antes da escrita*. Lisboa, Editora Cosmos, 1963, 516 p.

25 PAES, José Paulo (Organização e Nota Prévia). *Livros que abalaram o mundo*. São Paulo, Editora Cultrix, MCMCXIII. 270 p.

escritor, escrita, palreador: palavra. Alfabeto, letra, literato, literatura: livro. Assim caminhou a humanidade.

Tornou-se inextrincável a relação entre o Livro e a História: o primeiro, produto da segunda e a segunda, registrada no primeiro. Livros existiram que, abalando o mundo, repercutiram na história. Exemplos? Os Diálogos, de Platão; o Evangelho, sobre Jesus; *O Príncipe*, de Maquiavel; *o Discurso do Método*, de Descartes; *o Emílio*, de Jean-Jacques Rousseau; *As Flores do Mal*, de Baudelaire; *A Origem das Espécies*, de Darwin; *O Capital*, de Marx; *A Interpretação dos Sonhos*, de Freud; e, no mínimo, *a Teoria da Relatividade Generalizada*, de Einstein.²⁶ Silente e/ou falado, o livro é a morada da felicidade e está conectado, de uma forma ou de outra ou sob todas as formas, aos cinco sentidos: tato, visão, olfato, paladar e audição. Cada volume é um diferente alimento no cardápio do espírito. Há toda uma erótica, em particular, no livro físico. O notável editor português radicado no Brasil, Victor Alegria – Victor José Melo Alegria Lobo, titular da Thesaurus Editora –, detentor de autógrafo do Prêmio Nobel e seu amigo José Saramago, legitimamente preocupado com o advento do país ágrafo, certa feita indagou em um debate: “como o escritor lusitano faria o autógrafo em um livro digital?” Segue o debate em aberto...

José Américo de Almeida, nascido em Areia (PB), a 10 de janeiro de 1887, e falecido em João Pessoa, a 10 de março de 1980, sem favor, foi um dos mais complexos e expressivos brasileiros de todos os tempos, na galeria em que estão Zumbi dos Palmares, Aleijadinho, Tiradentes, Padre Roma, José Bonifácio, Frei Caneca, Gonçalves Dias, Joaquim Nabuco, Machado de Assis, Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Anísio Teixeira, Paulo Freire e Darcy Ribeiro. Naturalmente, acompanhados de Irineu Evangelista de Sousa, Nabuco de Araújo, Dom Pedro II, Barão do Rio Branco, José do Patrocínio, Marechal Rondon, Juscelino Kubitschek, Dom Hélder Câmara, Oscar Niemeyer e Pelé. E, superada toda e qualquer misoginia, com a indispensável presença, entre muitas,

26 Consultar a respeito FIGUEREDO, Carlos. *Discursos históricos brasileiros*. Belo Horizonte, Editora Leitura, 2003, 552 p.

de Catarina Paraguaçu, Dandara, Maria Quitéria, Nísia Floresta, Maria Firmina dos Reis, Chiquinha Gonzaga, Bertha Lutz, Carlota Pereira de Queirós, Enedina Alves Marques, Irmã Dulce e Zilda Arns. Personalidade poliédrica, o Homem de Areia foi jurista, advogado, estadista, orador, pensador político, romancista, poeta, cronista, sociólogo, ensaísta, etnólogo, professor universitário e memorialista. Tribuno dos mais eloquentes, segundo a escola clássica de Demóstenes, em Atenas, e de Marco Túlio Cícero, em Roma, causa estranheza que o pregador paraibano não esteja presente, em inadmissível lacuna, nas antologias de agora da oratória nacional.²⁷ Estudos sobre estudos têm revelado no polímata americista, seja a reflexão jurídica²⁸, seja o escritor modernista,²⁹ bem como o ator e o pensador políticos.³⁰

Sucede que José Américo de Almeida, como os ensaios sobre a reflexão jurídica e a literatura modernista bem revelam, é um universo em expansão. No pensador paraibano, por exemplo, há um profundo, no mais lídimo sentido da expressão, moralista político, que remonta, na dimensão clássica, a Marco Túlio Cícero e se reporta, na cultura brasileira, à figura consular de João Francisco Lisboa,³¹ estrela do Grupo Maranhense, ladeando Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Gomes de

27 Consultar a respeito CORRÊA, Rossini. *José Américo, o jurista. (Ensaio e antologia)*. Brasília – DF, OAB, Conselho Federal, 2016, 444 p: il.

28 Consultar a respeito CORRÊA, Rossini. *José Américo, o escritor modernista*. Brasília – DF, OAB Nacional Editora, 2021, 207 p: il.

29 CORRÊA, Rossini. *O liberalismo no Brasil: José Américo em perspectiva*. Brasília – DF, Senado Federal, 1994, 710 p: il.

30 Consultar a respeito LISBOA, João Francisco. *Obras de João Francisco Lisboa*. São Luís, Edições AML, 4 v., 2158 p.

31 Consultar a respeito CORRÊA, Rossini. *Formação social do Maranhão: o presente de uma arqueologia*. São Luís, Engenho, 2017, 620 p.: il; *Atenas brasileira: a cultura maranhense na civilização nacional*. Brasília, Thesaurus Editora: Corrêa e Corrêa, 2001, 380 p., il; Bacharel, bacharéis: Graça Aranha: discípulo de Tobias e companheiro de Nabuco. Brasília, OAB, Conselho Federal, 2013, 608 p.; Os maranhenses: (Contribuição para a teoria geral do Maranhão). São Luís, IMESC, 2008, 48 p. il; *Gonçalves Dias e Ferreira Gullar: destinos da poesia brasileira*. Brasília, Thesaurus Editora, 2019, 107 p., il; e *Duas vezes Gonçalves Dias: sempre*. Brasília, OAB Nacional Editora, 2021, 145 p.

Sousa, Antônio Henriques Leal, César Augusto Marques, Luís Antônio Vieira da Silva, José Cândido de Moraes e Silva, Odorico Mendes e outros, outros e outros mais.³² Bacharel pela turma de 1908, na Faculdade de Direito do Recife, sede da irrequieta Escola do Recife, de Tobias Barreto, Sílvio Romero, Artur Orlando, Gumercindo Bessa e Graça Aranha, entre outros, o que seria de esperar do universitário, ou melhor, formando paraibano, dentro da cultura jurídica estabelecida e reinante no Brasil, como consequência da criação dos cursos jurídicos em 1827, em Olinda e em São Paulo?

Certamente, a bem da verdade, a melhor expectativa seria a de que formasse nas fileiras do bacharelismo, definido como o culto à forma, no seu vazio de pensamento, cedendo aos brilhantes fogos de artifício da enganosa oratória, alicerçada, em nível de penhor do sucesso, nas chamadas “palavras difíceis” e seu poder encantatório junto ao “auditório deseducado”. A fórmula do bacharelismo significa abundância de retórica acoplada à escassez de reflexão, com a palavra grandiloquente cultuada em si mesma, nos domínios da gramática e da oratória, segundo a deficiência de conexão com a realidade concreta e envolvente, em suas múltiplas determinações, em particular, as sociais, econômicas e históricas, bem como as políticas e as ideológicas. Rui Barbosa, extraordinário advogado, distante de ser substantivo jurista, em virtude de sua inconsistência filosófica e sociológica, que o colocou em desvantagem, se comparado com Tobias Barreto: “o estudo da obra de Tobias hoje tão esquecida, revela um intelectual de largas vistas, muito mais importante que Rui Barbosa, como expressão de inteligência e de cultura”,³³ conforme sentenciou Hélio Jaguaribe, em desfavor do príncipe do bacharelismo.³⁴

32 JAGUARIBE, HÉLIO. *Apud* MACHADO NETO, A.L. *História das ideias jurídicas no Brasil*. São Paulo, Editorial Grijalbo: Editora da Universidade de São Paulo, 1969, p. 81.

33 Consultar a respeito PEDRO PAULO FILHO. *O bacharelismo brasileiro: (da Colônia à República)*. Campinas – SP, Bookseller Editora, 1997, 655 p.; e, sobretudo, VENÂNCIO FILHO, Alberto. *Das arcadas ao bacharelismo*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1982, 360 p.

34 CAMARGO, Aspásia, RAPOSO, Eduardo e FLAKSMAN, Sérgio. *O nordeste e a política: diálogo com José Américo de Almeida*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 80, 83, 87, 92 e 93.

Ainda que desavindo com o seu tio Walfredo Leal, que chegou à presidência da Província da Paraíba, José Américo de Almeida admitiu o peso ponderável do seu prestígio, para que, aos 23 anos, formado aos 21, fosse nomeado procurador-geral do estado. O jovem bacharel, formado pela Faculdade de Direito do Recife, em breve tempo, foi promotor em Sousa, advogado em Guarabira, procurador-geral do estado e consultor jurídico, na então Cidade da Paraíba, capital da província,³⁵ depois de 4 de setembro de 1930, denominada João Pessoa. A origem social do Homem de Areia no estamento da terra, sem dúvida, foi um facilitador de sua ascensão ao poder, lastreado que estava em uma antropologia familiar do parentesco, com raízes e presenças na Igreja e no Estado, sabidamente tradicionais. Monsenhor Walfredo Soares dos Santos Leal, por exemplo, foi deputado estadual constituinte, deputado federal, vice-presidente, presidente da província e senador da República, irrigando o seu prestígio para o complexo parental e correligionários. Nesse sentido, até mesmo a decisão americista de ser advogado em Guarabira, onde o irmão era padre, a semelhante lógica e condicionamento obedecia, como obedeceu.

José Américo de Almeida estreou em livro há mais de um século, no 1922 da Semana de Arte Moderna, com a novela polissêmica *Reflexões de uma cabra*, objeto de recente e valiosa análise de Marcos Formiga.³⁶ Logo no ano seguinte, 1923, transitando da ficção para o ensaio, o Homem de Areia publicou aquele que considerou a lavra principal, o livro *A Paraíba e seus problemas*, cujo título restritivo, aquém do objeto da obra, o escritor José Sarney explica pelo amor do autor, acendrado, à terra natal. O processo de criação do possante estudo foi descrito, de forma confessional, pelo intelectual nordestino, de vida litúrgica, determinada por sua condição de jovem procurador-geral do estado, a conviver com outoniços desembargadores do Tribunal de Justiça da Província da

35 FORMIGA, Marcos. “Reflexões de uma cabra”, de José Américo de Almeida: primeira fábula sertaneja? In: Revista NORDESTE. João Pessoa, janeiro/2022, p. 44 a 49.

36 CAMARGO, Aspásia, RAPOSO, Eduardo et FLAKSMAN, Sérgio. *O nordeste e a política: diálogo com José Américo de Almeida*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 90.

Paraíba, enquanto importava livros, debulhados, da França, da Itália e da Inglaterra.³⁷ Obra nascida de um pragmático pedido governamental, de defesa dos trabalhos contra as secas e da necessidade de retomá-los, posto que Artur Bernardes suspendera tudo aquilo estimulado por Epitácio Pessoa, o redator do possível relatório ressignificou tudo: “Comecei a levantar os dados, mas depois vi que estava em condições de escrever não um relatório, mas um livro.”³⁸ Qual a sua natureza? Eis a resposta: “É um livro de ensaios. Preparei-o devido a essa vida de recolhimento e de estudos”³⁹ Evidenciou-se a ampliação do horizonte: “Aproveitei a ocasião e fiz um estudo dos problemas da Paraíba, que são os problemas do Nordeste.”⁴⁰ E ainda: “É precisamente isto, um estudo sobre a parte social e econômica.”⁴¹ A parte em que exceleu a consciência luminosa, de Joaquim Nabuco, e em que claudicou a alienação do real, de Rui Barbosa. Em síntese: “Mais tarde, quando era ministro da Viação, não fazia simples relatórios, fazia livros. Tenho livros que são muito consultados: *O Ciclo Revolucionário no Ministro da Viação* e *O Ministério da Viação no Governo Provisório*.”⁴² Repudiava o pensador paraibano a ideia de relatório... Sim: “Em lugar de fazer um simples relatório, fazia-o em forma de livro.”⁴³ Obra vertical, não retilíneo relatório...

Registre-se que o apreço de José Américo de Almeida pelo livro, não relatório, conduziu-o a olvidar a novela antecedente, publicada em 1922, *Reflexões de uma cabra*: “Por causa desses estudos mais sérios é que fiquei preparado para escrever meu primeiro livro: *A Paraíba e seus problemas*.”⁴⁴ De mais a mais, como, camoneanamente, se consente memória desta vida, o autor desse ensaio recorda do seminário comemorativo

37 Id. Ibid., p. 90.

38 Id. Ibid., p. 92.

39 Id. Ibid., p. 92.

40 Id. Ibid., p. 92.

41 Id. Ibid., p. 92.

42 Id. Ibid., p. 92.

43 Id. Ibid., p. 90.

44 Consultar a respeito CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo, Editora Nova Cultural Ltdª, 2003, 366 p.

dos 70 anos do economista Celso Furtado, realizado em João Pessoa, no governo Cunha Lima, sob a curadoria da dupla de talento: Marcos Formiga e Sales Gaudêncio. Tantos e tantos que já partiram – Ulysses Guimarães, Miguel Arraes, Ignácio Rangel, Milton Santos, Paulo Bonavides, Armando Souto Maior etc. – circundados por sobreviventes, como Fernando Cardoso Pedrão e Maria da Conceição Tavares, ali estavam presentes. À porta do Tambaú Hotel João Pessoa, um grupo formado em torno de Celso Furtado e senhora, Rosa Freire d’Aguiar, então esperava o ônibus matinal que o levaria para o Espaço Cultural José Lins do Rego, quando despontou, entusiasmado, o geógrafo e pensador Milton Santos, que exclamou:

– Pequena e grande Paraíba, terra de José Américo de Almeida, autor de *A Paraíba e seus problemas*...

Com aquela postura hierática, mais britânica do que tropical, Celso Furtado, oficial do mesmo ofício, monossilábico, declarou:

– É um relatório...

Milton Santos, bem como nenhum dos circunstantes, no surpreendente momento polemicou. O homenageado Celso Furtado completou:

– Para o que José Américo de Almeida, sem dúvida, tinha o maior jeito, como *A Bagaceira* revela, é para a ficção.

Ora, deveria ser cediço que *A Paraíba e seus problemas* é mais, muito mais do que um simples relatório, como sentenciou, a menor, o valoroso Celso Furtado. Muito mais do que simples descrição, muito mais do que apenas narrativa, estrutura e verticaliza o ensaio agora centenário.

Torna-se cabível perguntar: o que é *A Paraíba e seus problemas*? É um clássico, ainda que menos conhecido do que deveria, o qual antecipou em uma década, ao incidir sobre o Nordeste, por onde o Brasil, objeto das chamadas grandes visões interpretativas, começou. A década de 30 foi o decênio de Gilberto Freyre e *Casa-Grande e Senzala*, Caio Prado Júnior e *Evolução Política do Brasil* e Sérgio Buarque de Holanda e *Raízes do Brasil*, precedidos, todos, por José Américo de Almeida, em antecipação relativa aos fundamentos, morfologia e dinâmica evolutiva do país nascente e seus desdobramentos. A sequência dos capítulos – “Terra ignota”, “O clima”, “O martírio”, “O abandono”, “O homem do Norte”, “A redenção”, “O problema das distâncias”, “Política hidráulica”, “O porto”,

“O saneamento”, “A ação dispersa”, “Consequências sociais”, “Consequências econômicas”, “Impressão geral” e “Apêndice”, este subscrito por Epiácio Pessoa – responde pela situação do livro, em metafórica intertextualidade, entre *Os Sertões*, de Euclides da Cunha⁴⁵, e *Canaã*, de Graça Aranha,⁴⁶ ambos lançados em 1902. Trata-se de obra multi e transdisciplinar, que perpassa, no mínimo, a geologia, a geografia, a história, a sociologia, a meteorologia, a economia, a administração, a hidrologia, o direito sanitário, a antropologia, a etnologia, a etnografia e a psicologia social, na clivagem tipológica do homem do litoral e do homem do sertão, no manuseio multilingual de fortes complexas.

Do sofrimento (*Os Sertões*) para a esperança (*Canaã*), o espírito do livro americista resulta revelado. Nos termos da edição princesa de 1923, o pronunciamento de José Américo de Almeida, contido neste nexos frasal, estava grávido de sugestões críticas: “Tive, outrossim, de versar assuntos de responsabilidade technica, pouco chegados às minhas locuções, com os fumos de uma sciencia falha; mas, os deslizes destes estudos vão por mal da bacharelize canhestra...”⁴⁷ Na realidade, o Homem de Areia, que já revelara a sua socrática ironia no ano antecedente de 1922, com a novela *Reflexões de uma cabra*, dela se servia duplamente, quer para retirar uma carta de seguro, para o manejo de sua atitude ensaística multi e transdisciplinar (“*sciencia falha*”), que para, de maneira sutil, criticar a ausência de dialogia, do enclave jurídico formalista, com a enciclopédia de saberes (“bacharelize canhestra”), reconhecida como negativa (“mal”). Sem desdouro de ninguém, José Américo de Almeida ali personificou a contraposição mais substantiva ao paradigma do bacharelismo, cujo símbolo magno, com estatuto de um semideus, era Rui Barbosa. Registre-se que a crítica de si para o outro, no discurso americista, em meia década antecede o capítulo “Carta pras Icamíabas”,

45 Consultar a respeito GRAÇA ARANHA. *Chanaan*. Rio de Janeiro, H. Garnier Livreiro – Editor, 1901, 360 p.

46 ALMEIDA, José Américo de. *A Parahyba e seus problemas*. Cidade da Paraíba, Imprensa Oficial, 1923, p. IV.

47 Consultar a respeito ANDRADE, Mário de. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro, Agir, 2008, p. 95 a 109.

do romance *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade,⁴⁸ no qual o padrão linguístico ruibarboseano foi, com as vísceras expostas, simultaneamente, de deus do Olimpo à malhação de Judas, da malhação de Judas a deus do Olimpo.

A fortuna crítica de *A Paraíba e seus problemas*, ainda que muitíssimo menor do que a merecida por *A Bagaceira*,⁴⁹ sensibilizou vozes das mais expressivas das ciências sociais, físicas, médicas e nutricionais no Brasil. Nas palavras de Josué de Castro, tratava-se de “Notável obra de José Américo de Almeida”,⁵⁰ um “importante trabalho de geografia humana”,⁵¹ de autoria de “um homem que observa o que pensa, e, por isso, conhece admiravelmente a sua terra e a sua gente”,⁵² o qual “veio abrir horizontes novos à Geografia Humana entre nós.”⁵³ E, ainda, sobrenadou o reconhecimento do estudioso pernambucano, de que reeditava um “verdadeiro livro de ciência.”⁵⁴ De que natureza? Desta: “Livro de inestimável valor, para todos os que se interessam por nossos problemas de ordem geográfica, econômica e histórica, porque nele encontram subsídios indispensáveis à interpretação de inúmeros traços e complexos de nossa organização econômico-social.”⁵⁵ O tributo de Josué de Castro ao autor de *A Paraíba e seus problemas*, tanto necessário quanto suficiente, contribui, à sua maneira, para subscrever a tese central deste breve ensaio de interpretação, qual seja, a de que o bacharel em direito José Américo de Almeida, multi e transdisciplinar em *A Paraíba e seus*

48 Consultar a respeito ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*. Cidade da Paraíba, Imprensa Oficial, 1928, 331 p. Esta edição princesa tem a peculiaridade de estampar na folha de rosto, abaixo do título: *Romance de José Américo de Almeida* (sem acento no Américo).

49 CASTRO, Josué. “Prefácio”. In: *A Paraíba e seus problemas*. Porto Alegre, Livraria Globo, 1937, p. 5.

50 Id. *Ibid.*, p. 5.

51 Id. *Ibid.*, p. 5.

52 Id. *Ibid.*, p. 5.

53 Id. *Ibid.*, p. 6.

54 Id. *Ibid.*, p. 6.

55 Consultar a respeito BURCKHARDT, Jacob. *La cultura del renacimiento em Italia*. Barcelona, Obras Maestras: Editorial Iberia, 1951, 512 p.

problemas, personificou a condição de um intelectual renascentista,⁵⁶ enquanto sábio de múltiplos saberes, como o foram Pico della Mirandola, Michelangelo Buonarroti, Rafael Sânzio e Leonardo da Vinci, de um tempo em que a razão não estava fragmentada⁵⁷ e a serviço de instrumentalidades mecânicas do particular sem o universal.

Destaque-se, por oportuno, que a Semana da Arte Moderna transendeu, em suas consequências, a província de São Paulo, irrigando a energia em movimento por si desencadeada em múltiplos brasis, inclusive o do Nordeste, sob o entusiasmo difusor de Joaquim Inojosa. Em Pernambuco, nesse sentido, houve modernismo, sob a resistência regionalista e tradicionalista de Gilberto Freyre, em uma tentativa de contraponto provincial e nacional. Conectou-se José Américo de Almeida ao entusiasmo dialógico de Joaquim Inojosa e, no decorrer a década de 20 do século XX, deslocando o eixo da vanguarda possível de Pernambuco para a Paraíba, publicando, de maneira indisputável, *Reflexões de uma cabra*, em 1922, *A Paraíba e seus problemas*, em 1923, e *A Bagaceira*, em 1928, e libertando a sua terra da tutela literária do torrão de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca e de Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo. De resto e sem embargo, considerando a metáfora tardia – já aventada em 1942, por Mário de Andrade⁵⁸, no outono de sua existência – Menotti Del Picchia⁵⁹ também relacionou a Semana de Arte Moderna, de 1922, à mudança de poder, chamada Revolução de 30, na qual, como Vice-Rei do Norte e Chefe Civil do movimento de mudança de equilíbrio, José Américo de Almeida ultrapassou Carlos de Lima Cavalcanti, usineiro pernambucano e libertou a Paraíba do protagonismo político do torrão de Padre Roma, de Pedro Ivo e do General

56 Consultar a respeito HORKHEIMER, MAX. Eclipse da razão. Rio de Janeiro, Editorial Labor do Brasil, 1976, 198 p.

57 ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1974, p. 241.

58 Consultar a respeito DEL PICCHIA, Menotti. *A longa viagem*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1972, 2 v., 459 p.

59 ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1974, p. 249.

das Massas, José Ignácio de Abreu e Lima. O Homem de Areia, que um dia escreveria ser a história da Paraíba a história de Pernambucano cruzando a fronteira, emancipou a política paraibana do magistério do irredentismo pernambucano.

Finalmente, José Américo de Almeida ambientou o romance *A Bagaceira* no brejo, física e psicologicamente, contraposto ao sertão, ambos constitutivos da terra paraibana, que o ensaísta de *A Paraíba e seus problemas* comprovou conhecer como poucos ou como ninguém. O libertador literário e político da terra paraibana, que descerrou para todos os caminhos do moderno romance regional brasileiro, de José Lins do Rego a Graciliano Ramos e de Jorge Amado a João Guimarães Rosa, emancipando-a ainda e assim da absorvente hegemonia pernambucana, participou, com autoridade, das querelas modernistas. Mário de Andrade destacou o pioneirismo de *A Bagaceira*,⁶⁰ ele, o romancista de *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, mergulhou na ambiência do debate relativo às línguas falada e escrita, proposta a emergência da brasileira, em contraposição à tradição portuguesa.⁶¹ À margem dos fracassos dos partos prematuros, de insolúveis frações geratrizes, José Américo de Almeida sentenciou: “A língua nacional tem rr e ss finaes... Deve ser utilizada sem os plebeísmos que lhe afeiam a formação. Brasileirismo não é corruptela nem solecismo... A plebe fala errado; mas escrever é disciplinar e construir.” Sim. Eis o que foi o estoico e disciplinado José Américo de Almeida: um laborioso semeador; um proativo construtor. A vida e a obra d’O Homem de Areia o comprovam sobejamente, em especial, por meio do livro já centenário, mas imorredouro, *A Paraíba e seus problemas*.

60 Id. *Ibid.*, p. 249.

61 ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. Cidade da Paraíba, Imprensa Oficial, 1928, p. III.

PERENE ATUALIDADE DE JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA

*Vamireh Chacon*¹

José Américo de Almeida foi renovador na literatura, ao escrever e publicar seu pioneiro romance regionalista *A Bagaceira*, e pioneiro também nas ciências sociais com *A Paraíba e seus problemas*. Livros com perene atualidade, vencendo o tempo. Ambos também literários e nisto outro tanto regionalistas. A sua Paraíba é o Nordeste, não só estadual e sim regional ao concentrar-se na nordestinidade muito além das secas.

Em *A Paraíba e seus problemas*, ele renova com sua visão inclusive de pioneiro na ecologia, sem precisar usar essa palavra, ao pormenorizar as relações entre o homem, a terra e o clima. O escritor, também aqui literário, vai da geografia à agronomia e além na economia e sociologia, situando o meio ambiente numa larga, profunda e longa exposição de geográfica a ecológica.

Logo transparece a experiência de José Américo de Almeida, que percorreu muitas vezes sua Paraíba em sucessivas campanhas eleitorais, inclusive em situações até dramáticas na década anterior à Revolução de 1930.

Fundamental, portanto, relembrar que o assassinato do governador João Pessoa, mesmo por outros motivos, desencadeou aquela revolução, único momento histórico brasileiro no qual a periferia, a Paraíba, sob

1 Professor emérito da Universidade de Brasília (UnB).

a liderança dele, José Américo de Almeida, uniu-se ao outro extremo geoeconômico brasileiro, o Rio Grande do Sul, sob a liderança do seu governador Getúlio Vargas, e juntos fizeram a Revolução de 1930. Nunca houve algo assim antes e depois.

Sem a dramaticidade de Euclides da Cunha em *Os Sertões*, na circunstância de uma guerra contra os sertanejos liderados por Antônio Conselheiro, José Américo de Almeida apresenta *A Paraíba e seus problemas*, aliás problemas regionais nordestinos estudados por dentro, em busca de soluções pacíficas e técnicas. Sem perder a visão do seu conjunto, não abandonou a sensibilidade nordestina do seu autor, sempre fiel à terra natal e à qual sempre retornou, após mandatos legislativos e ministérios por ele exercidos no Rio de Janeiro, então capital federal, antes da criação de Brasília, nova capital.

Tive e mantive especial relação pessoal de amizade com José Américo de Almeida, visitando-o na sua casa à beira-mar no Cabo Branco.

De início lhe disse que me atraiu a presença do meu trisavô materno, Trajano Alípio Carneiro de Holanda Chacon, no seu também clássico romance *A Bagaceira*, pioneiro na literatura regionalista nordestina. O meu trisavô tinha sido governador da Paraíba e seu deputado no tempo da monarquia. Foi assassinado em meio a intrigas amorosas e não só políticas.

Para minha surpresa e alegria, José Américo de Almeida me inclui nas suas memórias: *Antes Que Eu Me Esqueça*.

GLOSSÁRIO DE A PARAÍBA
E SEUS PROBLEMAS

Maria do Socorro Silva de Aragão

“Tudo podia faltar, menos a seca. Podia faltar a chuva, até um lustro, esquecida de chover. Só não faltava o sol, que era a seca. Não se sabia quando vinha. Perdera a pontualidade cíclica, que assinalava os anos maus de cada século, em números de ferro em brasa, para emboscar a felicidade contingente dos sertões, com martírios insidiosos.”

José Américo de Almeida¹

1 ALMEIDA, José Américo de. *Novelas. Coiteiros*. 3ª ed. João Pessoa: FCJA, 2008, 213 p., p. 165.

APRESENTAÇÃO

SOCORRO ARAGÃO NO REINO DAS PALAVRAS

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra*
(Carlos Drummond de Andrade. Procura da Poesia)

O poeta Carlos Drummond de Andrade, no poema *Procura da poesia*, pede que se contemplem as palavras e que se procure descobrir os segredos que elas escondem. Será necessário trazer uma chave para decifrá-los? Isso não parece ser problema para a professora Socorro Aragão. Sua formação em Linguística, com mestrado, doutorado e pós-doutorado nessa área, permite-lhe desvendar muitos segredos que estão ocultos sob a face neutra das palavras.

A leitura de dicionários é uma das suas paixões, habitante do reino das palavras já escreveu inúmeros glossários sobre textos de escritores paraibanos, entre eles um dicionário sobre Augusto dos Anjos.

Para marcar o centenário da publicação do livro *A Paraíba e seus problemas*, escolheu fazer uma pesquisa que privilegiasse a parte linguística e se surpreendeu com a erudição da linguagem do escritor paraibano, daí surgiu a ideia de escrever o glossário. É bom lembrar que este livro

é considerado por alguns estudiosos da obra de José Américo como um dos mais importantes no universo literário do escritor paraibano.

Escrito e publicado em 1923, *A Paraíba e seus problemas* deixa dúvidas. É um Ensaio? Um Relatório? Um livro de História, Geografia, Sociologia? Já foi comparado com *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, outro livro emblemático da literatura brasileira.

A encomenda feita pelo governador Sólon de Lucena a José Américo para escrever um relatório sobre os problemas do Estado da Paraíba resultou em um livro de múltiplas dimensões. O escritor foi muito além do pedido.

O levantamento vocabular demonstra quão valiosa é a pesquisa. Examinando-se com acuidade, percebe-se o desvelamento das palavras em inúmeras passagens. Alguns exemplos que se seguem mostram a importância do trabalho da pesquisadora. A escolha para uma pequena amostragem recaiu nas palavras que começam com a letra “A”, ocorrência mais constante. Nota-se, nos exemplos apresentados, que os conhecimentos de José Américo extrapolavam os aspectos científicos e geológicos.

Adusto Queimado ou abrasado, de temperatura bastante elevada, fervente.

Pois bem; até nesse recanto adusto a aroeira, a umburana, a caibreira e, em geral, as leguminosas se alçam. (p. 68).

Anasarca Edema generalizado devido à infiltração de líquido seroso no tecido celular subcutâneo de todo o organismo.

Uma das maiores devastações epidêmicas foi a seca de 1877, cujo quadro nosológico já apresentei, com seu cotejo de infecções palustres: varíola, anasarca, ascite, escorbuto e outros males... (p. 443).

Alamita É um mineral que pode ser encontrado no Geodo e no Omnigeodo.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita ... (p. 595).

Os exemplos selecionados são denotadores da erudição de José Américo, abrange aspectos da vegetação do solo paraibano, das infecções que acometiam os moradores da região e de geologia.

A professora Socorro Aragão fez uma leitura cuidadosa de toda obra e elaborou um glossário que servirá de guia para uma melhor compreensão de *A Paraíba e seus problemas*. O trabalho é de extrema valia para as gerações futuras e esse rico material certamente norteará outros estudos.

A extensa bibliografia consultada para execução do glossário é reveladora da seriedade da pesquisa e traz contribuições aos futuros estudos sobre o livro. Lampejos linguísticos abrilhantam a pesquisa.

Neide Medeiros Santos

INTRODUÇÃO

*É preciso que alguém fale, e fale alto,
e diga tudo, custe o que custar.
José Américo de Almeida¹*

Ao trabalharmos os aspectos léxicos da obra *A Paraíba e seus problemas*, de José Américo de Almeida, novos desafios se nos apresentam uma vez que o autor, de uma grande formação clássica linguística e literária, usa uma linguagem bastante não usual, que demonstra o conhecimento técnico e científico, levando-nos ao estudá-la, a buscar os sentidos de seus termos em dicionários e obras específicas de outras ciências que não a linguagem do uso do dia a dia encontrada nos dicionários de Língua Portuguesa.

Sentindo tal dificuldade, principalmente junto aos leitores não especialistas e aos estudantes, é que decidimos juntar-nos a outros trabalhos, livros, teses, dissertações e artigos que já existem sobre o tema, a fim de complementar alguns estudos específicos sobre a linguagem tão especial de José Américo de Almeida.

Esperamos, assim, poder ajudar os estudiosos do autor, dando-lhes novas visões de sua linguagem culta, especialmente de seu léxico.

1 ALMEIDA, José Américo de *Novelas*. Coiteiros 3ª ed. João Pessoa: FCJA, 2008, 213 p., p. 165.

CRONOLOGIA DE VIDA E OBRA

José Américo de Almeida nasceu a 1º de outubro de 1887, na cidade de Areia, na região do Brejo paraibano e faleceu na cidade de João Pessoa a 10 de março de 1980. Foi, além de escritor, um político de projeção nacional, tendo exercido as mais altas funções no poder legislativo e executivo nacional, tendo sido Promotor Público, Procurador Geral do Estado, Secretário de Segurança Pública da Paraíba, Ministro de Viação e Obras Públicas no Governo Vargas, Ministro do Tribunal de Contas da União, Embaixador do Brasil junto à Santa Sé, Deputado Federal, Senador, Governador do Estado da Paraíba, candidato a Presidente da República, fundador e Primeiro Reitor da Universidade Federal da Paraíba.

Como intelectual foi o quinto ocupante da Cadeira 38 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 27 de outubro de 1966, na sucessão de Maurício de Medeiros e recebido pelo Acadêmico Alceu Amoroso Lima em 28 de junho de 1967. Em 1977 a União Brasileira de Escritores faz-lhe importante homenagem concedendo-lhe o título de “O Intelectual do Ano”.

Em 1958 recolheu-se voluntariamente à sua residência na praia de Tambaú, em João Pessoa, ficando conhecido posteriormente como o Solitário de Tambaú.

Além de político, José Américo também se destacou como escritor sendo considerado um dos mais importantes escritores paraibanos e nacionais. Tem uma obra multifacetada que abrange do ensaio, ao romance às memórias, aos discursos e as crônicas. José Américo em suas obras de ficção usou a palavra de forma precisa e artística, nas suas variações regionais, eruditas e populares, a partir do perfeito domínio da norma culta padrão.

Escreveu dezoito livros, porém sua obra mais conhecida é o romance regionalista *A Bagaceira*, lançado em 1928, atualmente, com mais de trinta edições em língua portuguesa e traduções para diversos idiomas, entre os quais o espanhol, o inglês, o francês e o esperanto.

As obras publicadas por José Américo são: *Reflexões de uma cabra* (1922); *A Paraíba e seus problemas* (1923); *A Bagaceira* (1928); *Ministério da Viação no Governo Provisório* (1933); *O Ciclo Revolucionário do Ministério da Viação*; *O Boqueirão*; *Coiteiros* (1935); *As Secas do Nordeste* (1953); *Ocasos de Sangue* (1957); *Crônicas* (1954); *Sem me Rir, Sem Chorar* (1957); *Discursos do Seu Tempo* (1964); *A Palavra e o Tempo* (1965); *Ad Imortalitatem* (discurso de posse na ABL (1967); *O Ano do Nego* (1968); *Graça Aranha, o Doutrinador: ensaio* (1968); *Eu e Eles* (1970); *Quarto Minguante: Poesia* (1975); *Antes Que Me Esqueça* (1976).

Depois da sua morte sua residência foi transformada na Fundação Casa de José Américo, guardando as mesmas características de quando ele estava vivo. A Fundação contém o *Museu*, com objetos pessoais, uma *Biblioteca*, com cerca de 10.000 livros, o *Arquivo*, com documentos pessoais, documentos sobre a história política da Paraíba e do país, um *Setor de Pesquisas*, um *Setor de Promoções Culturais* e um *Setor de Publicações*. No pomar da antiga residência encontra-se o *Mausoléu* onde o autor está enterrado, juntamente com sua esposa, D. Alice de Almeida. A Fundação é Órgão Cultural mantido pelo Governo do Estado da Paraíba.

GLOSSÁRIO DE A PARAÍBA E SEUS PROBLEMAS

A língua nacional tem rr e ss finais... Deve ser utilizada sem os plebeísmos que lhe afeiam a formação. Brasileirismo não é corruptela nem solecismo. A plebe fala errado; mas escrever é disciplinar e construir.

José Américo de Almeida.

– A –

Abarracamento Conjunto de barracas armadas num certo local. Lugar no qual se erguem muitas barracas, um acampamento.

... pela imprensa coeva, como que se escuta ainda o alarido dos abarracamentos, nos despenhos de supremas desgraças. P. 203.

Acamaradados Ficar amigo ou familiar, tornar-se camarada ou companheiro.

E teria permanecido o desamparo, se os franceses, acamaradados com o gentio, não o tivessem induzido a acometer os estabelecimentos vizinhos. P. 226.

Açudadas Quantidade de água represada num açude.

Além disso, os fazendeiros já se vinham precavendo do flagelo com a açudada particular que, se não salvava os rebanhos, fornecia meios de subsistência para as crises pouco duradouras. P. 222.

Aduelas Estruturas pré-fabricadas de concreto armado, enquadradas na categoria de condutos rígidos, ou seja, que suportam cargas por sua própria resistência. Apresentam normalmente formato de seção transversal retangular, fechada ou aberta, com junta rígida tipo “macho e fêmea”.

... melhores qualidades de madeiras, como são: a sucupira, o pau-de-arco, o vinhático, o amarelo, o cedro, o gitahy, o angelim amargoso, o angelim doce, a peroba para aduelas; o louro, o jatobá... P. 62.

Adusto Queimado ou abrasado, de temperatura bastante elevada; fervente.

Pois bem: até nesse recanto adusto a aroeira, a umburana, a caibreira e, em geral, as leguminosas se alçam normalmente. P. 68.

Adventícios Que vem acidentalmente; imprevisto: circunstâncias adventícias. Que vem de fora; estranho, forasteiro, peregrino: plantas adventícias.

A elevação da taxa em 1922 originou-se, naturalmente, da influência de adventícios para as obras do porto e outras, bem como de doentes do interior... P. 477.

Aedos O mesmo que: poetas, cantores, menestréis, trovadores.

É inteligente e amante da instrução. Todos os poetas populares da Paraíba – os admiráveis aedos da lira matuta – são naturais dessas plagas. P. 550.

Aerópago de Itambé Areópago era a parte noroeste da Acrópole em Atenas e também o nome do próprio conselho que ali se reunia. Além de supremo tribunal, o conselho também cuidou de assuntos como educação e ciência por algum tempo. Tribunal de justiça ou conselho, célebre pela honestidade e retidão no juízo, que funcionava a céu aberto no outeiro de Marte, antiga Atenas, desempenhando papel importante em política e assuntos religiosos. Por extensão, qualquer tribunal ou assembleia que se aprecie pela retidão dos julgamentos.

Essa mentalidade comunicativa estava saturada dos princípios do Areópago de Itambé, onde Arruda Câmara, uma expressão genial do sertão inculco, preconizara a ideia da independência. P. 249.

Afanosos Que provoca afã; trabalhoso, cansativo. Dificultoso, trabalhoso, laborioso.

A opinião descebrada não sabe exercer, sequer, o fácil julgamento dos confrontos. Não sabe cotejar esse longo passado de desordem perdulária, esse escoamento de centenas de milhares de contos, em pura perda, com a proficuidade de três anos afanosos. P. 695.

Afilhadismo Proteção exagerada aos afilhados; favoritismo, nepotismo, afilhadagem.

Era o mal crônico dos serviços públicos. As sanguessugas do afilhadismo, e emperro das medidas, a descontinuidade dos planos, a intervenção dos interesses dispersivos – tudo desvirtuava e impedia o programa de melhoria das condições do nordeste. P. 320.

Afluência Corrente caudalosa de águas; local em que os rios se encontram. Afluxo; excesso de movimentação de pessoas.

A elevação da taxa em 1922 originou-se, naturalmente, da afluência de adventícios para as obras do porto e outras... P. 477.

Aformosear Tornar(-se) formoso; embelezar(-se), pôr enfeite em ou enfeitar-se; adornar(-se).

O atual prefeito, dr. Walfredo Guedes Pereira, tem posto, por seu turno, o maior empenho em sanear e aformosear a Paraíba. P. 475.

Aglomerções pestíferas Áreas no meio das aglomerações urbanas para assegurar a saúde dos cidadãos.

Resultaria no mesmo sistema de abarracamento, com aglomerações pestíferas, e nas vicissitudes da mendicidade. P. 391.

Aguas Bebedouros, fontes, mananciais.

Com aguadas e pastos perenes, a nossa indústria pastoril, que tem crescido no Cariri, à custa de espinhos (é o termo dos sertanejos para designar as cactáceas e as bromélias), e, além, à mercê do capim que se pulveriza ao rigor da soalheira... P. 644.

Alanita Alanita é um mineral que pode ser encontrado no Geodo e no Omnigeodo.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita... P. 595.

Alcantis Rocha alta e escarpada; despenhadeiro a pique; píncaro, pico.

Corre, impetuosamente, pela acentuada declividade, até que corta os arenitos da serra de Santa Catarina, e se escapa pelo vale mais plano, ladeado de alcantis, que oferece uma excelente bacia de armazenagem. P. 393.

Alimárias Qualquer animal, especialmente quadrúpede, besta de carga.

As despesas desse tardo transporte em alimárias estropiadas desanimavam a produção. P. 350.

Alqueire Alqueire é uma medida agrária utilizada para sólidos, como capacidade de armazenamento de cereais, ou para superfícies, como para medir a extensão de uma fazenda.

... incrível a carestia dos gêneros alimentícios, chegando a dar 60\$000 o alqueire de farinha, que antes da seca, custava três e quatro mil réis. P. 176.

Altimétricas Que representa um terreno tendo em conta relevo, ângulos ou diferenças de nível.

E, vistas as variações altimétricas, há outros sítios mais favoráveis pelos elementos atmosféricos. P. 119.

Alvarenga Embarcação rústica usada na carga e descarga dos navios e no transporte.

Conforme as condições comuns, a mercadoria é entregue no costado do navio. Ao tocar na alvarenga, as despesas com pessoal que desfaz a lingada já correm por conta do comprador. P. 426.

Alvitre Aquilo que é sugerido ou lembrado; proposta, conselho.
O sr. Rodolfo Teófilo estranha esse alvitre, lembrando que, no sertão, mal resistem à seca as árvores nativas. P. 303.

Amarelentas Um tanto amarelo, amarelado.
E dos trinta e tantos amarelentos morreram apenas quatro, sendo três estrangeiros e um nacional. P. 438.

Anasarca Edema generalizado devido à infiltração de líquido seroso no tecido celular subcutâneo de todo o organismo.
Uma das maiores devastações epidêmicas foi a da seca de 1877, cujo quadro nosológico já apresentei, com o seu cortejo de infecções palustres: varíola, anasarca, ascite, escorbuto e outros males... P. 443.

Angelim amargoso No Brasil, as madeiras de angelim-amargoso pertencem aos gêneros *Vatairea* e *Vataireopsis*, que produzem madeiras pesadas, duras, de coloração castanha-amarelada a castanha-avermelhada com forte gosto amargo. Essas madeiras são comercializadas indistintamente como angelim-amargoso.
“Para construção de charruas e pacotes de S.M., como para os da Marinha desta cidade, oferece a Paraíba as melhores qualidades de madeiras, como são: a sucupira, o pau-de-arco, o vinhático, o amarelo, o cedro, o gitahy, o angelim amargoso, o angelim doce... P. 62.

Anguilulose Consiste numa parasitose causada por nematoda, predominantemente o *Strongyloides stercoralis*.
É a seguinte a ordem de frequência as helmintíases em nossas zonas contaminadas; a ascaridose, a mecatioriose, a tricocefalose, a anguilulose, a esquistossomose e a oxiurose. P. 455.

Antropogeográfico Ramo da geografia que trata da distribuição humana na superfície terrestre e da relação dos seres humanos com o meio ambiente; geografia humana.

A forma oblonga do território, que já responsabilizei como perturbadora da unidade antropogeográfica, é um fator de dispersão. P. 341.

Arrátel O arrátel foi a unidade de peso fundamental do antigo sistema português de medidas. Até a adoção do sistema métrico, no século XIX, o arrátel foi usado em Portugal, no Brasil e em outros territórios do Ultramar Português. Diferentes arrátéis foram usados ao longo do tempo.

... o subsídio literário para custeio da instrução pública de dez réis sobre cada canada de aguardente, um real sobre cada arrátel de carne, etc. P. 246.

Anatocismo É a cobrança de juros sobre o juro vencido e não pago, que incorporar-se-á ao capital desde o dia do vencimento.

Os agricultores têm vivido sanguessugados pelo anatocismo de juros exagerados, na melhor hipótese, de 30% ao ano. P. 657.

Anatômico Referente ou próprio da anatomia, da ciência que se dedica ao estudo da organização estrutural dos seres vivos.

Careço de especialização científica para o estudo anatômico, antro-possociológico ou psicofisiológico de nosso povo... P. 512.

Ancilosado Flexão do verbo ancilosar, que significa causar ancilose. Isto é, fazer perder o movimento ou a flexibilidade.

Um meio que, desservido de todos os elementos de impulsão de sua vitalidade, chumbado aos primitivos sistemas da lavoura, e da pecuária, ancilosado pela falta de vias de transporte... P. 634.

Ancilostomose Ancilostomíase, ancilostomose, amarelão ou doença do Jeca Tatu é o nome dado a uma verminose causada por nematódeos das espécies *Necator americanus*.

É força, porém, reconhecer a morbidez da sífilis, da tuberculose, da malária e da ancilostomose, em pontos determinados. P. 460.

Anemiado Que tem anemia. Enfraquecido.

Essa visão das necessidades da terra dotada de tantos recursos deveria ter um impulso prático, em benefício do organismo anemiado por minguagem da iniciativa pública, em sua assistência técnica e atuação continuada. P. 480.

Anguilulose Doença parasitária intestinal causada pelo helminto da espécie *Strongyloides stercoralis*.

É a seguinte a ordem de frequência das helmintíases em nossas zonas contaminadas: a ascaridose, a mecatiorose, a tricocefalose, a anguilulose, a esquistossomose e a oxiurose. P. 455.

Angustioso Que manifesta angústia, inquietude, que causa angústia, aflição.

E é, de mais a mais, um melhoramento que, além de acudir ao problema angustioso, servirá às finanças públicas, pela supressão das verbas de socorro... P. 404.

Anidridos Os anidridos orgânicos são compostos derivados de reações de desidratação dos ácidos carboxílicos.

A regra, porém, é um extravasamento limitado. E mal se pode calcular como esse escoadouro, carregado de anidrido carbônico, dissolvendo, no curso superior, as rochas desagregáveis, carrega uma preciosa massa de detritos minerais, de par com os destroços orgânicos. P. 64.

Anofelinas São hematófagos, e várias espécies do gênero são vetoras do plasmódio, o protozoário causador da malária.

*É endêmico em parte do brejo, em alguns vales dos rios que cortam o litoral e em subúrbios da capital. As anofelinas mais comuns são a *Cellia albimana* e a *argyrotarsis*. P. 456.*

Antracito É uma variedade compacta e dura do mineral carvão que possui elevado lustre. Difere do carvão betuminoso por conter pouco ou nenhum betume, o que faz com que arda com uma chama quase invisível.

Quanto ao carvão mineral, ele não é como, se pretende, carvão de pedra, mas apresenta todos os caracteres do antracito. P. 97.

Anticlinais Designativo do vale escavado por erosão ao longo da porção axial de uma dobra anticlinal.

Achei depois, regressando das minas para Pernambuco, que havia diversos anticlinais que repassavam o estrato. P. 77.

Antropogeográfica Parte da geografia comparada que trata da distribuição do homem pela Terra.

A atual concepção antropogeográfica procura conciliar as tendências discordantes, tentando determinar as relações entre o homem e o território. P. 42.

Antropossociológico Doutrina que confere aos fenômenos antropológicos base exclusivamente sociológica.

Careço de especialização científica para o estudo anatômico, antropossociológico ou psicofísico de nosso povo... P. 512.

Apatita É um mineral do grupo dos fosfatos, com as seguintes variantes: hidroxiapatita, fluorapatita e clorapatita.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcosina, columbita... P. 595.

Apodrentados Apodrentado vem do verbo apodrentar. O mesmo que: apodrecido.

E, muita vez, esses apodrentados libertinos aguardavam que se extinguisse com a morte a possibilidade dos arrancos de dignidade malferida. P. 192.

Apóstrofe A apóstrofe é usada nas frases em que se deseja chamar algo ou alguém, esse ser chamado pode ser real ou imaginário.

E o verbo flamejante de Rui Barbosa, ao trono das apóstrofes, em increpações fulminantes, era o oráculo da ruínia. P. 282.

Apoucar Tornar(-se) menos intenso; diminuir(-se), enfraquecer(-se).

É um polígono irregular, como uma faixa, que ora se expande, ora se apouca, em maiores perdas do que saliências. P. 52.

Apoucamento Que foi reduzido; que se apoucou; diminuído em quantidade; escasso. [Figurado] Que não se conseguiu desenvolver ou crescer.

Esses pontos, a despeito do apoucamento dominante, mantêm focos condensadores que se apossam, pressurosamente, das exíguas promessas de chuva que eram pelo espaço. P. 149.

Aquilatar Apreciar, avaliar, julgar o valor.

Quem adquiriu a experiência da lentidão dos nossos serviços públicos, que consomem grande parte das verbas com o custeio de repartições permanentes, pode aquilatar a vantagem dessa vertiginosa operosidade. P. 363.

Aracati Do tupi-guarani, significando “Terra dos Bons Ventos” é um município do estado do Ceará, no Brasil, fundado em 11 de abril de 1747.

Em Sousa, costuma-se chamar de moçoró, por sua procedência, um vento periódico, da mesma forma que se chama aracati uma corrente aérea que também não nos é estranha. P. 139.

Arcabuzeiros Soldado de cavalaria armado de arcabuz.

Acosado por este flagelo, Feliciano Coelho retrocedeu com os seus comandados; mas, em abril de 1598, tornou à empresa “à frente de duas companhias de sessenta arcabuzeiros cada uma, vinte quatro de cavalo e trezentos e cinquenta índios flecheiros, com os seus principais”. P. 231.

Arraia-miúda População sem representatividade, inexpressivo, simples, carente, plebe, comum, popular.

A mentalidade da arraia-miúda é a mesma. Nas várzeas do litoral tem melhorado a sua sorte ao influxo do progresso agrícola. P. 543.

Arredias Que se afasta voluntariamente dos lugares que frequentava, dos amigos que tinha; isolado, separado.

Dominado desse pensamento, o governo Epitácio Pessoa não descurou das localidades, arredias da zona da grande irrigação. P. 399.

Ariano O termo ariano ou árico, ao referir-se a um grupo étnico, tem vários significados. Refere-se, mais especificamente, ao subgrupo dos indo-europeus, que se estabeleceu no planalto iraniano desde o final do terceiro milénio antes da era comum.

Talvez se verifique, na hipótese, a evolução do meluco para o ariano. É porventura, o processo de clarificação, o retorno atávico, a lei da seleção étnica. P. 525.

Ariús Os ariús foram um grupo indígena brasileiro que até o fim do século XVII habitava uma área do Nordeste Oriental que se estendia do centro-norte paraibano ao centro-sul potiguar, na atual região do Seridó e alto sertão.

Devido, naturalmente, às condições favoráveis do meio, os tupis, compostos, apenas, de duas nações, equivaliam, numericamente, aos cariris, constituídos de muitas tribos; os coremas, de Piancó, os ariús, das margens dos rios Pinharas e Sabugi e do alto Piranhas... P. 513.

Artesianos Semelhante ao poço convencional, um poço artesiano é assim denominado quando as águas fluem naturalmente do solo, num aquífero confinado, sem a necessidade de bombeamento.

Entre outras regiões, como no Saara argelino, as reservas do subsolo, captadas por meio de poços ordinários ou artesianos, suprem a falta d'água superficial. P. 382.

Ascaridose Ascaridíase é a infecção causada por *Ascaris lumbricoides*, um verme nematódeo intestinal ou, ocasionalmente, por *Ascaris suum* (que causa ascaridíase em porcos). As pessoas adquirem a infecção ao engolir ovos do verme nematódeo, geralmente nos alimentos.

É a seguinte ordem de frequência das helmintíases em nossas zonas contaminadas: a ascaridose, a mecatioriose, a tricocefalose, a anguilulose, a esquistosomose e a oxiurose. P. 455.

Aschaffenburg Aschafemburgo é uma cidade independente na Alemanha, na região administrativa da Baixa Francónia do estado da Baviera.

Entretanto, o progresso social poderia desvanecer certos preconceitos, como a vingança privada. E Aschaffenburg reconhece “a situação do indivíduo inculto é extremamente desfavorável, colocando-o, portanto, num perigo iminente de se despenhar no crime”. P. 560.

Ascite Inchaço abdominal causado pelo acúmulo de líquidos, na maioria das vezes relacionado a doença hepática.

Uma das maiores devastações epidêmicas foi a de 1877, cujo quadro nosológico já apresentei, com o seu cortejo de infecções palustres, varíola, anasarca, ascite, escorbuto e outros males... P. 443.

Asinina Relativo a ou próprio de asno. Figurado, desprovido de inteligência; estúpido, asnático.

Está, por conseguinte, essa parte do cariri servida de uma excelente instalação para receber reprodutores das melhores raças bovina, equina, asinina, caprina, ovina e suína... P. 498.

Asoalheirada A hora de calor mais intenso (ao sol); calor, soalha.

Não se pode, igualmente, compreender essa parte do Estado sem distinguir seus alternativos aspectos: a terra assoalheirada, sem sinal de vida e o imprevisto das primeiras águas. P. 69.

Asmáticos Doença que se caracteriza pela falta de ar, e pela tosse muito forte, principalmente de noite e de dor de cabeça.

Tudo mais são moléstias comuns. E não se observam na Paraíba “os asmáticos às centenas no Nordeste”. P. 460.

Atascadeiros Atoleiro, lamaçal, atascal.

Esse álveo, em alguns pontos é tão profundo que forma atascadeiros. P. 84.

Atérmicos Insensível ou impenetrável ao calor. Que não conserva o calor que recebe.

... climas atérmicos ou de média inferior a 5º. P. 106.

Atufa-se Mergulhar, meter-se por entre, embrenhar-se: atufar-se na lama, no mato, no meio da multidão.

A capital, situada numa dessas graciosas colinas, vista do alto, atufa-se no bosque soberbo que a circunda e invade com a ramalheira dos pomares... P. 62.

Augúrios Aquilo que é pressagiado; agouro, profecia, vaticínio.

... os próprios competidores não se puderam subtrair à influência desse pensamento, em augúrios expressos pela palavra sedutora do sr. Francisco Sá, um dos líderes da candidatura de Rui Barbosa. P. 285.

Azafamados Cheio de azáfama, muito ocupado.

Em Piranhas, mais de mil homens formigavam, azafamados, num recanto, onde, um ano antes. Não encontrava viva alma. P. 394.

Azurito A azurita é uma pedra rara e criada a base de cobre, o que a transforma em um poderoso cristal condutor de energias. Na antiga época egípcia, essa valiosa pedra foi usada por eminentes sacerdotes e faraós a fim de elevar sua percepção a um estado de consciência divina.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita calcáreo... P. 595.

– B –

Babugem Espuma formada pela agitação da água. Vegetação que brota depois da seca.

... a ressurreição das primeiras chuvas, de uma nuvem que passa, como se a folhagem tivesse caído do céu ou a água se congelasse reverdecendo no anto da babugem. P. 69.

Bacharelise Depreciativo, vício de falar muito e à toa; palavrório, bacharelada.

Fugir da bacharelise estéril e chocalheira é já uma amostra de incompatibilidade com os desvirtuamentos da vida pública. P. 496.

Baldamente Falto, inútil, carecido.

E o regime democrático não se importou com o povo que implorou, baldamente, os auxílios federais. P. 211.

Barométricos Relativo ao barômetro, calculado por barômetro.

... representados pela temperatura, como o mais apreciável, a pressão barométrica, a umidade absoluta, o grau higrométrico, o regime dos ventos e as precipitações pluviais. P. 104.

Barrocais Lugar onde há barrocas.

... ao norte, apresenta os acidentes do regime torrencial, erguida em socacos ou cavada em barrocais e desfiladeiros. P. 58.

Batiputá Arbusto (*Ouratea parviflora*) da família das ocnáceas, nativo do Brasil (de CE a SP), de flores amarelas e frutos drupáceos. Das

sementes se extrai a manteiga de batiputá, um óleo com aplicações medicinais.

Mas nessa planície sáfia se fixaram o cajueiro bravo, a mangabeira e o batiputá, refrigerando o descampado. P. 64.

Beribéri O beribéri é uma doença nutricional caracterizada pela falta de vitamina B1 no organismo, também conhecida como tiamina, que é uma vitamina pertencente ao complexo B e que é responsável pelo metabolismo de carboidratos no corpo e pela produção de energia.

Deixaram, há muitos anos, de figurar nos obituários a varíola, a febre amarela, o cólera e o beribéri. P. 458.

Berilo O mineral berilo é um ciclossilicato de berílio e alumínio. Os cristais hexagonais do berilo podem ser de tamanho muito pequeno ou atingir dimensões de alguns metros. Os cristais terminados são relativamente raros. Cor: verde, azul, amarelo, branco, rosa.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, clacáreo... P. 595.

Betoneira A betoneira é utilizada em construções civis para preparar a argamassa. Esse equipamento mistura diversos materiais, como cimento, pedra, areia e água.

Achavam-se em atividade nove guindastes e montado um britador giratório e betoneiras com a capacidade de produção horária de 50 metros cúbicos de concreto. P. 396.

Biotita Biotita ou biotite é um mineral comum da classe dos silicatos, subclasse dos filossilicatos, grupo das micas e subgrupo ferromagnesianas, formando uma série com o mineral flogopita, que contém na sua composição potássio, magnésio, ferro e alumínio.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, clacáreo... P. 595.

Bochorno Vento abafadiço e insalubre, calor sufocante somado a alta umidade e nebulosidade que ocorre geralmente no verão.

A distribuição do calor varia, entretanto, na região de além-serra. Patos, ao ingresso, dá a maior exalação do bochorno, que talvez se explique pela transição de ambientes. P. 122.

Boeiros Bueiro, boca de lobo, sumidouro ou sarjeta é a vala geralmente localizada ao longo das vias pavimentadas para onde escoam as águas da chuva drenadas pelas sarjetas com destino às galerias pluviais. É comum certa confusão no uso do termo.

Foram construídos no trecho pronto 23 boeiros, 1 pontilhão e 1 ponte com a superestrutura metálica... P. 362.

Boleia-se Dar forma de bola a; arredondar, tornejar.

Alteia-se e estende-se num planalto de 100 quilômetros, em média, de largura; boleia-se em cabeças; alonga-se, coniforme, em picos; estrangula-se pelas erosões; dispersa-se em morros... P. 54.

Borborema O planalto da Borborema, também conhecido como chapada Pernambucana – devido a estar situada em parte da antiga Capitania de Pernambuco –, serra da Borborema, ou ainda planalto Nordeste, é uma região serrana no interior da região Nordeste do Brasil.

Alguém já chamou a Borborema de “gênio tutelar da Paraíba”. Exerce ela as múltiplas influências de altitude. É valiosíssimo esse relevo orográfico, como zona climática e de culturas. P. 59.

Bouba Infecção bacteriana crônica que afeta a pele, os ossos e a cartilagem.

A bouba, desconhecida no litoral e no sertão, está muito difundida pela população rural dos brejos, onde as moscas, abundantes no período das chuvas, transportam os germes e os inoculam na pele... P. 460.

Bratipodos Família de mamíferos desdentados, arborícolas, de corpo recoberto de pelagem muito espessa, membros muito longos, com

unhas fortes e pontudas. Possuem cinco molares superiores e quatro inferiores.

São os monstruosos desdentados da ordem dos bradipodos a que se filiem as conhecidas preguiças. P. 90.

Brecciados Brecha é uma rocha clástica formada de fragmentos grandes e angulosos, em meio de uma massa de cimentação composta de material mais fino. Pode ter origem ígnea, sedimentar ou metamórfica.

... como em Teixeira, onde abundam rochas granitoides e grandes quantidades de conglomerados brecciados, areias e margas são encontradas revestindo os flancos das montanhas e cobrindo os vales. P. 75.

Bultrins Índios bultrins, da nação cariri.

Nossos índios, chamados bultrins pelos antigos colonos, foram escorraçados para o interior pelos seus inimigos do litoral. P. 532.

Burlões O mesmo que enganadores, que mentirosos, que gostam de enganar ou trapacear.

Os burlões e sofistas do despeito inflexível talvez achassem mais justificável o gasto dessa importância no abismo de outra guerra, acesa por um capricho momentâneo. P. 691.

– C –

Cabraíba Nome popular de madeira: pau-de-bálsamo.

... o louro, o jatobá, a sapucaia, para as cintas; a sapuqueirana, para a mastreação e aduelas, a cabraíba; e foram estas qualidades dignas da real atenção que S.M. houve por bem dar mercê de tenente da infantaria paga de Olinda ao construtor Antônio Manuel Prata... P. 62.

Cacheticos Referente ao nome popular cachete, ou comprimido.

... na maioria dos casos, remédio eficiente para seu restabelecimento e que nele reside não uma população de cachetico, deprimidos e aleijados, mas uma raça forte, sóbria, de grande resistência... P. 454.

Cactáceas Cactácea é uma família botânica de arbustos, árvores, ervas, lianas e subarbustos representada pelos cactos ou catos.

Com aguadas e pastos perenes a nossa indústria pastoril, que tem crescido no Cariri à custa de espinhos (é o termo dos sertanejos para designar as cactáceas e as bromeliáceas)... P. 644.

Cafuso Cafuzo ou caboré são designações dadas aos indivíduos resultantes da miscigenação entre índios e negros africanos. Suas características físicas são tão variadas quanto as de filhos de quaisquer uniões inter-raciais, mas, em geral, têm pele escura, cabelos lisos e grossos e lábios carnudos.

O cafuso está, mais ou menos, desfigurado pelo cruzamento. Essa mestiçagem forma também o grosso da famulagem das cidades. P. 525.

Caibreira A craibreira, espécie heliófita, ou seja, adaptada ao crescimento em ambiente aberto ou exposto à luz direta, é também decídua, perdendo as folhas.

Pois bem, até o recanto adusto a aroeira, a umburana, a caibreira e, em geral, as leguminosas se alçam normalmente. P. 68.

Caincalha Bando de cães, canzoada.

E basta ter sido o braço forte da reação legalista para ser objeto de desforra da cainçalha acostumada a aterrorizar pelas invectivas. P. 701.

Calcários Calcário é uma rocha sedimentar que contém minerais com quantidades acima de 30% de carbonato de cálcio. Quando o mineral predominante é a dolomita, a rocha calcária é denominada calcário dolomítico.

Os calcários secundários que se encontram nas províncias do Ceará e do Maranhão são equivalentes às nossas rochas cretáceas e abundam em restos fósseis de peixes... P. 76.

Calcopirita Calcopirita ou Calcopirite, do grego *chalkós* e *pyros*, é o mineral de cobre mais frequente na natureza, e o principal minério desse metal. Pertence ao grupo dos sulfuretos. É um sulfeto de cobre e ferro que cristaliza no sistema tetragonal, originando pseudotetraedros e pseudo-octaedros, muitas vezes maclados.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcopirita, calcosina, cassiterita... P. 595.

Calcosina Calcocita, calcosita ou calcosina é um mineral composto de sulfeto de cobre Cu_2S . É opaco, com coloração variando de cinza escuro a preto e estrutura ortorrômbica.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcopirita, calcosina, cassiterita... P. 595.

Caldeada Miscigenada, misturada.

Ele é, realmente um forte, porque sua formação menos heterogênea foi caldeada pelo meio físico. P. 547.

Camarilha Grupo de pessoas que convivem com uma autoridade ou personalidade importante e procuram influir direta ou indiretamente sobre suas decisões.

Mas, espírito debilmente comedido, sem intervenções vigorosas, sem atitudes prontas, não logrou o prestígio dos fortes nas camarilhas dos falhos. P. 268.

Camorra É uma organização criminosa italiana, aliada à Máfia Siciliana.

Nada tivemos que se assemelhasse à camorra, à máfia, à teppa, à seita dos acoltellatori e a certas associações criminosas. P. 560.

Canafístula *Peltophorum dubium* é uma árvore da família *Fabaceae*. É conhecido como vyvýrá-pytá, ibirá puitá guazú, ibirapitá, na Argentina e no Paraguai; árbol de Artigas no Uruguai; e cambuí no

Brasil. Possui grandes dimensões, medindo de 20 a 25 metros de altura.

... com o desígnio de constituírem postos arbóreos, plantaram em uma superfície nunca inferior a cinco hectares, mandacaru, xiquexique, palmatória, canafístula e casuarina... P. 499.

Capinas Que limpa o terreno do capim ou de qualquer erva daninha; carpidor, mondadeiro, sachador.

O trato consta de duas capinas, no máximo. As variedades preferidas são o coco branco e o vermelho ou da Bahia, este de amêndoa mais desenvolvida e mais rica em óleo. P. 567.

Capinadeiras Máquina usada para capinar ou limpar as terras do capim.

A enxada vai sendo substituída pelo arado tirado a bois, o trator, as grades e as capinadeiras. P. 572.

Carbúnculo Causada pela bactéria *Bacillus anthracis*. É uma doença infectocontagiosa de origem animal, conhecida vulgarmente por peste da Manqueira ou mal de ano. Ataca principalmente animais ruminantes herbívoros que pastam em áreas com solo contaminado.

Uma outra forma de auxílio à venda módica de vacinas contra o carbúnculo sintomático, que determina a perda da terça parte, no mínimo, da produção bovina de cada ano... P. 498.

Carimã Carimã, ou massa puba, é o produto obtido por fermentação espontânea das raízes frescas de mandioca, inteiras ou partidas. As raízes são colocadas na água por 3 a 7 dias até que amoleçam e comecem a soltar a casca.

Com a mandioca faziam muitas espécies de farinha como o carimã e a mandioca-puba ou o beiju e algumas bebidas. P. 574.

Carrapaticidas Os carrapaticidas são produtos químicos que, em determinadas condições, podem intoxicar e matar os animais.

O combate ao parasita já foi iniciado em algumas fazendas por meio de banheiros carrapaticidas subvencionados pelo governo federal. P. 583.

Cataclismo Convulsão ou transformação de grandes proporções da crosta terrestre; catástrofe, grande inundações; dilúvio.

Mas os efeitos do cataclismo foram, dessa vez, aliviados por uma série de circunstâncias providenciais. P. 222.

Caveirosos Descarnado como caveira, muito magro e pálido.

Depois de terem palmilhado os sertões longínquos, mortos de sede, de fome e de fadiga, ainda marchavam, caveirosos e arquejantes, atrás de um conforto inatingível. P. 215.

Casas de Câmara Casa da Câmara e Cadeia ou Casa de Câmara e Cadeia era o edifício no período do Brasil Colônia e parte do período imperial onde estavam instalados os órgãos da administração pública municipal.

A reduzida verba de socorros públicos de 1877 a 1879 tinha sido aplicada em igrejas, cemitérios, cadeias e casas de câmara. P. 207.

Cassiterita Cassiterita ou cassiterite é um dióxido natural e principal minério de estanho, de cor cinza, preta, vermelha, marrom, branca e amarela, ocorrendo na forma de cristais tetragonais.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcopirita, calcosina, cassiterita... P. 595.

Casuarina Casuarina é um gênero que agrupa 17 espécies de árvores e arbustos da família *Casuarinaceae*, caracterizados por ostentarem ramos esbeltos e delicados.

... com o desígnio de constituírem postos arbóreos, plantaram em uma superfície nunca inferior a cinco hectares mandacaru, xiquexique, palmatória, canafístula e casuarina... P. 499.

Charqueavam Cortar (carne) em tiras largas, salgá-la e secá-la para produzir charque.

Amiudavam-se os latrocínios. Quando não, os celerados charqueavam as reses à vista dos seus donos, os quais, inermes e em risco de morte, se conformavam com essas extorsões. P. 182.

Charrua Instrumento próprio para lavrar a terra. [Antigo] Navio grande, próprio para transporte. Planta da família das compostas. Índigena da tribo dos charruas, habitante do sul do Brasil.

Para construção de charruas e paquetes de S.M., como para os da Marinha desta cidade, oferece a Paraíba as melhores qualidades de madeiras... P. 62.

Chocalheira Que chocalha, que usa chocalho. [Figurado] Indiscreto; linguareiro.

Fugir da bacharelize estéril e chocalheira é já uma amostra da incompatibilidade com os desvirtuamentos da vida pública. P. 496.

Cinérea Matéria cinzenta do tecido nervoso.

A paisagem tem dois aspectos: é cinérea no estio, com as espécies permanentes, em maioria arbustivas, nuas e dormentes, mas, na época das chuvas, tudo reverdece de repente, de envolta com as plantas periódicas que rebentam dos “caules subterrâneos” ou germinam como por encanto. P. 65.

Civilização Limpa-Trilhos Desenvolvimento das estradas de ferro.

Os modernos economistas salientam a função dos meios de transporte e, notadamente, do caminho de ferro no desenvolvimento dos países novos. Cumpre levar, deserto em fora, “a civilização no limpa-trilhos”. P. 339.

Coccídeo Essa doença é causada por parasitas que habitam o intestino delgado de cães e gatos. A principal forma de transmissão desse parasita é pelo contato com o material fecal. Os ovos de coccí-

deos estão presentes nas fezes do animal e ficam contaminadas de formas diversas.

Em 1921, foi comissionado o chefe do serviço de Entomologia, sr. Carlos Moreira, para estudar a doença que irrompera nos cafezais de Areia, parasitados por um coccídeo – o Cerococcus parahybensis – que ainda não está debelado. P. 493.

Coeva Que possui a mesma idade; de idades semelhantes; coetâneo.

Mas, ao evocar das cenas de desconolação, descritas, indiferentemente, pela imprensa coeva, como que se escuta ainda o alarido dos abarracamentos, nos despenhos de supremas desgraças. P. 203.

Colear Circundar, rodear.

Proseguem pelo dorso da cordilheira, atento o divisor das águas, e entram, adiante, a colear em diversos rumos, numa geometria tumultuária... P. 51.

Cólera-morbo Doença infecciosa aguda, geralmente epidêmica, marcada por intensa diarreia aquosa, câibras, prostração e anúria, causada pelo *Vibrio cholerae*, que se transmite especialmente pela água.

O sertão evidencia, ao contrário, tamanha salubridade, em alguns pontos, que atalhou o próprio cólera-morbo em seu surto devastador. P. 123.

Colorantes Que ou o que colore. Substância colorida, artificial ou natural, utilizada para dar coloração durável a certa matéria. Substância empregada para colorir determinados alimentos.

Apesar da derrubada incessante, ainda se encontram matas no litoral com boa madeira de construção e grande variedade de plantas medicinais, tanantes, colorantes, resinosas, oleaginosas, lactescentes, etc. P. 568.

Columbíta Columbíta é um mineral ortorrômbico. Consiste em niobato e tantalato de ferro e manganês, e no qual a porcentagem de nióbio

é maior que a de tântalo. Quando se sobrepõe àquele, o mineral passa a chamar-se tantalita. A columbita é um óxido raro.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcosina, columbita... P. 595.

Cômoros Pequena elevação isolada de terreno. Canteiro.

Do lado do norte, nos pontos mais abertos, se levantam, num ponto e noutro, cômoros que o vento, às vezes, mobiliza. P. 61.

Compáscuo Direito comum aos pastos do mesmo prédio rústico ou direito de comunhão de pastos entre proprietários de prédios diferentes.

Desse tácito compáscuo originou-se o hábito das juntas e apartações no fim do inverno, para que cada vaqueiro conduz os bichos de sua conta ou administração... P. 598.

Conalções Ato de se esforçar conscientemente; tendência consciente para a ação.

Florescia o povoado nascente em conalções que já rivalizavam com algumas das antigas vilas sertanejas. P. 394.

Confortativa Próprio para confortar ou fortificar.

É uma ratificação confortativa. O ilustre membro da comissão Rondon repete ter apurado, apesar das investigações a que procedeu, as irregularidades visionadas, de longe, por pessoas que não têm a menor ideia sobre o nordeste e suas obras. P. 685.

Coniforme Que tem forma de cone.

Alteia-se e estende-se num planalto de 100 quilômetros, em média, de largura; boleia-se em cabeças; alonga-se, coniforme, em picos; estrangula-se pelas erosões; dispersa-se em morros... P. 54.

Conscritos Aquele que se alistou no exército; quem foi convocado a prestar serviço militar.

Os conscritos não encontram nesse ambiente conforto à ausência do lar e a moderna educação militar exige outras condições de vida. P. 504.

Conseqüentemente Por consequência, por isso, portanto ou logo.

Foi, conseqüentemente, uma criação do exército, cioso de sua obra realizada ao encontro do ideal comum. P. 278.

Consoante Que consoa; concordante, concorde, harmonioso.

E Pinheiro Machado, que desde 1900, “já fazia sentir o seu peso nos destinos de nossa política”, consoante confessou Campos Sales, desferiu o golpe decisivo na tradição de intervir o presidente na escolha de seu sucessor. P. 280.

Contos de Réis “Conto” deriva do latim *computus*, a conta dez vezes cem mil. Um conto de réis correspondia a mil vezes a importância de um mil-réis (Rs 1\$000).

A comissão Revy, encarregada da construção do Quixadá, gastou, em cinco anos, segundo afirma o sr. Rodolfo Theophilo, mais de duzentos contos de réis só em plantas e orçamentos. P. 385.

Coremas Os Coremas foram um grupo indígena pertencente à grande nação Cariris, que habitava o oeste do estado brasileiro da Paraíba.

Quer dizer que os indígenas eram ainda em grande cópia, a ponto de imporem condições aos inimigos (o herói pernambucano entregou o seu bastão de chefe ao maioral dos coremas, como penhor de sua palavra e recebeu, em troca, uma vistosa grinalda de plumas)... P. 516.

Corografia Obra de Beaurepaire Rohan.

Relativamente à navegação, a Paraíba é, como reconheceu Beaurepaire Rohan, em sua Corografia, bem aquinhoada pela natureza. P. 411.

Corográfica Pertencente ou relativo à corografia.

Os engenheiros prussianos Carlos Bless e David Polemann, comissionados em 1858, pelo presidente Beaurepaire Rohan, procederam a al-

guns reconhecimentos e levantaram uma carta corográfica de parte da província. P. 45.

Corvos Os corvos são grandes aves negras estreitamente relacionadas às gralhas. Embora pertençam ao grupo científico dos pássaros canoros, sua voz não é melodiosa.

Estou acostumado a vê-lo partir para os corvos ou para a pesca da cavala, sem sequer, o cuidado do tempo... P. 541.

Coudelaria Estabelecimento ou posto de procriação de raças cavалares em processo de aperfeiçoamento ou treinamento, especialmente de cavalos de raça.

Mas ainda se nos deparam tipos de, por atavismo, lembram, como diria Capanema, os garanhões das caudelarias de Alter, para aqui importados nos tempos coloniais. P. 600.

Cretáceo Na escala de tempo geológico, o Cretáceo ou Cretácico é o período da era Mesozoica do éon Fanerozoico, que está compreendido entre há 145 milhões e 66 milhões de anos, aproximadamente. O período Cretáceo sucede o período Jurássico de sua era e precede o período Paleogeno da era Cenozoica de seu éon.

Os estratos examinados pertencem a rochas de idades muito diferentes: ao terciário, cretáceo e laurenciano. P. 73.

Criptogâmica Criptógamas é um termo taxonomicamente obsoleto utilizado para referir-se às plantas que não produzem sementes, flores ou frutos e que se reproduzem por meio de esporos.

A cultura dessa euforbiácia encontra condições privilegiadas em grande parte do estado; o tamanjuá, moléstia criptogâmica, não determina grandes prejuízos. P. 575.

Crotalus Terríficos A *Crotalus durissus* é uma espécie de cascavel cuja área de distribuição se estende, descontinuadamente, do México até a Argentina. É também conhecida como cobra-do-riso, casca-

vel-de-quatro-ventas, cascavel, boicinga, boiçununga, boiquira, maracá e maracaboia.

O cariri e o alto sertão são o habitat do crotalus terrificus. E a lachesis abunda em todo o território, principalmente nos capôs. P. 473.

Curimataú A denominação do rio vem do tupi curimatã-u ou quiri-mbatã, que significa “rio das curimatãs”.

É, justamente, o caso do Curimataú, que fica no fundo dos brejos e representa a zona mais árida da Paraíba. P. 133.

Crisocola Crisocola do grego χρυσόκολλα, era, de acordo com William Smith, o pigmento verde carbonato de cobre, ou malaquita.

Estudando a geologia econômica dessa região. O engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcopirita, calcosina, cassiterita, columbita, crisocola, epidoto... P. 595.

- D -

Debruar Acompanhar a margem, a beira de; beirar, orlar.

O coqueiral virente e sobrecarregado debrua toda a beira mar. P. 62.

Deflúvios Escoamento superficial da água. Aproximadamente um sexto da precipitação numa determinada área escoia como deflúvio. O restante evapora ou penetra no solo.

O único exemplo apontado desses deflúvios incessantes na área seca da Paraíba é o olho d'água do Pé Branco, em Sousa. P. 160.

Desabrido Que não se contém; muito agitado, tempestuoso; intenso: clima desabrido.

Os seus farfalhos, ao balanço de ventos desabridos, soam a marulhos distantes. P. 70.

Desabrolhar Principiar a aparecer ou a crescer (o gomo). 2. Germinar.
3. Desabrochar.

Tais regiões, segundo nos informaram, haviam recebido uma chuva parcial e assim se antecipavam aos distritos vizinhos no desabrolhar dos botões. P. 135.

Desajudada O mesmo que: desfavorecida, desprotegida.

E as classes produtoras continuaram desajudadas de um dos principais fatores do desenvolvimento das culturas. P. 658.

Desavindo Que se encontra em desavença, em desarmonia; brigado, indisposto.

Já se aprestava outra expedição, a contragosto de Frutuoso Barbosa, quando foram ao seu encontro dois emissários de Piragibe que estava desavindo com os potiguares e propunha nova aliança aos portugueses. P. 229.

Descerebrada Que não tem cérebro. No popular, diz-se da pessoa que não pensa, que é irracional ou ignorante, que toma atitudes impensadas.

A opinião descerebrada não sabe exercer, sequer, o fácil julgamento dos confrontos. P. 695.

Descoroçoavam O mesmo que: desalentava, desanimava, desencorajava.
Fazer perder o ânimo ou a coragem.

Até para a obtenção do prêmio de açudagem os fazendeiros topavam com embaraços que os descoroçoavam. P. 271.

Descuramento Descuido; desmazelo; negligência.

Ver-se-á como o acaso, as paixões ruins e, sobretudo, o descuramento inveterado impediram, secularmente, o surto das energias do meio. P. 226.

Desfabricado O mesmo que: desfeito, desmanchado, desconsertado.

... “a agricultura se acha no maior atrasamento e desalento que pode imaginar-se; os engenhos estão desfabricados de sua força principal que são os escravos”. P. 572.

Desfalecimento Perda momentânea das forças físicas; desmaio, vertigem, diminuição do ânimo, da disposição; desânimo, esmorecimento.

Mas recobrava-se, dentro de poucos anos, desses desfalecimentos com a índole de progresso que tem sido o milagre de suas realizações. P. 225.

Desfeiteara Desfeiteara vem do verbo desfeitear. O mesmo que: provocara, vituperara, acometera, descompusera, doestara, injuriara, insultara, investivara, ofendera.

É essa a história de Adolfo Meia-Noite, pernambucano que operou nas Pinharas, depois de haver morto o tio poderoso que o desfeiteara, prendendo-o a um tronco afrontoso, por oposição ao casamento com uma sua filha. P. 558.

Desferraram Agir contra outrem como resposta equivalente a uma ação contra ele, uma ação ofensiva ou lesiva.

As reações de Francisco Rabelo e Sebastião Souto exacerbaram, cada vez mais, os dominadores que se desferraram na população inerme. P. 234.

Desiderato Aquilo que é objeto de desejo, ambição, vontade, anseio; aspiração.

As representações paraibanas no Senado e na Câmara dos Deputados também aplicaram as forças da inteligência e da vontade nesse desiderato. P. 706.

Desinfetório Lugar onde se praticam desinfecções; posto de desinfecção. Ainda nessa fase, a “polícia sanitária” dedicava-se ao confinamento de enfermos em desinfetórios.

Dispõe de cozinha própria, desinfetório, lavanderia e um poço tubular com uma caixa de capacidade de 7.500 litros. P. 467.

Desmedra Não medrar. Crescer pouco.

É a subzona da caatinga. A vegetação rarefaz-se e desmedra, cada vez mais, à medida que descamba para a planície áspera. P. 65.

Despenhos Queda de alguma coisa. Cair. Despençar.

Mas, ao evocar das cenas de desconsolação, descritas, indiferentemente, pela imprensa coeva, como que se escuta ainda o alarido dos abarracamentos, nos despenhos de supremas desgraças. P. 203.

Dessagrado Tirar a qualidade de sagrado a; profanar. Tirar as ordens sacras a um clérigo; desconsagrar.

Um meio que, desservido de todos os elementos de impulsão de sua vitalidade, chumbado aos primitivos sistemas da lavoura e da pecuária, ancilosado pela falta de vias de transporte, dessagrado pelas secas, granjeou, pelas virtudes próprias, o desenvolvimento que desfruta... P. 634.

Destarte Deste modo, desta forma, desta maneira, assim sendo.

A estação Rosa e Silva foi inaugurada a 2 de julho de 1900 e a de Itabaiana a 5 de janeiro do ano seguinte, estabelecendo-se destarte, o tráfego interestadual. P. 347.

Desvalimento Falta ou perda da validade ou valia; desvalia, falta de apoio, proteção; desamparo, desfavor.

Permanecia, porém, o desvalimento crônico de nossos homens representativos. P. 268.

Discrimenes O que separa, separação, diferença, discriminação.

Mas são irritantes esses discrimenes. A nossa causa é uma só e não pertence, apenas, às regiões destroçadas: é, virtualmente, nacional. P. 160.

Dissolventes Corruptores, demolidores, desorganizadores.

Esse conjunto de circunstâncias dissolventes determinou a decadência em que a Paraíba se prostrava no fim do século XVII. P. 238.

Ditirambos O ditirambo era um canto coral de caráter apaixonado (alegre ou sombrio), constituído de uma parte narrativa, recitada pelo cantor principal, ou corifeu, e de outra propriamente coral, executada por personagens vestidos de faunos e sátiros.

Entre os ditirambos do indianismo romântico e as prevenções de algos impenitentes, é força enaltecer esse elemento que, no próprio estado de barbaria, deu de si amostras de vigor e de cultura moral. P. 534.

Diuturna Que se prolonga, prorroga ou protela no tempo; prolongado, longo, que subsiste por muito tempo; demorado.

É a diuturna impressão dos climas secos. Até a mitologia do Arizona é influenciada por essa preocupação. P. 377.

Driádico Uma das grandes divisões geográficas da flora brasileira, conforme o critério de Martius.

E, à beira dos rios, a vegetação não difere do agrupamento driádico. P. 65.

– E –

Encarniçado Que demonstra ferocidade, cruentação; sanguinário.

Esse valoroso soldado, afeito às armas de África, deu encarniçado combate aos inimigos, mas, quando cuidava restabelecida a tranquilidade da capitania, rompeu a guerra da Espanha com a França, gerando novos sobressaltos para as colônias. P. 231.

Encefalite letárgica A encefalite letárgica, doença europeia do sono ou doença de von Economo é uma forma atípica de encefalite, cujas causas não são conhecidas. Ela provoca letargia, sonolência incontrolável e tremores.

É diminuta a mortalidade por moléstias infecciosas. São desconhecidas a encefalite letárgica, a dengue e a papeira parasitária... P. 458.

Energúmenos Boçais, desatinados, endemoniados, ignorantes, imbecis, possessos, possuídos.

Mas, quando ele abandonou o Brasil em 1644, embarcando-se aqui, deixou os vencidos sacrificados à sanha de impenitentes energúmenos. P. 234.

Endemias Endemia é o nome dado a um fator que interfere negativamente na saúde de uma população, como uma doença que pode ser ou não contagiosa ou até mesmo violências que já se tornaram comuns em determinadas regiões.

As endemias não têm caráter de gravidade de outras regiões. P. 434.

Enrocamento Conjunto de blocos de pedra ou de outro material (p. ex., cimento), lançados uns sobre os outros dentro da água para servir como lastro para fundação de obra hidráulica ou, quando aflorado à superfície ou muito extenso, como quebra-mar ou proteção contra a erosão das ondas.

É exato que o enrocamento, feito por trás, até a cota da maré máxima, com pedra calcária, sem resistência à água do mar, se havia decomposto, acarretando o abatimento do aterro, de que servia de apoio. P. 417.

Ensilagem Processo de cortar a forragem, colocá-la no silo, compactá-la e protegê-la com a vedação do silo para que haja a fermentação. Quando bem-feita, o valor nutritivo da silagem é semelhante ao da forragem verde.

O problema da alimentação, nessa zona sujeita a estiagens periódicas, será, naturalmente, resolvido pela cultura de forragens resistentes, pelo auxílio da açudagem ou por meio da ensilagem. P. 498.

Entestar Ser limítrofe; ser contíguo; confinar, limitar-se.

E continuam, com a mesma tortuosidade, de serra em serra, pelo dicortium aquarum, até entestar com o Ceará. P. 51.

Entibiando Enfraquecendo, debilitando, entorpecendo, afrouxando.

E, enquanto esse diabo coxo andava em brigas com o capitão-mor, desorganizando o progresso incipiente e entibiando a defesa comum, os inimigos estiveram a ponto de levar tudo de vencida. P. 229.

Entidades mórbidas Doença individualizada, com características e propriedades inerentes à patologia. A pneumonia é um exemplo de entidade mórbida.

São entidades mórbidas que devastam, sobretudo, as resistências do homem do campo. P. 463.

Entorpecia-se Deixar de ter energia, vontade ou ânimo; tornar-se fraco; debilitar-se.

O comércio entorpecia-se com a morosidade da circulação. As mercadorias despachadas para os pontos mais próximos apodreciam nas estações. P. 349.

Entremostrada Deixar ou deixar-se entrever.

As praias já foram entremostradas, quando descrevi a costa. P. 61

Eocênico Eoceno é a segunda época da era Cenozoica, está compreendida entre cerca de há 56 milhões de anos e cerca de há 34 milhões de anos. O Eoceno sucede o Paleoceno e precede o Oligoceno. O nome Eoceno vem do grego *eos* e *kainos*.

É nessa fase que se acentua, sucessivamente, o movimento de emersão iniciado no fim da era secundária, agravando-se, no sistema eocênico, a luta entre o elemento continental e o marítimo, atestada pelas formações de água doce e marinhas. P. 92.

Epídoto O epídoto, $\text{Ca}_2(\text{Al, Fe})_3(\text{SiO}_4)_3$, é um mineral sorossilicato. É encontrado algumas vezes em rochas eruptivas associado à piroxena, albita, clorite, ao feldspato e ao quartzo. Tendo um grau de dureza próximo ao do quartzo. O nome epídoto é originário do grego *epidosis*, crescimento.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito,

berilo, biotita, calcário, calcopirita, calcosina, cassiterita, columbita, crisocola, epídoto... P. 595.

Epizootias É um conceito utilizado na saúde pública veterinária para qualificar a ocorrência de um determinado evento em um número de animais ao mesmo tempo e na mesma região, podendo levar ou não a morte.

Os prejuízos dessa remoção para o mesmo clima, decorrentes das epizootias, dos extravios e de outras causas, foram, porém, de molde a não permitirem novas tentativas. P. 391.

Equinóceos Na astronomia, o equinócio é definido como o instante em que o Sol, em sua órbita aparente, cruza o equador celeste. No referencial da Terra, o Sol se move ao longo do ano sobre a Eclíptica, que se estende sobre as treze constelações que formam o Zodíaco incluindo a constelação de Ofiúco.

Mas os solstícios e os equinócios, posto não dividam o ano com a regularidade de outras latitudes, exercem marcada influência em nossas condições atmosféricas, manifesta na marcha da temperatura, no regime dos ventos e, conseqüentemente, na produção da chuva. P. 123.

Escorbuto É uma doença causada pela falta de vitamina C (ácido ascórbico). Os sintomas iniciais mais comuns são fraqueza, cansaço e pernas e braços doridos.

As infecções palustres, o beribéri, a anasarca, as febres perniciosas, o escorbuto, a varíola e outras entidades mórbidas desenvolveram-se na promiscuidade desses frangalhos humanos e, num surto pestilencial, desfalcaram a população permanente. P. 191.

Escumalha Escória social, a ralé.

O porto dando acesso a relações diretas com o espirito nacional; o Patronato Vidal de Negreiros recolhendo a escumalha do vício e da vagabundagem para a transformar em elementos de moralidade. P. 561.

Esgalho Renovo vegetal pouco desenvolvido, resto do ramo que permanece no tronco; esgalha.

Mas nossa flora não é tão estigmada. Não são as árvores anãs de raízes atrofiadas e esgalhos raquíticos. P. 68.

Espessartita Traduzido do inglês (spessartine), às vezes equivocadamente referida como *spessartite*, é uma espécie granada de alumínio e nesossilicato de manganês, $Mn^{2+}_3Al_2(SiO_4)_3$. O mineral *spessartine* não deve ser confundido com um tipo de rocha ígnea chamada *spessartite*.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcopirita, calcosina, cassiterita, columbita, crisocola, epidoto [...] pepitas de ouro, pirita de ferro, quartzo, rutilio, espessartita, sulfato de cobre e a jazida de estauroлита... P. 595.

Esplacelo Lugar elevado e descoberto donde se tem boa perspectiva.

Retumba não logrou ver esqueletos completos e atribuiu esse esplacelo, que deve ser levado à conta da imperícia da exumação, à violência da catástrofe visionada por Euclides da Cunha. P. 90.

Esquistossomose Doença causada pela infecção por vermes parasitas de água doce de certos países tropicais e subtropicais.

É a seguinte a ordem da frequência das helmintíases em nossas zonas contaminadas: a ascaridose, a mecatoriose, a tricicéfaloze, a anguilulose, a esquistossomose e a oxiurose. P. 455.

Estafetas Indivíduo que trabalha fazendo entregas (de documentos, encomendas, etc.).

O número de estafetas foi elevado a dois em Areia, Alagoa Grande, Bananeiras, Cabedelo, Cajazeiras, Guarabira, Itabaiana, Mamanguape, Patos, Pombal e Sousa e a três em Campina Grande. P. 500.

Estauroлита A estauroлите ou estauroлита é um mineral de cor vermelha a castanha, geralmente opaco, do grupo dos nesossilicatos, com

traço branco-acinzentado, cristaliza no sistema monoclinico e tem dureza de 6 a 7,5.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcopirita, calcosina, cassiterita, columbita, crisocola, epidoto [...] pepitas de ouro, pirita de ferro, quartzo, rutilio, espessartita, sulfato de cobre e a jazida de estauroilita... P. 595.

Estumados O mesmo que excitado, assanhado, açulado.

Os selvagens truculentos eram estumados contra as fazendas indefesas. P. 234.

Euforbiácea Euphorbiaceae/euforbiáceas é uma família botânica representada por 300 gêneros e cerca de 6.000 espécies. Numerosos gêneros estão representados nos Estados Unidos e/ou no Canadá.

A cultura dessa euforbiácea encontra condições privilegiadas em grande parte do Estado; o tamanjuá, moléstia criptogâmica, que não determina grandes prejuízos. P. 575.

Evaporâmetro É um reservatório raso, instalado próximo ao pluviômetro, sobre um estrado de madeira.

Acha-se iniciada a construção de uma estação meteoro-agrária com os seguintes instrumentos: um termômetro de máxima, um de mínima, um psicômetro, um termômetro de solo (Casella), três termômetros de subsolo, um heliógrafo, um catavento de Wild, um evaporômetro de Piche, um evaporâmetro de Fuess... P. 490.

Exprobrava Não concordar com; censurar ou repreender.

Esse extraordinário poder verbal que exprobrava o quadro de nossa inferioridade e convocava as últimas reservas de civismo para o levantamento das instituições deprimidas... P. 281.

Exsicada Fazer com que fique completamente ressecado; ficar muito seco; ressequir-se: exsicar o campo; sem água, a planta se exsicava.

É a zona mais seca do estado. É, ordinariamente, exsicada pela soa-lheira anos a fio. P. 68.

Extratelúrico Que está fora da Terra. Usa-se em sentido cosmográfico ou astronômico; extraterrestre.

A seca é, portanto, um fenômeno extratelúrico que desarranja as condições meteorológicas do litoral ao alto sertão. P. 148.

– F –

Facheiro O facheiro, facheiro-azul ou mandacaru-de-facho é uma planta do gênero *Pilosocereus* e da família das cactáceas. É endêmica da região Nordeste do Brasil.

É a caatinga de plantas espinhosas, de xiquexique, macambira, facheiro, palmatória e coroa de frade. P. 592.

Fáculas Fáculas são literalmente “manchas brilhantes”. São utilizadas na nomenclatura planetária para nomear certas características planetárias e de satélites.

Esses negros rasgões, que contrastam na fotosfera solar com as fáculas luminosas, sempre a mudarem de forma e de dimensão, em seu movimento próprio... P. 143.

Famanazes Célebres, famosos, influentes, mandões.

Mas o que parece uma tara, como a dos Montefortino, que conservaram, durante três séculos, a fama de uma raça de delinquentes, explica-se pelo contágio moral ou pela imitação, tanto que Brillhante e Silvino adotaram os cognomes dos tios famanazes. P. 558.

Famulagem Conjunto de fâmulos; criadagem. Sinônimo de criadagem.

Essa mestiçagem forma também o grosso da famulagem das cidades. P. 525.

Fácies Conjunto dos caracteres litológicos e paleontológicos de uma rocha, considerados a partir do ponto de vista de sua formação.

Acha-se localizada no alto da Borborema, uma zona de ameno clima, numa ótima propriedade que, abrangendo os diversos fácies fisiográficos do brejo, se presta a todas as culturas peculiares a essa região. P. 495.

Fathoms Traduzido do inglês = Braças.

A curva de 5 fathoms (9,15 metros) passa de 1.200 a 2.800 metros de distância da linha de recifes, aproximando-se mais na entrada do porto... P. 413.

Feldspatos É uma importante família de minerais, do grupo dos tectosilicatos, constituintes de rochas que formam cerca de 60% da crosta terrestre.

...é uma rocha de hornblenda com numerosas pequenas cintas de quartzo e de feldspato muito contorcido. P. 78.

Fenadas Feno cultivado e seco; palha servida como alimento a certos animais.

E, com a vivacidade das atuais e a cultura de novas plantas forrageiras, verdes e fenadas, serão introduzidas raças de valor, em vez de animais indianos para a criação do puro sangue e o cruzamento. P. 644.

Fintar Tributo proporcional aos rendimentos de cada cidadão; derrama, imposto.

As cartas régias de 11 de setembro de 1697 e de 2 de dezembro do ano seguinte mandaram ainda fintar os habitantes da cidade para a construção de uma casa destinada à câmara, cadeia e audiência. P. 237.

Fisocratas Fisiocracia é uma teoria econômica desenvolvida por um grupo de economistas franceses do século XVIII que acreditavam que a riqueza das nações era derivada unicamente do valor de “terras agrícolas” ou do “desenvolvimento da terra” e que produtos agrícolas deveriam ter preços elevados.

*As teorias da liberdade econômica e da iniciativa individual, profes-
sadas pelos fisiocratas e por Adam Smith, com a fórmula de laissez-faire
que se converteu no sentido menos passivo de fair play... P. 651.*

Flagícios Crime, delito infame; ignomínia. Tormento, tortura, sevícias.
*Até bem poucos anos a tradição desses flagícios chorava na modinha
popular. P. 261.*

Folhelhos Folhelho é uma rocha sedimentar clástica, formada pela
deposição de lama, com partículas de tamanhos desde o silte
à argila.

*“Existe, a leste, no Estado da Paraíba, uma outra bacia de arenitos
e folhelhos moles que até agora não tem fornecido fósseis, mas que é
considerada como pertencente ao terreno cretáceo por causa da sua
semelhança a esta formação no Ceará e em outras localidades”. P. 86.*

Fossilíferos Diz-se dos terrenos onde se encontram fósseis animais ou
vegetais.

*...os calcários da Paraíba são igualmente fossilíferos, conquanto eu
apenas lograsse obter o molde dum dente de peixe e alguns pequenos
fragmentos de Estherea... P. 76.*

Fragosos Penhascoso, escabroso, áspero, agreste. Difícil de transpor,
de vencer; de acesso difícil.

*A encosta oriental e, como já mostrei, mais ladeirenta ao norte. Por
esses flancos fragosos é que se chega aos brejos. P. 65.*

Franças Conjunto de ramificações menores e mais altas das árvores.

*E, em alguns pontos, opulenta-se em franças perfumadas de baunilha
ou uniformiza-se nos bosques de jabuticaba. P. 67.*

Frangalhos Algo ou alguém que está devastado emocionalmente; quem
está arrasado; caco ou farrapo.

*As infecções palustres, o beribéri, a anasarca, as febres perniciosas, o
escorbuto, a varíola e outras enfermidades mórbidas desenvolveram-se*

na promiscuidade desses frangalhos humanos e, num surto pestilencial desfalcaram a população permanente. P. 191.

Frondeja Tornar-se frondosa ou copada (a árvore). Cobrir ou cobrir-se de folhas.

Daí por diante, ondulam os canaviais, acamam-se as gramíneas e, em algumas nesgas, frondeja o capoeirão. P. 64.

– G –

Gado Asinino Jumento e jumenta.

A maior quantidade de gado asinino e muar está distribuída pelos seguintes municípios: Picuí... P. 617.

Gado Cabrum Gado composto de cabras e bodes.

No alto sertão não apresenta grande vulto. Os dados referentes ao gado cabrum recomendam, ainda mais, o Cariri... P. 618.

Gado Muar Os muares, mulas e burros, são animais híbridos resultantes do cruzamento de um jumento com uma égua, ou de um cavalo com uma jumenta. A mula é o indivíduo fêmea, resultante do cruzamento de um jumento com uma égua. O macho, resultante desse cruzamento, é chamado burro. Ambos pertencem à espécie denominada muar.

A maior quantidade de gado asinino e muar está distribuída pelos seguintes municípios: Picuí... P. 617.

Gastroenterite Infecção intestinal marcada por diarreia, cólicas, náuseas, vômitos e febre.

E, se não fora a mortalidade infantil, principalmente por gastroenterite, devido a vícios do regime alimentar, seria, excepcionalmente, baixo esse coeficiente. P. 477.

Gatunice Roubo, afano, desvio, dilapidação, esbulho.

Guarda, em regra, o decoro da família e alto grau de probidade. É rara a gatunice nessas paragens. P. 542.

Gnáissicas Gnaisse é uma rocha de origem metamórfica, resultante da deformação de sedimentos arcósicos ou de granitos. Sua composição é de diversos minerais, mais de 20% de feldspato potássico, plagioclásio, e ainda quartzo e biotita.

No interior estas margas e areias ocorroem sempre onde as rochas gnáissicas e granitoides se acham largamente desenvolvidas... P. 75.

Gnaisse Rocha metamórfica, também designada gneisse, formada por camadas escuras de minerais ferromagnesianos, como micas e anfíbolas, e camadas claras de cor branca, cinzenta ou rosa, constituídas por quartzo e feldspatos.

Ao longo de seu curso, varia a formação geológica. Nas zonas alternadas de granito e gnaisse o vale estreita-se e aprofunda-se entre flancos alcantilados. P. 63.

Goiacus Também chamados baiacus, são peixes que ocorrem no mundo todo. Quando inflados, alguns apresentam projeções da pele que se parecem espinhos, mas não são pontiagudos nem perigosos.

Os mestres do campo dos paulistas, além dos morticínios de 1687-89 e 1696, escravizaram e deslocaram muitos paiacus e goiacus. P. 515.

Grafita Grafite é um mineral, um dos alótropos do carbono.

Ao contrário do diamante, a grafite é um condutor elétrico. Por isso possui aplicações em eletrônica, como em eletrodos e baterias. Em razão do seu alto ponto de fusão, também possui aplicações como material refratário, como em cadinhos de fundição de aço.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcopirita, calcosina, cassiterita, columbita, crisocola, epídoto, grafita, hematita, ilenita, ilmenita... P. 595.

Granitoides Os granitoides são os principais constituintes da crosta continental e, devido à forte correlação entre associações mineralógicas, tipos petrogenéticos, fontes magmáticas e ambiente geodinâmico, permitem, quando corretamente tipificados, delimitar a evolução e diferenciação da crosta continental ao longo do tempo.

No interior, estas margas e areias ocorrem sempre onde as rochas gneissicas e granitoides se acham largamente desenvolvidas... P. 75.

Guaianás Os índios guaianás, também conhecidos como guaianases, foram um agrupamento indígena sul-americano que povoou regiões entre São Paulo de Piratininga e o Uruguai até o final do século XVI. Durante o período colonial, essa tribo recebeu vários nomes, como guaianases e guaianã.

A essa nação pertencem os guaianás que deram origem aos famosos mamelucos das bandeiras paulistas. P. 532.

Guaiacus Grupos indígenas cujas línguas pertencem à família linguística guaicuru. Eram famosos por serem uma tribo guerreira
...os guaiacus que se estendiam de Catolé ao Piranhas; os paiacus e os panatis, dos limites com o Rio Grande do Norte... P. 514.

– H –

Hancornia SP Hancornia speciosa – Mangaba, mangabeira. Árvore inermes, latescente, caducifólia ou subcaducifólia. É comestível e utilizada na fabricação de sucos, sorvetes, doces e bebida vinosa. No Nordeste é muito apreciada.

A hancornia sp carrega-se de abundantes frutos, semelhantes ao damasco e muito apreciado por seu delicado sabor. É um dos recursos da população pobre dos arredores. P. 577.

Hemático Que se refere ou pertence ao sangue: líquido hemático. [Medicina] Que age sobre o sangue. Qualidade do animal que tem sangue.

Uma outra forma de auxílio é a venda módica de vacinas contra o carbúnculo sintomático, que determina a perda da terça parte, no mínimo, da produção bovina de cada ano, contra o carbúnculo hemático e sem resultados positivos... P. 498.

Hematita Hematita é um óxido de ferro de ocorrência frequente em solos e rochas. Seu nome provém do vocábulo grego *αἷμα* “haima”, referente a sangue, devido à sua cor.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcopirita, calcosina, cassiterita, columbita, crisocola, epídoto, grafita, hematita, ilenita, ilmenita... P. 595.

Herbáceo Semelhante à erva e da mesma natureza que ela. Plantas que têm uma consistência mole e tenra e não apresentam parte alguma lenhosa.

A espécie que se adapta a essas condições de solo e de clima é o herbáceo, de fibra curta. Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcopirita, calcosina, cassiterita, columbita, crisocola, epídoto, grafita, hematita, ilenita, ilmenita... P. 595.

Hervanço Planta da família das leguminosas, cujas vagens pubescentes contêm uma semente comestível, grão de bico.

E, de onde em onde, se encontram o milho-branco, o vermelho, o car-rapicho, o pé-de-galinha, o hervanço, o amargoso, o gordura, o colônia, a grama, etc. P. 600.

Hidrômetro Um contador de água. É um instrumento de medição volumétrica de água que passa numa parte da rede de abastecimento de água.

... a ampliação do abastecimento d'água que já é insuficiente para as próprias necessidades ordinárias, devido, em parte, aos sistemas de torneiras livres, pela utilização dos hidrômetros. P. 475.

Hidropisia Acumulação patológica de líquidos em tecidos celulares, cavidades do organismo, ou em qualquer outra parte do corpo.

Os ventres vazios abaulados, ordinariamente, pela hidropisia são uma ironia da fome. A infiltração serosa da anasarca também avoluma, caricatamente, esses espectros. P. 217.

Higrométrico Relativo à higrometria. Diz-se dos corpos sensíveis à variação do grau de humidade ambiente.

As indicações higrométricas estão na ordem inversa das termométricas. P. 113.

Homízio Lugar em que se esconde pessoa que foge à ação da justiça; esconderijo, valhacouto.

Só ele tinha direito de repressão, aplicando castigos corporais ou entregando à justiça os criminosos, quando não preferia a impunidade pelo homízio. P. 542.

Homoafer Astuto, preguiçoso e libidinoso.

O decrescimento dessa parcela do homoafer é visível, por efeito da seleção étnica e, principalmente, porque constitui o rebotalho da miséria exposto a todos os fatores patológicos. P. 526.

Hornblenda Hornblenda é a designação dada a um grupo de minerais monoclinicos, do grupo das anfíbolas, constituídos por mistura isomorfa de silicatos de cálcio, magnésio, ferro, alumínio e, por vezes, também de sódio, manganês ou titânio.

A partir da Paraíba, o primeiro afloramento nítido das rochas ocorre em Batalha no rio Paraíba; é uma rocha de hornblenda com numerosas pequenas cintas de quartzo e de feldspato muito contorcido. P. 78.

Icós Grupo indígena, hoje considerado extinto, que habitava a Paraíba no século XVIII.

... os curemas, de Piancó; os ariús, das margens dos rios Pinhares e Sabugi e do alto Piranhas; os pegas, de Patos e Pombal; icós, do rio do Peixe... P. 513.

Ignara O mesmo que: apagada, esquecida, estúpida, inculta.

Mas, conquanto não seja dos mais rígidos o ponto de vista da honra nessa massa sofredora e ignara, não descamba em descomedimento de costumes. P. 545.

Igrométrico No clima, sendo necessário mitigar as ilhas de calor, garantir o conforto térmico e higrométrico da população.

A média do grau igrométrico foi de 77,0% em 1922, 75,9 em 1913 e 81,2 em 1915... P. 129.

Impolítica Que não é político. Contrário à boa política. Descortês, incivil.

A revolta contra a impolítica da metrópole fermentava em todas as camadas estranhas à influência oficial e gerava as primeiras incompatibilidades entre brasileiros e portugueses. P. 238.

Íncolas O mesmo que: habitantes, moradores.

Nossa história colonial é ainda, mais ou menos, obscura. Mas, pode-se calcular o número desses íncolas pela resistência oposta à conquista, e, notadamente, às entradas. P. 513.

Incepava Repreender severamente. Arguir, acusar, censurar.

O político que, em vez de cortejar os homens públicos do sul, senhores da situação e responsáveis pelo nosso abandono, assim lhes incepara, no início de outro período presidencial... P. 294.

Ingente Muito grande, enorme, desmedido.

Mas, antes de recuperar as forças amortecidas, a obra ingente da população era minada pelas exigências de Portugal. P. 236.

Insofrida Que não tolera sofrimento; que não é ou é pouco sofredor.

E como encontrasse resistência ao seu projeto, não se conteve, com aquela bravura insofrida e irreverente, que não increpasse, na sessão do senado de 22 de dezembro de 1908. P. 316.

Imarcessível Que não murcha; repleto de vigor: planta imarcescível. [Figurado] Que não tem fim; que nunca se acaba: glória imarcescível.

... é a floresta de caules solitários que se solidariza no emaranhamento das palmas imarcessíveis. P. 70.

Ilmenita A ilmenita ou ilmenite é um óxido natural de ferro e titânio. É um mineral de magnetismo fraco encontrado em rochas metamórficas e intrusões geológicas de rochas ígneas, especialmente gabros e noritos.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcopirita, calcosina, cassiterita, columbita, crisocola, epidoto, grafita, hematita, ilenita, ilmenita... P. 595.

Incúria Falta de cuidado; desleixo, negligência. Falta de iniciativa; inércia, inação.

Preservar o sertanejo da mortandade periódica é uma resolução que resgata a incúria do nosso passado; P. 554.

Indigitara Vem do verbo indigitar. O mesmo que: apontara, assinalara, julgara, designara, indicara, mostrara, recomendara.

Indigitara, em seguida, a multidão macabra de impaludados agudos e crônicos, de baço volumoso e empedrados, caquéticos e ofegantes... P. 454.

Inexaurível Que não se pode exaurir; inesgotável.

E os municípios de Alagoa Grande, Areia e Alagoa Nova? Foi a esse refúgio inexaurível que, conforme refere Felipe Guerra, em trechos citados, acudiram em 1845... P. 357.

Infecção Heberthiana O meio médico da Paraíba servido do concurso da bacteriologia para o esclarecimento dos diagnósticos duvidosos que, antes, suscitavam controvérsias, como no caso de infecção heberthiana. P. 469.

Infecções Palustres O mesmo que malária. A doença, também conhecida por “maleita”, “sezão”, “impaludismo” e “febre palustre”, é causada por um protozoário do gênero *Plasmodium*, sendo transmitida pelo mosquito *Anopheles*.

As infecções palustres, o beribéri, a anasarca, as febres perniciosas, o escorbuto, a varíola e outras entidades mórbidas desenvolveram-se na promiscuidade desses frangalhos humanos... P. 191.

Influxo Influência física ou moral; ação de influir, de exercer domínio ou de expressar poder em relação a algo ou alguém.

Maravilhou-me a renovação dessas plagas longínquas, operada, sob o influxo das obras contra as secas, no lapso de dois anos e pico. P. 372.

Infracretácico Que está abaixo da camada cretácea.

Na fauna do infracretácico os répteis alcançam extraordinário desenvolvimento. O Ignadon é gigantesco: mede 9,50m do focinho à extremidade da cauda. P. 92.

Infrutuosamente Que não dá fruto; estéril. Baldado, infrutífero, inútil.

Resolver esse problema seria tirar do orçamento federal um peso que se perpetuava infrutuosamente e assentar em bases certas a prosperidade da região. P. 333.

Insofridamente Que não tolera sofrimento; que não é ou é pouco sofredor. Que tem pouca paciência. Impaciente. Turbulento.

Foram, destarte, lançadas as bases de nossa independência econômica, por uma intervenção requerida, insofridamente, pelas condições especiais de um país rico e desamparado. P. 481.

Inverneiras As inverneiras são núcleos habitacionais temporários durante o inverno, cuja origem se insere num processo de transumância em que as populações se deslocam das suas habitações de verão para os vales e outras zonas mais baixas da serra, onde o frio não é tão intenso.

Mas, esse homem, mal comido e mal vestido, lida no eito, curvado sobre a enxada, de sol a sol ou ao rigor das inverneiras, com uma infatigabilidade de que nenhum outro seria capaz. P. 544.

Itapicuru Possui madeira roxa e de uso na indústria de móveis, folhas com dois pares de folíolos coriáceos assimétricos, flores brancas com cinco pétalas de um centímetro. Nome de rio da Paraíba.

... entrando o Estado do Piauí pelo município de Paranaguá, seguindo pelo divisor das águas do Paraíba e do Itapicuru até as proximidades do litoral e, continuando, a fechar no ponto de origem. P. 141.

- L -

Lachesis Lachesis, conhecida como surucucu, é um gênero de víbora *crotalinae* venenosa encontrada nas florestas das Américas Central e do Sul. O nome genérico é uma referência a uma das Moiras, Lachesis, da mitologia grega que determinava o comprimento do fio da vida. Atualmente há quatro espécies identificadas de Lachesis.

O Cariri e o alto sertão são o habitat do Crotalus terrificus. E a lachesis abunda em todo o território, principalmente nos campos. P. 473.

Lactescente Que encerra látex; lactífero. Que segrega leite ou substância semelhante.

Apesar da derrubada incessante, ainda se encontram matas no litoral com boa madeira de construção e grande variedade de plantas medicinais, tanantes, colorantes, resinosas, oleaginosas, lactescentes, etc. P. 568.

Ladravazes Grande ladrão.

Quem seria de irrogar a Pedro II – o puritano do livro negro – a ignomínia dos ladravazes de 1877? P. 694.

Laurenciano Relativo às formações geológicas do período arqueano.

Os estratos examinados pertencem a rochas de idades muito diferentes: ao terciário, cretáceo e laurenciano. P. 73.

Lazareto Leprosário. Estabelecimento para controle sanitário, onde são postas de quarentena as pessoas que, chegadas a um porto ou aeroporto, podem ser portadoras de moléstias contagiosas.

Assim que se declararam os primeiros casos na tripulação dos navios estrangeiros, o governo mandou construir um lazareto na ilha Tiriri, o qual ficou à disposição do cônsul inglês. P. 456.

Légua Medida itinerária antiga cujo valor é variável segundo as épocas e os países, geralmente com valores entre os 4 e os 7 quilômetros.

Fica no município de Bodocongó, na distância de umas oito léguas da cidade de Campina Grande... P. 57.

Leishmaniose Leishmaniose é um tipo de doença infecciosa causada por um protozoário do gênero leishmania, considerado um parasita. Sua transmissão se dá por meio da picada do mosquito-palha e essa condição é considerada majoritariamente tropical, sendo mais comum em países de clima quente e úmido, como certas regiões do Brasil.

São raros a pneumonia, a difteria, o tracoma e a leishmaniose. P. 458.

Lenho Tronco ou peça grossa e robusta de madeira; madeiro.

É o homem que se aventura ao alto mar, dia e noite, num lenho frágil, cuja vela, como um ponto branco, não chega à altura dos vagalhões ameaçadores. P. 541.

Limonito Mineral constituído por óxidos e hidróxidos de ferro, de cor acastanhada ou amarelada.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcopirita, calcosina, cassiterita, columbita, crisocola, epidoto, grafita, hematita, ilenita, ilmenita, limonito, malaquita... P. 595.

Locupletadas Abarrotado, enchido, saciado, enriquecido.

O grosso dos habitantes não dispunha, porém, como último recurso, sequer das joias e outros adornos que, em 1977, tinham locupletado uma agiotagem de abutres. P. 215.

Longanimidade Virtude de se suportar com firmeza contrariedades em benefício de outrem; magnanimidade, generosidade, paciência, resignação com que se suportam contrariedades, malogros, dificuldades.

À natureza perenemente generosa não corresponde a longanimidade dos homens. P. 225.

– M –

Macróbios O mesmo que: antigos, idosos, velhos, vetustos. Que ou quem tem idade muito avançada.

No obituário de 1912, onde estão discriminadas as idades maiores de 60 anos, figuram macróbios de 110 e 112 anos. P. 477.

Magnetita A magnetita, também chamada de ferrita de ferro, é um minério conhecido como imã natural e encontrada em depósitos de

ferro. Além desse comportamento intrínseco, a magnetita possui a capacidade de remover os íons metálicos do meio aquoso por fenômenos de adsorção.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcopirita, calcosina, cassiterita, columbita, crisocola, epidoto, grafita, hematita, ilenita, ilmenita, malaquita, magnetita, microclínio... P. 595.

Malaquita A malaquita é uma pedra excepcionalmente bela e frequentemente usada em joias. Seu nome deriva da palavra grega “malache” ou malva.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcopirita, calcosina, cassiterita, columbita, crisocola, epidoto, grafita, hematita, ilenita, ilmenita, limonito, malaquita, magnetita... P. 595.

Malquistara-se Ornar ou ficar inimigo de; fazer zangar ou zangar-se com.

O capitão espanhol Francisco Castrejón, deixado como alcaide do forte de São Felipe, pelo general Valdez, malquistara-se com o governador, cuja autoridade se negava a reconhecer. P. 228.

Malthusianismo A Teoria Malthusiana, ou Malthusianismo, foi elaborada por Thomas Robert Malthus no ano de 1798 e defendia que a população crescerá em ritmo acelerado...

O malthusianismo, fundado em falsas progressões, tem sido um impedimento a esse desenvolvimento vital. P. 551.

Malvácea Família da ordem das malvales, ervas, arbustos, algumas de árvores, com folhas geralmente simples, dispostas em espiral. De distribuição cosmopolita, especialmente em regiões tropicais, muitas são cultivadas em jardins, como vários hibiscos, ou por fibras, como o algodão.

Inteirado dessas possibilidades e conhecendo a situação dos centros abastecedores e de tecelagem, o governo Epiácio Pessoa envidou melhoror o sistema de cultura da preciosa malvacea e seu preparo científico. P. 485.

Mamanguape Existem duas hipóteses etimológicas para o topônimo “Mamanguape”: uma corruptela do tupi mamã-guaba-pe, que significa “onde se reúne para beber, bebedouro (de um rio ou lagoa)”; rio e cidade da Paraíba.

O Mamanguape, a poder de precipitações extraordinárias, inundou Mulungu e outros pontos em 1899. P. 140.

Mameluco Mamelucos, também chamados de mamelucos, eram soldados de uma milícia egípcia constituída por escravos turcos. Formaram uma casta militar, vindo a conquistar o poder no Egito. Em 1798, foram derrotados por Napoleão na batalha das Pirâmides. Em 1811, foram exterminados por Mehmet Ali.

Talvez se verifique, na hipótese, a evolução do mameluco para o ariano. É, porventura, o processo de clarificação, o retorno atávico, a lei da seleção étnica. P. 525.

Mandió-puba Puba, também chamada de massa puba, é uma palavra do tupi antigo que se refere à massa extraída da mandioca fermentada. Ela é resultado da fermentação natural das raízes da mandioca (também chamada de aipim e macaxeira), junto a microrganismos que contribuem para o amolecimento das raízes.

Com a mandioca faziam muitas espécies de farinha como a curimã e a mandió-puba ou beiju e algumas bebidas. P. 574.

Manibepa Variedade de mandioca muito venenosa.

Só a manibepe pode deixar de ser colhida sem o perigo do apodrecimento das túberas. Daí, a falta de uma cultura intensiva. P. 589.

Mãos simoníacas Simonia é o ato de vender favores divinos, bênçãos, cargos eclesiásticos, prosperidade material, bens espirituais, coisas sagradas, etc.

Se, por ventura, houve irregularidades, malditas as mãos simoníacas que desfalcaram essa obra sacrossanta. P. 693.

Marauí Engenho da Paraíba.

Outra em 1731 danificou, entre muitos, o engenho Marauí. O abade frei José de Santa Rosa teve de mandar reedificar a casa da moenda. P. 140.

Marchantes Negociante de reses para os açougues.

Depois de inaugurada a estação de Campina Grande, os marchantes do Recife tentaram conduzir no trem o gado adquirido nas feiras daquela cidade. P. 392.

Marés de Sizígia Conjunção da Lua e do Sol, na lua nova e na lua cheia, quando as marés altas são maiores e as marés baixas são menores, que provoca as chamadas marés de águas vivas: maré de sizígia.

Nas marés de sizígia o nível de preamar eleva-se a 2,44m e nas quadraturas a 2,68m. P. 413.

Massacará A etnografia versa sobre o povo indígena Kaimbé no sertão noroeste da Bahia (município Euclides da Cunha).

Os baianos irradiaram de Massacará, onde haviam assentado seus arraiais, através do Pageú e da serra de Baixa Verde, para o Piancó. P. 596.

Mastreação Mastreação é, em náutica, o conjunto dos mastros, vergas, cesto da gávea e paus de uma embarcação. Ao conjunto da mastreação e da enxárcia é que se chama, em náutica, o aparelho.

... as melhores qualidades de madeiras, como são: a sucupira, o pau-de-arco, o vinhático, o amarelo, o cedro, o gitahy, o angelim amargoso, o angelim doce, a peroba, para aduelas; o louro, o jatobá, a sapucaia, para cintas; a sapuqueirana, para mastreação e aduelas, a cabraíba; P. 62.

Mecatriose Cólica e menstruação irregular estão entre os sintomas desse problema que afeta milhões de mulheres.

É a seguinte a ordem de frequência das helmintíases em nossas zonas contaminadas: a ascaridose, a mecatariose, a tricocefalose, a anguilulose, a esquistossomose e a oxiurose. P. 455.

Medrar Fazer crescer ou crescer, aparecer.

O comércio medrava aos surtos, funcionava uma escola e abriam-se casas de diversão, por iniciativa privada. P. 394.

Melanismo Melanismo é um fenômeno caracterizado pela produção excessiva, concentrada e considerável do pigmento negro, a melanina, e tem como consequência animais de pele ou pelagem escurecidas, isto devido a mutação genética em animais.

Mas, Piancó é o único ponto sertanejo onde se acentua o melanismo. P. 524.

Meldrum O ácido de Meldrum ou 2,2-dimetil-1,3-dioxano-4,6-diona é um composto orgânico de fórmula $C_6H_8O_4$. Sua molécula possui um núcleo heterocíclico com quatro.

Alguns astrônomos têm assinalado a concordância de ciclones com a passagem das manchas por certas regiões do disco e Meldrum atribuiu às máximas a maior produção de chuvas. P. 143.

Mesotérmicos O clima mesotérmico úmido não tem estação seca e depende da Massa Polar Atlântica.

... climas mesotérmicos, ou média de 10° a 15°. P. 106.

Metamórfica São aquelas formadas a partir de outra rocha (sedimentar, ígnea ou metamórfica) por ação do metamorfismo. Entende-se por metamorfismo o crescimento de cristais no estado sólido, sem fusão.

As rochas cristalinas metamórficas estão representadas principalmente pelas séries de gnaiss, micaxisto e quartzito. P. 96.

Micaxistos Micaxistos são rochas metamórficas de xistosidade acentuada e é uma rocha dura, formada essencialmente, por quartzo e mica, podendo conter feldspato, e alguns aglomerados provenientes do cimento, granadas, estauroilite, silimanite e anfíbola.

Predominam as rochas metamórficas nas transições de seus elementos. Aqui “uma pequena série de micaxistos divide duas largas faixas de rocha granitoide”. P. 80.

Miasmático Que forma miasmas. Causado por miasmas, doença.

Mas era um lugar infecto e miasmático que foi, por isso, dentro em pouco, condenado. P. 436.

Microclínio Microclina, ou microclínio, é um importante mineral tectossilicato constituinte de rochas ígneas e de rochas metamórficas. Faz parte do grupo de feldspatos alcalinos, juntamente com sanidina, albita e anortoclásio. É comum em rochas graníticas, vulcânicas félsicas e em rochas metamórficas, como gnaisses.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcopirita, calcosina, cassiterita, columbita, crisocola, epidoto, grafita, hematita, ilenita, ilmenita, malaquita, magnetita, microclínio... P. 595.

Mimosácea Família de árvores e arbustos da ordem das *Fabales*, geralmente considerada, pela maioria dos autores, como a subfamília mimosóidea, da família das leguminosas.

É feita à sombra, principalmente de uma mimosácea denominada vassourinha. P. 586.

Mirtáceas *Myrtaceae* é uma família de plantas com flor incluída na ordem *Myrtales* do tipo das *Eudicotyledoneae*, que agrupa 132 gêneros e mais de 5.950 espécies validamente descritas. São arbóreas ou arbustivas, geralmente *perenifólias* e aromáticas, muitas ricas em óleos essenciais utilizados em perfumaria e farmácia.

A vegetação, que se modifica insensivelmente, é, enfim, caracterizada pelas mirtáceas. P. 67.

Modicidade Modicidade, qualidade de módico.

A excelência das condições naturais, duplicando o rendimento, a qualidade da fibra, por sua cor, resistência e comprimento, a modicidade do salário, tudo concorrerá para essa nossa colocação no comércio mundial. P. 581.

Mole Grande massa informe; volume desmedido.

Quando nos firmamos em pé em cima da imensa mole granítica. Grandioso espetáculo se nos apresentou em todos os quatro pontos cardeais. P. 57.

Morbigenas O mesmo que: débeis, doentios, enfermijos, entorpecidos, insalubres, malsãos, malsões, morbíficos, morbígeros.

Ver-se-á como vivemos, desprevenidamente, expostos a todas as influências morbigenas, sem organização sanitária que nos assegurasse o prolongamento da vida. P. 444.

Mororó O mesmo que pata-de-vaca (designação comum), fruta-de-ca-chorro (*Basanacantha spinosa*).

O gado alimenta-se também de muitas plantas ou ramas, como mororó, feijão-bravo, umari, cipaúba, etc. P. 600.

Mós Mó é cada uma do par de pedras duras, redondas e planas com as quais, nos moinhos, se trituram grãos de cereais na produção de farinhas.

Usaram-se para o fabrico, durante algum tempo, pilões, mós e engenhos de dois eixos movidos com uma roda por força hidráulica ou por bois. P. 570.

Morbo Estado de quem ou do que apresenta alguma patologia, condição doentia; enfermidade, moléstia.

A força pública em diligências era, de ordinário, portadora do morbo, que teve, afinal, no alto sertão incrementos epidêmicos. P. 436.

Mulungu É uma planta medicinal muito comum no Brasil que é usada para trazer tranquilidade, sendo muito usada para tratar quadros de insônia, assim como alterações do sistema nervoso. Região da Paraíba.

O Mamanguape, a poder de precipitações extraordinárias, inundou Mulungu e outros pontos em 1899. P. 140.

Munificência Estado, condição, atributo do que é munificente; generosidade, liberalidade, prodigalidade.

Mas escasseavam, apertadamente, os recursos. A proverbial munificência do imperador não acudia aos reclamos de fácil contento. P. 198.

Muscovita A muscovita é um filosilicato comum do grupo das micas que ocorre em muitos tipos de rochas magmáticas, metamórficas e sedimentares.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcopirita, calcosina, cassiterita, columbita, crisocola, epidoto, grafita, hematita, ilenita, ilmenita, malaquita, magnetita, microclínio, muscovita, ortósio... P. 595.

– N –

Necrópole Cemitério.

Algumas dessas grutas são verdadeiras necrópoles. As maiores são: a da serra do Corredor, com inscrições de origem controvertida... P. 59.

Nênia Lamentação fúnebre; elegia.

É a nênia de um povo atormentado pelas visões de seu destino. P. 206.

Neogrés Ao longo da costa cearense, o engenheiro Horácio Small observou o arenito vermelho, que pertence a todas as épocas geológicas, em escarpas cobertas de grandes dunas, formando como que um quebra-mar ou dique entre o vale e o oceano.

Os detritos ferruginosos são mais interessantes, tendo muitas vezes sido tomadas erroneamente por viajantes como pertencendo ao neogrés vermelho, com que se parecem tanto que à primeira vista supus também que pertenciam ao neogrés vermelho. P. 74.

Neozoica Era terciária.

A formação geológica do planalto da Borborema exclui a hipótese da era neozoica; denuncia uma idade mais antiga. P. 92.

Nimbo de fogo Grande nuvem cinzenta, espessa e de baixa altitude, que precipita facilmente em chuva ou neve.

Foi de pouca dura, mas com um “nimbo de fogo” que jamais se observara: em muitos lugares e decorreu o ano sem um milímetro d’água. P. 217.

Nitreiras Depósito onde convergem líquidos dos estábulos, sentinas, montureiras.

Quando Arruda Câmara, comissionado pelo governo, examinou, em 1796, as nitreiras do planalto da Borborema, encontrou e conduziu para Goiana ossos do esqueleto de um animal que ele reconheceu ser o mastodonte. P. 90.

Nocibilidade Que tem caráter de noção, relativo a noção ou a ideia.

... animais vertebrados e invertebrados que vivam nas águas, matas e campos, com utilidade, ou nocibilidade, os meios de multiplicá-los ou destruí-los; P. 47.

Nosológicos Parte da medicina que se dedica ao estudo e classificação das doenças.

Uma das maiores devastações epidêmicas foi a da seca de 1877, cujo quadro nosológico já apresentei, com o seu cortejo de infecções palustres, varíola, anasarca, ascite... P. 443.

- O -

Ofidismo Acidente ofídico ou ofidismo é o quadro de envenenamento decorrente da inoculação de toxinas através do aparelho inoculador (presas) de serpentes, levando a alterações na região da picada e à distância.

São comuns em todo o estado e, nomeadamente, na zona sertaneja os acidentes por ofidismo. P. 473.

Oitiva Ação ou efeito de ouvir aquilo que está sendo dito; audição. Assunto transmitido por ouvir alguém dizer.

É esse o clima desértico que se condena de oitiva. No Nordeste não há regiões com a desolada fisionomia dos planaltos de Utah, da Nevada, do Arizona, do sueste da Califórnia... P. 153.

Oleaginosas São vegetais que possuem óleos e gorduras que podem ser extraídos através de processos adequados. Os óleos extraídos são substâncias insolúveis em água e que, na temperatura de 20 °C, exibem aspecto líquido. As gorduras distinguem-se dos óleos por apresentar um aspecto sólido à temperatura de 20 °C.

Apesar da derrubada incessante, ainda se encontram matas no litoral com boa madeira de construção e grande variedade de plantas medicinais, tanantes, colorantes, resinosas, oleaginosas, lactescentes, etc. P. 568.

Onzenários Indivíduo que pratica onzena; usurário, agiota.

Quando há risco do reembolso, os onzenários não se contentam com o vínculo real: recorrem a depósitos simulados, que têm o meio coercitivo da prisão. P. 657.

Opilação Ato ou efeito de opilar(-se); obstrução, oclusão, entupimento.

Vê-se, por conseguinte, que dos 961.106 habitantes do estado se acham, inteiram ente, isentos da opilação 550.390, correspondentes às populações do Cariri e de além-serra. P. 457.

Oxiurose É uma verminose causada pelo parasita *Enterobius vermicularis*, popularmente conhecido como *oxiúrus*, que pode ser transmitido por meio do contato com superfícies contaminadas, ingestão de alimentos contaminados com ovos.

É a seguinte a ordem de frequência das helmintíases em nossas zonas contaminadas: a ascaridose, a mecatariose, a tricocefalose, a anguilulose, a esquistossomose e a oxiurose. P. 455.

Orográfico Na geografia, chama-se orografia o estudo das nuances do relevo de alguma região. Efeito orográfico é também chamado de “chuvas de relevo”. Quando uma massa de ar encontra uma encosta, ela eleva-se, entrando em contato com o ar frio.

A Borborema pertence ao sistema orográfico central e, erguendo-se do seu limite setentrional acerca de 60 quilômetros a oeste de Natal até perto do rio São Francisco... P. 54.

Ortoclase Ortoclase ou ortoclásio é um mineral do grupo dos tectossilicatos, importante na formação de rochas ígneas. É também conhecido como feldspato alcalino e é comum nos granitos e rochas relacionadas. É também denominado ortósio ou ainda ortoclásio.

Um pouco além do Ingá aparece uma rocha dura de gnaiss densamente granulada que reveste os flancos das montanhas do Logradouro as quais consistem principalmente dum gnaiss porfiroide branco contendo grandes cristais cliváveis de pura ortoclase... P. 79.

Ortósio Mineralogia. Feldspato potássico abundante no granito; ortoclásio.

Estudando a geologia econômica dessa região, o engenheiro Paulo de Oliveira ainda indica os seguintes minerais: alanita, apatita, azurito, berilo, biotita, calcário, calcopirita, calcosina, cassiterita, columbita,

crisocola, epídoto, grafita, hematita, ilenita, ilmenita, malaquita, magnetita, microclínio, muscovita, ortósio... P. 595.

Osmótica A osmose é a passagem de solvente, de uma solução menos concentrada para uma solução mais concentrada, através de uma membrana semipermeável.

A tensão osmótica foi deduzida em $P = 0,35 \text{ atm}$. São três fontes a pequena distância uma da outra. P. 100.

– P –

Padreadores Animal que padreia, que acasala, procria; reprodutor, procriador.

Desacompanhados de elemento feminino, os bandeirantes eram padreadores das índias. P. 517.

Paiacus Os paiacus são um grupo indígena que habita o estado brasileiro do Ceará. Também conhecidos como tapuias e jaracus, habitavam a região compreendida entre o rio Açu, na Chapada do Apodi no Rio Grande do Norte, e o baixo Jaguaribe, no Ceará.

... dos atuais municípios de São João do Cariri, Alagoa do Monteiro e Teixeira; os goiacus, que se estendem de Catolé ao Piranhas; os paiacus e os panatis, dos limites do Rio Grande do Norte... P. 514.

Paleozoicos Na escala de tempo geológico, o Paleozoico é a era do éon Fanerozoico, que está compreendida entre há 542 milhões e 251 milhões de anos, aproximadamente. A era Paleozoica sucede a era Neoproterozoico do éon Proterozoico e precede a era Mesozoica de seu éon.

Na primeira estão compreendidos parte do maciço da Borborema, “de xistos cristalinos junto com xistos paleozoicos”... P. 85.

Palúdicos Relativo a palude ou pântano. Relativo a paludismo. Indivíduo que sofre de paludismo.

E pôde assegurar, com a experiência direta, que “o sertão do Nordeste não é um hospital, mas um grande sanatório, onde palúdicos e opilados de outras paragens encontram, na maioria dos casos, remédio eficiente...” P. 454.

Palustres Que vive ou cresce nos pântanos.

Uma das maiores destruições epidêmicas foi a da seca de 1877, cujo quadro nosológico já apresentei, com o seu cortejo de infecções palustres, varíola, anasarca, ascite, escorbuto e outros males... P. 443.

Pampeiro Vento típico das regiões dos pampas.

Nem tufão, nem pampeiro, nem grande desenvolvimento de electricidade, nem tromba d’água, nem granizo nem geada, nenhum dos males que, no próprio Brasil meridional, aniquilam, muita vez, do dia para a noite, todos os esforços da produção. P. 155.

Panatis Grupo indígena, hoje considerado extinto, que habitava a Paraíba.

... os sucurus, dos atuais municípios de São João do Cariri, Alagoa do Monteiro e Teixeira; os goiacus, que se estendiam de Catolé ao Piranhas; os paiacus e os panatis, dos limites com o Rio Grande do Norte... P. 514.

Pangermanismo O pangermanismo foi um movimento político nacionalista do século XIX que defendia a união dos povos germânicos da Europa Central.

Sei que não há processo seguro para se interpretar a alma coletiva, mormente quando ainda em formação de caracteres diversos, com a ingenuidade com que o pangermanismo classificava o espírito de cada povo: “o francês frívolo, o inglês mercenário, o russo selvagem”... P. 528.

Paquetes Barco ligeiro, navios de comércio.

“Para construção de charruas e paquetes de S.M., como para os da Marinha desta cidade, oferece a Paraíba as melhores qualidades de madeiras [...]” P. 61.

Paraíba A raiz etimológica de maior aceitação é pelo qual são consideradas as palavras na língua tupi pa’ra = “rio” + a’iba = “ruim, difícil de navegar”, originando, então, o topônimo Paraíba, como atribuição inicial a um rio localizado na região. Depois, o potamônimo passou a ser designação também da capitania, que se elevou à categoria de província em 1822, sendo, em seguida, elevado à categoria de estado em 1889.

A Paraíba e seus problemas – obra de José Américo de Almeida.

Parcelas de lustro Acórdãos e decisões sobre a prescrição atinge apenas as parcelas vencidas há mais de um lustro de todo Brasil em um só lugar.

Tomando, em parcelas de lustros, a receita do estado, de 1891 a 1920, o presidente Sólon de Lucena organizou, por seu turno, um quadro que se vantagem, relativamente... P. 628.

Patogênicos Em biologia, um agente patogênico ou agente patogênico ou patógeno, no sentido mais antigo e amplo, é qualquer organismo que pode produzir doença. Um patógeno também pode ser referido como um também chamado de agente infeccioso ou etiológico animado.

Defender a vida do paraibano abandonada aos azares das crises do clima e aos agentes patogênicos, estabilizar o sertanejo no seu rincão para o resguardo da sua honra e de seus melindres... P. 555.

Pecíolos Em botânica, chama-se pecíolo a um caule que fica entre a bainha e o limbo ou lâmina das folhas das plantas vasculares. Eixo de sustentação do limbo, geralmente cilíndrico. Algumas vezes possui uma expansão laminar, sendo então denominado pecíolo alado, como nas laranjeiras.

Com os pecíolos fabricam-se vassouras, urupemas, cestas e escovas. P. 603.

Pegas Tribo indígena.

... aos cariris, constituídos de muitas tribos: os curemas, de Piancó; os ariús, das margens dos rios Piranhas e Sabugi e do alto Piranhas; os pegas, de Patos e Pombal; os icós, do rio do Peixe; P. 513.

Pegmatite Pegmatitos são rochas ígneas intrusivas de composição basicamente granítica (quartzo, feldspato e mica) e granulação grosseira igual ou maior que 20 mm, muitas vezes exibindo cristais gigantes encaixados em estruturas desenvolvidas em terrenos metamórficos.

Injetados nos xistos, menos resistentes, surgem diques irregulares de pegmatite e outras rochas ácidas eruptivas. P. 85.

Periclitaria Que não dá fruto; estéril. Baldado, infrutífero, inútil.

E, se não seria praticável, por essa forma, a salvação da vida dos sertanejos, ainda mais periclitaria a de seus gados. P. 391.

Perlustros Percorrer com o olhar. Examinar ou observar. Andar ou percorrer.

Ele perlustrou quatro zonas em que se divide o nosso território – o litoral, a caatinga, o cariri e o alto sertão; P. 72.

Peróxido Os peróxidos são uma classe dos óxidos composta por substâncias binárias, isto é, formadas por dois elementos químicos diferentes.

... em alguns lugares os conglomerados se tornam tão grosseiros que são inteiramente compostos de seixos rolados de quartzo, gnaisses e as rochas xistosas mais duras cimentadas com peróxido de ferro. P. 75.

Perturbações Tróficas Designação genérica dada a todas as perturbações tróficas ligadas a alterações do sistema nervoso (central ou periférico).

Se a gente se compadecia da penúria orgânica dos adultos, deformados pelas perturbações tróficas, com a pele enegrecida colada às longas ossaturas, desfibrados e fétidos... P. 216.

Pestilencial Que tem os caracteres de peste. Infecto, pútrido.

As infecções palustres, o beribéri, a anasarca, as febres perniciosas, o escorbuto, a varíola e outras enfermidades mórbidas desenvolveram-se na promiscuidade desses frangalhos humanos e, num surto pestilencial desfalcaram a população permanente. P. 191.

Pingue Que tem fertilidade; fecundo, produtivo.

O vigor da flora, representada, acidentalmente, em matas densas, poupadas ao machado destruidor, é um padrão desse solo pingue, explorado em método, mas sempre copioso na promiscuidade das culturas. P. 67.

Plainos Extensão territorial de aspecto plano; planície. De aspecto plano e liso; desprovido de desigualdades.

E, em pouco tempo, esse oásis de vales frescos, de gargantas sombrias, de plainos fecundos e de matas virgens entrou a rivalizar com a prosperidade das planícies litorâneas. P. 585.

Pleistoceno A época do Pleistoceno é normalmente definida como o período que começou cerca de 2,6 milhões de anos atrás e durou até cerca de 11.700 anos atrás. A época do Pleistoceno foi a primeira época no período quaternário e a sexta na era cenozoica. Foi seguido pelo estágio atual, chamado de época do holoceno.

O Megatherium americanum e, segundo alguns, do plioceno superior e do pleistoceno da América do Sul. P. 91.

Pletora Aumento de volume de sangue no organismo, que provoca inturgescência vascular. Produção anormal e excessiva de seiva que provoca produção anormal e excessiva de folhas.

Os brejos sufocavam na pletora da população. Sucedeu, conseqüentemente, que as febres e as câmaras de sangue tiveram um assombroso surto epidêmico... P. 219.

Pliocene Plioceno ou pliocénico é a última época do antigo período Terciário da era Cenozoica. Está compreendido entre há cerca de 5 e 2 milhões de anos. Divide-se nas idades Zancleana, Piacenziana e Gelasiana, da mais antiga para a mais recente.

Euclides da Cunha entende que, até certo ponto, reforçam a concepção de Liais, um geólogo de autoridade contestável, “os restos da fauna pliocene que fazem ‘caldeirões’ enormes ossuários de mastodontes...” P. 89.

Pomicultura Cultura de árvores pomíferas ou frutíferas.

A pomicultura será vantajosíssima, quando houver transporte pronto. P. 589.

Pompeia Exibir com vaidade; brilhar, ostentar viço, beleza.

Mas o custo da ascensão é adoçado pelo sentimento da natureza que pompeia em iniciativas variedades. P. 66.

Pontos escapos A velocidade de escape relaciona-se com a massa (M) do planeta ou estrela de onde se quer escapar, com o raio (R) desse planeta e com a constante de gravitação.

Essas impressões, colhidas em pontos escapos à influência do fenômeno, não exprimem todo o infortúnio dos sertanejos. Foi uma indescritível devastação. P. 175.

Porfiadamente Do modo porfiado; em que há porfia (disputa, polêmica, insistência).

O assunto ainda foi porfiadamente debatido na imprensa, na Associação Brasileira de Aclimação e na Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. P. 308.

Porfiroide Distúrbios resultantes do acúmulo de determinadas substâncias químicas relacionadas às proteínas de glóbulos vermelhos.

Um pouco além do Ingá aparece uma rocha dura de gnaiss densamente granulada que reveste os flancos das montanhas do Logradouro as quais consistem principalmente dum gnaiss porfiroide branco... P. 79.

Porphyro *Porphyrio* é um gênero de aves da família *Rallidae*.

... ali são “gnaisses alternados com faixas de micaxistos”; em vários pontos da seção “se encontram jazidas de quartzo e de quartzito”; além há “uma faixa de pórfiro”. P. 80.

Preterições Ação ou efeito de preterir, de desprezar. [Retórica] Figura retórica pela qual se declara não querer falar de um assunto, mas se vai dele falando.

A história político-administrativa da Paraíba, nas suas relações com os poderes centrais, desde o tempo da conquista até 1919, é um documento de preterições e de abandono. P. 225.

Profilaxia I. Prevenção, precaução, preservação. II. Parte da medicina que estabelece medidas preventivas para a preservação da saúde da população. Utilização de procedimentos e recursos para prevenir e evitar doenças, como, por exemplo, medidas de higiene, atividades físicas, cuidado com a alimentação, vacinação etc.

[I] Uma outra consequência desses melhoramentos é a profilaxia do banditismo. Já me externei sobre as causas da atividade ilícita no sertão; mas, cumpre estudar essa forma endêmica, em suas curiosas modalidades. P. 555.

[II] A existência da febre tifoide, ainda não reconhecida, foi verificada na capital pelo laboratório da comissão de profilaxia, num total de nove casos, dentro de um ano. P. 459.

Provecto Que conhece muito um assunto ou uma ciência; experiente, versado, mestre.

O assunto ainda fora versado, a título de propaganda, por muitos outros espíritos empenhados em nossa salvação, em livros de valor, como *O Problema do Norte*, do engenheiro Joanny Bauchardet, em trabalhos da imprensa, como os do *provecto* engenheiro Eugênio de Sousa Brandão. P. 385.

Providente Que provê; provido, que é cauteloso; prudente, previdente.

É, em grande parte, o recurso farto e providente para as crises das secas. P. 59.

Psicofisiológico Que pertence ao campo da fisiologia e da psicologia. Relativo a psicofisiologia.

Careço de especialização científica para o estudo anatômico, antropológico ou psicofisiológico de nosso povo, pelo balanço de suas camadas originárias, para fixar sua expressão somática e psíquica. P. 512.

Pulveroso Cheio ou coberto de poeira ou pó; pulverulento, poeirento. *Todos aguardam esse refrigério pontual que, amansado o arranco do advento pulveroso, embala, com a ajuda da irradiação ativa... P. 122.*

Putrescível Passível de apodrecer; putrificável.

As águas servidas, carregadas de matéria orgânica putrescível e de micróbios, espraíam-se pelos quintais. P. 474.

– Q –

Quadro Nosológico A nosologia é a classificação sistemática de doenças, ou o ramo da ciência médica que trata disso. O adjetivo é nosológico. Nosologia é a classificação científica de doenças.

O quadro nosológico da capital não se havia modificado, apesar de se acharem os emigrados, em grande parte, disseminados pelos núcleos do interior. P. 197.

Quasimodo Quasimodo é o personagem central do livro Notre-Dame de Paris, da autoria de Victor Hugo, publicado em 1831. Um corcunda de nascença, Quasimodo habita o campanário da Catedral de Notre-Dame de Paris, afastado da sociedade e temido pelos habitantes locais.

Não é fiel o retrato de “Hercules-Quasimodo, desgracioso, desengonçado, torto, com a fealdade típica dos fracos”. O sertanejo da Paraíba é, ao contrário, um excelente exemplar da raça. P. 547.

Quartilhos Antiga medida de líquidos, cerca de meio litro.

Com as sementes obteve ele, sem seguida, oito cuias (seis meio quartilhos e três quartos). P. 604.

Quebrantar Pôr abaixo; quebrar, arrasar, tirar a energia de ou perder a energia; alquebrar(-se).

E, se esta fonte inesgotável de recursos manifestou, através de tantos reveses, uma vitalidade que subsistiu a todas as circunstâncias adversas, não deixou de se quebrantar, de quando em quando, às provas mais ingratas. P. 225.

Quebra-quilos Revolta do Quebra-Quilos foi uma revolta ocorrida na região Nordeste do Brasil, entre fins de 1872 e meados de 1877.

Haviam-se evadido das prisões muitos indivíduos implicados no movimento do quebra-quilos. P. 181.

Quininização Emprego regular dos sais e derivados da quinina com fins profiláticos e curativos do paludismo.

A quininização sistemática da população permanente, composta de pescadores, modificou, desde logo, o estado sanitário. P. 466.

Quintados Porção ou conjunto de quintais.

Os prisioneiros eram quintados. E ainda perdura a tradição da combatividade desumana de Theodósio de Oliveira Ledo. Mas, apesar de tantos reveses, o elemento indígena subsistiu, talvez, como maior coeficiente da formação étnica de nosso sertanejo. P. 515.

Ramerrão Ruído sucessivo e monótono. Repetição fastidiosa.

Serão, quando menos, excelentes feitores, corrigindo, pouco a pouco, o ramerrão das fazendas. P. 495.

Repiquetes Vento que corre todos os rumos, demorando-se pouco em cada um.

As estações tinham-se tornado, ruinosamente, irregulares. Em 1892, 1892 e em 1896, até novembro, os repiquetes haviam ocasionado sensíveis perdas. P. 212.

Renitente Que ou aquele que renite, que teima ou não se conforma; obstinado, pertinaz, inconformado.

Essa luta do homem com as desordens do clima é a comprovação de um valor moral que deve ser assinalado em todos os seus traços de amargura e de coragem renitente. P. 224.

Resinosas Que está coberto de resina, que produz resina: madeira resinosa. Que tem as propriedades, a aparência ou a consistência da resina.

Apesar da derrubada incessante, ainda se encontram matas no litoral com boa madeira de construção e grande variedade de plantas medicinais, tanantes, colorantes, resinosas, oleaginosas, lactescentes, etc. P. 568.

Retrogradava O mesmo que: obsoleta, antiquada, arcaica, conservadora, reacionária.

A capital retrogradava. Em mensagem de 5 de agosto informa o presidente Antônio da Costa Pinto Silva... P. 256.

Rifão Dito breve ou sentença popular de cunho moral, geralmente em verso, e aplicável à determinada circunstância da vida; provérbio, anexim.

Corria como um rifão que “deste lado da linha nada era nem pecado”. P. 235.

Ressupino Que tem a face ventral voltada para cima; deitado de costas.

Quem observa, de relance, de volta dessa empresa, ressupino na caixara ou a repousar na rede modesta, julga-o incapaz e indolente. P. 541.

Revelhas Muito velho; decrépito; macróbio.

... atufa-se nos bosques soberbos que a circunda e invade com a ramalheira dos pomares e de algumas árvores revelhas escapas à devastação. P. 62.

Ronceirismo Característica, conjunto de costumes ou modos de ronceiro; indolência, preguiça, lentidão.

Se não estamos, pois, integralmente aparelhados para maior volume e melhor qualidade da produção, já nos libertamos do ronceirismo dos primeiros tempos e, graças às iniciativas dos governos federal e estadual, avançamos para uma organização mais racional... P. 582.

– S –

Sáfia Grosseiro; rude. Ordinário; vil.

Mas nessa planície sáfia se fixaram o cajueiro bravo, a mangabeira e o batupitá, refrigerando o descampado. P. 64.

Salubérrimo Muito salubre. Muito saudável.

Barloeus qualificou-o de salubérrimo, mas sem observação pessoal. E o governador Elias Herckman ainda foi mais expressivo: “Em águas, ares e fertilidade – escreveu ele – é esta capitania uma das regiões mais saudáveis do Brasil...” P. 109.

Salubridade Qualidade, estado ou condição do que é salubre.

A redução do índice endêmico depende, em parte, de custosos trabalhos de salubridade, principalmente na conclusão da obra de hidrografia sanitária... P. 473.

Sanguessugados Referente a sanguessugas, os quais são animais hermafroditas com 32 cérebros, nove pares de testículos e uma mandíbula com três filas de 100 dentes cada uma.

Os agricultores têm vivido sanguessugados pelo anatocismo de juro exagerados, na melhor da hipótese, de 30% ao ano. P. 657.

Sapucaia Árvore da família das *lecitidáceas* (*Lecythis pisonis*), de copa densa, folhas decíduas, flores *hexapétalas* *violáceas* dispostas em cachos, frutos lenhosos, cilíndricos ou oblongos, com grandes sementes elipsoides comestíveis.

... as melhores qualidades de madeiras, como são: a sucupira, o pau-de-arco, o vinhático, o amarelo, o cedro, o gitahy, o angelim amargoso, o angelim doce, a peroba, para aduelas; o louro, o jatobá, a sapucaia, para cintas; P. 62.

Sapueirana Ameaçadas de extinção e catalogadas apenas na região Norte do estado, conforme análise de três pesquisadores membros do Jardim Botânico, as cinco árvores da espécie estão dentro de uma propriedade particular de um produtor rural do município.

... as melhores qualidades de madeiras, como são: a sucupira, o pau-de-arco, o vinhático, o amarelo, o cedro, o gitahy, o angelim amargoso, o angelim doce, a peroba, para aduelas; o louro, o jatobá, a sapucaia, para cintas; a sapueirana, para mastreação e aduelas... P. 62.

Schistos O esquistossoma ou chistossoma é um platelminto da classe Trematoda causador da esquistossomose, uma verminose bastante perigosa e comum em áreas com saneamento precário. Sua descrição completa foi feita pelo médico brasileiro Pirajá da Silva, em 1908, com base em suas pesquisas sobre um paciente, em 1904.

... no último destes lugares as jazidas schistos se tornam mais frequentes, até que em Ingá o conjunto das jazidas é de schistos micáceos e de hornblenda. P. 78.

Sucupira É uma grande árvore que possui propriedades medicinais analgésicas e anti-inflamatórias, ajudando a aliviar a dor e a inflamação no organismo.

... “Para construção de charruas e paquetes de S.M. como para os da Marinha desta cidade, oferece a Paraíba as melhores qualidades de madeiras, como são a sucupira, o pau-de-arco, o vinhático...” P. 62.

Sericicultura Sericicultura, ou sericultura, *stricto sensu*, é a parte da zootecnia que trata do estudo e da criação do lepidóptero *Bombyx mori*, o bicho-da-seda. Na fase intermediária do seu ciclo vital, o bicho-da-seda produz um envoltório filamentososo, de cuja extração e processamento deriva a seda.

O bicho-da-seda também é encontrado em muitos pontos. Para animar a sericicultura, o presidente Sólon de Lucena mandou plantar no Parque Arruda Câmara, da capital, cerca de cem amoreiras, arbusto preferido pelas larvas do *Bombix*. P. 590.

Seridó-mocó Variedade de algodão nativa de excelente qualidade e resistente à seca.

Em São Mamede, que lhe parece o limite da zona do seridó-mocó, notou cruzamentos condenáveis e, além, no Riacho Tatu, pouco cuidado na cultura de diferença do tipo. P. 601.

Serôdios Que aparece ou acontece fora do tempo que é considerado próprio.

...mas no litoral e nos brejos há exemplos de invernos serôdios, como o de 1919 e o deste ano, que pegam em julho, o mais tardar, e se estendem até setembro ou outubro. P. 126.

Sesmarias Sesmaria foi um sistema português, adaptado no Brasil, que normatizava a distribuição de terras destinadas à produção agrícola.

E, além dessa função interna, ele seria utilizado em outros fins. A indivisão das grandes sesmarias foi originando sangrentas questões de terra entre confinantes... P. 556.

Sesmeiros Aquele que recebeu uma sesmaria para cultivar.

Os sesmeiros passaram a dividir seus esforços entre a vida pastoril e a da lavoura, numa alternativa, regulada pelas estações que se tornou habitual até os nossos dias. P. 585.

Setentrião O polo norte. Conjunto das regiões do Norte.

... na zona vizinha do equador até o paralelo 10°, que abrange todo o setentrião, do Amazonas a Alagoas, e pequena parte de Goiás, Mato Grosso e Bahia. P. 433.

Sezonática Que causa sezões: país sezonático. Que padece de sezões; que tem sezões.

Foi inaugurado a 9 de agosto o porto de Areia, cujo município tem uma zona sezonática, o qual funcionou, durante um ano, com visíveis benefícios. P. 466.

Sezonismo Malária, impaludismo.

Mas o sezonismo é de todo desconhecido nos sertões paraibanos. Causas topográficas e climáticas asseguram essa salubridade. P. 456.

Sylva Horrida Após suas imersões na caatinga, classificaram-na como sylva horrida (floresta horrível, feia, em tradução livre do latim).

É, talvez, o mesmo horizonte geológico e quase a mesma sylva horrida. Quem leu a viagem de Max à margem do S. Francisco identifica essa analogia. P. 68.

Sistema de abarracamento Sistema vigente em certos locais do interior brasileiro e no qual o fazendeiro paga aos empregados com vales, aceitos apenas no barracão da fazenda.

Resultaria no mesmo sistema de abarracamento, com aglomerações pestíferas, e nas vicissitudes da mendicidade. P. 391.

Sobranceira Que está em condição superior.

Com essas grandes e pequenas obras a Paraíba ficaria sobranceira aos contratemplos de sua natureza incerta. P. 403.

Socalco Porção mais ou menos plana de terreno numa encosta, sustida por parede.

... ao norte, apresenta os acidentes do regime torrencial, erguida em socalcos ou cavada em barrocais e desfiladeiros. P. 58.

Sofistas Os sofistas se compunham de grupos de pensadores na Grécia Antiga que viajavam de cidade em cidade realizando discursos públicos para atrair estudantes, de quem cobravam taxas para oferecer-lhes educação.

Os burlões e sofistas do despeito inflexível talvez achassem mais justificável o gasto dessa importância no abismo de outra guerra, acesa por um capricho momentâneo. P. 691.

Solanácea *Solanaceae* é uma família de plantas com flor do grupo das dicotiledóneas, com espécies herbáceas e outras lenhosas, em geral com folhas alternas, simples e sem estípulas, pertencente à ordem Solanales.

Essa solanácea é sujeita no Sul, onde começou a ser plantada, desde 1817, pelos primeiros colonos alemães, aos prejuízos da geada, da ferrugem... P. 590.

Somática Físico ou corporal; que tem em conta o aspecto físico do corpo humano; não psíquico: sistema nervoso somático.

Careço de especialização científica para o estudo anatômico, antro-possociológico ou psicofisiológico de nosso povo, pelo balanço de suas camadas originárias, para fixar sua expressão somática e psíquica. P. 512.

Solstícios Na astronomia, solstício é o momento em que o Sol, durante seu movimento aparente na esfera celeste, atinge a maior declinação em latitude, medida a partir da linha do equador. Os solstícios ocorrem duas vezes por ano: em junho e dezembro. O dia e hora exatos variam de um ano para outro.

Mas os solstícios e os equinócios, posto não dividam o ano com a regularidade de outras latitudes, exercem marcada influência em nossas condições atmosféricas... P. 123.

Sucurus As sucurus, também conhecidas como anacondas, arigboias, boiaçus, boiçus, boiguaçus, boioçus, boitiapoias, boiuçus, boiunas, sucurijus, sucurijubas, sucuriús, sucuris, sucurujus, sucurujubas ou viborões, tratam-se de um gênero de boinae encontradas na América do Sul.

... os icós, do rio do Peixe; os sucurus, dos atuais municípios de São João do Cariri, alagoa do Monteiro e Teixeira... P. 514.

Sudorífera Que provoca transpiração; que faz transpirar ou suar.

... pela saturação de umidade, e determina sintomas de frio; a de 30 graus é sudorífera e ocasiona uma impressão de bochorno. P. 111.

Sulfurosa Que contém enxofre: água sulfurosa. Que tem cheiro de enxofre: exalação sulfurosa. Anidrido sulfuroso, composto oxigenado (SO₂) derivado do enxofre. É um gás incolor, asfixiante, que se emprega como desodorante e como desinfetante.

Esse ilustre especialista examinou também uma fonte em Santa Luzia, considerada, até então, sulfurosa, e a do Pilar, em Catolé do Rocha, ambas sem valor medicinal. P. 398.

Sienítico Sienito é uma rocha ígnea plutônica, de textura holocristalina grossa, leucocrática, composta principalmente por feldspatos, anfibólios, clinopiroxênios, pouca ou nenhuma biotita.

... as quais consistem principalmente dum gnaisse porfiróide branco contendo grandes cristais cliváveis de pura ortoclase interestratificada com faixas de gnaisse sienítico e granitoide muito semelhante a granito. P. 79.

Tabatinga A palavra Tabatinga é de origem indígena, vindo do tupi, tendo seu significado designado como barro branco ou barro esbranquiçado[7]. Acredita-se que os indígenas referiam-se à região com esse nome por conta do barro branco encontrado abundantemente no fundo dos rios da região. No tupi-guarani, a palavra quer dizer também casa pequena.

... várias argilas de qualidades excelentes como a tabatinga, a porcelana, além do gesso, do amianto, algum mármore, cristais de cores diversas, pedras finas e preciosas, etc. P. 99.

Tábidos Em que há decomposição ou podridão; corrupto, podre, pútrido. Que sofre de tabe (doença sifilítica); tabético. Aquele que sofre de tabe.

... Mas o mal não apresenta as formas graves de sua evolução. São em pequeno número os tábidos. P. 460.

Tamanjuá Moléstia criptogâmica.

A cultura dessa euforbiácea encontra condições privilegiadas em grande parte do Estado; o tamanjuá, moléstia criptogâmica, não determina grandes prejuízos. P. 575.

Tanantes São substâncias usadas na última fase do processo de curtimento do couro. Existem tanantes minerais (cromo, alumínio, etc.) e vegetais ricos em taninos.

Apesar da derrubada incessante, ainda se encontram matas no litoral com boa madeira de construção e grande variedade de plantas medicinais, tanantes, colorantes, resinosas, oleaginosas, lactescentes, etc. P. 568.

Tardas Tardas vem do verbo tardar. O mesmo que: procrastinas, diferes, adias, retardas, demoras, remanchar.

A tropas tardas não poderiam conduzir, em longas travessias, as grandes colheitas do sertão. P. 637.

Telúricas Ser elétrica, extasiante, dinâmico, carregada de entusiasmo e alegria.

Não é, igualmente, uma determinação atávica, orgânica e psíquica, como se afigura à impressão de exóticas teorias do crime. Tampouco, uma influência telúrica ou climática. P. 555.

Termógrafo Termômetro que registra continuamente num gráfico os valores medidos da temperatura.

Acha-se iniciada a construção de uma estação meteoro-agrária, aparelhada com os seguintes instrumentos: [...] um pluviômetro de Hervé Mangon, um higrógrafo de Richard, um termógrafo de Richard. P. 490.

Termométrica Uma escala termométrica é composta por valores estabelecidos de forma arbitrária a partir dos pontos de fusão e ebulição da água. A sua função é medir temperaturas, mostrando, por meio de seus valores, se um corpo está quente ou frio.

Sabe-se que a temperatura anterior coopera para a divergência entre a indicação termométrica e a sensação térmica. P. 122.

Terra ignota Que ou o que é desconhecido, não sabido.

“Terra ignota” – Capítulo I de A Paraíba e seus problemas. P. 41.

Tracoma É uma doença inflamatória ocular, uma conjuntivite causada pela bactéria *Chlamydia trachomatis*, que ocorre em áreas de maior concentração de pobreza, deficientes condições de saneamento básico e de acesso à água.

São raros a pneumonia, a difteria, o tracoma e a leishmaniose. P. 458.

Transacto Que já passou; pretérito, anterior.

Cumpra, portanto, que se tire o melhor partido dessas iniciativas do governo transacto, ligadas ao desenvolvimento de uma de nossas principais riquezas. P. 584.

Trepidat Fazer tremer ou tremer em função de algum fenômeno ou agente externo, ter ou causar trepidação, tremor; estremecer.

Em vista do exposto, sou de parecer que não deveis trepidar diante de um maior sacrifício para se proceder a estudos mais profundos... P. 99.

Tricocefalose A tricocefaliase é uma doença provocada pelo verme *Trichuris trichiura*, que é introduzido no organismo humano através da ingestão de alimentos e da água.

É a seguinte a ordem da frequência das helmintíases, em nossas zonas contaminadas: a ascaridose, a mecatoriose, a tricocefalose, a anguilulose, a esquistossomose e a oxiurose. P. 455.

Túberas As túberas dão-se em solos argilosos, encontrando-se normalmente junto a sobreiros, azinheiras e oliveiras. Surgem em Portugal na primavera entre o fim de fevereiro e o início de maio, sendo o segredo da sua apanha passado de pai para filho e raramente partilhado fora do círculo familiar.

Só a manipeba pode deixar de ser colhida sem o perigo de apodrecimento das túberas. P. 598.

- U -

Uberdade Qualidade do que possui alta capacidade produtiva; fertilidade.

Seguem-se as várzeas, cuja uberdade foi o maior fator do povoamento da Paraíba. P. 569.

Ubérrimo Muito úbere. Muito abundante. Palavras relacionadas: ubertoso, sobreleite.

Há céticos quer ainda duvidam de todas essas conquistas, como se o ubérrimo solo sertanejo, explorado, incessantemente, de uma forma que tem determinado, em terras mais precárias, fantásticos resultados, produzisse menos ou em piores condições. P. 404.

Udômetro pluviômetro; é um instrumento de dispositivo ou medidor de chuva; usado em meteorologia para configurar e verificar a quantidade de chuva que cai.

... estado higrométrico e temperatura da atmosfera; a quantidade d'água que cai em um ano, medida por meio do udômetro, se for possível obter um do Rio de Janeiro... P. 47.

Umari O topônimo umari vem do tupi-guarani e indica uma planta muito comum na região, a *Icacinaceae*. Sua denominação original era Gado Bravo.

O gado alimenta-se também de muitas plantas ou ramas, como mororó, feijão bravo, umari, cipaúba, etc. P. 600.

Umburana É uma árvore bastante utilizada em perfumaria e marcenaria, sua presença forte está na Floresta Amazônica brasileira. Por ser nativa da Caatinga, suas características estão relacionadas à resistência de ambientes secos. Sua floração aparece entre abril e junho, tendo produção de frutos iniciada no mês de agosto.

Pois bem: até nesse recanto adusto a aroeira, a umburana, a caibreira e, em geral, as leguminosas se alçam normalmente. P. 68.

– V –

Valetudinário Que ou o que é de constituição física débil, doentia, sempre sujeito a enfermidades.

A multidão valetudinária, que sempre vivera privada de assistência do Estado, agravando, nesse abandono, o estado doentio hereditário ou adquirido, encontrou, afinal, um alívio aos seus sofrimentos. P. 472.

Vascas Anseios, ânsias, estertores, ansiedades, desesperos, sofreguidões.

A fatalidade não foi lutuosa, como nas vascas de 1877 a 1879; mas destruiu a prosperidade renascente, com uma violência desalentadora. P. 212.

Vinditas Reparação de uma ofensa em que o ofendido retruca ao seu ofensor com uma ação ou omissão que lhe traga igual dano; desagravo, desforra, vingança.

Os atritos tomam maior vulto pela sucessão dos fatos na continuidade das vinditas. P. 548.

Voltária Inconstante, vário, versátil, volúvel.

A opinião pública, desatentas e voltária, sem amor aos seus dirigentes, sem discernimento dos fatos, sem constância de conceitos, teve, entretanto, nessa emergência a visão das supremas necessidades da pátria... P. 284.

- Z -

Zona Feracíssima Feracíssimo é uma palavra derivada de feraz. Fecundo, fértil, produtivo.

A zona feracíssima dos brejos e dos sertões futurosos continuaram insulados. P. 435.

Zonas Salubérrimas Que é muito saudável e benéfica para o organismo.

Se em nossas zonas salubérrimas se desenvolvem, à acumulação dos adventícios, violentas epidemias, quanto mais nas “estupendas bacias dos rios perenes”, conhecidos focos de mortalidade. P. 391.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A saudade é um pouco dessa incerteza da separação.”

José Américo de Almeida

José Américo de Almeida tornou-se um nome marcado na Paraíba e no Brasil, não só por suas atividades políticas, por suas administrações durante as secas no Nordeste, mas também por suas atividades literárias, sendo o autor de obras da maior repercussão no meio literário e político, a exemplo de *A Bagaceira*, onde retratou, com perfeição, a vida do homem do campo e das classes mais sofridas de nosso estado e por extensão de todo o Nordeste.

De sua vida política José Américo escreveu *A Paraíba e seus problemas*, onde descreve sua administração, de forma literária, e lírica todos os problemas que encontrou em nosso estado.

Em sua “Apresentação” da 4ª edição de *A Paraíba e seus problemas*, o Senador Humberto Lucena diz:

Republicar pela quarta vez o livro *A Paraíba e seus problemas*, de autoria do nosso grandioso José Américo de Almeida, não significa apenas o reconhecimento da importância de um dos mais sérios e profundos documentos da história socioeconômica e política do Estado paraibano e parte do acervo dos trabalhos de história regional, indispensáveis à revisão da própria história brasileira.¹

1 LUCENA, Humberto. *A Paraíba e seus problemas*. 4ª ed., Brasília, 1994, p. 7.

Ao retomar a leitura de *A Paraíba e seus problemas*, nos deparamos com uma linguagem culta da melhor qualidade. O autor usa termos e expressões de outras ciências muitas vezes difíceis de serem entendidos mesmo pelo leitor culto.

Sentindo essas dificuldades é que resolvemos realizar uma pesquisa bastante cuidadosa sobre o léxico dessa linguagem. Assim é que surgiu este trabalho: “Glossário de A Paraíba e seus problemas”, onde pesquisamos, em diferentes Dicionários de Língua Portuguesa e Dicionários Digitais, o sentido de palavras não correntes no falar atual de nossa gente.

Esperamos, desse modo, trazer de volta à nossa comunidade universitária e acadêmica esta obra de grande importância para nossa região e nosso país.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Horácio de. *Dicionário popular paraibano*. Campina Grande: Grafset, 1984.
- ALMEIDA, José Américo de. A côrte de justiça internacional. *Era Nova*, João Pessoa, ano 7, n° 13, 1° out. 1921. Quinzenal.
- _____. A desmoralização do nome. *Era Nova*, João Pessoa, ano 1, n° 2, 1° set, 1921. Quinzenal.
- _____. A estréia inacabada. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n° 44, p. 49, ago. 1957.
- _____. A florescência de ouro. *Era Nova*, João Pessoa, ano 1, n° 14, 15 out. 1921. Quinzenal.
- _____. A mais bella. *Era Nova*, João Pessoa, ano 1, n° 15, 1° nov. 1921.
- _____. A vida e a morte. *Era Nova*, João Pessoa, ano 2, n° 34, 1° out. 1921. Quinzenal.
- _____. Anna Bolena. *Era Nova*, João Pessoa, ano 2, n° 34, 1° out. 1921. Quinzenal.
- _____. Apologia do burro. *Era Nova*, João Pessoa, ano 1, n° 6, jun. 1921.
- _____. Augusto dos Anjos. *Era Nova*, João Pessoa, s.d. Quinzenal.
- _____. Boca de praga. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n° 6, p. 35, nov. 1957.
- _____. Cabeça e estômago. *Era Nova*, João Pessoa, ano 1, n° 8, 15 jul. 1921.
- _____. Caminhos da seca. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n° 7, p. 35, nov. 1957.
- _____. Diário de um paroara. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n° 9, p. 91, dez. 1957.
- _____. “Esta madrugada entrou na história”, depõe o ex-ministro José Américo. *O Cruzeiro*, n° 51, p.110, out. 1954.
- _____. Extremos que se tocam. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n° 4, p. 121, nov. 1957.
- _____. Fiz um presidente. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n° 51, p. 35, out. 1957.
- _____. Florinda. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n° 38, p. 41, jul. 1957.
- _____. Fragmentos de poesia sertaneja. *Era Nova*, João Pessoa, ano 2, n° 28, 15 jun. 1922. Quinzenal.

- _____. Govêrno de analphabetos. *Era Nova*, João Pessoa, ano 1, nº 16, 15 nov. 1921. Quinzenal.
- _____. História de um beijo. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, nº 39, p. 21, jul. 1957.
- _____. Homem de letras. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, nº 37, p. 15, jun. 1957.
- _____. Hospitalidade. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, nº 47, p. 83, set. 1957.
- _____. Independência na Parahyba. *Era Nova*, João Pessoa, s.d. Quinzenal.
- _____. Inferno verde. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, nº 43, p. 41, ago. 1957.
- _____. Jeca menino. *Era Nova*, João Pessoa, ano 2, nº 31, 1º ago. 1921. Quinzenal.
- _____. José Américo retrata Chateaubriand. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, nº 34, p. 124, ago. 1970.
- _____. Mensagem. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, nº 2, p. 3, out. 1957.
- _____. O aboio. *Era Nova*, João Pessoa, ano 2, nº 29, jul. 1921.
- _____. O invisível. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, dez. 1957.
- _____. O morto-vivo. *Era Nova*, João Pessoa, ano 1, nº 3, 1º mai. 1921.
- _____. O phantasma da glória. *Era Nova*, João Pessoa, ano 7, nº 4, 15 mai. 1921. Quinzenal.
- _____. O tonel das danaidas. *Era Nova*, João Pessoa, ano 1, nº 2, 15 abr. 1921. Quinzenal.
- _____. O veto. *Era nova*, João Pessoa, ano 2, nº 21, 15 fev. 1922.
- _____. Os que se foram. *Era Nova*, João Pessoa, ano 1, nº 10, 15 ago. 1921. Quinzenal.
- _____. Pae e filha. *Era Nova*, João Pessoa, ano 1, nº 18, 25 dez. 1921. Quinzenal.
- _____. Parahyba do norte. *Era Nova*, João Pessoa, s.d. Quinzenal.
- _____. Pareço-me comigo. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, nº 40, p. 25, jul. 1957.
- _____. Pobre dos ricos. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, nº 45, p. 35, ago. 1957.
- _____. Política. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, nº 11, 50 e 138, dez. 1957.
- _____. Redivivo. *Era Nova*, João Pessoa, ano 2, ano 3, nº 42, 23, mar. 1923. Quinzenal.
- _____. Reflexões de uma cabra. *Era Nova*, João Pessoa, ano 2, nº 34, out. 1921. Quinzenal.

- _____. Roupa suja. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, nº 46, p. 83, ago. 1957.
- _____. Santo também mente. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, nº 1, p. 89, out. 1957.
- _____. Simeão Leal. *Era Nova*, João Pessoa, ano 1, nº 17, 1º dez. 1921. Quinzenal.
- _____. Sonetos célebres. *Era Nova*, João Pessoa, ano 1, nº 7, 11 jul. 1921. Quinzenal.
- _____. Tota pulchra. *Era Nova*, João Pessoa, ano 1, nº 9, 1º ago. 1921. Quinzenal.
- _____. *Discursos proferidos pelo Ministro José Américo de Almeida*. Rio de Janeiro: Departamento Oficial de Propaganda e Publicidade, 1937.
- _____. *Ocasos de sangue*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.
- _____. Um mergulho no abismo. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, nº 8, p. 35, dez. 1957.
- _____. Uma apresentação errada. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, nº 42, ago. 1957.
- _____. Voltei por outros caminhos. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, nº 44, p. 51, ago. 1957.
- _____. O contador de histórias. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, nº 52, p. 50, out. 1957.
- _____. *Ad. imortalitaten*. João Pessoa, A Imprensa, 1967. 38p. (discurso)
- _____. *Graça Aranha: o doutrinador*. João Pessoa: UFPB, 1968. 28p. (ensaio)
- _____. A ciência faz um poeta. In: *Eu e eles*. Rio de Janeiro: Nosso Tempo, 1971, p. 176-182.
- _____. A ciência faz um poeta. In: MELO FILHO, Murilo; PONTES, Juca. (orgs.). *Augusto dos Anjos: a saga de um poeta*. Rio de Janeiro: Brasileira / Fundação Banco do Brasil. João Pessoa: Governo do Estado, 1994. 111 p., p. 43-49.
- _____. Augusto dos Anjos: o homem e o poeta. In: *Discursos do seu tempo*. João Pessoa: Imprensa Universitária, UFPB, 1965. 269 p., p. 123-141.
- _____. *Antes que me esqueça*. João Pessoa: UFPB, 2002.
- _____. *As secas do Nordeste*. Rio de Janeiro: Câmara dos Deputados, 10/11/1953.
- _____. *O ciclo revolucionário do Ministério da Viação*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1934.

- _____. *O Ministério da Viação no governo provisório*. Rio de Janeiro: Ministério da Viação e Obras Públicas, 1933.
- _____. *Trash: a novel*. [s.l.]: Owen, 1978.
- _____. *O êxodo e a carestia*. Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comércio, 1957.
- _____; MONTELO, Josué. *No limiar de um século*. João Pessoa: UFPB, 1979.
- _____. *Ocasos de sangue*. 2ª ed. João Pessoa, O Momento, s.d. 46 p. (coletânea).
- _____. 1945. Rio de Janeiro: Epasa, 1945. 191 p. (livro)
- _____. *A bagaceira*. 10ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, s.d. 173 p. (romance)
- _____. *A palavra e o tempo: (1937-1945-1950)*. 2ª ed. Rio de Janeiro. José Olympio, FCJA, 1985. 324 p. (Coleção Documentos Brasileiros, 150) (discursos)
- _____. *A Parahyba e seus problemas*. 2ª ed. Porto Alegre, Globo, 1937. 290 p. (livro)
- _____. *Coiteiros*. 2ª ed. Rio de Janeiro: INL, 1971. 150 p. (romance)
- _____. *Discursos de seu tempo*. 3ª ed. João Pessoa: Iterplan, s.d. 278 p. (discursos)
- _____. *Eu e eles*. Rio de Janeiro: Nosso Tempo. s.d. 253 p. (memórias)
- _____. *O ano do nego*. 2ª ed. João Pessoa, A União, 1978. 233 p. (memórias)
- _____. *O boqueirão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. 205 p. (novela)
- _____. *O ciclo revolucionário do Ministério da Viação*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1934. 462 p. (Coleção Mossoroense) (relatório)
- _____. *Quarto minguate*. João Pessoa, Iterplan, 1975. s.d. 89 p.
- _____. *Reflexões de uma cabra*. Rio de Janeiro: INL, 1971. 151 p. (novela)
- _____. *Novelas: reflexões de uma cabra. O boqueirão. Coiteiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- _____. *Secas do Nordeste*. 2ª ed. João Pessoa; FCJA, 1991. (relatório)
- _____. *Sem me rir sem chorar*. João Pessoa, FCJA, 1984. 151 p. (crônicas)
- AGUIAR, Wellington. *A casa de José Américo. Correio da Paraíba*, João Pessoa, 7 jan. 1982. Caderno Opinião.
- _____. *Centenário ilustre. Correio da Paraíba*, 11 jan. 1987. Caderno Opinião 2.

- _____. Glória que eleva, honra e consola. *Correio da Paraíba*, João Pessoa, 16 jan. 1983.
- _____. Um homem legendário. *Correio das Artes*. João Pessoa, 16 mar. 1980.
- ALBUQUERQUE, Chagas. Filatelia e numismática. O centenário de José Américo. *A União*, João Pessoa, 18 de jan. 1987. Caderno Geral 14.
- ALVARENGA, Luiz. O centenário de José Américo de Almeida. *O Popular*, Goiânia, 13 jan. 1987. Segundo Caderno.
- ALVES, Henrique L. A Bagaceira. *Gazeta Esportiva*, s.l., 25 jul. 1967.
- _____. José Américo centenário. *Leitura*, São Paulo, 5 nov. 1986, p. 12.
- AQUINO, Aécio Vilar de. Atualidade de um relatório sobre as “obras contra as secas”. *Correio das Artes*, João Pessoa, 3 jan. 1992.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. et al. *Glossário aumentado e comentado de a Bagaceira*. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo / A União, 1984.
- _____. et al. *Cartilha literária, José Américo de Almeida*. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo / Ministério da Educação, 1987.
- _____. A linguagem regional de A Bagaceira. In: *José Américo de Almeida e a multiplicidade literária*. João Pessoa: FCJA, 1996.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão. *José Américo de Almeida: uma fotobiografia*. João Pessoa: Ideia, 2014.
- ARAÚJO, Fátima. Um humanista autêntico. *O Norte*, João Pessoa, 14 mar. 1980.
- ATAIDE, Tristão. Uma revelação. In: ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. 13^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- ATAÍDE, Tristão de et al. *José Américo: o escritor e o homem público*. João Pessoa: A União, 1977.
- AUTRAN, Margarida. A Bagaceira: a começar pelo título, um desafio aos ingleses. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 ago. 1978.
- AVELLAR, José Carlos. O homem de areia. *A União*, João Pessoa, 9 nov. 1982. Artes. p. 10.
- BARBOSA Filho, Hildeberto. “José Américo e a cultura regional”. *O Norte*, João Pessoa, 18 mai. 1983.

- _____. Cinco livros e um catálogo. *A União*, 15 jul. 1987. Segundo Caderno.
- _____. Dois Virgínius lendo José Américo. *O Norte*, João Pessoa, 22 mar. 1987.
- BARBOSA, Jacinto. José, José Américo, José Américo de Almeida. *O Momento*, João Pessoa, 10 jan. 1987. Segundo Caderno.
- BATISTA, Juarez da Gama. *José Américo: retratos e perfis*. [s.n.t.].
_____. *A sinfonia pastoral do Nordeste*. João Pessoa: UFPB, 1978.
_____. *Discursos acadêmicos: José Américo de Almeida*. João Pessoa: UFPB, 1968.
- BITTENCOURT, Agnello. “A Bagaceira”: romance de José Américo de Almeida – 1928. *Estado do Amazonas*, 3 jul. 1928.
- BRANCO, Carlos Castello. O depoimento de José Américo. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31 jul. 1984.
- CAMARGO, Aspásia; RAPOSO, Eduardo. *O Nordeste a política: diálogo com José Américo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CAMPOMIZZI FILHO. Os cem anos de José Américo. *Estado de Minas Belo Horizonte*, 3 fev. 1987.
- CÂNDIDO, Gemy. José Américo de Almeida e a ideologia do regionalismo. *Correio das Artes*, João Pessoa, 3 jan. 1992.
- CARVALHO, Álvaro Pereira de. A propósito da 4ª edição de “A Bagaceira”: um pouco de crítica. *A União*, João Pessoa, 21 nov. 1928.
- CARVALHO, Júnior Eugênio. José Américo de Almeida. *A União*, 19 jan. 1983. Caderno Especial, p. 7.
- CARVALHO, Marly de. La Bagacera. *A União*, 13 ago. 1978.
- CASTRO, Ângela Maria B. de. *Re-leitura de a bagaceira: uma aprendizagem de desaprender*. 2ª ed. João Pessoa: Secretaria de Estado da Educação e Cultura/Conselho Estadual de Cultura/Gráfica JB, 2010.
- CAVALCANTI, A. A Bagaceira. *A União*, João Pessoa, 7 mai. 1967.
- CAVALCANTI, Valdemar. A Bagaceira. *Jornal Literário do Estado de Minas Gerais*, 19 set. 1954.
- CHACON, Valerié. José Américo escritor. *O Norte*, João Pessoa, 16 mar. 1980.
- CHACON, Vamireh. O solitário de Tambaú. *Folha de São Paulo*, 17 mar. 1980.

- CHIANCA, Victória. Bio-bibliografia de José Américo de Almeida. João Pessoa, FCJA, 1987. 25 p.
- _____. Biografia de José Américo de Almeida. João Pessoa, FCJA, 1985. 34 p.
- CLEROT, L.F.R. *Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba* (Estudo de glotologia e semântica paraibana). Rio de Janeiro: s. ed. 1959.
- COSTA, Edelweiss. *Falo porque posso*. João Pessoa: FCJA, 1992.
- COSTA, Maria de Lourdes. A bagaceira. *Gazeta Comercial*, 7 mai. 1967.
- COUTINHO, Edilberto. A bagaceira: um patrimônio em seu cinquentenário. Rio de Janeiro: *O Globo*, 11/6/1978.
- _____. A Bagaceira, abre-alas do Modernismo. *Leitura*, São Paulo, 6 nov. 1987.
- _____. Adylla e Josés. *A União*, João Pessoa, 18 ago. 1993.
- COUTINHO, Sônia. A Bagaceira: há 50 anos o começo do ciclo nordestino. *O Globo*, 15 fev. 1978.
- CRISPIM, Luis Augusto. Ascendino e José Américo. *O Norte*, João Pessoa, 12 jan. 1983.
- DANIEL, Herbert. Investigações paraibanas. *A União*, João Pessoa, 8 ago. 1984.
- DUARTE, Waldemar. Centenário de Zé Américo. *A União*, João Pessoa, 21 mar. 1987. Opinião 2.
- _____. José Américo e a cultura regional. *O Norte*, João Pessoa, 7 jun. 1983. Segundo Caderno.
- _____. Literatura paraibana *A União*, João Pessoa, 10 fev. 1984. Opinião, p. 2.
- FERNANDES, Carlos D., LUSTOSA, Nelson. A Bagaceira. *A União*, Parahyba, 30 mar. 1928.
- FIGUEIREDO, J. A fisionomia cultural do autor de “A Bagaceira”. Artigo escrito em 1928 e republicado In: *José Américo: o escritor e homem público*. João Pessoa, *A União*, 1977, p. 41.
- FREYRE, Gilberto. José Américo de Almeida: uma reinterpretação. In: *A bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olympio/SEC-PB, 1978.
- _____. A Bagaceira. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 fev. 1978.
- FOTOBIOGRAFIAS. (Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade). Rio de Janeiro: Alumbamento/Livroarte, 2000.

- GAMA E MELO, Virgínius da. O equívoco de José Américo I. *Jornal do Commercio*, 26/5/1957.
- _____. O equívoco de José Américo II. *Jornal do Commercio*, 7/7/1957.
- _____. Primeiro romance nacional. *Jornal do Commercio*, 25/11/1962.
- GARCEZ, Erlene Castelo Branco. José Américo de Almeida. In: *A obra de José Américo de Almeida no movimento modernista brasileiro*. Rio de Janeiro, FAHUPE, 1977. 130 p. 121-129 p.
- GOMES, Pedro. A Bagaceira e seu autor. *A União*, João Pessoa, 12 mar. 1980.
- GONDIM, Ofélia. D. Alice de Almeida. João Pessoa, *Correio da Paraíba*, 14 abr. 1992. Cultura e Lazer.
- GUEDES, Nonato. “A oligarquia ainda é forte no Nordeste”. *A União*, João Pessoa, 15 jul. 1984. Política 3.
- _____. O arquivo de José Américo. *A União*, João Pessoa, 5 jun. 1983. *Jornal de Domingo*.
- INOJOSA, Joaquim. Encontro cultural na Paraíba. *Jornal do Commercio*, Recife, 23 mar. 1984.
- _____. Um singular destino de um pequeno livro. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 16 jul. 1984.
- _____. Homenagem. *Jornal do Commercio*, Recife, 15 jan. 1982.
- _____. José Américo. *O Globo*, Rio de Janeiro. 27 jan. 1983.
- _____. José Américo, o renovador de 30. *A União*, João Pessoa, 10 jan. 1982. Terceiro Caderno, p. 2.
- _____. *José Américo de Almeida: algumas cartas*. [s.n.t.], 1980.
- JUREMA, Abelardo. Os cem anos de José Américo em São Paulo. *O Norte*, 26 mai. 1987.
- LEITÃO, Deusdedit. Sociologia das secas e nossa geografia em José Américo. *A União*, João Pessoa, 10 jan. 1982. Terceiro Caderno, p. 3.
- LESTRO, Isa Paiva. A obra de José Américo de Almeida e sua influência na fixação do movimento modernista brasileiro. In: *A obra de José Américo de Almeida no movimento modernista brasileiro*. Rio de Janeiro, Fahupe, 1977, 130p., p. 61-98.
- LIMA, Alceu de Amoroso, Apêndice. In: *A bagaceira*. 13ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

- LIMEIRA, Maria José. Os poemas de José Américo. *O Momento*, João Pessoa, 23 mar. 1980.
- LOPES, Aldo. A bagaceira, sessenta anos depois, uma nova leitura. *O Norte*, João Pessoa, 1º fev. 1987.
- LUNA, Maria de Lourdes de. Rastros na areia: solidão e glória de José Américo. 2ª ed. *A União*, João Pessoa, 1994. 185 p.
- _____. 14 anos sem o solitário de Tambaú. *O Norte*, João Pessoa, 1º mar. 1994. Segundo Caderno.
- _____. A passagem do século. *A União*, João Pessoa, 21 mar. 1993.
- _____. A queda do Savoia – 3. *Correio da Paraíba*, João Pessoa, 25 de abr. 1993. Cultura e Lazer.
- _____. O segredo de José Américo. *Correio da Paraíba*, João Pessoa, 10 jan. 1993.
- _____. O suporte feminino do escritor de *A Bagaceira*: quatro depoimentos, quatro visões sobre a vida de uma primeira dama. *Correio de Paraíba*, João Pessoa, 14 abr. 1992. Cultura e Lazer.
- _____. Uma visão sobrenatural? *O Norte*, João Pessoa, 9 jan. 1994.
- MADEIRA, Marcos Almir. Cem anos de José Américo e seu romance tropical. *Correio da Paraíba*, João Pessoa, 15 jan. 1987.
- MADRUGA, Newton. Bloco do Nordeste. *O Norte*, João Pessoa, 6 set. 1992.
- MARINHEIRO, Elizabeth. *A bagaceira: uma estética da sociologia*. 2ª ed. João Pessoa: Secretaria de Estado da Educação e Cultura/Conselho Estadual de Cultura/Gráfica JB, 2010.
- MARQUES, Ivanilda. *A retórica de a bagaceira*. Dissertação (Mestrado) – UFPB. João Pessoa: 1978.
- MARQUES JÚNIOR, Milton. Uma leitura de *A bagaceira*. *O Norte*, João Pessoa, 6 abr. 1986.
- _____. O engenho em *A Bagaceira*. *O Norte*, João Pessoa, 13 abr. 1986.
- MELO, José Octávio de Arruda. *José Américo e a cultura regional*. João Pessoa: FCJA, 1983.
- MENEZES, José Rafael de. *José Américo: um homem do bem comum*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- MATOS, Eilzo. José Américo de Almeida: exemplo de energia espiritual e de fé na literatura. *O Norte*, João Pessoa, 10 jan. 1982. Caderno B.
- _____. Paraíba cultural. *O Norte*. João Pessoa, 30 mar. 1983.

- MATOS, Francisco Gomes de. Perguntas linguísticas sobre obra literária. *Diário de Pernambuco*, Recife, 7 mai. 1982.
- MATOS, Odilon Nogueira. Homem símbolo. *Correio Popular*, Campinas, 28 mai. 1981.
- MELLO, José Octávio de Arruda. José Américo de Almeida: um precursor da democracia conservadora de massas (I). *A União*, João Pessoa, 1º abr. 1980.
- _____; ARCELA, Antonio. Roteiro crítico bibliográfico em José Américo. *A União*, João Pessoa, 11 mar. 1987.
- _____. José Américo e a cultura regional. *A União*, 19 jan. 1983. Caderno Especial, p. 7.
- _____. Paraíba no encontro de dois mundos. *O Norte*, João Pessoa, 9 jan. 1980.
- _____. Perguntas e respostas sobre José Américo. *Correio das Artes*, João Pessoa, 3 jan. 1992.
- _____. Roteiro bibliográfico de uma fundação. *Correio das Artes*, João Pessoa, 6 jan. 1982.
- _____. Testamento de um estadista em José Américo. *O Norte*, João Pessoa, 10 mar. 1984. Caderno Geral, p. 7.
- _____. Um ensaio sobre José Américo. *A União*, João Pessoa, 10 jan. 1982. Terceiro Caderno, p. 2.
- MELO, Fernando. Zé Américo precisa ser mais estudado. *A União*, João Pessoa, 26 fev. 1987. Política 5.
- MELO, Veríssimo. A Paraíba e seus problemas. *Correio das Artes*, João Pessoa, 27 jul. 1980.
- _____. Antecipações de José Américo de Almeida. *A República*, s.l., 17 mai. 1982.
- MICHELI, Regina da Silva. A vida e a obra de José Américo de Almeida. In: *A obra de José Américo de Almeida no movimento modernista brasileiro* (concurso de monografias). Rio de Janeiro, FAHUPE, 1977, 130 p., p. 23-58.
- MIGUEL, Salim. O nordeste e a política. *Correio das Artes*, João Pessoa, 19 ago. 1984.
- MOREIRA, Rogério Vidal. Quatro anos sem José Américo. *A União*, João Pessoa, 11 mar. 1984. Jornal Domingo 2.

- _____. Solha lança livro polêmico sobre José Américo de Almeida. *A União*, João Pessoa, 15 jul. 1984.
- MONTENEGRO, Olívio. José Américo de Almeida. In: *O romance brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.
- MOURA, Francisco Hugo de Lima e; *A bagaceira*: projeção de A Paraíba e seus problemas? João Pessoa: Correio das Artes, 6/2/1977.
- MOUTINHO, Nogueira. José Américo: o patriarca do nosso romance. *Jornal do Commercio*, Pernambuco, 14 mar. 1980.
- _____. José Américo na divisão da literatura brasileira. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 mar. 1980.
- NASCIMENTO, Fernando Mello do. José Américo e a sociologia das secas. *Correio das Artes*, João Pessoa, 3 de jan. 1992.
- NERY, Sebastião. Zé Américo (2). *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 mar. 1980.
- PAIVA, Milton. O sentido de uma coletânea. *Correio das Artes*, João Pessoa, 3 jan. 1982.
- PEREIRA, Joacil de Brito. *José Américo de Almeida: a saga de uma vida*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1987. 631 p. il.
- PEREIRA, Miguel. O homem de Areia ou José Américo de Almeida e meio século de Brasil. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 out. 1982.
- PINTO, José Nêumanne. A volta de Zé Américo. *A União*, João Pessoa, 1º fev. 1987. Opinião 2.
- _____. De volta à Bagaceira. O político e o torcedor. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 29 jul. 1984.
- PIVA, Luiz. A escrita de A Bagaceira de José Américo de Almeida. João Pessoa, FCJA, s.d., 23p.
- PONTES, Juca. Literatura. *O Norte*, João Pessoa, 26 jan. 1982.
- PONZI, Alfio. A literatura de José Américo. *A União*, João Pessoa, 28 mar. 1980.
- _____. A memória histórica. *A União*, João Pessoa, 6 mai. 1982. Opinião.
- _____. Correspondência de Zé Américo. *A União*, 29 mar. 1980.
- _____. José Américo. *A União*, João Pessoa, 24 abr. 1982. Opinião.
- _____. Ninguém se perde na volta. *A União*, João Pessoa, 5 fev. 1984.
- _____. Pujança intelectual na Paraíba. *A União*, João Pessoa, 5 abr. 1981.

- PONZI, Ana. Um intelectual sempre presente na memória da Paraíba. *O Norte*, João Pessoa, 9 jan. 1994.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. A bagaceira. In: *Estudos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.
- QUEIROZ, Otacílio Nóbrega. O movimento modernista na Paraíba. *O Norte*, João Pessoa, 25 fev. 1982. Caderno B.
- QUEIROZ, Rachel de. Cinquenta anos de A bagaceira. In: *A bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- RABELLO, Adylla. José Américo: estágio na revisão a caminho do poder. João Pessoa, *Correio da Paraíba*, 5 ago. 1992.
- _____. Assis Chateaubriand e José Américo de Almeida: semelhanças e diferenças que engrandecem o Brasil. *O Norte*, João Pessoa, 17 dez. 1992.
- _____. Augusto dos Anjos abraçado com todas as estrelas. *Correio da Paraíba*, João Pessoa, 3 jan. 1993.
- _____. José Américo de Almeida e o romance de 30. João Pessoa, *A União*.
- _____. José Américo de Almeida e o texto do cotidiano. João Pessoa, *O Norte*, 8 mar. 1996.
- _____. José Américo de Almeida em plena maturidade. João Pessoa, *Correio da Paraíba*, 20 mar. 1994.
- _____. José Américo de Almeida. Exposição comemorativa do centenário do seu nascimento: 1887-1987. João Pessoa, *FCJA*, 1987.
- _____. José Américo de Almeida, a União foi a sua escola de jornalismo. *A União*, João Pessoa, 2 fev. 1993.
- _____. José Américo de Almeida: talento e dignidade a serviço de seu povo. João Pessoa, *Correio da Paraíba*, 9 de jan. 1994.
- _____. José Américo e a paixão literária de um imortal. *O Momento*, João Pessoa, 11 mar. 1988.
- _____. José Américo e a vaidade literária. João Pessoa, *O Norte*, 10 jan. 1996, p. 8.
- _____. José Américo e o carnaval. *O Sol*, João Pessoa, fev. 1986.
- _____. José Américo e Zé Lins: dois meninos de engenho se encontram. João Pessoa, *FCJA*, 1991.
- _____. Luzes de um centenário. *A União*, João Pessoa, 10 mai. 1987.

- _____. O imortal José Américo fala de seu nascimento em prosa e verso. *Correio da Paraíba*, João Pessoa, 10 jan. 1992.
- _____. O talento une dois imortais: Raquel de Queiroz e José Américo. João Pessoa, *O Momento*, 26 out. 1991. Caderno Dois.
- _____. O texto passado a limpo. Manuscrito, São Paulo, USP, 1992, p. 62-73.
- _____. Sessenta anos de *A bagaceira*. João Pessoa, *FCJA*, 1988.
- _____. Uma aventura carnavalesca de José Américo de Almeida. Brasília, *Senado Federal*, 1987. 92 p.
- _____. Uma grande dama ao lado de um grande homem. *Correio da Paraíba*, João Pessoa, 14 abr. 1992.
- RAMOS, Severino. Lembranças de José Américo. *Correio da Paraíba*, 10 jan. 1987. Caderno Opinião Dois.
- ROCHA FILHO, Rubens. Os 40 anos de *A bagaceira*: ainda se lê José Américo? Rio de Janeiro: *Correio da Manhã*, 25/7/1968.
- RODRIGUES, Gonzaga. José Américo a legenda e o homem. *O Momento*, João Pessoa, 10 jan. 1987. Segundo Caderno.
- _____. Lurdinha e José Américo. *O Norte*, João Pessoa, 11 jan. 1986.
- _____. O velho tema. *Correio da Paraíba*, João Pessoa, 28 fev. 1993.
- _____; ALVES, Nathanael (Orgs.). *José Américo: o escritor e homem público*. João Pessoa: A União, 1977.
- SANTIAGO, Silviano. *A bagaceira*; fábula moralizante. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SANTOS, Alex. Homem de Areia. *A União*, João Pessoa, 18 dez. 1980.
- SANTOS, Walter; PEREIRA, Wellington. José Américo de Almeida e algumas intimidades até então desconhecidas são reveladas pela secretária d. Lourdinha. *O Norte*, João Pessoa, 15 jun. 1986. (Gente e Lazer)
- SECCO, Carmem Lúcia Tindó. O sol como símbolo de poder em *A bagaceira*. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, n. 785.
- SILVEIRA, Orlando Gonçalves da. Opinião do leitor. *O Norte*, João Pessoa, 23 jun. 1991.
- SOARES, Epitácio. José Américo. *Diário da Borborema*, Campina Grande, 13 mar. 1980.
- SOLHA, W.J. *Zé Américo foi prínceso no trono da monarquia*. Rio de Janeiro: Codecri, 1984.

- SOUZA, Francisca das Chagas. “Só tenho uma vaidade: a literária. E não é vaidade é alegria”. In: *A obra de José Américo de Almeida no movimento modernista brasileiro*. Rio de Janeiro, FAHUPE, 1977. 130 p. 101-117 p.
- SOUZA, Vênia Maria Freire de. *A bagaceira; sua repercussão na imprensa paraibana*. Dissertação (Mestrado) – UFPB, João Pessoa, 1986.
- TAVARES JÚNIOR, Luís. *A bagaceira: A linguagem da liberdade, da submissão e da recriminação*. In: José Américo e a cultura regional. João Pessoa: FCJA, 1983.
- TEJO, William. *Campina e o assassinato de João Pessoa*. *A União*, João Pessoa, 2 fev. 1993.
- TOCANTINS, Leandro. *Homenagem ao romancista: o instante de falar*. In: *A bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olympio/SEC-PB, 1978.
- VIEIRA, Paulo. W. J. *Solha, o decifrador*. *O Norte*, João Pessoa, 12 ago. 1984.
- VILANOVA, José Brasileiro. *Sintaxe e semântica da expressão em A bagaceira*. In: *Estudos Universitários*, v. 8, n. 2/4, abr./dez. Recife, UFPB, 1968.
- ZENAIDE, Hélio. *José Américo e Pereira da Silva*. *A União*, João Pessoa, 2 jan. 1983.
- _____. *José Américo entre nós*. *A União*, João Pessoa, 20 jan. 1983.

“Sem o ranço dos panegíricos oficiais, seu livro é antes formidável obra de reportagem e avaliação. Reportagem e avaliação dos elementos econômicos e sociais que constituem a Paraíba. Um belo esforço de geografia e sociologia regionais.

[...]

Preocupa-o, como a todo nordestino que se não tenha desgarrado de suas raízes, a condição precária dum grupo de estados como os nossos ante a força soberana dos três estados do Sul que nos regulam, ao sabor dos seus interesses regionais, a vida política e nos querem até impor uma como curatela da economia particular, sem o menor critério representativo. Não é uma questão de estados pequenos, a da nossa subalternidade de províncias lacaias: ‘a questão é, mais propriamente, de zona’, opina o escritor paraibano.”

Gilberto Freyre, em 15 de maio de 1924,
na primeira análise crítica da obra.



BAIXE GRATUITAMENTE
ESTE LIVRO EM SEU CELULAR

Encontre este livro gratuitamente em formato
digital acessando: livraria.senado.leg.br

SENADO FEDERAL

